

Wereworld

A FÚRIA DOS LEÕES



CURTIS JOBLING

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

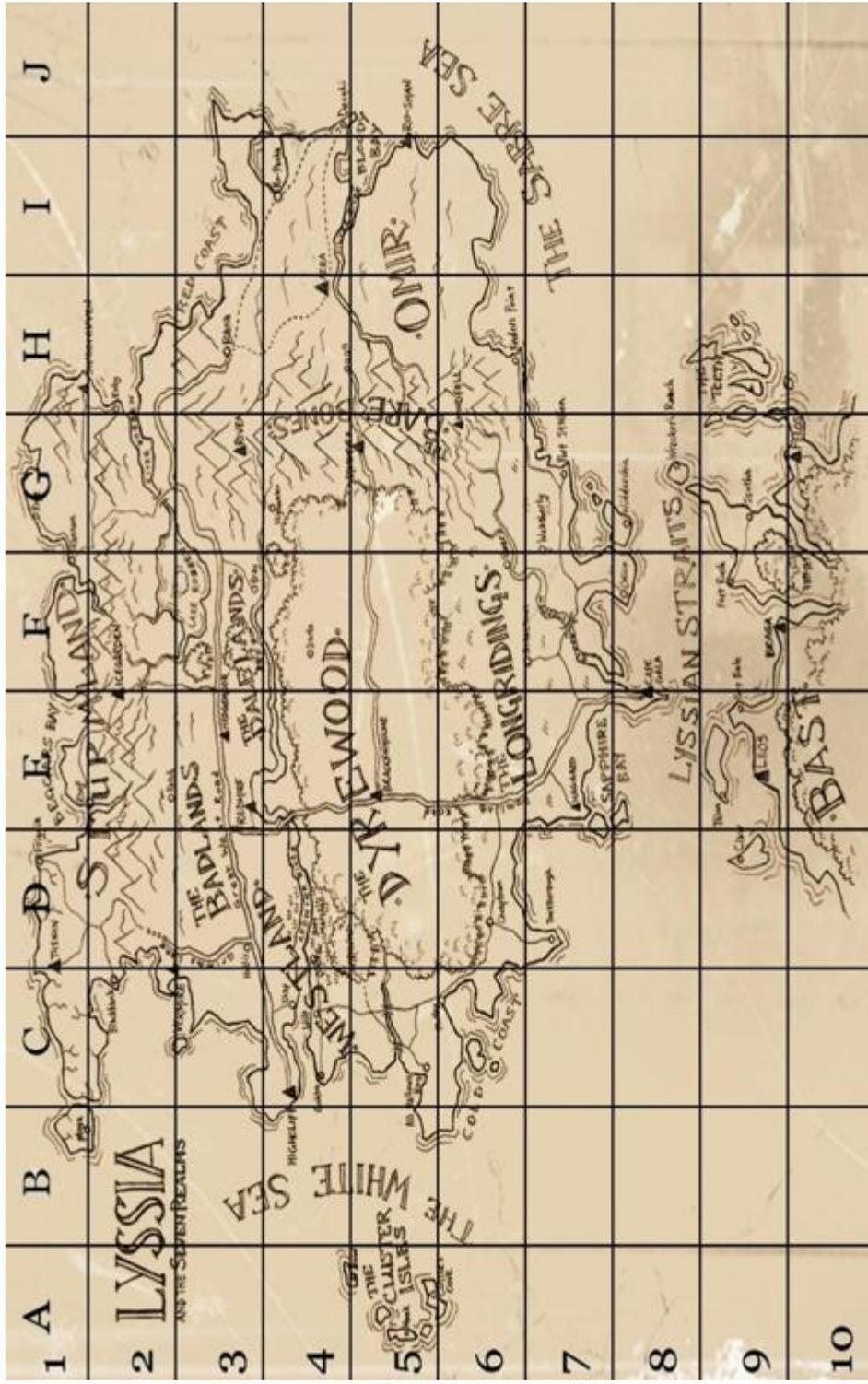
Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

WEREWORLD

CURTIS JOBLING

Wereworld

A FÚRIA DOS LEÕES



*Para Mark e Karen, meu irmão e minha irmã gêmea.
Irmãos: sempre tem a ver com eles.*



Prólogo: o batedor

Ao soar dos sinos do Templo de Brenn, o jovem ergueu-se da cadeira e observou o bairro Cidade Alta, em Highcliff. De seu ponto de observação estratégico, poderia ver toda a capital da Westland alastrando-se diante de si, não fossem as nuvens escuras que tomavam o céu naquela noite. Como eles haviam previsto, a Lua quase não aparecia. A terceira badalada foi o sinal de partida. Colocou a mochila ao pé da cama e a conferiu mais uma vez. Um fino saco de dormir estava alojado no fundo. Com a mão dentro da bolsa, tateou até as pontas dos dedos encontrarem o sólido estojo do pergaminho. Quando o encontrou, retirou a mão da mochila e fechou-a bem.

Conferiu o cinto de armas mais uma vez, apertando bem a fivela e levando a bainha à coxa esquerda. A empunhadura e o cabo da espada, envoltos em panos sujos, desapareceram no interior sombrio de seu manto quando ergueu a mochila sobre os ombros. Aproximando-se da janela, habilmente levantou o trinco antes de abri-la. O ar frio da noite penetrou o ambiente, o odor de água salgada viajando ao sabor do vento da Cidade -Baixa. As ruas estavam vazias, embora as avenidas mais próximas da masmorra de Highcliff cintilassem à luz das tochas. O acampamento de tendas militares ao redor do castelo o isolava do resto da cidade, sob o olhar sempre atento de Lord Bergan e seus aliados. O homem olhou para fora — dois andares abaixo, a placa de madeira da pensão

rangia e balançava com a brisa. Se saltasse, seria uma queda rápida até a rua de pedra — quatro andares — e morte na certa.

Levantou os braços e se agarrou à calha com firmeza. De costas para a rua, ajeitou-se sobre o peitoril antes de subir ao telhado. Uma dezena de prédios o separava das estrebarias, além de alguns becos e trechos com grandes riscos de queda traiçoeira, que davam um toque extra de suspense.

Partiu, mantendo-se abaixado o máximo possível para se camuflar nas sombras. Uma breve subida, depois um declive, pelo qual escorregou, cada movimento ameaçando deslocar uma telha e fazê-la se espatifar nas pedras abaixo. Os guardas patrulhavam as ruas todas as noites desde o levante, garantindo que todos obedecessem ao toque de recolher e que ninguém, além dos militares, estivesse fora de casa. Ao se deparar com um espaço vazio entre dois telhados, não olhou para baixo — se o fizesse, não teria coragem. Em vez disso, saltou no ar, aterrissando com toda a leveza que seu coração em ritmo frenético permitia.

Apenas em uma ocasião viu um dos Sentinelas da Cidade, mas teria menos sorte à frente, na esquina da quadra das estrebarias. Àquela hora avançada da noite, encontravam-se bem relaxados, conversando enquanto caminhavam pelas calmas avenidas da Cidade Alta. De acordo com o Lord Protetor, o toque de recolher era apenas uma precaução para o caso de as hostilidades recomeçarem. Era uma boa maneira de as tropas dos aliados se manterem concentradas no rei deposto, Leopold, o Leão, sem as distrações de horas mais movimentadas. Eles não tinham nada a temer às suas costas, e, quanto mais se distanciava do centro da cidade, menos severa se tornava a segurança. As quatro semanas de relativa tranquilidade desde o levante haviam feito os homens do Lord Protetor considerarem a batalha vencida.

Apesar disso, os portões permaneciam trancados a noite e, durante o dia, eram vigiados com rigor. Corriam rumores de que os guardas tinham prendido pelo menos trinta homens da Guarda Leonina que tentavam fugir da cidade em meio à multidão; homens que agora definhavam nas celas da Casa do Traidor enquanto aguardavam julgamento.

O jovem observou os soldados avançarem. Respirou profundamente trinta vezes antes de confiar a vida ao cano enferrujado que serpenteava até a rua. Saltando os últimos metros, agachou-se de novo, ocultando-se às sombras, enquanto espreitava os dois lados da rua para se assegurar de que não havia ninguém por perto. As estrebarias davam para Hammergate, uma das menores entradas de Highcliff, tradicionalmente utilizada por comerciantes abastados que desejavam evitar as rotas congestionadas de Mucklegate e Kingsgate. Custava alguns bronzes a mais entrar em Highcliff por Hammergate, e, conseqüentemente, muitas das casas da Cidade Alta eram lar dos cidadãos mais bem-sucedidos da Westland. O jovem homem observou as estrebarias, a boca seca por causa da expectativa. Por certo havia um ou dois bons cavalos para escolher ali.

Tendo observado Hammergate à exaustão ao longo dos dois últimos dias, sabia exatamente o que esperar. Chegou a arriscar fazer o caminho pelos telhados na noite anterior, só para ver como seria o rigor da vigilância.

Dois soldados cuidavam do portão à noite e permaneciam na guarita a maior parte do tempo, saindo apenas para conversar com colegas que passavam em patrulha. A quadra das estrebarias ficava bem ao lado do portão, tornando o acesso direto a Hammergate relativamente simples caso ele estivesse aberto. Caso estivesse...

Atravessando a rua com rapidez, o jovem se apressou em direção às sombras do outro lado, na esquina da quadra das estrebarias, oculta da guarita. Olhou ao redor. Ouviam-se vozes e risos abafados vindos de trás da janela iluminada da guarita. Abaixando-se, contornou a esquina e se dirigiu ao portão. Apesar da escuridão quase total, era possível ver a tora de madeira que mantinha o portão trancado. Ergueu-a e apoiou-a na parede, um dos lados do portão se abriu levemente. Segurou a respiração durante todo o tempo, o coração trovejando no peito, os olhos atentos aos guardas, embora a conversa fiada deles prosseguisse sem preocupações. Empurrou o portão para a frente com cuidado, o qual se abriu o suficiente para que ele e um cavalo pudessem passar.

Recuando, o jovem homem desapareceu em meio às quadras de estrebarias. Havia baias ao longo dos dois lados, e o ruído tranquilo de cavalos adormecidos emanava de cada uma delas. Estudou as baias rapidamente enquanto passava, à esquerda e à direita, tentando encontrar a melhor opção. Tendo percorrido metade do corredor, uma das baias lhe chamou a atenção — havia uma égua marrom puro-sangue, o tipo preferido pelas cavalarias. Guardada ali, sem dúvida pertencia ao mensageiro de algum comerciante. Não hesitou.

Ergueu a tranca e entrou, a égua se sobressaltou diante da presença do estranho. O jovem avançou alguns passos e deslizou a mão com suavidade pelo pescoço e pelo dorso do animal, tranquilizando-o.

— Boa menina — sussurrou, aproximando seu rosto e expirando próximo ao focinho do animal.

A égua parecia jovem, o que também seria providencial. Fazia tanto tempo que não tinha contato com um cavalo que se viu sorrindo. Postou-se diante dela e passou a desamarrá-la. Cordas atadas a uma argola a mantinham presa à parede de pedra. Estava tão concentrado na tarefa que não percebeu o brilho da lamparina atrás de si.

— Quem é você?

O jovem se virou bruscamente, mas era tarde demais para se esconder.

Um velho estava à porta, a lamparina suspensa para poder observar melhor o intruso.

— Sou mensageiro de Goodman Wake — respondeu, pensando rápido.

Estreitou os olhos diante da luz, incapaz de distinguir por inteiro o semblante do idoso. — Vim apenas conferir meu cavalo.

— Nunca ouvi falar de Goodman Wake e tenho certeza absoluta de que esta égua não é sua. — Aproximou-se, a lamparina à frente. — Sabe que estamos sob toque de recolher, não sabe? Garoto?

Não havia tempo para histórias. Moveu-se veloz, quase por instinto.

Levou a mão ao manto e retirou a espada, fazendo o homem recuar. Para se defender, o velho arremessou a lanterna, e a parte de metal se chocou contra o cabo enfaixado, arrancando o tecido que o cobria. Com o pano no chão, era impossível não notar que a espada que brilhava à luz da lanterna, dourada e rugindo, era uma Lionshead. O velho fez menção de abrir a boca para gritar, e seu oponente teve de agir rápido, desferindo um golpe lateral com a espada, acertando-o na têmpora com o castão. Um talho surgiu em seu rosto enquanto despencava.

Com agilidade, o jovem pegou a primeira sela que viu e a jogou sobre o cavalo.

— Desculpe — disse ao homem caído ao saltar por cima dele, o cavalo fazendo o mesmo depois. Ao sair da baia, montou na sela com facilidade.

— Detenham-no! — gritou o velho. — Ladrão!

O jovem cavaleiro chutou os flancos do animal, fazendo-o empinar antes de correr para fora do estábulo. Irrompeu na rua e encontrou os soldados fora da guarita, obstruindo seu caminho, em estado de alerta total, as lanças apontadas em sua direção.

— Alto lá!

Logo atrás dos guardas, podia ver o portão aberto, a liberdade chegava a ser torturante de tão próxima. Ser detido agora, tão perto de ser bem-sucedido... Esboçou um sorriso, fazendo o cavalo se voltar e batendo contra as lanças com a Lionshead. Podia ouvir o som de mais guardas se aproximando para ajudar os colegas.

— Alto lá, eu disse! — repetiu o soldado. — Em nome do Lobo!

Era o estímulo de que o cavaleiro precisava. Com outra batida forte nos flancos, impeliu a montaria, desafiando os guardas; rugiu, em toda a sua selvageria. Os guardas pareceram aterrorizados, hesitando por um momento, enquanto aquele se avançava sobre eles. Esse segundo de hesitação foi suficiente. O jovem brandiu a espada com violência, investindo contra um guarda à direita e arrancando-lhe a lança da mão, ao mesmo tempo que chutava a cabeça do segundo soldado à esquerda. Em um instante já os havia ultrapassado, avançando por Hammergate.

Os guardas não o seguiram. O homem era apenas mais um covarde que servira ao Leão, desesperado para fugir da justiça do Lord Protetor. Já haviam capturado um bom número desses — e daí se um dos covardes escapasse? Observaram-no desaparecer nas trevas, o som dos cascos perdendo-se ao longe, antes de fecharem o portão.

Ignorariam pelo resto da vida a importância da missão daquele jovem homem.

PARTE 1



○

CONSELHO

LUPINO



O Lord Protetor

As botas de duque Bergan batiam pesadas nos degraus espiralados da Casa do Traidor, ansiosas para chegar ao topo. Odiava escadas, em especial as de pedra. Elas sempre o faziam lembrar que ainda não tinha retornado à amada Brackenholme. Sim, lá também havia degraus, mas eram poucos e esparsos.

O Salão do Bearlord ficava no alto da copa de uma das cinco Grandes Árvores que marcavam a cidade florestal como uma das mais fantásticas dos Sete Reinos. Uma série de robustas gaiolas de vime suspendia os visitantes em direção ao céu e os levava ao Salão do Werebear, nos galhos do Grande Carvalho, a noventa metros de altura. Dizia-se que essas árvores eram antepassadas de todas as árvores da Lyssia, uma lenda na qual Bergan não via problema algum em acreditar.

Com a saudade de casa ele sabia lidar, mas o trabalho diário de subir e descer a escada da Casa do Traidor estava aos poucos acabando com ele. Se o Leão não houvesse se trancado na masmorra de Highcliff, Bergan não teria de passar por aquele ritual. Sem uma corte, ele e o Conselho Lupino tinham ficado sem opção, a não ser recorrer à antiga torre de nome infeliz.

A Casa do Traidor nascera como prisão e guarnição militar havia muitos anos e, embora diminuta diante da masmorra de Highcliff, continuava imponente se comparada a qualquer outra edificação da

cidade. Nas últimas décadas, seu único propósito fora aprisionar — era o lar de ladrões, trombadinhas e dos tolos, embora audaciosos, idealistas que ousaram se pronunciar contra as ordens do rei.

Bergan, assim que assumiu o cargo de Lord Protetor, se apressou em suspender a sentença do maior número possível de prisioneiros. Se eram inimigos do Leão, em geral eram aliados do Urso.

O mundo tinha passado por uma transformação dramática desde que o rei Leopold, o Werelion, fora derrubado. Muitos -Werelords inferiores estavam presentes no casamento malogrado do filho de Leopold, o príncipe Lucas, com a Werefox Lady Gretchen. Eles agora apoiavam duque Bergan e seus aliados, Manfred e Mikkell, os Cervos das Barebones. Todos estavam unidos no apoio a Drew Ferran, o garoto que viera do nada, que fora criado como humano sem saber que, na verdade, pertencia à linhagem dos Werewolves e, portanto, era rei da Westland por direito. O garoto ainda estava cru; parecia prestes a sair correndo dali à primeira oportunidade, e toda a diplomacia e todo o conhecimento do Conselho vinham sendo necessários para adequá-lo ao papel de herdeiro do trono. O jovem precisava se acostumar não apenas com a ideia de ser o futuro rei; também descobrira que era um transmorfo, um Were, como todos os nobres da Lyssia. Difícil determinar o que mais assustava o garoto.

Bergan enfim chegou ao topo: a escada dava em um patamar de pedra diante de uma porta de madeira robusta. Um soldado postava-se em cada lado da porta, sobreviventes leais da antiga Guarda Lupina de Wergar.

Usavam tabardos recém-costurados, que destacavam a insígnia da Wolfshead — a cabeça de um lobo prateado sobre um fundo preto —, visão reconfortante e familiar para o antigo duque. Ele não podia deixar de recordar as campanhas em que lutara ao lado de Wergar e as confusões em que os dois haviam se envolvido. O garoto, Drew, tinha um muito diferente do de seu pai.

Wergar, resoluto e irredutível, era previsível e teimoso, enquanto Drew era mais introspectivo e ponderado, tendo mais inteligência que idade.

Bergan não tinha dúvida de que, se tivesse sido criado na corte de Highcliff pelos pais biológicos, o garoto seria um retrato mais jovem do pai. Drew, porém, fora criado por uma família de fazendeiros da Costa Gélida. O pai adotivo fizera parte da Guarda Lupina, portanto o garoto tivera a espada como parte de sua educação, conhecimento que a maioria dos camponeses não tinha. Já a mãe adotiva fora camareira da rainha Amelie e generosa em ofertar amor e bondade ao garoto. Essas virtudes demasiadamente humanas fizeram dele um Werelord singular — sabia tocar o coração e a mente do homem comum, assim como dos outros transmorfos. Bergan estava confiante de que um dia Drew daria um excelente rei.

Os guardas abriram as portas para o Bearlord, segurando-as enquanto ele adentrava a Câmara do Conselho Lupino. Bergan fizera daquele prédio sua casa, enquanto outros membros do Conselho ficavam em construções espaçosas no perímetro de - Highcliff. Drew e sua mãe, a rainha Amelie, viviam com o duque Manfred, o Werestag, e sua família. Manfred possuía uma bela propriedade na parte mais rica de Highcliff — a Mansão dos Senhores estivera desocupada na maior parte dos últimos quinze anos, dado que o senhor de Stormdale não tinha a melhor das relações com o rei Leopold. Sem o Leão no trono, no entanto, Manfred apressara-se em arejar a antiga mansão e enchê-la de criados. Ao mesmo tempo que dava a Drew privacidade durante sua instrução, a Mansão dos Senhores era o lar perfeito para o jovem Werewolf até que conseguissem expulsar o Leão de sua toca de pedra. Mas o Leão não sairia pacificamente.

— Qual o motivo do atraso? — perguntou conde Mikkell, senhor de Highwater e irmão mais novo de Manfred. O Werestag estava em pé diante de uma mesa redonda, no centro do recinto, folheando pilhas de documentos. A seu lado estava Hector, o jovem Boarlord e herdeiro do trono de Redmire. Ele segurava uma prancheta, à qual estava preso um pergaminho. Sua pena movia-se velozmente enquanto tomava nota dos acontecimentos do dia. Hector era o membro mais jovem do Conselho Lupino. Seus primeiros anos na corte do Leão, como aprendiz de magíster,

havam lhe dado conhecimento suficiente sobre os Sete Reinos para torná-lo inestimável na tentativa de refazer antigas alianças entre os reinos dispersos e fragmentados. Ele admitira que estivera sob a tutela do vil Vankaskan, o Wererat inquisidor de Leopold, cuja abordagem própria de formação de magíster incluía a prática de magias negras proibidas. Bergan se sentia aliviado em ver Hector terminar o aprendizado longe dessas práticas, focado apenas nos conhecimentos de cura e da medicina.

— Audiências de indulto — resmungou o Bearlord, apressando-se à mesa e servindo-se de um cálice de água, que virou de uma só vez.

— As escadas dão sede, não?

Bergan virou-se na direção da voz, olhando para a janela aberta. O conde Vega estava encostado ao peitoril, de costas para a moldura de pedra, e mastigava o último pedaço de uma maçã. Estalou os lábios e atirou a parte central que restara da fruta pela janela. Deu um grande sorriso, exibindo fileiras de dentes brancos e impecáveis — um lembrete da natureza feroz do Sharklord.

— Bom ver que saiu de sua toca, Vega — disse o Bearlord, dando as costas para o Wereshark e voltando o olhar para a mesa. O conde preferiu não se juntar aos outros e permaneceu onde estava, a postura demonstrando certo grau de relaxamento ao observar Highcliff.

— Se não tem tarefas para mim, não vejo motivo para me levantar antes do meio-dia, Bergan. Será que não confia em mim para nada? Creio que eu ainda faço parte do grupo, ou não?

Hector olhou discretamente para o Bearlord, cujas faces estavam ruborizadas.

— Conde Vega — disse Mikkell num tom polido e forçado —, você foi convidado a participar de todas as reuniões do Conselho desde que ele foi formado, há um mês. Das reuniões diárias que tivemos nesse curto período, posso contar em apenas uma mão aquelas a que compareceu. Creio que compreende o fato de alguns de nós estarem ligeiramente irritados, não?

— Oh, compreendo. Mas como capitão dos mares do Lobo...

— Capitão dos mares em exercício — corrigiu Bergan em tom áspero.

— Como capitão dos mares do Lobo — prosseguiu Vega, resolutivo —, questões de terra são de pouca importância para minha área de atuação.

Seria um desperdício vir aqui para ouvir argumentos de fazendeiros e comerciantes briguentos. Não, fico feliz em delegar meu voto. Podem colocar meu nome junto ao de vocês, seja lá qual for a decisão. Em minha opinião, parecem saber o que estão fazendo, companheiros.

Bergan rosnou, a paciência com o Sharklord por um fio. Bateu o punho fechado contra a mesa, sobressaltando a todos. Hector observou, hipnotizado, aquele punho crescer, os nós dos dedos atritando um contra o outro enquanto a mão se transformava em uma pata. Os ombros de Bergan se avolumaram, os músculos do Bearlord inchando sob o manto. Seu rosto se escureceu, o rubor das faces sendo substituído por um tom amarronzado, os dentes agora reluzindo em meio à barba, brancos e afiados.

— Quer zombar de mim, Tubarão? Por acaso esqueceu seu lugar e a quem se dirige?

Avançou em direção a Vega, combatendo as tentativas de Mikkel de segurá-lo. Hector assistia àquilo indefeso. A transformação de Vega foi rápida e decidida, o Sharklord receptivo ao monstro que havia dentro de si.

O tronco se encrespou sob a camisa branca, o peito prestes a rasgá-la, ao mesmo tempo que mãos e dedos ganhavam uma tonalidade cinzenta e se tornavam afiados e mortais. A boca de Vega escancarou-se, revelando uma nova fileira de dentes aterrorizantes, que exibiu ao irado Bearlord. Os olhos piscaram, negros como a noite.

— Senhores — interferiu Hector, ofegante, enquanto os dois, quase completamente transformados, se encaravam. Até mesmo o Staglord começara a se transformar, preparando-se para saltar entre os dois Werelords se necessário. O clima mudou quando a porta se abriu mais uma vez, e Lord Broghan adentrou a sala.

— Pai? — disse ele, a voz carregada de preocupação ao ver os dois prontos para uma batalha. Bergan virou-se repentinamente, atraído pela voz do filho. Sua respiração era pesada, ofegante; tentava controlar a fera interior, assim como Vega. Os dois Werelords estudaram-se com cautela enquanto suas feições retornavam à normalidade.

— Tudo bem? — perguntou o jovem Bearlord, apreensivo. — Interrompi algo?

— Está tudo bem — disse Bergan, desviando o olhar de Vega para se aproximar e abraçar o filho. O Sharklord encostou-se novamente no peitoral, retomando a postura.

— Bom vê-lo, pai.

— Digo o mesmo, filho — respondeu Bergan, dando tapinhas amigáveis nas costas do jovem. — Fez boa caçada?

Broghan cumprimentou Mikkell e Hector antes de fazer um aceno apressado para Vega. O Wereshark abanou a mão distraidamente em resposta e voltou a atenção à paisagem, a imagem perfeita do tédio. Os quatro Werelords puxaram suas cadeiras para se acomodar à mesa.

— Nem tanto — respondeu o jovem Bearlord. — Pegamos no porto dois homens do Leão que tentavam contratar um navio, mas ainda nem sinal do príncipe.

Bergan rangeu os dentes. O príncipe Lucas fora avistado algumas vezes desde o início do cerco — ocasiões demais para se tratar de alguém parecido com ele. O Conselho dera a Broghan a tarefa de investigar, e seus homens seguiam cada pista que surgia, entrevistando cidadãos e arrebanhando os desertores da Guarda Leonina que se mantinham às escondidas.

— Acha que ele ainda está aqui? — perguntou Mikkell.

— Faz uma semana que foi avistado pela última vez — explicou Bergan. — Quem sabe já tenha deixado a cidade...

— Bem, ele já teve muitas oportunidades para partir — disse Broghan.

— Com ou sem toque de recolher, Highcliff ainda tem de funcionar, como as outras cidades. As pessoas precisam trabalhar e vender seus produtos. É um dos portos mais ativos da Lyssia; é

inevitável que tenhamos pontos cegos. Podemos ter guardas nos portões e nas docas dia e noite, mas um ou outro desertor, como o da semana retrasada, vai passar. A vigilância não consegue dar conta de todos.

— Só espero que entre esses fugitivos ocasionais não esteja o menino de Leopold — grunhiu Bergan. — Ele é muito valioso para nós. Se estiver aqui fora, e não no calabouço com o pai, pode ser o elemento de barganha de que tanto precisamos para dar fim a este cerco. Se sei algo sobre Leopold, é que ele adora o filho mais do que qualquer outra coisa nos Sete Reinos.

Paparicou a criança por toda a vida, realizando todos os seus desejos. Se colocássemos as mãos em Lucas agora, teríamos Leopold ainda esta noite.

— E por falar nos desejos de Lucas — interrompeu Mikkell —, o que faremos com Gretchen?

O duque Bergan suspirou e coçou a barba: de volta ao problema da Werefox. Ela era o melhor partido da Lyssia e estava a poucos meses de tomar seu lugar ao lado da família em Hedgemoor, uma das mais ricas e antigas casas de Werelords. Conde Gaston, o falecido pai da Werefox, havia negociado Sete Reinos afora, construindo uma vasta fortuna, que financiara muitas das campanhas do Lobo e do Leão. Gretchen estava prestes a herdar essa fortuna, e muitos suspeitavam que Leopold havia assassinado Gaston para apressar o casamento do filho com a menina.

Gretchen estava vivendo na Casa do Traidor junto com Bergan. O lugar era considerado o mais seguro para ela, mas Bergan não estava exatamente contente com a situação, e tinha bons motivos para isso.

— Sabe o que penso, Mikkell. Tenho grande apreço pela menina, como todos os outros, mas Highcliff não é um lugar seguro para ela, não enquanto o cerco perdurar. Ficaria mais feliz em saber que a menina está longe dos muros da cidade. Além disso, a presença dela é uma distração para Drew.

Broghan e Mikkell balançaram a cabeça, concordando; Hector permaneceu em silêncio.

— Pelo amor de Sosha — disse Vega, ainda encostado à janela.
— Deixem que se divirtam. Só se é jovem uma vez.

Bergan balançou a cabeça em sinal negativo.

— Uma juventude fútil e desperdiçada pode não ter feito mal a você, Vega, mas essa não é a maneira correta de criar um futuro monarca. Ele precisa de orientação, agora mais do que nunca. Goste você ou não, a atenção que Lady Gretchen tem dado a Drew não nos ajuda. Ele deveria estar atento a seus tutores, como eu e Manfred, por exemplo. Em vez disso, fica atrás da menina como um cachorrinho apaixonado. Precisamos intervir e dar um fim nisso.

— Eles podem ter muito apreço um pelo outro — concordou Broghan —, mas há hora e lugar para cortejos, e não é nem aqui nem agora.

Bergan notou que Hector erguera a mão, ainda pouco à vontade para se pronunciar no Conselho Lupino.

— Diga o que pensa, rapaz. Não há motivo para vergonha. Você está entre iguais: somos todos irmãos. O que tem a dizer?

— Queria dizer apenas... — começou, pigarreando para limpar a garganta. Bergan notara que o jovem Boarlord tinha o hábito de apertar a mão esquerda com a direita quando nervoso, massageando a palma com o dedão. — Vale mencionar que, oficialmente, Lady Gretchen ainda é prometida ao príncipe Lucas. Tendo trabalhado com Vankaskan nos últimos cinco anos, pude conhecer o príncipe. Não como amigo, mas como espectador. Testemunhei sua ira em primeira mão. — Deixou a cabeça pender, o constrangimento abatendo-o. — Estive ao lado de vítimas de suas surras e testemunhei seus acessos de raiva. Sei o que o inflama de paixão. E Gretchen é uma dessas coisas.

Os homens refletiram em silêncio por um instante. Por fim, Bergan bateu uma mão na outra.

— Então está decidido. Se Lucas ainda está à solta e se houver algo de verdadeiro nessas hipóteses que levantamos, não podemos correr riscos.

Mandaremos Gretchen para longe, para um lugar seguro. Talvez Hedgemoor mesmo, para que se acostume com o retorno ao lar e assuma as responsabilidades que tem com seu povo. Será bom

para a menina. Além disso, estará cercada de sua gente. O pai de Gretchen era tão amado quanto qualquer governante das Dalelands, e muita afeição a aguarda por lá.

— Precisamos mantê-la lá até que consigamos dobrar Leopold — acrescentou Mikkell. — Assim que esse negócio com o Leão e seus homens estiver terminado, pensaremos no futuro. Se Lady Gretchen e Drew estão destinados a ficar juntos, só o tempo dirá, e não há razão para pressa. O que tiver de ser será.

— Sábias palavras, Staglord — acrescentou Vega, desencostando-se do peitoral e alongando-se. — Agora, se não precisam mais de mim por hoje, há um jogo de ossos em minha homenagem no Braços do Pirata.

— Acha mesmo apropriado, Vega, jogar com gente do povo nos antros de bebida desta cidade? Esse está longe de ser o comportamento que se espera de um Werelord, mesmo que se trate de alguém com um passado tão controverso como o seu. — Bergan balançou a cabeça em desaprovação.

— Sei o que estou fazendo. Esquece-se, Bergan, de que este povo das tavernas, marujos, estivadores e mercenários, é o meu povo? Se quer saber informações fresquinhas, seja uma ameaça ao Lobo, sejam notícias sobre um príncipe escondido, então, sem querer desrespeitar o esplêndido serviço de Broghan, eu sou o cara certo.

O Wereshark deu uma piscadela para o jovem Bearlord. Broghan retribuiu com um sorriso.

— Cada um por si, Vega. Seguirei com meus métodos: ir atrás de pistas, bater nas portas, buscar informações. Você fique com os seus: jogar ossos e entornar conhaque; é o que lhe convém.

Vega fez uma mesura elaborada diante do Conselho Lupino e saiu, acenando despreocupadamente por cima do ombro.

— Boa caçada, como dizem. — E, com isso, partiu.

— Caro Bergan — resmungou Mikkell, balançando a cabeça e relaxando, agora que o conde partira —, lembre-me novamente por que o conde faz parte deste Conselho. Não o vi se dedicar ao trabalho um único dia sequer desde o início do cerco.

— Ele tem sua utilidade — suspirou Bergan, concordando com a cabeça. — Merece confiança? Não sei. Mas se colocou à disposição quando precisamos dele. Foi mais um Werelord que desafiou Leopold no palanque, portanto ganhou o direito de se considerar membro do Conselho. À

primeira vista, suas ações são tão suspeitas quanto as de um jogador embriagado. Mas o que eu sei?

Os demais irromperam em sonoras gargalhadas. A atmosfera ficou mais leve na ausência do conde, e eles voltaram aos negócios.

— Minha filha já retornou? — perguntou Bergan.

— Não, e está atrasada — respondeu Broghan, os lábios apertados.

Bergan não pôde conter um leve grunhido. Lady Whitley vinha se mostrando bastante teimosa. Ele tentara enviá-la de volta a Brackenholme em diversas ocasiões desde o início do cerco, mas ela se esquivara de todas as tentativas. Lady Rainier, sua mãe, aguardava com paciência o retorno da família; o mínimo que Bergan podia fazer era lhe devolver a filha. Havia também o mestre-patrolheiro de Whitley, Hogan, que igualmente a aguardava, pronto para prosseguir com as aulas assim que ela chegasse. Não respeitando os pedidos do pai, Lady Whitley dera um jeito de acompanhar todo tipo de ação militar como patrulheira, fosse bem treinada ou não.

— Ela está sob comando de quem? De que patrulha?

— Pai — aconselhou Broghan com calma —, procure não se preocupar; ela deve voltar em breve. Whitley é patrulheira do exército em Grimm's Lane, ao norte. Desde que o Leão foi destronado, há uma grande agitação na cidade de Vermire. Se acontecer algum conflito, ela ficará a distância, eu garanto: Harker está no comando. No mais, enquanto estiver ao lado deles, fazendo o serviço de patrulheira, ela estará em treinamento.

Não se pode negar o valor da experiência de campo.

Bergan soltou um rosnado baixo.

— Preocupo-me, não há como evitar. É minha filha, pelo amor de Brenn. Não me perdoaria se algo acontecesse com ela. -Agrade-me saber que o capitão Harker cuida dela, mas, ainda assim,

garanta que ela fique sob suas ordens ao retornar. Mantenha-a próxima de si, filho.

Broghan fez um gesto de concordância, bastante ciente do que o pai sentia por Whitley.

— Hector — prosseguiu o Bearlord —, tivemos alguma notícia de nossos Lords e damas mais distantes?

Uma das primeiras atitudes do Conselho Lupino fora enviar informações a todos os cantos da Lyssia. A tradição ditava que, para um novo monarca assumir o trono, cada Werelord em exercício deveria ser consultado. A decisão majoritária era suficiente para assegurar o passo seguinte: a coroação.

— Não tanto quanto esperávamos, milorde — respondeu o jovem Javali, desenrolando um grande mapa sobre a mesa, usando as taças e o decantador de água para segurar cada uma das pontas. Seus dedos roliços apontaram para cada um dos Sete Reinos. — Os Werelords inferiores presentes no casamento fracassado de Lucas e Gretchen estão do nosso lado, mas os grandes Lords da Lyssia ainda precisam dar sua resposta.

Nenhuma palavra de Sturmland nem das Longridings; a única aprovação das Barebones obviamente é a de Stormdale. E nada ainda de Omir, como já era de esperar.

— Não posso falar pelos outros Lords de Barebones — acrescentou Mikkel —, mas, talvez, se eu voltasse para casa e - deixasse Manfred aqui, conseguisse reunir nossos vizinhos. Pode ser a chance de nos aproximarmos dos Corvos de Riven. Meu irmão pode ficar aqui a seu lado, Bergan, dando-lhe apoio, caso haja necessidade.

— Parece uma boa ideia — concordou o Bearlord. — Embora tenha de confessar que fiquei preocupado por não ter recebido resposta desses outros reinos. Poderiam pelo menos ter se declarado cientes, ainda que não aprovem Drew.

Ele sabia desde o início que teria de se esforçar bastante para persuadir os outros Werelords a demonstrar apoio a um novo rei, ainda mais um cuja linhagem podia ser questionada. Os difamadores espalhavam que Drew era filho ilegítimo de Wergar e não deveria chegar nem perto do trono. Não importava o apoio que

o jovem Lobo recebera na Westland; seria difícil convencer os mais distantes a se curvar diante de sua espada.

— De Sturmland eu esperava alguma notícia. Sei que meu primo Henrik e eu não concordamos em alguns pontos nos últimos anos, mas algo tão significativo quanto um novo rei já deveria ter feito o Urso Branco se pronunciar. Talvez esteja dormindo com suas pedras preciosas e fantasiando em mantê-las para si, agora que o Leão foi destronado. Também é estranho não sabermos nada ainda das Longridings. Duque Lorimer, o Horselord, costumava ser um aliado de Wergar. Por que esse silêncio agora que o herdeiro do Lobo se faz conhecido? E ainda há Brand e Ewan; o silêncio deles também me perturba. Precisamos enviar um destacamento diplomático para lá assim que possível. E Omir? Este é ainda de outra natureza. Não faz parte dos Sete Reinos, e Leopold nunca negociou uma aliança com eles. Quem discutiria com o rei Faisal? O Leão sempre quis obediência do Chacal, mas nunca conseguiu. As disputas mesquinhas se estenderam por anos. Faisal não juraria fidelidade ao Catlord, mas talvez possa ter interesses compartilhados com um camarada canino. Quem sabe, com um Lobo no trono, toda a Lyssia possa enfim se unir. Se garantirmos Omir, o resto será mais fácil.

— Talvez não seja tão simples — ponderou Mikkel. — Chegaram rumores as Barebones de que está acontecendo uma guerra civil em Omir.

Faisal pode ser monarca do Reino do Deserto, mas enfrenta uma competição árdua com os vizinhos. Lord -Canan e seus Doglords crescem em força e número, e seus pelotões controlam todas as terras ao norte do rio Silver. Com Lady Hayfa controlando as terras ao sul, Faisal está cercado por gente que deseja sua cidade, seu trono e sua coroa. Se os rumores estiverem certos, suspeito que ele esteja muito ocupado com questões internas para se preocupar com o que ocorre deste lado das Barebones.

— Independentemente disso — ressaltou Bergan —, precisamos lhe informar, e aos outros Werelords que ignoram a situação, que uma aliança conosco só ajudaria a causa de Faisal em Omir. — Ele voltou-se para o filho. — Enviaremos mais mensageiros, e dessa vez escreverei de próprio punho os pergaminhos: um para Faisal,

em Azra, outro para Lorimer, em Cabo Gala, e o último para Henrik, em Icegarden. Vou lembrá-los de quanto estamos próximos de um equilíbrio e de um futuro próspero, mas que para isso precisamos nos unir sob a soberania de Drew. As antigas diferenças devem ficar de lado para que todos possamos recomeçar. — Sorriu, confiante. Podia ser muito persuasivo quando queria. — Por falar no futuro rei, onde está ele?

— Ainda com meu irmão na Mansão dos Senhores, tomando as aulas matinais.

— Fazendo-o suar, não? — perguntou o Bearlord.

Conde Mikkel deu de ombros.

— Não tanto quanto meu pai fez conosco. Ele tem uma habilidade natural, mas está cru. É um diamante bruto, digamos assim. Tem tudo para ser um grande guerreiro, como Wergar, mas precisa de orientação. Como era mesmo que meu pai dizia? Controle total da faca e da fera.

— Sendo assim, está em ótimas mãos.

Os Lords de Stormdale tradicionalmente treinavam a maioria dos Werelords da Lyssia — os Werestags eram conhecidos por sua natureza passiva, desde que não fossem provocados, mas também por sua sabedoria e paciência: ponderados na corte, ferozes na batalha. Como professores de muitos dos governantes dos Sete Reinos, os Cervos eram tidos em alta conta.

— Bem, então temos apenas a desagradável missão de revelar nossos planos a Lady Gretchen — suspirou Bergan. Dizer a ela que deveria retornar à sua terra natal era tarefa complicada até para o mais valente dos Werelords. Apesar da pouca idade, Gretchen era geniosa e tinha pavio curto. Tivera tudo a seu modo ao longo dos anos, previsivelmente mimada pelo conde Gaston de Hedgemoor por ser sua filha única. Depois que fora prometida a Lucas, a autoconfiança aflorara a tal ponto que existiam poucas pessoas que ela não ousaria desafiar além da rainha Amelie ou de Bergan, talvez. Com isso em mente, a decisão sobre quem deveria falar com a Werefox estava clara para Bergan.

— Hector — disse ele, e o Boarlod deu um salto. Bergan riu. — Não se preocupe, rapaz. Não vou repassar essa tarefa a você. O

que eu gostaria é que você fosse atrás de Drew na Mansão dos Senhores. Se ele ainda estiver treinando, há chances de que - Gretchen esteja por perto. Pode pedir a ela que retorne à Casa do Traidor? Diga-lhe que é um assunto urgente do Conselho -Lupino. Eu lhe darei a notícia assim que ela chegar. Gretchen estará pronta para partir antes do primeiro raio de luz. Isso terá de ser feito às escuras, sem chamar atenção. Broghan, prepare seus melhores homens; acredito que cinco divisões darão conta.

— Cinco divisões: trinta dos melhores homens de Brackenholme — ponderou Broghan. O sistema de divisões de tropas da Dyrewood criava uma irmandade entre os soldados. Essas pequenas equipes, cinco homens e um capitão, eram entrosadas como uma família.

Os homens se despediram, e o Conselho Lupino encerrou os assuntos do dia. Bergan seguiu Hector até a porta, entregando ao Boarlord o manto vermelho que trazia o brasão de Redmire.

— Seu pai ficaria orgulhoso de você, rapaz. Suas atitudes, sua presteza, sua inteligência... Não há como calcular o quanto se tornou valioso desde que o Leão foi derrotado. Posso não dizer isso muitas vezes, Hector, mas fico feliz que Drew o tenha como amigo. Vocês têm sido bons um para o outro.

Hector esboçou um sorriso tímido, e seu peito inflou-se ao ser envolvido pelas doces palavras.

— Sei que eu era um covarde antes de conhecer Drew — disse Hector, mantendo a voz baixa para que os outros não ouvissem —, mas ele me deixou forte. Encontrei minha coragem. Só preciso garantir que não a perca de novo!

Bergan gracejou: — Não subestime a influência que teve sobre ele, Hector — comentou, o grande dedo indicador em riste. — É uma via de mão dupla. Drew entrou num novo mundo e estaria perdido sem você ao lado dele. Você é a bússola que o mantém no rumo certo.

Hector fez uma rápida reverência antes de sair.

— Milorde — disse o magíster, e se pôs a descer a monstruosa escadaria. O duque Bergan ainda o observou durante um tempo, grato pelo fato de o Conselho Lupino e Drew terem um amigo como o jovem Boarlord.



A faca e a fera

— De pé! — bradou o duque Manfred, inclinando-se sobre o jovem caído, o aço gélido nas mãos.

Drew o observou com olhos semicerrados, o suor empoçado abaixo dos olhos. Deslizou o antebraço pelo rosto para clarear a visão enquanto recuperava o fôlego. O Staglord tinha o sol às costas, o qual emoldurava sua silhueta e deixava o homem já alto ainda mais imponente. Drew pôde perceber que o Werelord, apesar da respiração pesada, estava ainda longe do cansaço.

Diferentemente dele próprio. O jovem cuspiu, e uma pelota de saliva misturada a sangue atingiu a terra seca. Seu corpo inteiro doía; estava exausto. Sua espada jazia aos pés do duque, longe de seu alcance. Manfred a empurrou com os pés em sua direção.

— Disse para ficar de pé.

Drew pegou a espada cega e a usou como apoio para se erguer mais uma vez. Manfred era implacável e deixava Drew alerta o todo tempo. A partir do nascer do sol de cada dia, nenhum instante era desperdiçado. Os dias na Mansão dos Senhores eram cheios para Drew — o combate era apenas uma pequena parte deles. Raças transmorfas, geografia lyssiana, etiqueta: as aulas do Staglord abrangiam todos os assuntos. Manfred dava atenção especial ao controle da licantropia. O falecido barão Huth, pai de Hector, ensinara a Drew algumas técnicas de meditação e alguns mantras

durante sua breve passagem por Redmire. Mas o velho Boarlord dera apenas as primeiras pinceladas; Manfred aprofundara-se, estimulando Drew a explorar cada faceta do Lobo. O domínio sobre a licantropia era a única lição ministrada sem a presença de plateia, nos subterrâneos da adega da Mansão dos Senhores — um lugar calmo, fresco e escuro, perfeito para invocar a fera sem perturbações.

Drew colocou-se de pé, sentindo o peso da espada de treino na mão direita enquanto recobrava os sentidos. A mão esquerda, com os dedos fechados, descansava sobre a coxa. O toco que antes era um mindinho inteiro ainda latejava, lembrete constante da batalha contra Vanmorten, o Wererat, e do perigo que trazia a vida de Werelord. Manfred sorriu. Drew retribuiu com um sorriso forçado, incomodado pelo fato de o Werelord não demonstrar o mínimo sinal de cansaço. O calor sob o sol do meio da manhã só contribuía para a exaustão de Drew. Havia muito, abandonara a camiseta e agora vestia apenas os culotes de couro. Manfred, ao contrário, permanecia totalmente vestido, o longo manto cinza jogado sobre o ombro.

Também era doloroso para Drew saber que uma plateia o assistia da varanda da mansão: Lady Gretchen e suas damas de companhia, desejosas de ver o futuro rei demonstrando suas habilidades na esgrima. O que de fato viam, para completo pavor de Drew, era um jovem saudável incapaz de se equiparar a um venerável e idoso Werelord.

— Mais um round, Drew, e você poderá beber água.

O assistente do duque Manfred, o magíster Kohl, estava por perto, à sombra de uma figueira, um jarro de água a seus pés. Drew lançou-lhe um olhar, e o magíster passou a mão pela boca do jarro. Primo de Manfred, Kohl era um Cervo com quem Drew passara muito tempo no último mês, mas, naquele momento, ele não estava nem um pouco disposto a lidar com o sarcasmo do assistente. Kohl era inofensivo, mas perspicaz, muitas vezes lembrando Hector.

Drew se preparou, tentando devolver vida às pernas ao se equilibrar sobre os calcanhares. Observava Manfred com atenção,

pensando se seu próximo movimento lhe provocaria satisfação ou pavor. Não se importava mais — passara as últimas duas horas tomando uma surra do Cervo no pátio: fosse de maneira limpa ou suja, queria vencer pelo menos uma contenda com o velho duque.

Deu alguns passos para a esquerda, atraindo Manfred consigo. Os passos do Werestag pareciam relaxados, mas Drew percebeu que aquilo era apenas uma demonstração de sua experiência. Cada movimento de Manfred era ponderado e deliberado. Drew continuava a se mover, perfazendo um círculo, de modo que atrás dele ficassem a mansão e a varanda. E, principalmente, o sol.

Manfred fechou os olhos. Não havia treinamento suficiente que fizesse um homem ficar de olhos abertos diante do sol. Drew deu uma estocada com a mão esquerda.

A terra guardada no punho fechado emergiu, arremessada ao rosto do Staglord. Manfred recuou, cego pela nuvem de poeira. Foi a vez de Drew sorrir. Permitiu-se até mesmo olhar rapidamente por cima do ombro, em direção à plateia. Gretchen franziu o cenho em um olhar de desaprovação.

Drew não se preocupou com o gesto — qualquer um que houvesse sobrevivido a uma disputa em Tuckborough não veria problema nessa tática, e Drew e seu irmão Trent já haviam passado por isso várias vezes.

Luta é luta.

Kohl deu um passo à frente, prestes a expressar suas objeções, por isso Drew se apressou em agir. Puxou a espada para trás e se preparou para dar outra estocada no Werelord aflito. Avançou, o pé tocando a terra enquanto ele impelia a espada cega. Para seu terror, o golpe não resultou no que planejava.

Instintivamente, Manfred se desviou para a esquerda, e a espada atingiu o espaço vazio a seu lado. Drew, desequilibrado, tombou para a frente. Manfred girou a perna direita num movimento fluido, encontrando as panturrilhas de Drew e fazendo-o voar. O jovem Lobo caiu de braços abertos no chão, o rosto novamente sujo de terra, o ar fugindo dos pulmões.

Drew não teve tempo de se recompor; sentiu uma mão agarrá-lo pelo ombro e virá-lo de barriga para cima. Então Manfred se

lançou sobre ele, os joelhos pressionando o jovem contra o chão, enquanto este tentava resistir. O Werestag estendeu a mão, segurando Drew pela garganta. O Lobo parou de se debater, encarando o Staglord acima dele. Os olhos de Manfred ainda estavam semicerrados, incomodados pela terra.

— Um golpe bastante descortês para usar contra Sua Alteza — comentou Kohl, balançando a cabeça e exalando fúria pelos poros. — Existem regras, meu jovem: regras para a esgrima, regras para os duelos.

Isso... isso foi ilegítimo!

Manfred ergueu a mão, soltando uma gargalhada. Fez sinal para Kohl parar de falar.

— Ah, esqueça isso, Kohl. O garoto estava agindo como eu. Instinto.

Sobrevivência. Dois lados da mesma moeda. Os instintos o aconselharam a improvisar.

Manfred tirou as mãos da garganta de Drew, permitindo que o garoto respirasse fundo. O duque esfregou os olhos para tentar desembaçar a vista.

— Muito bem, Drew. Ensinou um truque a um velho Cervo. Mas lembre-se — e apontou para os próprios olhos —, a visão não é o único sentido do qual se deve depender numa luta. — Mexeu no lóbulo da orelha.

— Ouviu bem?

Manfred ergueu-se e esticou a mão para Drew. Com o rosto rubro numa mistura de vergonha e embaraço, o jovem aceitou sua ajuda, e Manfred o puxou até que ficasse de pé.

— E agora, que tal bebermos alguma coisa?

O magíster Kohl, descontente, embora respeitoso às palavras do soberano, pegou duas canecas de madeira e as encheu de água. Drew pegou uma delas e virou todo o conteúdo. Tendo a esvaziado, esticou a caneca à frente mais uma vez.

— Por favor, magíster — disse, fazendo uma reverência respeitosa. — Mais um?

Suspirando, mas com um olhar condescendente, Kohl reabasteceu o recipiente e, já mais tranquilo, lançou a Drew uma

piscadela. O velho sábio não conseguia ficar bravo por muito tempo. Drew esboçou um sorriso.

Provavelmente, usaria o mesmo truque de novo assim que tivesse oportunidade. Da próxima vez, porém, não deixaria o oponente ouvi-lo se aproximar. Manfred o observava sob suas sobranceiras espessas e cinzentas.

Recompondo-se embaixo da árvore, após Kohl tê-los deixado, Manfred disselhe com calma: — Seu truque com a terra... A reação do magíster Kohl não é incomum. Por menos aconselháveis que sejam durante uma disputa de esgrima, não tenho dúvidas de que, no calor da batalha, essas atitudes existam, mas esta manhã não foi o calor da batalha. Saiba de uma coisa, Drew: há hora e lugar para deslealdade. Que essa tenha sido a última vez.

Esse era o ponto máximo de punição a que chegava o Lord de Stormdale: palavras bem escolhidas, para lembrar a Drew quem este era. O garoto deteve-se por um momento para refletir. Manfred poderia tê-lo repreendido na frente de Kohl, mas, em vez disso, escolhera um momento em que estavam a sós, uma mostra de bons modos e elegância. Drew não era mais um menino de uma fazenda da Costa Gélida comprando briguinhas no mercado de Tuckborough. Ele e Trent haviam aprendido a lutar sujo lá, para se defender das gangues locais. Não eram raras as vezes em que Drew se pegava pensando em Trent, o garoto que crescera como seu irmão gêmeo, e se perguntava sobre o que teria acontecido com ele; esperava que estivesse a salvo. Drew deveria agir de maneira diferente agora. Estava sendo constantemente observado e analisado.

— A pressão é muito grande — suspirou Drew, coçando a nuca.
— Do Conselho, dos meus amigos. Mesmo do povo de Highcliff.

Eles estavam lá, atrás dos portões. A expectativa ainda era grande, mesmo um mês após o levante. Sabiam que Drew encontrava-se ali, atrás dos muros da Mansão dos Senhores. Todos os dias a multidão se reunia; muitos desejavam conhecer o futuro rei, mas a maioria se contentaria com apenas um rápido vislumbre.

— Não fique desapontado, Drew. Você teve um progresso fantástico.

Não posso nem imaginar tudo com que teve de lidar desde que descobriu sua herança e seus poderes. Mas você é imprevisível, já que muito do que sabe aprendeu por conta própria ou é resultado da maneira como os Ferran o criaram. Sempre nos deixará em alerta, suspeito eu. O que é muito positivo, devo acrescentar!

— Sua Excelência, Lord Hector está aqui e quer lhe falar com urgência.

A expressão de Drew iluminou-se de imediato diante da novidade.

— Então é melhor não deixá-lo esperando — disse Manfred.

Era reconfortante para Drew saber que aquele em quem confiava sem reservas estava a seu lado. O tímido Boarlord se encantara com uma dama de companhia da rainha Amelie, Bethwyn, mas ainda buscava coragem para lhe dirigir a palavra. Drew suspeitava que metade das visitas de Hector estava relacionada ao fato de o magíster desejar ver a garota. Dessa vez, porém, não era o caso.

Enquanto Manfred partia a passos largos, Drew deixou a sombra e se dirigiu ao pátio. A propriedade era construída na encosta de um morro, a casa e os jardins, avarandados. O canto oeste do pátio projetava-se morro afora, os aposentos dos criados ficavam logo abaixo, e uma balaustrada de pedra marcava toda a extensão. Desse lugar, Drew podia ver o porto e os vários navios que constituíam a frota mercante e militar da Westland.

Avistando os mastros negros do Turbilhão, imaginou se o conde Vega estaria a bordo. Drew gostava do príncipe pirata, que, de traidor, passara a membro do Conselho Lupino, e, de sequestrador de Drew, fora promovido a seu salvador, uma vez que o resgatara quando este caíra inconsciente no porto.

De repente, sentiu duas mãos se fecharem sobre seu rosto, cobrindo-lhe os olhos. Estava prestes a se debater, quando uma voz familiar ressoou em seu ouvido: — Meu rei? — ela sussurrou. A tensão que sentira diante da possível emboscada deu lugar a uma familiar sensação de ansiedade.

— Não me chame assim. — Drew sorriu, constrangido. — Estou longe de reclamar esse título.

Gretchen retirou as mãos, dando um leve empurrão nas costas dele.

— Não levará muito tempo, Drew. É melhor se acostumar — provocou-o.

Um sorriso travesso cruzou o rosto de traços perfeitos dela, os cabelos ruivos caindo sobre a face. Usava um vestido creme, com pequenas flores rubras bordadas nas mangas e no colarinho. Drew sentia a boca seca e um frio no estômago. Conseguia falar prontamente com a maioria das pessoas, mas não com ela. Pelo menos, não nos últimos tempos. Gretchen, que ele passara a conhecer tão bem nas viagens de Redmire e durante as aventuras na Wyrwood. Gretchen, na presença de quem deveria sentir-se tranquilo.

Atrás dela, as damas de companhia amontoavam-se, soltando risinhos.

Drew questionava o que ela via de tão especial naquelas meninas; em sua opinião, eram crianças sujeitas a acessos nervosos e risadinhas ao menor sinal de drama.

— Não há pressa — Drew respondeu por fim, o olhar se perdendo pela vista da cidade. — Bergan pode seguir sendo o Lord Protetor pelo tempo que quiser. As pessoas estão contentes com o Conselho Lupino; não precisam de um fazendeiro medíocre da Costa Gélida estragando tudo.

— Está sendo muito injusto consigo, Drew. O povo da Westland o ama; quer que você o governe.

Imaginar que a Werefox soubesse o que o povo da Lyssia queria fez Drew sorrir. Gretchen era várias coisas — irritável, geniosa, enérgica —, mas a voz do povo? Balançou a cabeça.

— Como pode dizer isso, Gretchen? O que sabe, honestamente, sobre o que o povo quer?

— Acha que sou a mesma garotinha mimada que conheceu em Redmire? As pessoas mudam, Drew. Olhe só para você.

— Ainda sou um simples garoto do campo.

Gretchen soltou uma gargalhada.

— Não há nada de simples em você, Drew. Só está se enganando. Eu estava lá, lembra?, no Turbilhão. Ouvi a multidão

clamar por seu nome.

Você é o futuro, Drew. É o rei deles.

Drew jamais conseguiria se livrar daquilo, por mais que tentasse. Para onde quer que olhasse, o destino o chamava. Todos os caminhos levavam ao trono. Seus planos de ir embora de Highcliff se enfraqueciam a cada dia.

Ainda tinha esperanças de voltar à Costa Gélida, mas quem ele desejava enganar? A oportunidade se fora.

Gretchen enlaçou o braço de Drew, tocando-lhe a mão esquerda. Ele sentiu um calafrio, os nervos em estado de tensão. Onde estava o jarro de água de Kohl quando mais precisava dele?

— Lord Protetor é um título temporário, Drew, até que você esteja pronto para assumir o trono — disselhe, inspirando o ar marinho enquanto acompanhava o olhar perdido do jovem pela vista. — Ele é popular entre os pobres, mas eles esperam que o Lobo esteja governando já no inverno, pode estar certo disso.

Drew ofendeu-se.

— Não diga isso.

— O quê?

— Pobres.

— Mas o que eles são?

— São pessoas, Gretchen. Eu era um deles não faz muito tempo, lembra?

Se Drew esperava um pedido de desculpas da Werefox, não o recebeu.

Em vez disso, ela soltou uma gargalhada. A voz estava mais ríspida quando voltou a falar.

— Ah, não seja tão sensível, Drew da Dyrewood. Você nunca foi realmente um camponês. Pelo amor de Brenn, você é filho do antigo rei.

Todos têm um propósito, Drew. Todos devem saber seu lugar.

— Temos opiniões diferentes, Gretchen. Com Leopold, o povo era oprimido. Não havia como as classes inferiores melhorarem de vida; não havia como mudar de posição social.

— Está falando de revolução, Drew.

— Não, nada disso — ele contestou, voltando-se para ela. A ansiedade dera uma trégua, sendo substituída por genuína indignação. — Seria uma sociedade mais feliz e mais próspera. Não quer o melhor para o povo da Lyssia?

O rosto de Gretchen se fechou em uma expressão séria. A alegria já havia deixado sua voz quando disse: — Então este é o novo Drew? Quer dizer que sabe tudo o que se pode saber? Já está colocando o mundo em ordem depois de apenas algumas semanas como Werelord? Acho que eu preferia o antigo Drew, o fazendeiro ingênuo da Costa Gélida.

Os princípios de certo e errado haviam sido cultivados na mente do garoto desde a tenra idade por Mack Ferran, o homem que o criara como filho. Drew fez um gesto de desalento, balançando a cabeça. Tinha consciência de que não conseguiria mudar as ideias de Gretchen. Se prosseguisse com o discurso, ela o trataria com condescendência, mas permaneceria incomodada. A chegada de Hector, vindo do outro lado do pátio, foi providencial, pois permitiu que mudassem de assunto.

— Hector — Drew o chamou, correndo para cumprimentá-lo com tapinhas nas costas. Gretchen o seguiu, apressando-se para o reencontro dos três amigos.

— O que o traz a esta casa, conselheiro? — perguntou Gretchen, mudando o alvo das provocações, o humor de volta às suas palavras. — Você é tão bom por nos agraciar com sua presença.

Era bem verdade que Hector tinha todo o aspecto de um Werelord.

Usava um manto marrom vistoso sobre as roupas bem cortadas, um broche de latão no formato de um javali feroz preso ao ombro. Em seu peito, Drew reconheceu o medalhão de aço que todo membro do Conselho usava, com o perfil da cabeça do Lobo.

O Wereboar riu e corou ao mesmo tempo.

— Bom, faz bem sair um pouco e ver como anda o resto do mundo. É um trabalho árduo ser governante. Sobra-nos a tarefa de manter a felicidade do povo enquanto o idiota que deveria ser rei fica com as pernas para cima.

— Inspecionou Drew de cima a baixo. — Não vai colocar roupas na presença de um conselheiro lupino? Há uma dama entre nós, não percebeu?

Drew de repente se deu conta de como estava exposto. Usar pouco mais que culotes de couro significava estar absurdamente malvestido, considerando que se encontrava na presença de dois importantes nobres, mesmo sendo estes seus melhores amigos.

— Tranquelize-se, Hector — disse Gretchen. — Não é nada que já não tenhamos visto.

No entanto, o semblante da jovem mudou ao olhar para as costas de Drew. Passou o dedo por uma série de cicatrizes; Drew estremeceu ao toque dela.

— O que foi? — ele perguntou.

— Seus ferimentos... Achei que já tivessem sarado.

Drew havia sofrido todo tipo de escoriação desde que chegara a Highcliff, no mês anterior. Fora surrado pelo rei Leopold e seus homens, enfrentara a Guarda Leonina, duelara com o Wererat Vanmorten e despencara do castelo dentro do mar. Cada centímetro de seu corpo fora ferido, mas o poder de cura transmorfa, próprio dos Werelords, permitira-lhe se recuperar em ritmo acelerado. As únicas cicatrizes que ainda doíam eram as das costas.

— Parece que destas não vou conseguir me livrar.

Hector olhou e concordou.

— Do chicote? Era revestido com prata, não?

Drew empalideceu só de pensar na ferroadada do metal dilacerante na pele. Aguentara surras e ossos quebrados e até se recuperara do golpe que seu pai, Mack Ferran, desferira-lhe por engano com a espada Wolfshead.

Mas nada fazia a pele de um Werelord arder como o toque da prata. Ela fora proibida durante muitos anos em toda a Lyssia, mas o rei Leopold não vira problema algum em armar os próprios homens com o metal ilícito. As espadas da Guarda Leonina eram revestidas com esse precioso veneno.

— Isso não é maneira de tratar um rei — disse Gretchen.

— Futuro rei — corrigiu Hector.

— Se chegarmos lá — concordou Gretchen.

— Sabe — Drew falou com um sorriso —, por mais impertinentes que vocês sejam, sou abençoado por ter dois amigos tão nobres.

As palavras eram de coração, e tanto a Raposa quanto o Javali o encararam com um olhar carinhoso.

— Palavras adoráveis — comentou Hector.

— Ele deve estar querendo alguma coisa da gente — Gretchen sussurrou, dando uma leve cotovelada nas costelas de Hector.

— É a mais pura verdade — prosseguiu Drew. Fez uma pausa, procurando as palavras certas. — Sei que não digo isso tanto quanto deveria, mas conhecer vocês dois foi o que me resgatou de um precipício. Eu me encontrava em meio à escuridão quando vivia na Dyrewood e quando fui capturado por Bergan. Por um tempo, pareceu-me não haver futuro para mim. Mas o encontrei ao conhecer vocês.

Sentiu uma lágrima brotar nos olhos, mas, antes que ela caísse e delatasse sua emoção, deu um abraço regado a suor nos dois. Ambos corresponderam, afetuosos.

— Está nos usando para se secar? — perguntou Gretchen, alfinetando com bom humor o momento singelo. Hector e Drew riram.

— Como vai a rainha-mãe? — perguntou Hector.

Fora curioso para Drew conhecer a rainha Amelie, sua mãe biológica.

A reação dela foi da alegria por ter Drew em sua vida novamente à tristeza pela perda do outro filho, Lucas. Ela passara quinze anos lamentando a morte de Wergar e de todos os filhos em um incêndio. Descobrira que o caçula, Willem, sobrevivera à tragédia, mas também tivera de aceitar o fato de que o homem que se tornara seu novo marido, Leopold, estava por trás daquelas mortes. “Willem” era o nome de batismo de Drew, mas lhe soava profundamente estranho quando pronunciado... Que nome esperavam que ele usasse ao assumir o trono?

— Está descansando — respondeu Drew. — Espero que possamos encontrá-la mais tarde. As madrugadas não lhe fazem bem.

— Como assim?

— Já deve ter ouvido — disse Gretchen, um calafrio passando pelo corpo.

— Ah — disse Hector, enfim entendendo.

Todas as noites, desde que os exércitos aliados de Brackenholme e Stormdale haviam tomado a cidade, Leopold surgia nas muralhas da masmorra de Highcliff e rugia para os céus; “a fúria do Leão”, como Bergan chamava aquilo. O som era de gelar o sangue; o ritual noturno lembrava a todos nos arredores quem é que possuía a coroa da Westland. Os soldados que estavam nos acampamentos que circundavam o antigo castelo haviam testemunhado os discursos violentos e o praguejar que acompanhavam os rugidos. Leopold rugia em promessa de vingança contra aqueles que lhe roubaram o trono. Bergan e Manfred tinham de acalmar o nervosismo das tropas e reforçar o moral delas toda noite. Após cada sessão de rugidos, era inevitável que Amelie tivesse um sono conturbado. Somente quando o sol saía é que ela conseguia descansar.

— Obrigado, Hector — Drew sorriu. — Eu a avisarei que você perguntou sobre ela.

Duque Manfred e o magíster Kohl ressurgiram, aproximando-se do trio e pondo fim ao encontro.

— Estão recuperados? — perguntou Drew. — Estou pronto para o próximo round, Alteza. Dessa vez jogarei limpo, tem a minha palavra.

Manfred balançou a cabeça.

— O que acontece, Drew, é que nossas aulas terão de ser adiadas. Você pode ficar aqui e se informar com Hector. Kohl e eu devemos conduzir Lady Gretchen à Casa do Traidor. Aparentemente, há notícias de Hedgemoor que precisam ser repassadas a ela, e o duque Bergan pede a presença da rainha assim que possível. Milady?

— Oh! — disse Gretchen, surpresa. — Um momento, enquanto pego meu manto. — Dirigiu-se às damas de companhia, uma das quais carregava o longo manto vermelho. Enquanto Gretchen o amarrava em torno dos ombros, os quatro homens sussurravam: —

Essa era a mensagem que trazia de Bergan? — Drew perguntou a Hector.

— Sim — respondeu ele. — Há certa preocupação quanto à segurança de Gretchen na cidade.

— Uma simples precaução, imagino? — sussurrou Manfred.

O Boarlord concordou: — Exato. Acreditamos que o melhor para ela agora é retornar a Hedgemoor.

— Por acaso tem algo a ver com os agentes de Leopold ainda à solta na cidade? — perguntou Drew, observando-a terminar de se preparar para a breve caminhada até a Casa do Traidor.

— Esse é exatamente o ponto — disse Kohl. — Duque Manfred e eu temos de levá-la. Hector, entendo que não queira se envolver nisso; sabemos como a moça pode ser irritável. Deixe que nós, velhos tolos, encaremos sua ira — disse ele, dando uma piscadela. Hector soltou um suspiro de alívio, concordando com veemência, e logo Gretchen se aproximou.

— Senhores — sorriu e, tomando o braço do Staglord, virou-se para ir embora.

— Até mais — disse Drew, antes de se abaixar e pegar as espadas cegas que estavam no chão. Entregou uma delas a Hector.

— Bem, Hector — disse, enquanto o Boarlord sentia o peso da arma — , quando eu der o sinal, ataque.

Drew assumiu uma pose heroica, pronto para o combate. Hector riu.

Enquanto os portões da Mansão dos Senhores se abriam, os guardas afastavam a plateia para os lados. Gretchen contou pelo menos trinta pessoas, todas esperando para ter um vislumbre do Lobo. Comumente, a aparição de Gretchen fazia a multidão irromper em uma profusão de manifestações de alegria, e ela não pôde deixar de sentir certa inveja do amor que aquelas pessoas sentiam por Drew. A garota sempre vivera sob o olhar do público, e ainda assim ele clamava por aquele jovem recém-chegado à realeza. Leopold jamais conhecera tal tipo de adulação. Era um reconhecimento merecido à reputação de Drew.

Manfred e Kohl contiveram o povo enquanto a conduziam entre a multidão. Em instantes, pisavam no chão de pedra da Lofty Lane,

uma rua tranquila que os levaria direto à Casa do Traidor. Gretchen estava ansiosa para ouvir as notícias que vinham de Hedgemoor. Já fazia muito tempo que não ia para casa e sentia saudades. Mas seu lar agora era ali, em Highcliff.

Fora preparada para assumir o lugar de rainha na corte. Embora estivesse com o coração aberto para receber Lucas, Drew conquistara sua afeição no curto período desde que o conhecera. Não que fosse admitir isso a ele.

Construções se erguiam em ambos os lados da rua, ameaçando tocar-se em certos pontos. Roupas esvoaçantes estendiam-se em varais, criando um fundo flutuante de lençóis e roupas. O cenário era calmo, tranquilo.

— Sabe quais são as notícias de Hedgemoor? — Gretchen perguntou a Manfred, que a acompanhava passo a passo.

O duque negou com a cabeça.

— Temo que não, minha querida. Com certeza seu tio Bergan estará bem informado. Ele pede que não tardemos.

Gretchen realmente considerava o Bearlord um tio. Sua tia distante, Lady Rainier, passou a fazer, após o casamento, parte do clã Bergan, e era mãe de Whitley e Broghan. Tais casamentos entre Werelords não eram incomuns, sendo o homem quem determinava qual transmorfo surgiria da união. Gretchen estava ciente de que era a última na linhagem de Werefoces de Hedgemoor, embora outras Raposas vivessem nas Dalelands a leste.

Um ruído logo à frente lhes chamou a atenção. Um carrinho de mão surgiu de um beco. O velho que o empurrava era corcunda, e levava um manto sujo preso aos ombros. Detiveram-se por um momento enquanto o homem tentava manobrá-lo para ganhar a rua, mas ele estava com dificuldade de tirá-lo do beco. Manfred, sempre prestativo, foi ajudá-lo.

— Deixe-me auxiliá-lo — falou, assumindo o comando do carrinho, e o velho recuou um passo. Gretchen conhecia as madeixas negras e oleosas que saíam do capuz. Havia algo de familiar naquele cabelo.

Passos atrás dela fizeram-na se virar, mas já era tarde demais. Outro homem, vestido de maneira semelhante, saiu de um esconderijo proporcionado pelas sombras logo atrás de Kohl. O magíster não teve um instante sequer para reagir, os reflexos diminuídos pela idade avançada.

Rápido e suave, o homem sacou uma lâmina curta e afiada, deslizando-a pela garganta de Kohl e rasgando-a com um único movimento. Kohl tombou ao chão, o sangue jorrando do pescoço aberto.

Gretchen soltou um grito.

O duque Manfred se virou, a mão imediatamente buscando a espada.

Estava a meio caminho da bainha quando estacou, um olhar de agonia distorcendo seu rosto. Sua boca se contraiu, dando ao semblante do duque um aspecto mortal, e um grito selvagem dissipou-se em seus lábios. Como uma boneca de pano, bem devagar, cambaleou para a frente até cair de joelhos na rua, o velho em pé às suas costas. Na mão, o falso corcunda tinha uma traiçoeira lâmina serrilhada, suja com o sangue do Staglord. O manto foi ao chão. De fato, ela conhecia aqueles cabelos. O Ratlord Vankaskan sorriu-lhe com um deleite demoníaco.

O grito de Gretchen foi abafado assim que o assassino de Kohl pôs a mão enluvada sobre a boca da garota. Enquanto a arrastava para o beco, o Ratlord a seu lado, o homem sussurrou, o hálito quente nos ouvidos dela: — Senti saudades, querida noiva — rosnou o príncipe Lucas.



Habitantes das trevas

Drew disparou em desabalada corrida, os pés fustigando a pavimentação.

Não tinha dúvida de que ouvira um grito de Gretchen. Atrás dele vinham Hector e três guardas da Mansão dos Senhores e, a seguir, a multidão que, antes, aguardava em frente aos portões. Drew não deveria ir a lugar algum sem escolta, mas, estando os guardas a cem metros de distância, não havia escolha. Podia ouvir os berros de Hector atrás de si, tentando acompanhá-lo o mais rápido que conseguia.

— Drew! Cuidado! Pode ser uma armadilha!

De fato, podia mesmo ser uma armadilha para atraí-lo a um lugar desprotegido, mas Drew não se importava. Sentia o sangue correr pelo corpo, as pontas dos dedos em chamas ao despontar das garras negras. Se era o Lobo que queriam, era o Lobo que iam ter.

À frente, uma multidão se reunia ao redor de um carrinho de mão abandonado em plena Lofty Lane. Os passantes fitavam com horror os corpos na rua, ocultando a identidade deles dos olhos de Drew. Ele se aproximou, as pernas trêmulas, e se esforçou para não vomitar. O sangue corria pelas pedras como rios vermelhos entre montanhas negras. “Brenn misericordioso, que não seja dela.”

Abrindo caminho em meio às pessoas, Drew avistou os corpos: duque Manfred e seu fiel magíster Kohl. Manfred encontrava-se estatelado no chão, de bruços, uma ferida mortal nas costas. O assassino de Kohl, quem quer que fosse, havia quase decepado a cabeça do homem, tal a profundidade do corte.

Nenhum sinal de Gretchen.

— Ei, você! — chamou Drew, agarrando o homem mais próximo, um estalajadeiro, a julgar pelo avental sujo de cerveja amarrado sobre a barriga saliente. — O que aconteceu por aqui?

O rosto do homem estava pálido, e ele teve de se esforçar para reagir.

Drew o sacudiu com força, e a papada sob seu queixo tremeu.

— Fui um dos primeiros a chegar. Encontrei-os assim. Pobres almas.

— Havia uma mulher também? Uma garota de cabelos ruivos?

Drew perpassou o olhar desesperado pela multidão, mas só obteve negativas. Agachou-se, colocando a mão sob o corpo de Manfred e retirando a espada do Staglord da bainha. Hector, os guardas e a multidão reuniam-se agora ao redor deles. Drew se levantou. A turba gritava, alguns porque haviam acabado de ver os corpos. Os guardas recuavam respeitosos diante da morte de seu soberano. Hector empalideceu, a mão instintivamente levada à boca.

— Alguém viu o que aconteceu? — berrou Drew, tentando sobrepor a voz ao burburinho.

Uma senhora idosa deu um passo à frente, temerosa, destacando-se da multidão.

— Dois homens — falou ofegante. — Foram eles. Mataram à luz do dia! Por tudo o que é mais sagrado! — Fez um sinal de Brenn apressado, beijando o polegar e tocando a testa.

— Viu a garota? — perguntou Drew, o peso da espada fazendo-se sentir na mão úmida de suor.

— Por ali — disse ela, apontando para um beco sombrio no lado oposto. — Foi por ali que a levaram!

Drew fez um sinal de agradecimento e em seguida se virou, abrindo caminho na multidão rumo ao beco. O lugar tinha a largura

do carrinho de mão, mas parecia se alongar, serpenteando escuridão adentro. Sentiu uma mão agarrá-lo pelo cotovelo, impedindo-o de prosseguir.

— Drew, por favor — implorou Hector —, espere até os Sentinelas chegarem! — Os guardas da Mansão dos Senhores agora tentavam impedir que a multidão se aproximasse dos corpos no chão.

— Não posso, Hector! Estamos perdendo tempo!

Desvencilhou-se dos dedos de Hector tirando-os um por um e partiu para dentro do beco. Hector hesitou por um instante antes de segui-lo, deixando o pânico geral e a multidão sob a responsabilidade dos guardas.

A passagem era estreita e desconfortável; os prédios se avolumavam acima e impediam que a luz do sol penetrasse. Um feixe de luz ocasional quebrava a penumbra, mas a maior parte do caminho era crepuscular. Drew olhava ao redor enquanto corria, tentando descobrir aonde os assassinos teriam levado Gretchen. Seriam salteadores ordinários, ladrões oportunistas? De fato, na Lofty Lane a riqueza e a miséria eram separadas por apenas cem metros. Nenhum lugar era totalmente seguro em Highcliff, mas atacar alguém em plena luz do dia era algo quase inédito, principalmente naquele lado da cidade.

O beco chegava a um ponto sem saída. Drew deu de cara com uma parede, as mãos tateando com fervor à meia-luz. “Teriam-na escalado?”

Suas mãos deslizaram pelos tijolos cobertos de musgo sem conseguir apoio.

“Não, não há como escalar essa parede. Por onde foram?”

— Talvez aquela senhora tenha se enganado — ponderou Hector, quase sem fôlego, ao alcançá-lo. — Ela acaba de testemunhar dois assassinatos; como confiar em seu raciocínio?

Drew afastou Hector do caminho e virou-se em direção à entrada do beco.

— Bem pensado! — concordou Hector. — Vamos voltar e reunir mais homens. Depois nos espalharemos para encontrá-los.

Hector fez menção de seguir Drew, mas quase caiu por cima dele. Drew se ajoelhou, a espada no chão enquanto examinava a área ao redor. Tentou controlar as batidas apressadas do coração, tirando a atenção de qualquer outro som: o matraquear de Hector, os gritos da multidão na entrada do beco, o bater de portas, o latido de cães. Invocou o Lobo e pensou em Gretchen — sua voz, seus movimentos, seu cheiro. Rosas vermelhas. Pétalas de rosa. Perfume. A fragrância dela era forte e trazia sensações poderosas.

Virou a cabeça ao sentir um rastro do aroma. Inspirou-o demoradamente para capturá-lo. E seguiu sua trilha.

Hector assistiu, boquiaberto, a Drew, seminu e envolvido em um mundo só seu, se arrastar pelo chão sujo. O Boarlord olhou esperançoso em direção à entrada do beco, desejando que um guarda surgisse para ajudá-los.

Drew ergueu-se um pouco, esticando a mão e pegando um cascalho de pavimento quebrado. Ao lado, um tecido fétido e manchado com algo repulsivo e coberto de moscas ocultava algo. Hector sorriu. Com um safanão, Drew arrancou o pano.

Um buraco se revelou no chão; o solo escavado evidenciava um velho bueiro.

— Por aqui — disse Drew com um sorriso, a expressão ligeiramente ensandecida ao entrar no buraco.

— Não deveríamos esperar? — perguntou Hector, os olhos arregalados.

Drew não se deu ao trabalho de responder, embrenhando-se com rapidez na passagem. Seus pés tocaram os degraus enferrujados de uma escada ao descer. O perfume de Gretchen foi imediatamente encoberto pelo fedor sufocante do bueiro. Drew viu os pés de Hector surgindo acima de sua cabeça. Vinte degraus abaixo, a passagem vertical se abria em um amplo recinto. O jovem saltou a distância restante, fazendo um estampido na superfície lamacenta ao aterrissar.

Encontrava-se em um canal principal, que, sem dúvida, cruzava toda a Cidade Alta. Uma construção retinha as rochas acima, e toras apodrecidas e faixas retorcidas de metal acrescentavam apoio adicional à estrutura do túnel. Um rio de esgoto com forte

correnteza passava, e havia uma passarela fixada à parede. Em alguns pontos, as trevas eram atingidas pela fraca luz do dia, que penetrava pelas fendas das ruas. Seria a única iluminação, não fosse o brilho fraco de uma fogueira logo após uma curva à frente. Drew foi ágil em rumar para o lugar de onde vinham as chamas, seguindo rente à parede.

A luz da fogueira refletia cada vez mais forte, à medida que ele fazia a curva. Drew ouviu o ruído de algo caindo na água. Semicerrou os olhos, observando a superfície amarronzada ondular enquanto a margeava. Um rato de quase trinta centímetros passou veloz a seus pés, fugindo do intruso.

Mais um ruído na água: algo caindo ou se mexendo?

— Drew! — Hector chamou.

Drew revirou os olhos — qualquer possibilidade de elemento-surpresa tinha ido por água abaixo. Se houvesse alguém além da curva, próximo à fogueira, já estaria preparado para recebê-los. Ele segurou a espada com firmeza.

O caminho estreito alargou-se, e Drew chegou ao que parecia ser uma junção do esgoto, um entroncamento que dava para quatro túneis. Uma plataforma larga e mal pavimentada encontrava-se rente à parede, próxima a passarelas de madeira que cruzavam os rios escuros, ligando um túnel ao outro. Havia uma fogueira sobre a plataforma, ainda em brasa, embora as chamas começassem a enfraquecer. Atrás, Drew ouvia o bufar de Hector, o amigo ainda se esforçando para acompanhá-lo, vez por outra praguejando.

Drew se apressou em alcançar a fogueira.

Restos apodrecidos de legumes e ossos espalhavam-se pelo chão. A plataforma ficava a dez passos, configurando-se um espaço modesto — além de limitado e sujo — para viver. Havia pedaços de papel rasgado por todo o chão, em número grande demais para serem examinados naquele instante.

Drew contou pelo menos dez cobertores imundos. Representariam o número de homens que estiveram ali? Olhou ao redor: três outros túneis se abriam em diferentes direções. “Qual escolher? Por onde foram?”

O som de botas arranhando o chão, proveniente de um dos túneis, tomou Drew de surpresa. Os passos eram rápidos e não demonstravam preocupação em ser discretos. Drew tinha de pensar rápido. Pegou a espada e, com ela, jogou os restos da fogueira na água. As centelhas sibilaram ao atingir o líquido fétido, imergindo em trevas profundas. Logo acima do entroncamento havia uma grade de drenagem, a qual permitia aos raios de sol lançar fracas porções de luz no local. Drew se arrastou rumo às passarelas e ficou rente ao chão, a espada junto dele.

— Queime os papéis! — mandou uma voz grave e forte. — Devia ter queimado antes de partirmos, imbecil!

— Achei que você havia queimado, capitão — respondeu outra voz, esta mais aguda. — Vamos nos apressar, capitão. Este lugar me dá arrepios, com todos esses bichos por aí. Não vejo a hora de me juntar aos outros. Foi sorte ele não ter cortado nosso pescoço.

— Luz maldita! Está mais escuro do que quando saímos — bradou a voz áspera. — Só nos faltava esta: a fogueira apagou. Como queimaremos os papéis sem fogo?

— É bom que aquela mulher valha a pena. Se os homens do Urso nos encontrarem, nosso destino será a força.

Os dois homens emergiram do túnel oposto ao que Drew havia usado para entrar. Um era maior, tinha ombros largos e fortes. O outro tinha compleição menor: dava no ombro do companheiro e apresentava, no máximo, metade de sua envergadura. Ambos usavam mantos negros e sujos, que os camuflavam quase totalmente em meio à penumbra do esgoto. Mas Drew já os aguardava e, oculto nas sombras, esquadrihava seus movimentos. Não os desejava mortos — ambos tinham levado Gretchen.

Apenas por esse motivo mantinha a fera sob controle, o Lobo dentro da jaula. Sabia do que era capaz, da força que possuía quando se transformava.

Não haveria nenhuma argumentação com esses homens se os encarasse como Werewolf — seria matar ou morrer, e isso não o ajudaria em nada.

Precisava daqueles homens vivos para interrogá-los. Eles estavam quase à sua frente quando saltou do lugar onde estava

agachado.

O punho de Drew foi direto contra o queixo do menor, fazendo-o voar e colidir com o companheiro, que se agarrou à barra de segurança da passarela. A barra se quebrou ao meio na tentativa do homem de manter o equilíbrio. A ponte de madeira tremeu, instável sob o peso dos três combatentes. Drew sentia as tábuas ranger sob seus pés. Pegou o homem menor pelo manto e o puxou para si com força, atingindo-lhe o rosto com o cabo da espada. O som de um nariz se quebrando foi seguido imediatamente por um grito, e Drew lançou o inimigo sobre a plataforma de madeira. Partiu em seguida para encarar o oponente maior.

Mais uma vez, um barulho na água chamou a atenção de Drew. “O que será? Há alguém ali?” Uma rápida olhada por cima do ombro, à luz fraca, revelou-lhe o soldado menor caído na plataforma, semiconsciente, e Hector observando-os. Voltou a atenção para o maior, que recobrou o equilíbrio.

O homem sacou uma espada de dentro do manto, arremessando-se contra Drew com selvageria. Drew ergueu sua espada, esquivando-se de três ataques cruéis. Em todos, o vilão ergueu a lâmina bem acima da cabeça e usou todo o seu peso no ataque. Os braços de Drew tremiam a cada choque de aço contra aço, que o empurrava para trás.

Ele permitia que o oponente avançasse, conduzindo-o à plataforma. O homem prosseguia, convencido de que estava em vantagem. Passaram pelo outro soldado, que cambaleava, o rosto manchado de sangue. Atrás dele, Drew via Hector aos tropeços, tentando manter distância da escaramuça. À

pouca luz, também distinguiu uma forma emergindo da água, próximo à plataforma. Teria de apressar a luta. Recuou ainda mais na direção da parede.

— Quem é esse seu amigo? — esbravejou o homem. — Vou matá-lo em seguida.

Drew deixou o homem falar, os olhos voltados para cima enquanto este pensava encurralá-lo. Saíram faíscas quando a espada do adversário atingiu o teto baixo, a lâmina escapando do seu punho e causando um estrondo ao cair no chão. Drew saltou

para a frente e, com a espada, acertou um golpe profundo na perna direita do oponente, que tombou um segundo depois, agonizante. Drew se inclinou sobre o vilão abatido. A distância, via o outro, o menor, arrastando-se pela passarela.

— Drew! — gritou Hector.

— Ele não tem como te atacar! — gritou Drew, aproximando-se do inimigo mais franzino.

— Não ele! — berrou Hector. — Aquilo!

Drew olhou para trás, os olhos lentamente se ajustando à escuridão. A imensa forma que se erguera da água avançava na direção de Hector. Tinha pouco mais de um metro, era corcunda e parecia ter pernas muito curtas.

Drew conseguiu divisar o pelo escuro que cobria a criatura e uma longa cauda.

— Proteja-se, Hector. Estarei com você assim que puder.

O soldado menor já havia desembainhado a espada, que usou repetidas vezes contra a ponte de madeira. As tábuas foram sendo despedaçadas pelos golpes, o homem recuando o tempo todo, destruindo a rota que Drew poderia usar para segui-lo. A passarela estava prestes a vir abaixo, prestes a desaparecer na água fétida e amarronzada. As toras caíam, e mais figuras se mexiam em meio aos dejetos, criaturas negras como a que subira à plataforma. Drew correu e saltou, alcançando a extremidade destruída da passarela e avançando na direção do oponente.

O homem ergueu a espada para se defender de Drew e o empurrou para longe. O impulso fez Drew colidir contra a parede da margem oposta da plataforma, as luzes cintilando diante de seus olhos enquanto se esforçava para não cair no rio.

— Sorin! — gritou o brutamontes, segurando a perna ferida. — Não me deixe aqui, seu porco! — Mas o grito alcançou orelhas surdas: o homenzinho já corria. Drew, ainda atordoado, viu o fugitivo Sorin ser engolido pouco a pouco pelas trevas, o som de seus passos desaparecendo ao longe.

Drew se recompôs, pronto para segui-lo antes que fosse tarde demais.

Mas um grito de Hector o deteve. Voltou-se para o outro lado do túnel.

Agora eram três figuras negras sobre a plataforma. Duas criaturas haviam se unido à que se lançara sobre o Boarlord. Hector tinha à mão um punhal incrustado de joias mas pouco prático, que comprara de um comerciante oriental. Pedras semipreciosas cobriam a empunhadura, e ele agora sentia cada uma das joias machucar a mão suada. Duas das criaturas se separaram, a cabeça rente ao chão ao se dirigirem ao brutamontes cuja perna sangrava. Elas triscavam uma na outra, rosnando e guinchando ao se aproximarem.

— Saíam daqui, monstros — berrou o homem, protegendo uma das pernas enquanto desferia chutes com a outra. Uma das criaturas mordeu a bota que estava na perna ferida e puxou-a com força. O homem gritou quando os dentes da fera alcançaram seu pé. Drew hesitou, indeciso entre perseguir Sorin e ajudar o amigo. O grito de Hector apressou sua decisão.

Só restavam alguns pedaços da passagem, por isso Drew teve de saltar em direção à passarela da margem oposta. Dobrou os joelhos e se lançou no ar, um longo salto às escuras. Atingiu o esgoto a poucos metros do seu alvo original, a água suja se esparramando. Esforçou-se para voltar à superfície, tendo perdido a espada com o impacto. As pernas se debatiam na sujeira, o líquido viscoso aderiu a seu corpo enquanto lutava para emergir. Queria respirar, mas engasgava com a água nojenta, os membros colidindo com objetos flutuantes. Sentiu algo tocar sua perna ao chegar à margem, onde degraus de metal conduziam à plataforma. Alçou o corpo e percebeu certa movimentação sob a superfície do líquido imundo. Garras atacaram suas pernas. Penetraram fundo, fixando-se para arrastá-lo de volta. Gritando furiosamente, Drew continuou a se erguer, as garras abrindo sulcos em sua coxa.

Ele rolou sobre a plataforma, e uma das feras emergiu da água viscosa no ponto em que ele mesmo se encontrava segundos antes. Incisivos gigantes como ossos, quebrados e amarelados, estalaram enquanto a criatura se preparava para persegui-lo. Sem fôlego, Drew tentou se colocar em pé.

Podia avistar Hector ao fundo da alcova, perdendo a batalha contra a outra fera, a longa cauda desta desferindo-lhe chicotadas, as mandíbulas roçando seu rosto. Drew saltou, agarrando o animal pelas costas e afastando-o do amigo. A fera se afastou com movimentos sinuosos por entre as pedras antes de voltar a ficar em pé.

— Você está bem? — perguntou Drew, apoiando Hector na parede. O rosto do amigo estava arranhado e sangrava, mas os ferimentos pareciam superficiais. O punhal espalhafatoso ainda estava em sua mão, a lâmina coberta de sangue escuro.

— Agora estou. — O amigo esboçou um sorriso corajoso. — Cuidado!

Drew virou-se rapidamente, protegendo o jovem magíster ferido e dando de cara com a fera, que investia contra ele, atingindo-o no peito com toda a força. Drew caiu. Encarando-a tão de perto, não teve mais dúvidas sobre o que enfrentava.

Era um rato do tamanho de um mastim, do tipo que o povo do norte usava para caçar ursos e lobos. Os olhos rosados do bicho resplandeciam, e ele parecia enlouquecido com seus dentes e garras à mostra. Drew pegou-o pela garganta, afastando aquelas perigosas mandíbulas de seu rosto enquanto a criatura rosnava e salivava. As garras dianteiras do rato cravaram-se em seus braços, rasgando a carne e fazendo-o gritar de dor. A fera lançou os membros posteriores contra o estômago de Drew, ferindo a pele exposta. As esperanças que ele tinha de capturar um dos homens vivo desaparecia pouco a pouco com o rumo que as coisas haviam tomado naquele momento. “Não”, pensou Drew. “Esta não é uma luta justa.”

O Lobo nem precisou ser invocado. Ferido, Drew apenas deixou que a fera se manifestasse, os olhos se revirando -enquanto o corpo iniciava a transformação. Seus braços ainda mantinham o rato a distância, mas ele sentiu os membros aumentar, as mãos se alongando até se tornarem garras.

O rato investiu novamente contra o estômago de Drew, mas sem sucesso, pois seu tronco havia se transformado no musculoso corpo do Werewolf. Os ossos cresciam sob a pele, adquirindo novas

formas, e a mandíbula estalou, deslocando-se para se tornar um focinho canino. A dor não era a mesma de antes. As aulas de Manfred tinham lhe ensinado não só a invocar a licantropia, mas também a apressá-la para torná-la indolor. Em segundos, já havia se transformado.

O rato continuava a lutar e atacar, aparentemente ignorando a transformação até ser tarde demais — passou então a se debater para se libertar. Drew já não mais o afastava simplesmente, mas o esganava. A criatura ganhava à medida que Drew intensificava o ataque. O guincho do rato foi interrompido em certo momento, as garras de Drew fechadas ao redor da garganta do bicho, sacudindo-o até que a vida se esvaísse de seus olhos.

Jogando a criatura para o lado, Drew se deu conta de que havia mais duas feras para encarar agora. Uma delas, aquela que o atacara no rio de esgoto, estava sobre a plataforma, sacudindo o pelo para se livrar da água suja, tal como faria um cachorro para se secar. E um dos ratos que havia atacado o vilão ferido voltara a atenção para Drew, aparentemente intrigado com a aparição do Werewolf. Ambos eram maiores do que o rato que atacara Hector. Mais uma vez, Drew ouviu ruídos na água suja — mais monstros?

Aquilo era obra de Vankaskan, sem sombra de dúvida. Tratava-se dos temidos bichos que os dois vilões haviam mencionado, cães de guarda do Wererat. Drew pôde ver que a silhueta do homem ferido no chão parara de se debater. Um rato estava sentado sobre seu corpo, mordendo e rasgando-lhe a pele, o focinho indistinto pelas sombras ao enfiar a cabeça no peito de sua vítima. Ratos menores se reuniram, surgindo das sombras, para verificar se haviam sobrado restos. Os dois outros ratos gigantes se entreolharam, parecendo prestes a saltar sobre Drew. Ele tinha de ficar alerta, prestar atenção neles. A situação poderia se complicar em um instante.

— Hector! — bradou — Saia daqui! Rápido!

— O que vai fazer? — perguntou Hector, começando a se dirigir à passarela por onde tinham vindo.

— Vou segurá-los aqui — rugiu Drew. Hector era ótimo em muitas coisas, mas transformar-se não estava entre elas; enquanto

permanecesse ali, corria perigo mortal. — Vou ganhar tempo para você. Vá!

Um dos ratos saltou. Drew lhe deu um golpe com o antebraço, atingindo-o no focinho. Ele quicou na parede enquanto o outro avançava, a mandíbula envolvendo o tornozelo de Drew, que atacou com as próprias garras, mas o pelo gosmento era impossível de segurar. O rato desviou para um lado e para outro, fazendo Drew girar e quase ir ao chão ao tentar pegá-lo. Drew sentiu um golpe forte nas costas quando o outro rato se lançou sobre ele, as presas se enganchando em seu ombro como pregos. Soltou um uivo de dor, erguendo a mão para tentar deter a fera. Com um rato em suas costas e outro rasgando sua perna, Drew estava em desvantagem e perdia a luta.

Hector partira em retirada veloz pelo túnel, rumo à escada. Outra figura surgiu da água. Drew tinha de dar fim àquilo antes que fosse vencido por completo. Lançando-se para trás, jogou os ombros contra a parede, esmagando o rato às suas costas contra os tijolos. A fera retirou as presas do ombro de Drew, soltando um ganido por causa dos ossos quebrados com o impacto. Após sentir a cabeça do animal pender, Drew concentrou-se no rato preso à sua perna. Enquanto tentava fazer uma manobra para se livrar do animal, abaixou o joelho livre, prendendo o bicho contra o chão. Em um movimento rápido, pegou-o pelas mandíbulas e abriu-as. Os dentes podres, porém afiados como punhais, tentavam cortá-lo, mas Drew era mais forte.

Com energia, abriu completamente os braços, quebrando as mandíbulas do rato, que caiu no chão já sem vida.

Agora, chegavam gritos do lugar por onde havia entrado. Luzes de tochas surgiram nas paredes do túnel. Drew podia ouvir homens chamando seu nome; os Sentinelas da Cidade estavam vindo. Ao perceberem a agitação, os ratos começaram a se dispersar. O rato que fizera menção de sair da água imergiu novamente, sumindo do campo de visão. Um monstro permaneceu sobre o corpo do homem morto, rosnando e protegendo seu prêmio. Drew avançou alguns passos, inclinou-se na direção dele e rugiu em resposta. O rato recuou ao reconhecer um oponente à altura; arrastando-se pela

plataforma, lançou-se no esgoto, o rabo fazendo a água ondular enquanto nadava para longe.

— Milorde! — vieram os gritos assim que os homens se aproximaram, o som de espadas e armaduras ecoando pelo túnel.

Drew, exausto, caiu de joelhos ao lado do corpo desfigurado do sequestrador, permitindo que o Lobo se fosse e que o jovem retornasse à forma. Quando os soldados se reuniram em torno dele, já estava em seu estado normal, embora todo arranhado e estropiado. Seu olhar pousou sobre o homem morto, o rosto iluminado pelas tochas, e Drew reconheceu a barba negra com mechas grisalhas.

— Brutus.

O capitão Brutus era membro da Guarda Leonina, um dos soldados de maior confiança do rei Leopold. Fora Brutus quem atacara Redmire, assassinando cruelmente o pai de Hector.

O capitão também tivera grande prazer em torturar Drew quando este chegara a Highcliff, como provaram as marcas em suas costas, provocadas por um chicote de prata.

Drew tentou ler algo no que restava dos papéis rasgados no chão; muitos outros já haviam se perdido nas águas.

Não havia nenhuma pista ali. Ele apontou na direção dos fugitivos.

— Por ali — esforçou-se para dizer, o peito arfando. — Depressa! Não podem ter ido muito longe.

Os homens partiram, tentando atravessar as passarelas quebradas, que dificultavam tremendamente a passagem.

Um dos soldados permaneceu com Drew e ajudou-o a se levantar. Drew não conseguia tirar da cabeça a visão de Manfred e Kohl mortos.

Ele fora a sombra do duque nas últimas quatro semanas, Manfred constantemente a seu lado, todos os dias, como professor e como amigo.

— Oh, Manfred, meu amigo — falou para si mesmo, pesaroso. — Que Gretchen não tenha o mesmo destino.

— O duque? — perguntou o soldado. — Perdão, milorde, mas mencionou o Staglord?

— Sim. Está morto, e não pude fazer nada por ele.

— Não é verdade, milorde — respondeu o soldado. — Duque Manfred está vivo!



A vingança do Staglord

O conde Mikkel esmurrou a mesa, quase partindo-a ao meio. Drew permaneceu em silêncio, apenas assistindo à avaliação do Conselho Lupino sobre os fatos do dia.

— Vou atrás deles! — irrompeu Mikkel, furioso. — Vou rasgar aquele Rato ao meio!

Drew observava as feições do Staglord, contraídas pelo esforço de tentar conter a fera. As pontas dos chifres já haviam emergido da testa, pontas marrons que o faziam parecer um demônio. O rosto estava contorcido, as veias pulsavam, e ele tinha os olhos arregalados, o largo nariz resfolegante de desgosto.

— Mikkel, por favor, acalme-se — implorou o duque Bergan.

— Já deveríamos estar atrás deles!

— Os patrulheiros os estão procurando, mas os esgotos são um labirinto, podem tê-los conduzido a qualquer lugar, dentro ou fora da cidade. Pelo menos três daqueles esgotos antigos dão em Highcliff. Mas vamos bloqueá-los até amanhã, garantindo que fiquem intransitáveis.

O conde Vega, o semblante fechado e sério, fez sinal de concordância.

— Não há nenhum rastro deles no porto — falou o capitão dos mares.

— Meus homens estão cientes de quem são os foragidos. Mas não há um indício sequer de sua presença.

— Eu deveria ajudar na busca — resmungou Mikkel, cerrando os punhos.

— Você está ajudando — respondeu Lord Broghan, postado ao lado do pai. — Sua presença aqui é essencial para decidirmos o que fazer.

— E o que vamos fazer, afinal? Meu tio, o magíster Kohl, está morto, e meu irmão luta pela própria vida. Eu deveria reunir um exército e marchar Vermire adentro. Foi para lá que a levaram, podem ter certeza!

Drew já ouvira o bastante sobre Vermire para saber que jamais desejaria visitá-la. Cidade portuária de assassinos e piratas, gozou de boas relações comerciais durante o reinado de Leopold, já que os navios que passavam por ali eram pilhados a mando do rei. Se Vankaskan havia realmente levado Gretchen para lá, era para lá mesmo que Drew iria.

— Não falemos em exércitos aqui, Mikkel! — esbravejou Bergan. — A última coisa que desejamos é uma guerra. Seu irmão está vivo, não se esqueça disso. Estamos próximos de expulsar o Leão e seus camaradas da Lyssia de uma vez por todas. Vankaskan foi audacioso ao dar essa cartada, mas ele está sozinho. Os outros quatro Wererats estão entocados com Leopold, lembra-se?

Bergan apontou para a janela, em direção à masmorra de Highcliff, enquanto Broghan concordava, a expressão sombria.

— Vamos encontrá-los. Não há como se esconderem por muito tempo.

— Rezo para que essas palavras sejam verdadeiras — replicou Mikkel.

— Mas quero que saibam de uma coisa: o Rato é meu!

— Mande um aviso para Stormdale — sugeriu Bergan, a voz calma. — Conte a eles sobre esse fato nefasto. Mas, por favor, mantenha seu exército lá, pelo menos por enquanto. Se puser os soldados em marcha pela Westland, vai disseminar o pânico pelos Sete Reinos. Permaneça aqui; mantenha sua voz ativa no Conselho Lupino. Se nos deixar, vai nos enfraquecer.

Mikkel sentou-se, entrelaçando os dedos, o queixo repousando sobre eles. Drew sentia uma empatia natural por ele. Até agora,

permanecera em silêncio, mas então se manifestou: — Milorde Mikkell — disse. Todos os olhares se voltaram para ele. — Seus atos denotam grande dignidade. Um homem mais fraco teria sido dominado pela raiva, e acredito ser exatamente isso o que Vankaskan desejava. Fico agradecido por você permanecer ao nosso lado.

— Sábias palavras, Drew — expressou Mikkell com serenidade, fazendo um breve, embora sincero, gesto de reverência com a cabeça.

— Se sou assim, devo essa sabedoria a seu irmão.

A vida de Manfred estava por um fio; se morresse, que efeito esse fato teria sobre o furioso Mikkell? Havia muitas perguntas sem resposta envolvendo o Wererat e seus planos, especificamente quanto ao lugar para o qual teria levado Gretchen e à quantidade de homens que o acompanhavam. É claro, existia outra maneira de conseguir respostas, mas ela não seria aprovada pelo Conselho Lupino.

Drew desejou que houvesse mais membros no Conselho. Os transmorfos que participaram da batalha de Highcliff já haviam assumido seus cargos na corte da Casa do Traidor. Mas dois dos Werelords inferiores que combateram naquele dia haviam retornado à terra natal: o conde Fripp, o Texugo de Bray, e o barão Mervin, o Gato Selvagem de Robben. A presença deles nesse momento poderia confortar o ânimo fragilizado dos camaradas. Até Vega, sempre extravagante, exibia um humor reservado.

Ainda que ele houvesse brigado com Manfred, no fim das contas o capitão dos mares respeitava o velho Cervo mais do que este poderia suspeitar.

Bergan parecia cansado. O Bearlord era um líder, não um burocrata, e era evidente que se sentia sob pressão. O desaparecimento de Gretchen fizera que uma multidão se reunisse às portas da Casa do Traidor, clamando por notícias.

O clima melhorou ligeiramente quando uma batida à porta anunciou a chegada do capitão Harker, recém-chegado de uma missão. O soldado fez uma mesura para os Werelords reunidos antes de abraçar seu soberano.

— Milorde — cumprimentou-o.

Harker estava exausto e mais grisalho; a barba crescera desde a última vez que Drew o vira, um mês atrás. Havia um curativo na cabeça do soldado.

— Conde Mikkel — Harker começou —, conversei com os Sentinelas.

Ofereço-lhe minhas mais profundas condolências por sua perda e rezo pela pronta recuperação do duque Manfred.

O Staglord fez um sinal de agradecimento a Harker. O capitão então voltou-se para Drew com um movimento brusco.

— Majestade — disse, fazendo uma breve mesura.

— Ainda não — replicou Bergan.

— Pode continuar a me chamar de Drew por enquanto, capitão. Qualquer outro termo faria eu me sentir um impostor.

— Muito bem... Drew — falou. — Você foi ferido?

Drew examinou o próprio corpo. Esquecera-se por completo dos ferimentos; ele também tinha curativos, como o capitão. As feridas já haviam sido tratadas, e os cataplasmas e as drogas que Hector lhe aplicara preveniam contra quaisquer outras doenças que Drew pudesse ter contraído no esgoto. Ele mal podia esperar para saber o resultado da tarefa confidencial do Boarlord.

— Podemos dizer que sim — respondeu Drew. — Você parece ter se metido em uma escaramuça também.

— Isto? — perguntou Harker, batendo um dos dedos no curativo ao redor da cabeça. — Dificuldades nas Terras Áridas. Os problemas em Vermire já foram debelados, mas, quando retornava com minha companhia pela Grimm's Lane, encontrei alguns bandoleiros de Muller.

O Xerife Muller, autoproclamado Lord das Terras Áridas, não era um transmorfo. Era um mercenário, ex-membro da Guarda Lupina de Wergar.

Quando o exército do Lobo foi desmantelado, ele escolheu a vida de bandido. Escorraçado da Westland, reuniu vários como ele. Agora, esse pequeno exército se tornava mais audacioso, passando a atacar os assentamentos menores e menos protegidos nas fronteiras da Westland.

Harker prosseguiu: — Acabamos tendo de persegui-los, o que atrasou nosso retorno. Peço perdão, milorde.

Bergan fez um gesto demonstrando que as desculpas eram desnecessárias.

— O homem que capturar Muller, vivo ou morto, receberá cem moedas de ouro. Tratam-no como uma espécie de mártir. Lembrome muito bem dele: um soldado duro, mas de caráter fraco, imprevisível. Mais cedo ou mais tarde, vai se autointitular rei!

— É possível que Vankaskan tenha pedido ajuda a Muller? — perguntou Drew.

Os outros se entreolharam; não haviam considerado essa possibilidade.

— É possível — Broghan murmurou. — As Terras Áridas são vizinhas a Vermire.

Bergan concordou.

— Não vai dar tempo nem de tirar a poeira do corpo, capitão. Temo que sua companhia tenha de dar meia-volta antes do esperado.

— Basta apontar a direção, milorde, e partirei em seguida — respondeu Harker, o queixo reto e os olhos fixos em profunda concentração.

— Agora, o mais importante — disse Bergan, dando um tapa amigável no ombro de Harker. — Minha filha já voltou?

— Sim, e está bem. Estaríamos perdidos sem ela.

— É mesmo? — Bergan respondeu com um misto de surpresa e orgulho.

— Nosso patrulheiro principal, Cooper, caiu num ninho de víboras quando saía de Vermire. Ficou todo picado. Vai sobreviver, mas ficamos sem patrulheiro. Lady Whitley assumiu o posto; jamais teríamos conseguido caçar os bandoleiros de Muller se ela não estivesse conosco. Conduziu-nos direto ao acampamento deles, mesmo este estando escondido. Tão competente quanto qualquer outro patrulheiro com quem já trabalhei.

Bergan soltou um grunhido na direção do filho.

— Achei que ela não corresse perigo...

— Está de volta e a salvo, não está? — disse Broghan.

O jovem Werelord recebeu um olhar enviesado do velho Urso, e Bergan voltou-se para Harker mais uma vez: — Obrigado por devolver minha filha a salvo, capitão.

Drew aproximou-se de Harker.

— Quando estiver pronto para partir, ficarei honrado se me deixar viajar com você.

Antes que Harker respondesse, o Lord de Brackenholme se manifestou: — De maneira nenhuma!

Drew voltou-se para Bergan: — Perdão? Você não responde por mim, duque Bergan.

— Como Lord Protetor, sou encarregado da segurança dos Sete Reinos da Lyssia. Isso inclui garantir que o herdeiro do trono da Westland permaneça completamente fora de perigo. Não posso permitir que vá.

— Não pode permitir? Você não é meu pai. Se eu decidir ir, vou e pronto.

— Então terei de me colocar em seu caminho.

— Eu também — resmungou Mikkel. — Você tem um programa de aprendizado a cumprir.

— Programa de aprendizado a cumprir? — Drew sentia a ira tomando seu ser. — Com todo o respeito, Mikkel, meu professor está no momento sob os olhares cuidadosos dos magísteres, lutando para sobreviver. Ele está longe de ter condições de me perseguir com sua espada cega.

— Então eu mesmo assumo as aulas — urrou Mikkel, sem conter a raiva. — Você é apenas um garoto! De modo algum permitiremos que arrisque o futuro da Lyssia numa aventura tola.

— Não é uma aventura — esbravejou Drew. — Trata-se de encontrar uma amiga. Não sou mais criança. Vocês não podem me saudar como o homem que destronou um tirano em um momento e, no seguinte, me embalar como se eu fosse um bebê!

— Usaremos todos os recursos disponíveis para encontrar Gretchen — afirmou Broghan. — Tenho certeza de que você é capaz de compreender que é uma tolice se arriscar.

O sangue de Drew fervilhava. Fazia um mês que só recebia dos Werelords mais velhos ordens sobre o que fazer e aonde ir. Buscou

o apoio de Vega, que demonstrou um interesse súbito pelo cabo da própria espada.

— Não tem nada a dizer? — perguntou ele ao capitão dos mares. — Você sempre tem alguma opinião, sobre qualquer assunto.

O conde olhou para cima, o sorriso radiante como sempre.

— Na verdade, concordo com Drew — ele comentou, para surpresa de todos. — Deixem que vá e encontre a moça. O rapaz foi abençoado por Sosha até agora; por que algo daria errado?

Bergan bateu palmas em uma exibição de sarcasmo.

— Excelente. Falou a voz da razão. Eis um exemplo de confiança inabalável, como sempre, meu caro conde.

Vega deu de ombros.

— Digo apenas o que penso. Drew superou todos os obstáculos que lhe foram impostos até agora, desde a Dyrewood, a serpente, até minha própria e lamentável traição. O rapaz pode cair numa rede de pesca que vai sair cheirando a óleo de Spyr.

Drew fez uma mesura em agradecimento. Todos se sobressaltaram quando Bergan socou a mesa.

— Esse assunto não está em discussão — falou o Urso. — Fiz uma promessa a você e a seu povo, Drew: que o manteria a salvo de perigos.

Você fica, e ponto final.

Drew vestiu o manto, prendendo o fecho apressadamente em torno da garganta.

— Aonde vai? — Bergan perguntou, apertando os olhos em sinal de desconfiança.

— Desejo a companhia de amigos — respondeu Drew, curto e grosso.

— Não se preocupe, duque Bergan. Não planejo saltar os muros. O Boarlord e a Lady de Brackenhholme podem acalmar meus ânimos. Sinto-me... no limite.

Fez uma mesura para se despedir.

— Drew — Bergan prosseguiu em tom calmo —, você tem de entender. Faça isso por todos, principalmente por sua mãe, a rainha Amelie.

Ela acaba de reencontrá-lo após tantos anos. Não a faça lamentar sua perda uma segunda vez.

Drew se assustou. Não esperava tais argumentos de Bergan. Virou-se e deixou o aposento, batendo a porta.

Já havia descido metade da escada, quando avistou Whitley, que a subia.

— Drew! — ela gritou, o rosto corado. Ele apressou o passo ao vê-la, e seu mau humor desapareceu de imediato. De braços abertos, saltou o último degrau para abraçá-la.

— Oh, como é bom revê-la, Whitley! — disse, segurando-a à sua frente para observá-la melhor. Estaria mais alta que no mês passado? Parecia ter crescido, com aquele gibão de couro reforçado e as longas botas que iam até os joelhos. Braçadeiras protegiam cada antebraço, e um punhal de caçador se prendia à coxa. Os cabelos castanhos estavam amarrados numa grossa trança sobre os ombros, para não caírem no rosto. Estava suja devido ao tempo que passara na estrada, mas o sorriso era caloroso e alegre como sempre.

— É bom revê-lo também, Drew. Estava indo ao encontro de meu pai.

Creio que o capitão Harker tenha chegado na minha frente. Parece haver uma grande comoção nos portões. O que está acontecendo? Perdi algo importante?

Drew fitou o caminho escadaria abaixo, mordendo os lábios. Hector já devia ter feito algum progresso. Poderia confiar em Whitley? Guardas passavam por ambos, subindo a escada, e serviçais desciam; Drew aproximou-se ainda mais de Whitley.

— Venha comigo — sussurrou. — Tem uma coisa que quero lhe contar.



Autópsia

As botas fustigavam as poças d'água ao avançarem pelo corredor. O complexo de celas fora abandonado assim que o Conselho Lupino assumira o governo. Sob a regência de Leopold, elas fervilhavam de prisioneiros. Três andares de subsolo sem uma nesga de luz natural, o Poço, como era conhecido, foi evacuado em uma das primeiras ações de Bergan. Prisioneiros que estavam atrás das grades havia mais de uma década foram devolvidos à superfície, já enlouquecidos pelo confinamento no breu total. O Conselho Lupino votara com agilidade a favor do fechamento e da destruição de todo esse andar, garantindo que ele nunca mais confinasse seres humanos, independentemente do crime. Apenas a necessidade premente de arrancar Leopold da masmorra detivera os conselheiros de prosseguir com a tarefa.

Drew ergueu a tocha e olhou para trás; já alcançavam o fim do corredor. A chama bruxuleante iluminava as câmaras com grades ao passarem. Formas familiares sob lençóis brancos jaziam sobre bancos nas celas abandonadas. A atmosfera gélida mantinha os aposentos refrigerados, o que fez Drew se lembrar do açougueiro de Tuckborough, que tinha uma sala na qual guardava as carnes para que elas não estragassem. Mack Ferran vendia animais ao homem com frequência, e a sala congelante sempre deixava Drew nervoso.

Ninguém os seguira: os serviçais ficavam mais tranquilos na Casa do Traidor. As imensas portas à entrada da antiga prisão eram bem guardadas, mas, uma vez dentro da torre, era relativamente fácil se movimentar por ela com liberdade. Já que o Poço estava sendo usado atualmente como necrotério improvisado, poucas pessoas se dirigiam ao local. A não ser, é claro, que fossem transportar os falecidos.

— É assim mesmo? Sem guarda nenhum? — perguntou Whitley quando pararam ao fim do corredor. Três degraus de pedra conduziam a uma grossa porta de madeira. Uma marca desbotada na parede assinalava que aquele lugar já fora uma das salas da Guarda.

— E o que há para proteger aqui? — perguntou Drew.

Whitley deu de ombros e esticou a mão em direção à maçaneta, mas Drew se antecipou com rapidez, segurando-a.

— O que foi?

— Atrás desta porta, o que você vai ver... — disse Drew. — Não quero que entre em pânico.

— Como assim? É só o Hector meditando, não é?

— É algo mais... animado que isso.

— Não entendi — a garota respondeu, agora hesitante, encolhendo as mãos.

— Acho que terá de ver por conta própria. — Pegou a maçaneta de ferro e girou-a. Drew empurrou a porta, que rangeu ao abrir, e fez sinal para Whitley acompanhá-lo. Seus passos eram curtos e cautelosos.

Comparado às celas pelas quais haviam passado, aquele recinto era mais austero. Duas tochas encontravam-se acesas em cada lado da parede.

Drew aproveitou para depositar a sua em um suporte livre. Havia três beliches junto à parede e uma escrivaninha ao lado da porta. Um livro de registro carcomido pelo tempo acumulava pó, e uma pena de aspecto asqueroso jazia dentro de um tinteiro seco. No centro da sala ficava uma pesada mesa, a qual sem dúvida já fora utilizada pelos guardas para tudo: comer, beber, jogar. Drew

estava mais preocupado com o que atualmente se encontrava sobre ela.

Um lençol branco cobria o cadáver, manchado de marrom nos pontos nos quais o sangue vazara. Hector estava de costas para eles, sentado no chão de pernas cruzadas, e Drew avistou o círculo amarelado de enxofre que ele traçara com cuidado ao redor da mesa. A comunhão com os mortos era proibida em toda a Lyssia, embora ainda fosse praticada em sociedades remotas. Fora banida havia muito tempo pela Guilda dos Magísteres, que mantinha conhecimentos ancestrais. Não foram poucos os magísteres que, com a mente deturpada pelo poder que a magia exercia sobre eles, mataram apenas para interrogar ou controlar um cadáver. Era intolerável. No entanto, naquele caso, como Hector informara a Drew, parecia absolutamente necessário.

Hector entoava as mesmas palavras que Drew ouvira numa noite assustadora na Wyrwood. Enquanto procuravam Gretchen, Drew e Hector encontraram uma tribo de Wyldermen, selvagens que adoravam a grande Wereserpent Vala. O Xamã dos Wyldermen fora assassinado, mas o encontro deles não acabara ali. Hector trouxera o homem do mundo dos mortos e conversara com o cadáver para descobrir aonde a amiga tinha sido levada. Drew sentiu calafrios percorrerem sua pele. Na mão direita de Hector, havia uma grande vela negra, cuja chama bruxuleou quando entraram no recinto, e na esquerda, uma poça de cera derretida.

— O que ele está fazendo? — sussurrou Whitley, o tom de voz evidenciando nervosismo. Drew sentiu a mão dela se fechar com força ao redor da sua, e a apertou em resposta.

— A comunhão.

— Mas é proibido! Não é perigoso?

Drew não queria lhe contar o que testemunhara quando Hector trouxera de volta o Xamã dos Wyldermen.

— Não se preocupe, Whitley; Hector sabe o que está fazendo. — Colocou o braço em torno dela para reconfortá-la e se posicionou ligeiramente à frente, para o caso de as coisas darem errado, como da outra vez.

Hector se calou repentinamente e fechou a mão em que havia cera derretida. A cera escorreu pelo antebraço, a manga levantada até o cotovelo. Ele bateu o punho cerrado contra o chão uma vez. Duas vezes.

Três vezes.

— Veja! — disse Whitley, quase sem fôlego, o dedo trêmulo apontando para a mesa.

O lençol se mexeu levemente, como se uma brisa houvesse passado por ele. Mas Drew sabia que não havia correntes de ar no Poço. Era uma cripta hermeticamente fechada.

A voz de Hector era calma e confiante: — Erga-se, criatura, e obedeça às ordens de seu mestre.

O cadáver do capitão Brutus de súbito se sentou ereto na mesa, como uma marionete. Drew e Whitley recuaram de modo instintivo, mas Hector permaneceu onde estava, as pernas cruzadas e o punho ainda plantado com firmeza no chão. Demonstrava grande autocontrole, considerando-se que aquele era o cadáver do homem que matou seu pai. A ousadia que Hector demonstrara ao invocar o velho Xamã foi substituída por certa precaução, pela qual Drew se sentia muito grato.

— Onde estou? — murmurou o cadáver. As tochas iluminavam o lençol, a silhueta do corpo visível sob o pano. Drew estava aliviado pelo fato de o lençol ter permanecido sobre o corpo, para o bem de Whitley. Os ratos haviam feito um excelente serviço ao arrancarem a carne do capitão e devorarem-lhe o peito.

Embora seu tronco permanecesse imóvel, havia uma nota de pânico na voz do cadáver, a cabeça mexendo de um lado para outro, como se examinasse a sala.

— Escuridão. Estão na escuridão — disse o morto. — Tudo escuro.

Garras. Dentes.

— Eles já foram embora — explicou Hector ao assassino de seu pai. — Estão mortos. Os ratos se foram.

— Não, não, não — ganiu o capitão morto, temeroso. — Estão ao meu redor.

— Já se foram. Não podem mais feri-lo. Você está... morto.

Drew sentiu a mão de Whitley apertar a dele a ponto de lhe quebrar as juntas.

— Morto? — murmurou o cadáver, aparentando não estar plenamente ciente de seu destino. — Então por que sinto os dentes e as garras? Por que os ouço gritar?

Hector olhou por cima do ombro, em direção a Drew, como se perguntasse “o que devo dizer?”, Drew deu de ombros e balançou a cabeça, indeciso.

— Pergunte sobre Gretchen e Vankaskan!

Hector voltou-se para o capitão e pigarreou.

— Para onde seu mestre levou nossa amiga?

O cadáver de Brutus não respondeu; ainda olhava assustado ao redor, o lençol se movimentando sobre ele. Hector ergueu a voz: — Lady Gretchen! Seu mestre a levou. Quais são os planos dele?

A atenção do capitão falecido foi atraída pela voz alterada.

— A mulher. Nós a levamos. Ele jamais falou dos planos. Nunca lhe perguntei. Apenas obedeci.

Hector balançou a cabeça, incomodado.

— Para onde ele ia?

— Sul — respondeu o cadáver. — Íamos para o sul.

“Então foram para o sul”, refletiu Drew. “O que ficava ao sul de Highcliff senão as Longridings, terra dos Horselords? O Rato teria aliados lá?”

— Para onde, especificamente? — perguntou Drew.

Hector elaborou a pergunta: — Por que o sul é tão importante para Vankaskan, seu mestre?

O cadáver soltou um riso baixo, a caixa torácica no peito aberto produzindo um ruído áspero.

— Qual é o motivo do riso? — perguntou Hector. O cadáver ignorou a pergunta, e os ombros de Hector se empertigaram, indício de que começava a perder o controle. — Por que está rindo? — bradou o Boarlord.

— Vankaskan não é meu mestre — gaguejou o cadáver. — Meu mestre é o príncipe Lucas.

Hector voltou-se para Drew; sua expressão era um misto de surpresa e preocupação. Nenhum deles havia considerado até então

a participação de Lucas no sequestro; parecia obra do Ratlord, principalmente pela escolha dos esgotos como rota de fuga. Tanto Drew quanto Hector tinham consciência do quanto o príncipe era desvairado. Se realmente havia colocado de novo as garras sobre Gretchen, quem poderia saber quais eram suas intenções?

— Se Lucas estiver com Vankaskan e tiver Gretchen em seu poder...

— começou Drew.

— O sul — continuou Hector, voltando-se mais uma vez para o cadáver de Brutus: — Para onde seu mestre se dirige?

— Bast — sibilou o corpo sem vida do capitão, a língua semidevorada deslizando sobre o lençol que um dia fora branco. — Bast.

Hector, Drew e Whitley se entreolharam. Bast: a selva ao sul da Lyssia.

Terra natal de Leopold.

— Temos de detê-lo — decidiu Drew. — Se ele tomar um navio para o sul, vamos perdê-los.

— Devemos notificar cidades e portos ao longo da Costa Gélida — acrescentou Whitley. — Temos de alertá-los sobre Lucas e Vankaskan, para garantir que as rotas de passagem sejam fechadas.

— E o Cabo Gala? — perguntou Hector. — Não temos notícias do Cabo Gala desde que Leopold perdeu o trono. E se ele tiver aliados lá? E se o duque Lorimer for amigo do Leão?

Drew olhou para o cadáver. Hector percebeu o olhar de Drew e o imitou. O corpo de Brutus oscilava de um lado a outro, como se desviasse de uma série de golpes. As lamúrias recomeçando.

— O que há de errado com ele? — perguntou Drew.

Hector não respondeu; observava a área vazia ao redor do morto, como se antevisse os inimigos imaginários que o homem enfrentava.

— Eles mordem! — gritou o cadáver. — Dentes afiados! — As mãos se ergueram sob o lençol. À pouca luz, Drew distinguiu a silhueta dos membros dilacerados de Brutus, alguns dedos faltando em ambas as mãos.

— Hector? — perguntou Drew.

Mais uma vez o Boarlord não respondeu; agora era a cabeça dele que oscilava de um lado para o outro. Seu rosto estava pálido, e os olhos, arregalados.

— Drew... — Whitley chamou, a voz tomada pelo terror.

— Hector! — gritou Drew.

Já testemunhara o caos da outra comunhão. Teria de acabar com aquilo antes que acontecesse a mesma coisa. Apressou-se em direção a Hector, caindo de joelhos ao lado dele. A cabeça do Boarlord se sacudia; dos lábios frouxos saíam apenas palavras sem sentido. Enquanto isso, o cadáver de Brutus tremia, movendo-se sob a influência de uma força invisível. Drew ouviu o som de algo rasgando. O cadáver gritava, agonizando mais uma vez.

— Hector, dê um fim nisso! — berrou, sacudindo o amigo. — Já conseguimos o que desejávamos!

Sem resposta, Drew lhe deu um tapa no rosto. O corpo do capitão se erguia no ar agora, parecendo levitar, prestes a cair da mesa. Drew desferiu outro tapa na face do amigo.

— Hector!

O Boarlord repentinamente voltou a si, os olhos recobrando o foco.

— Sim — balbuciou. — Dar um fim nisso. Dar um fim. — Abriu a mão esquerda, tingida de negro devido à cera líquida, que continuava morna.

Ergueu-a diante do cadáver de Brutus enquanto o corpo do falecido se agitava sem parar, atormentado por oponentes invisíveis.

— Retorne ao lugar de onde veio! — gritou e bateu a mão contra o chão.

No mesmo instante, o corpo estacou, detendo sua dança demoníaca, e se desfez em um amontoado de carne e ossos destrocados sobre a mesa, o lençol esvoaçando pela última vez antes de pousar sobre o corpo.

A sala estaria em total silêncio, não fossem os soluços de Hector. Drew arrastou-se pelo gelado chão de pedra, aproximando-se do amigo para abraçá-lo.



Sob o véu das trevas

Um cervo branco movimentava-se pelos campos cinzentos, o corpo subindo e descendo ao correr ao sabor do vento.

A bandeira de Stormdale encontrava-se a meio mastro na Mansão dos Senhores. Os moradores lamentavam a perda de um de seus lordes e rezavam pela recuperação de outro. O humor dos guardas era sombrio.

Alguns deles haviam chegado à cena do crime junto com o Lobo e o Boarlord. Outros receberam a notícia da morte do magíster Kohl mais tarde, na troca de turnos. Todos se sentiam pesarosos e desejavam caçar os assassinos, sem saber que, dentro da mansão, a caçada já -começara.

Drew mantivera a janela dos aposentos aberta, para fazer uma retirada rápida — não queria acordar ninguém na casa. Os sinos do Templo de Brenn badalavam meia-noite, hora tão boa quanto qualquer outra para partir. A vista da sacada dava para o porto e toda a Cidade Baixa, as mansões dos mais abastados de Highcliff pontilhando o morro. A lua cheia o atraía com todo o seu poder — ele sentia nos ossos uma dor contínua que lhe implorava para que recebesse a fera. As lições de Manfred eram de grande serventia em momentos como este. O Lobo não fora sobrepujado, mas Drew sentia um controle jamais experimentado. Fora dos muros da cidade, ele teria a oportunidade de se lançar sobre quatro patas.

Abaixo, no pátio, Hector o aguardava. O Boarlord era a saída para Drew — ficara evidente que Bergan não aprovava sua partida. Mas os dois não poderiam fazer isso sozinhos. Drew prendeu o manto por cima dos ombros; o verde-escuro de Brackenholme seria a camuflagem ideal na floresta. Não o seria dentro de Highcliff, é verdade, mas seus alvos não estavam na cidade. Estes rumavam para o sul, e em grande vantagem. Drew jogou a mochila por cima do ombro antes de abrir o baú aos pés da cama.

Vazio. Tudo desaparecera.

— Atrás disto? — disse uma voz quase inaudível. Drew se sobressaltou, os olhos tentando focar algo nas trevas. Era a rainha Amelie, que trajava um longo manto cinza e trazia nas mãos a espada Wolfshead. A preocupação estava estampada em seu rosto, e cada ruga se distinguia ao luar.

— É a espada de Mack Ferran, não é? Uma boa espada, empunhada por um homem corajoso em defesa deste reino. A espada de Wergar desapareceu quando ele foi morto.

A voz dela era triste ao fitar a Wolfshead e se recordar de tempos mais felizes. Drew não sabia o que dizer — não esperava ser descoberto no momento da fuga. O plano fora por água abaixo. Era questão de tempo até que ela chamasse os guardas. Amelie repentinamente ergueu o olhar, como se sentisse o quanto o filho estava tenso.

— Qual era o plano? Desaparecer?

— Desculpe. Temia que você tentasse me impedir.

— É isso o que você teme? — perguntou Amelie, aproximando-se. — Que eu chame os guardas?

— E não vai fazer isso? — perguntou Drew, a voz cedendo à emoção.

Ela lhe estendeu a espada, o cabo a pouca distância de suas mãos.

— Tome sua espada, Drew. Encontre Gretchen. Detenha o mal.

Drew não tocou na espada, questionando-se se aquilo não seria um teste. O humor de Amelie era muito inconstante. Quinze anos de luto, tendo sido constantemente sedada por Leopold, haviam-na tornado uma mulher frágil.

— Mas, mãe — sussurrou, a palavra ainda estranha a seus lábios —, e se o mal estiver sendo empreendido... por seu outro filho?

Ele não podia esconder a verdade, afinal, ele e Lucas eram irmãos, filhos da mesma mãe. Absolutamente distintos, mas unidos de modo incontestável no coração da rainha Amelie. Se os dois entrassem numa contenda — e sair à procura de Gretchen provavelmente levaria a isso —, o resultado poderia ser a morte de um deles.

— Lucas sempre foi problemático. Um sacerdote de Brenn nos alertou de que seu nascimento estava cercado de profecias obscuras. Leopold ordenou que matassem o sacerdote. Lucas sempre foi doce comigo, mas não com os outros. Testemunhei meu filho surrar seus tutores quando criança e mandar açoitar criados. Há muito do pai nele. Eu o amo, Drew, e nada vai mudar isso. Mas sei que meu filho é perverso. Se você puder salvá-lo, então lhe imploro que o faça, por mim. Mas se a alma dele for irrecuperável...

Não conseguiu terminar a frase, a espada começando a tremer entre seus dedos. Drew pegou a empunhadura, tirando o peso das mãos dela.

Aproximou-se e a abraçou, permitindo-lhe que chorasse. Ele falou com calma, escolhendo bem as palavras: — Eu lhe juro, mãe; se for preciso, darei fim a esse tormento. — Depositou-lhe um beijo carinhoso na testa. — Sabe por que tenho de fazer isso, não sabe? — E prosseguiu: — Não posso confiar a outro minha própria luta.

Ela acariciou o rosto do filho.

— Oh, Drew, você jamais saberá quanto se parece com seu pai. Embora o mundo dele fosse preto e branco, povoado apenas por amigos ou inimigos, você percebe as nuances de cinza.

Drew olhou para a sacada e depois voltou-se para a rainha: — Desculpe-me por envolvê-la nisso, mãe, mas preciso mesmo ir. O tempo não está a nosso favor.

— Só mais uma coisa, Drew — disse ela, enfiando a mão num dos bolsos do manto e retirando um anel de metal, que lhe estendeu. — Foi meu presente de casamento para Wergar, e agora é meu presente para você.

O anel tinha um selo com a imagem de um lobo enfurecido, garras e dentes à mostra. Amelie sorriu quando Drew passou o dedo pelo metal, demorando-se em cada detalhe.

— Fiz o duque Henrik de Icegarden usar seus melhores ourives na feitura desse anel, e não me desapontaram. Ele foi abençoado pelos anciões de Shadowhaven. Wergar nunca o tirou do dedo.

— É incrível — disse Drew, alojando-o no dedo médio da mão esquerda. — Coube perfeitamente.

— É feito com um metal encantado de Strakenberg, segundo Henrik me contou. Ele vai se transformar quando você se transformar, Drew, expandindo ou encolhendo.

A rainha parecia mais contente do que Drew jamais vira ao relembrar com saudade fatos do passado.

— Não existem ourives melhores na Lyssia do que aqueles que você encontra sob as Whitepeaks — prosseguiu. — Os sturmianos protegem muito bem seus segredos. O pai de Henrik, Ragnor, usava uma manopla encantada em formato de pata de urso em suas contendias. Punho Branco de Icegarden, era como o chamavam. Houve uma época em que todos os antigos Werelords portavam artefatos sturmianos no campo de batalha.

Leve este anel e mantenha-o com você.

Drew observou mais uma vez o anel de Wergar antes de levar um joelho ao chão e fazer uma mesura diante da rainha. Ela deu um passo à frente, ajudando-o a se levantar para abraçá-lo.

— Agora vá, depressa.

Drew correu para a sacada, agarrou-se às trepadeiras e desapareceu na escuridão. Hector assistia a tudo com nervosismo, relanceando o olhar de quando em quando à guarita. Drew aterrissou com elegância no chão empoeirado.

— Por que o atraso?

— Despedidas — Drew respondeu, empurrando o amigo em direção aos portões. Quando se aproximaram, o capitão da guarda veio recebê-los.

— Milordes — cumprimentou. — Tenho guardas preparados para escoltá-los à Casa do Traidor. Eles aguardam nas tendas. Esperem enquanto os convoco.

Não era o que haviam planejado. Hector contara aos guardas do portão que Drew fora convocado para uma reunião de emergência do Conselho Lupino. Qualquer outro motivo para deslocar o herdeiro do trono no calar da noite não seria aprovado. Os guardas tinham ordens estritas de manter o olho em Drew — Hector havia até mesmo assinado essas ordens. Ambos esperavam partir a sós. Guardas atrairiam atenção, e, mais importante, a Casa do Traidor não era o destino dos dois.

— Não será necessário — disse Hector. — Lord Drew e eu podemos seguir para a Casa do Traidor sozinhos.

— Permissão para falar abertamente? — perguntou o capitão, ansioso.

Era um homem corpulento com uma farta mecha de cabelos ruivos caindo sobre o cenho. Parecia ser um soldado experiente, um guerreiro dos mais habilitados.

— Por favor.

— Com todo o respeito, milorde, duque Manfred partiu com o mesmo destino hoje pela manhã, e sabemos o que lhe aconteceu. Seria negligente de minha parte deixá-los sair sem meus soldados.

Hector inquietou-se, esforçando-se para achar uma resposta à reação perfeitamente racional do capitão. Um deslize terminara em tragédia, e a última coisa de que os guardas precisavam agora era mais derramamento de sangue. A solução de Drew foi valer-se de sua posição.

— Capitão Graves, certo? — perguntou Drew.

Graves concordou, satisfeito pelo fato de o futuro rei lembrar seu nome.

— Sua oferta é generosa — continuou o jovem Werewolf. — Mas garanto que seus homens não serão necessários. Os responsáveis pelo ataque desta manhã já estão longe, bem além das muralhas, e a cada minuto que passa diminui nossa chance de capturá-los. Agradeço-lhe, capitão, mas mantenha seus homens aqui, para proteção da rainha Amelie.

Drew fez menção de seguir em frente, mas Graves não desistiu. Ergueu a mão, e o peito de Drew colidiu com ela.

— Perdão, milorde, mas não posso deixá-lo partir sozinho.
Ordens do Conselho Lupino.

Drew ficou impressionado com o homem. Em outra circunstância, seria bom saber que Graves se atinha a detalhes, especialmente tendo sua mãe e o moribundo Manfred por perto. Mas agora o senso de dever persistente do capitão estava sendo um estorvo. Sentiu ódio de si mesmo pelo que fez, mas ele e Hector tinham de sair dali.

— O Conselho Lupino serve a mim, capitão — esbravejou. — Dê-nos licença.

— Ordens do Lord Protetor — insistiu Graves, empertigando-se. — O senhor apresenta risco de fuga, milorde. O Conselho Lupino teme que tente deixar Highcliff. — Não olhava Drew diretamente, mantendo-se em posição de sentido, como um bom soldado.

“O bom e velho Bergan”, pensou Drew, enquanto Hector recobrava a compostura. O Boarlord colocou as mãos dentro do colarinho e retirou um disco pendurado em um colar. O medalhão do lobo reluziu sob a luz da Lua.

O militar mirou o medalhão.

— Reconhece este amuleto, capitão? — perguntou Hector com frieza.

— Ótimo. Eu sou o Conselho Lupino. Agora nos dê licença. Nós conversaremos com você assim que retornarmos.

O guarda não se moveu de imediato. Os olhos continuaram fixos no medalhão. Aos poucos cedeu, deslocando-se para o lado.

— Minhas desculpas, milordes — disse, curvando-se. — Guardas: o portão!

Drew lançou um olhar enviesado para Graves ao passar, embora no fundo quisesse elogiá-lo por desafiá-los. Com um homem como ele para cuidar da Mansão dos Senhores e da segurança de sua mãe, Drew poderia ficar tranquilo. Os portões se abriram, e os dois Werelords seguiram para o caminho pedregoso da Lofty Lane.

Quando se afastaram o suficiente de ouvidos alheios, Drew disse a Hector: — Depois que eu partir, garanta que Graves não seja punido. Melhor: condecure-o.

A caminhada até a Cidade Alta levou quase uma hora. A cada cruzamento, inevitavelmente, eles encontravam Sentinelas. Fossem ou não Werelords, o toque de recolher estava em vigor, e em meia dúzia de ocasiões viram-se diante de guardas que obstruíam seu caminho com lanças.

Em todas essas ocasiões, era Hector quem dava um passo à frente e respondia ao interrogatório dos militares. Como membro do Conselho Lupino, ele tinha liberdade para perambular pela cidade. Também sabia que a ordem de Bergan para impedir que Drew deixasse Highcliff significava a detenção imediata do garoto caso fosse reconhecido. Drew ocultava o rosto sob o capuz, parecendo um soldado comum de Brackenhholme.

Os dois transmorfos deram uma longa volta para evitar passar pelo acampamento militar, mas não puderam desviar da masmorra de Highcliff.

Navios haviam sido ancorados ao pé dos despenhadeiros e monitoravam cada movimento, ao passo que na cidade o exército posicionara grandes braseiros na margem da encosta, deixando-os queimar noite adentro. Isso mantinha as muralhas iluminadas até de manhã, e qualquer tentativa de fuga poderia ser contida. Em algum lugar lá dentro, Leopold e os quatro comparsas do Rei Rato tramavam sua vingança. Drew sentiu um calafrio só de pensar nisso.

Ao chegarem à estrada Pious, uma rua larga que atravessava toda a Cidade Alta, os dois jovens tomaram a direção sudeste, tentando se ocultar às sombras para seguir com mais rapidez. Tinham de partir sem mais delongas.

— Já estamos perto? — perguntou Drew ao passarem pelos degraus do Templo de Brenn. A velha igreja parecia um sarcófago, as portas altas abertas, como mandava a tradição da Ordem de Brenn: “Santuário de todos, sua porta nunca há de se fechar”. Drew esperava nunca precisar aceitar esse convite.

— Quase — Hector resmungou. Estava fora de forma; já havia recuperado o peso que perdera na recente e arriscada aventura. A vida em Highcliff tornava os homens acomodados.

Dobraram uma esquina, e lá estava o Hammergate. O coração de Drew acelerou. Hector andava à frente, atraindo para si qualquer atenção eventualmente dirigida a eles. Havia uma tocha de cada lado do portão, iluminando seu arco. Havia uma sala de guarda no muro da direita, mas os soldados do turno encontravam-se reunidos na rua. Com lança na mão e a postos, os quatro acompanharam a aproximação dos garotos assim que estes viraram a esquina.

— Quem são vocês? — perguntou um deles, alto e esquelético, aproximando-se de Hector com passos confiantes. Os outros guardas o seguiram.

— Lord Hector, magister do Conselho Lupino — respondeu o jovem, os passos também seguros, o medalhão à mostra. Já se acostumara à fraude, que realizava cada vez com mais facilidade.

— Descansar.

O camarada esquelético avançou mais um pouco, os colegas postados atrás dele.

— Temos ordens, Lord Hector — disse o soldado, apoiando-se na lança. Parecia feliz em demonstrar autoridade a um Werelord. — Ninguém deve sair da cidade durante o toque de recolher. Temo que terá de esperar até o amanhecer.

Drew cerrou o punho sob o manto.

— Por ordem de quem? — perguntou Hector, já sabendo a resposta.

— Do Lord Protetor. Minha sugestão é que leve esse assunto até ele.

Hector estava prestes a desafiar o guarda impertinente, mas foi interrompido por uma voz que veio de trás: — Milorde!

Uma figura de manto verde e com a mesma estatura de Drew surgiu da quadra das estrebarias do outro lado da rua. O cajado às costas sinalizava tratar-se de um patrulheiro. Drew ficou contente por estar vestindo o capuz, pois seu sorriso era dos mais largos.

— Os cavalos estão prontos — falou o jovem patrulheiro, fazendo uma medida. Os guardas continuavam postados à frente dos três.

— Os cavalos não vão a lugar algum, rapaz — respondeu o guarda com um sorriso nos lábios. — Não sem a aprovação do duque Bergan.

— Minhas desculpas — disse o patrulheiro, e levou a mão à bolsa que ficava junto à perna. Retirou um pergaminho e o entregou ao guarda. — Eis o selo do duque Bergan.

O guarda esquelético segurou o pergaminho diante do fogo, e as chamas revelaram o símbolo vermelho: a Árvore de Brackenholme. Não havia dúvida de que era o selo pessoal do Bearlord. Sorriu.

— Mesmo assim, temos orientações específicas de impedir a saída de qualquer um.

— Bem — falou Hector —, assim como você, nossos patrulheiros também têm orientações específicas. Eles trazem uma mensagem direto do Conselho Lupino, a qual precisa chegar a Brackenholme o mais rápido possível. Descansar.

Os guardas atrás do soldado relaxaram um pouco. Não iriam resistir se Bergan estava envolvido. O soldado, resabiado, devolveu o pergaminho ao patrulheiro.

— Rapaz — Hector prosseguiu —, vá buscar os cavalos. Whitley sorriu.

— Agora mesmo, milorde — respondeu a moça, e correu de volta às estrebarias.

Drew sempre se divertia ao ver que outros, assim como ele, confundiam Whitley com um garoto. Ele se enganou quando a conheceu, na Dyrewood, tendo descoberto havia apenas um mês que se tratava de uma menina. De capuz erguido e cabeça baixa, Whitley era igual a qualquer dos Sentinelas da Floresta. E quem questionaria alguém que trazia o selo de -Brackenholme? Ela ressurgiu das estrebarias um instante depois, trazendo dois cavalos pelas rédeas. Foi um prazer para Drew reconhecer Chancer, a montaria fiel de Whitley, que os ajudara tempos atrás.

— Bom trabalho — Drew sussurrou para a patrulheira, enquanto conferia os arreios. — O pergaminho foi um toque de mestre. — Whitley apoiou-se nele para arrumar a sela de seu cavalo.

— Este é o lado bom de ser filha do Lord Protetor; não foi difícil chegar à escrivania dele. Nunca se sabe quando um documento

de aparência imponente será útil.

— Por que escolhemos Hammergate? — perguntou Drew.

— Em geral é mais calmo. Foi utilizado por um dos desertores de Leopold na semana retrasada. Não esperava que os guardas fossem tão diligentes, em especial aquele camarada.

Os guardas retiraram a tora dos apoios e a empurraram para o lado. O soldado alto que os abordara ficou de cara amarrada, recusando-se a ajudar os demais. Os três amigos passaram pelo portão, conduzindo os cavalos para fora da cidade. Whitley cumprimentou Hector com um aperto de mão tão masculino quanto possível, tentando não atrair mais atenção.

— Vou sentir sua falta, Hector — sussurrou, a voz abafada. — Bergan vai cair sobre você como uma avalanche. Você vai ficar bem?

— Vou — ele respondeu, as palavras presas na garganta. — Que mal pode me acontecer dentro destes muros? Vocês dois é que vão encarar as estradas perigosas. Cuidem-se. E encontrem Gretchen. Tragam-na sã e salva e façam o favor de voltar inteiros.

Drew e Whitley montaram seus cavalos, dando um último aceno para Hector. Então, passaram a cavalgar, distanciando-se de Highcliff. Drew ainda relanceou o olhar ao amigo enquanto os cavalos aceleravam. Sentiu um aperto no peito ao pensar que poderia estar vendo Hector pela última vez. Um instante depois, não se via mais o Boarlord — os muros da cidade desapareciam na penumbra, e a atenção de Drew voltou-se para a estrada adiante.

PARTE 2



A

ESTRADA

TALLSTAFF



O Javali arruinado

Hector estava de pé na biblioteca, as mãos para trás. O olhar encontrava-se fixo no chão, a visão perdida no mosaico que representava o surgimento da cidade de Highcliff. Via-se todo tipo de fera na imagem: lobos, ursos, javalis, cervos. Os leões tinham sido deixados de lado. A obra celebrava tudo o que havia de perfeito na Westland, tendo sido encomendada por um diretor da Casa do Traidor havia muito falecido. A antiga biblioteca agora servia de corte, e Hector era o réu.

— E então? — questionou o duque Bergan. Encontrava-se sentado no centro de um longo banco que ficava sobre um estrado. A seu lado estavam conde Vega, conde Mikkel e Lord Broghan.

— Não tem nada a dizer? — acrescentou Mikkel. — Você traiu a confiança deste Conselho e colocou a vida de Drew em risco.

— Com todo o respeito, milordes, Drew é capaz de tomar decisões por conta própria. Se ele deseja ir atrás de Gretchen, não podemos ficar em seu caminho.

— Ele não passa de um garoto, assim como você — respondeu Mikkel em tom contrariado. A reação do Staglord, conhecido pelo forte temperamento, era previsível.

— Não me tratou como garoto quando defendeu minha inclusão no Conselho Lupino, milorde.

— Foi mesmo uma ideia maravilhosa... — grunhiu Mikkel.

Bergan bateu o pé. O Conselho ficou em silêncio, voltando-se para o Lord Protetor. Ele encarava Hector com um olhar severo debaixo das grossas sobrelhas, mas os nervos estavam sob controle, diferentemente do Staglord.

— Quando assumiu o cargo de magíster do Conselho Lupino, Hector, você se tornou parte de um grupo seletivo de Werelords que juraram proteger Drew e o futuro da Lyssia.

Hector fez menção de falar, mas Bergan ergueu o dedo para silenciá-lo.

— Ao ajudar Drew a deixar a cidade, da maneira como fez, conspirando e traindo seu juramento, você pôs em risco tudo pelo que trabalhamos. Além disso, permitiu que minha única filha se unisse a ele nessa jornada insana. Sabe o que vão enfrentar se encontrarem o Rato?

Você trabalhou para Vankaskan. Sabe bem do que ele é capaz! Sem mencionar o que poderá fazer a Gretchen se Drew chegar a ele antes de nós.

Hector conhecia Vankaskan bem até demais: um sádico que se deleitava com torturas. Com certeza era um monstro, mas não era ele quem ditava as regras no momento.

— Vankaskan não vai ferir Gretchen — argumentou Hector. — Eu lhes garanto.

Mikkel estava prestes a contestar, mas Bergan ergueu a mão de novo, pedindo silêncio.

— Que garantias você tem?

— É o príncipe Lucas quem lhe dá ordens. Assim como é Lucas quem está por trás do sequestro. Ele está fugindo para Bast neste instante.

Os olhos de Bergan se arregalaram, e Mikkel curvou-se no assento, perdigotos voando de sua boca ao vociferar: — Em nome de Brenn, como você pode saber disso? Como sabe do paradeiro de Lucas? Vankaskan age sozinho e se dirige a Vermire, como já mencionei antes!

— Quem quer que esteja por trás disso, garanto que tomou a direção leste — falou Broghan. — Pai, deixe-me levar Harker e seis de nossas melhores divisões. Tomaremos a Grande Estrada

Ocidental, rápida e direta; é o caminho que ele tomou. Desejo partir imediatamente para capturá-lo.

Bergan ignorava os demais, enquanto Vega guardava sua opinião para si, coçando o queixo em cauteloso silêncio. O Urso e o Tubarão se entreolharam. “Estão pensando a mesma coisa?”, indagou-se Hector. Bergan enfim se pronunciou: — Como pode dizer tal coisa, Hector? Como pode afirmar, sem sombra de dúvida, quem está por trás do sequestro de Gretchen e aonde pretende levá-la?

O olhar de Hector perdeu-se no chão mais uma vez, as maçãs do rosto ardendo, o rubor da vergonha tomando-lhe a face.

— Responda, rapaz! — insistiu Mikkel.

O estômago de Hector se contorceu. Já suspeitava que a conversa tomaria esse rumo. Ergueu os olhos e deu com os de Bergan cravados nele.

O Bearlord balançava a cabeça de um lado para o outro. “Ele sabe da comunhão!” Hector fora descuidado; estava com tanta pressa em abandonar a cena de terror no Poço que não arrumara a bagunça. Largara o cadáver e deixara indícios do ritual. Apenas o Conselho Lupino tinha acesso àquela parte da Casa do Traidor. Fora descoberto. A boca de Hector estava seca, e, ao responder, ele sentiu a náusea tomá-lo como uma grande onda negra.

— Eu perguntei.

— Como? — indagou Mikkel.

— Eu perguntei — repetiu Hector.

Mikkel voltou-se para os outros, a confusão estampada em seu rosto.

— Ele está zombando de nós?

— Não está — respondeu o velho Bearlord, balançando a cabeça com tristeza. — Foi uma resposta legítima.

— Você tem feito perguntas — acrescentou Vega, enfim se juntando à discussão. — Não é, Hector? E não é a primeira vez, certo?

A expressão de Mikkel não se alterou.

— Não estou entendendo! — disse o Staglord, a voz áspera, emanando raiva a cada palavra. — O que ele quer dizer?

O Bearlord ergueu o olhar para Hector, o rosto trovejante.

— Parece que nosso magíster tem feito comunhões.

Broghan e Mikkell perderam o fôlego ao mesmo tempo.

— É proibido! — gritou Broghan.

— É bruxaria, isso sim! — vociferou Mikkell. — Kohl praticou magia por sessenta anos, feitiços de cura, bênçãos e tudo o mais. Mas não me lembro de uma única ocasião em que ele tenha mexido com magia negra.

— Hector, no que estava pensando? — perguntou Broghan, tentando fitá-lo nos olhos, mas o Javali mantinha o olhar pregado no chão, as lágrimas teimando em aparecer.

— Seu pai ficaria envergonhado — disse Mikkell. — Assim como nós estamos.

— Não me envergonho dos atos dele — Vega se pronunciou, levantando e alongando-se.

— Permaneça sentado — ordenou Broghan ao capitão dos mares.

— Não posso mais, jovem Urso — respondeu Vega. — Minhas costas doem de sentar neste banco desconfortável, e não sinto mais minhas nádegas, pobres coitadas. — Coçou o traseiro, tentando trazer vida àquela parte do corpo.

— Lembre-se de onde está! — bradou Broghan.

— Ah, por favor! — respondeu Vega com um tom de voz aborrecido.

— Estamos sentados numa biblioteca mofada, repreendendo um garoto cujo crime foi ajudar um amigo.

Hector arriscou-se a erguer o olhar, já que Vega desviava o foco de atenção dele. Broghan tinha os dentes à mostra, e Mikkell tentava tranquilizá-lo, uma das mãos em seu ombro. Apenas Bergan ainda encarava Hector, os olhos cintilantes, o cenho fechado. Diante do caos reinante, o Bearlord foi obrigado a se erguer. Caminhou devagar até Hector, e os demais fizeram silêncio.

Hector baixou a cabeça enquanto Bergan se aproximava, mas o Bearlord pegou seu queixo entre o dedão e o indicador e o obrigou a erguer o rosto. Bergan era um gigante, literalmente um urso em forma de homem.

A imensa barba rubra não escondia o rosto; ao contrário, evidenciava-o — o nariz largo, a pele avermelhada, os olhos castanhos e as sobrancelhas espessas. A mão que segurava o queixo de Hector provavelmente poderia envolver sua cabeça inteira e trucidá-la com apenas um movimento.

— Hector — começou, a voz baixa —, foi o cadáver trazido dos esgotos, não foi? Brutus?

Hector fez que sim com a cabeça.

— Foi a primeira vez?

Pensou em mentir, mas, diante da proximidade do Bearlord, que o encarava com aqueles olhos gigantes e ferozes, sentiu-se compelido a dizer a verdade. Hector negou, as feições tristes. Bergan prosseguiu: — Em tempos remotos, os magísteres que praticavam a comunhão eram executados, sendo considerados corruptos de mente e espírito. Eram queimados, decapitados, apedrejados, asfixiados...

Bergan se aproximou ainda mais para sussurrar ao ouvido de Hector: — Ouvi falar de um magíster, acredito que era um Horselord.

Derramaram prata derretida em sua boca. Consegue imaginar a cena?

Hector achou que fosse vomitar. Estava zozinho. As pernas bambas.

Bergan segurou seu queixo com mais firmeza.

— Reconstitua-se, Hector. Não vá desmaiar agora.

— Milorde — disse Hector, o rosto marcado pelas lágrimas —, executei a comunhão apenas para ajudar nossa causa. Quando meus amigos estão em perigo, faço o que for preciso para ajudá-los. Nunca executei tal ritual por motivos egoístas, eu juro!

— Sempre o considere parte de minha família, Hector. Seu pai era como um irmão, e eu vi sua transformação de jovem Javali em um Werelord. Até hoje, imaginava que Huth tivesse orgulho do homem que você se tornou. Mas isso? O que você fez foi uma tolice absurda.

— Está exagerando — interrompeu Vega. — Ele fez um ritual proibido.

E daí? Foi com boa intenção. Se não tivesse agido assim, não saberíamos que Lucas está por trás desse desastre e que se dirige a Bast agora mesmo.

Deveríamos agradecer-lhe!

Bergan não se virou para o capitão do Turbilhão, mantendo os olhos grudados em Hector.

— Ele assumiu grandes riscos ao fazer isso, Vega. A comunhão, a magia negra... é como uma droga. Quem a conhece diz que ela vicia. Não há motivo forte o suficiente que justifique falar com os mortos. Uma linha foi cruzada, e temo não ser possível voltar atrás.

— Você fala por meio de enigmas — suspirou Vega, descendo do estrado para se juntar a Bergan. — Deixe o garoto. Ele já aprendeu a lição.

Bergan soltou Hector e recuou um passo.

— Você não nos deixa outra opção. E digo isso com pesar. — O duque Bergan estendeu a mão. — O amuleto, Hector. Entregue-o.

Hector encarou Bergan, os olhos arregalados de perplexidade. As mãos enluvadas fecharam-se em torno do medalhão que o identificava como um daqueles em quem Drew mais confiava, um membro do Conselho Lupino.

— Por favor... — ele implorou. — Isso, não. Sinto muito pelo que fiz, mas não me tome o amuleto. Posso melhorar, tem minha palavra!

— Já tínhamos sua palavra, rapaz — acrescentou Mikkell, os olhos se estreitando.

— Pois eu a dou de novo — disse Hector. — Posso remediar toda essa situação!

O rosto de Bergan permaneceu impassível. A decisão estava tomada.

— Temo que agora sua palavra tenha pouco valor. — Fez sinal para que entregasse o amuleto. — Ainda pode exercer seu papel aqui, Hector.

Há questões importantes que precisam da atenção do Conselho Lupino.

Mas parte dos negócios se dará a portas fechadas, e você não estará presente.

— Demonstre que merece confiança e terá seu lugar de volta — acrescentou Mikkel.

— Eu lhe prometo — disse Bergan em concordância. — O amuleto poderá ser seu de novo. Mas você deve provar sua lealdade.

Hector retirou a insígnia do pescoço. Segurou-a por um brevíssimo instante, relanceando um derradeiro olhar ao medalhão antes de soltá-lo na palma da mão de Bergan. Este virou-se e subiu os degraus para voltar a seu lugar. Olhou para Vega, que permanecia ao lado do envergonhado Boarlord, o mosaico sob o pé de ambos.

— Vai se juntar a nós, capitão dos mares?

O conde pegou a capa e o sabre da estante em que os havia deixado.

— Tenho assuntos mais prementes no porto. Creio que há dois bêbados discutindo sobre a posse de uma cesta de lagostas. — Não olhou para trás ao se encaminhar à porta ruidosamente. — Tenham um bom dia.

Mikkel observou a cena com olhos furiosos, enquanto Broghan apontou para o Wereshark, o dedo em riste.

— Vega nos compromete — falou o jovem Bearlord. — Não tem respeito algum por este conselho.

— Achei mesmo que ele já estivesse cansado de brincar de governar — disse Mikkel. — O Tubarão nunca deve ter dedicado tanto tempo a algo.

Chego a sentir pena dele!

Mikkel e Broghan riram, sem perceber o silêncio em que Bergan caíra.

O Bearlord ainda encarava Hector, que olhou de volta, o coração partido.

Hector não se importava tanto com o que -Mikkel e Broghan pensavam dele. O temperamento do Cervo sempre o colocava em enrascadas, enquanto o jovem Urso, apesar de ser um bom homem, ainda era ingênuo aos olhos de -Hector, sempre em busca da aprovação do pai.

Mas Hector se lembrava dos verões da infância que passou na companhia de Bergan e de Lady Rainier. Ele e o irmão haviam crescido ao lado de Whitley, cuidados por Bergan como se fossem filhos deste. Percebia como o duque estava desapontado, o que partia seu coração.

— Notou alguma... consequência indesejada desde que fez a comunhão, Hector?

— Como assim? — perguntou Mikkel.

— Lembro-me de que o barão Huth mencionou algo anos atrás — explicou o Bearlord, o tempo todo sem desviar os olhos de Hector. — Uma vez que um magíster se abre para o outro lado, pode ficar suscetível a certas... forças. Talvez tenhamos agido antes que fosse tarde demais, Hector. Não há nada que o aflija no momento, há?

Hector negou com a cabeça. Poderia ter mencionado a perda de controle no Poço, mas concluiu que já tivera problemas demais.

— Nada me aflige, milorde — mentiu.

— Então pode partir — disse Bergan calorosamente, embora seu sorriso parecesse vazio. O duque prosseguiu: — Posso sugerir que tire o dia de folga? O ar fresco o ajudará a clarear sua mente.

Hector concordou. Dirigiu-se à porta, e nem o esperaram sair para retomar o assunto de Drew.

— Pai — disse Broghan —, deixe-me conduzir essas seis divisões que mencionei. Harker pode prepará-las em menos de uma hora. Se partirmos agora, poderemos capturá-los na estrada para o sul.

— A ideia é boa — concordou Mikkel.

Hector pigarreou de repente e voltou-se para os demais. O Staglord lançou-lhe um olhar penetrante. “Acham que estou espionando?”

— Amanhã, Hector — disse Bergan. — Falarei com você amanhã. Vá embora.

De cabeça baixa, o envergonhado Lord de Redmire deixou o salão.

Desceu a escadaria a passos penosos, cada degrau mais dolorido que o anterior. Ao passar pelos guardas, percebeu o olhar julgador deles. Podia ouvi-los sussurrar; sentia que o apontavam

pelas costas. Nunca se sentira tão mal em toda a vida. Seu humor sombrio parecia irradiar, trevas surgindo em cada canto que olhasse. Sombras e escuridão.

Escuridão. Se tivesse mencionado isso a Bergan, não o teriam deixado sair do salão. Provavelmente o teriam colocado sob vigilância armada, para sua própria segurança. Nas profundezas do Poço, enquanto interrogava o cadáver do capitão Brutus, ele as viu: surgindo do escuro, sombras que assumiam formas sólidas, névoas negras com dentes e garras. O espírito do soldado morto atraía a atenção delas, e elas se apoderaram dele, levando-o à morte novamente. Morrer de maneira hedionda uma vez já era impensável. O que dizer de duas?

Algumas delas ignoraram o cadáver, atraídas pelo poder que Hector invocava. Rodearam-no como uma matilha de cães em busca de um ponto fraco para atacar. Ele sentira um terror agudo, o coração descompassado à espera do golpe. Então Drew lhe deu aquele tapa e o tirou do torpor. Ao encerrar o ritual, os vultos sombrios desapareceram.

Mas agora, mesmo à luz do dia ou de fogueiras, onde quer que houvesse sombras, via as criaturas pelo canto do olho. Mas, quando virava a cabeça, elas sumiam, como se fossem uma ilusão de ótica. O simples fato de pensar nos vultos sombrios lhe causava dor atrás dos olhos, como se facas lhe penetrassem a mente. A mão esquerda se fechou, tremulante. Esforçava-se para não derramar mais lágrimas. “Não”, pensou. “Não deixe que o vejam chorar.” Abriu a mão lentamente.

A marca negra surgira pequena, insignificante, mas passou a incomodá-lo. A princípio, pensou ser uma queimadura causada pela primeira comunhão, na Wyrnwood. A cera negra queimara a carne, e a ferida jamais cicatrizara totalmente. A bordo do Turbilhão, fizera nova comunhão, dessa vez com o pai. A marca crescera — apenas um pouco, mas crescera.

Tentava não coçá-la, mas a sensação incômoda estava sempre lá; era constante. Por hábito, esfregava o polegar direito nela às vezes, quase sem pensar.

No entanto, desde que fizera a comunhão com o cadáver de Brutus no dia anterior, a marca se tornara consideravelmente maior, quase do tamanho de uma moeda. A pele ao redor estava ferida por causa da cera, mas agora ele podia examinar a parte enegrecida. Não era uma queimadura.

Conseguia ver cada detalhe. Não doía. Achava que ela estaria quente e sensível, mas era fria ao toque. Gélida e dormente. Traçou um pequeno círculo com um dos dedos, o traçado da ferida.

— Não deixe que façam isso com você.

Hector olhou ao redor, fechando a mão. O conde Vega surgiu de uma porta do primeiro andar. “Estava me esperando, será?”

— Vamos, vou caminhar com você — falou o capitão dos mares.

— Não fizeram nada comigo — suspirou Hector enquanto desciam. — Pelo menos, nada mais do que deveriam. Foi uma tolice da minha parte.

— Você respeitou a amizade acima de tudo. Assumi um risco por Drew e Gretchen — argumentou Vega. — Por acaso isso não tem valor?

Ter poder e não o utilizar, eis o que há de mais criminoso. Você poderia ter deixado tudo por conta do destino, mas resolveu agir.

— Fui um idiota.

— Não — retrucou Vega, pegando-o pelo braço e virando-se para encará-lo. — Você foi corajoso.

Hector se desvencilhou das mãos do Wereshark e desceu penosamente os degraus restantes, alcançando o térreo. Os serviços ainda o observavam.

O rosto vermelho queimava de vergonha. Precisava retornar à Torre de Bevan, seu lar em Highcliff; tinha de fugir daqueles olhares. A torre era a residência do Lord de Redmire quando na cidade, e seu nome era uma homenagem a um antigo Boarlord.

— Hector — disse Vega, enquanto atravessavam a porta dupla da Casa do Traidor —, se eu fosse Drew, teria orgulho de chamá-lo de amigo.

Agora, ele está no encaixo de Lucas, e graças a você. Pode encostar a cabeça no travesseiro e dormir com tranquilidade, jovem Javali.

Vega deu um tapinha nas costas de Hector antes de partir em direção ao porto. Fez uma mesura para um trio de jovens damas que passavam, causando um coro de risinhos e rubores.

— Se precisar de algo — gritou, fazendo saudações ao longo do caminho —, é só me chamar! — E se perdeu na ruidosa multidão.

Hector coçava a mão mais uma vez. Ao se dar conta disso, enfiou-a no bolso, como se a marca negra fosse a manifestação física da própria vergonha. Tinha recuperado um pouco do bom humor após as palavras gentis de Vega. Perguntava-se onde Drew estaria agora, a que distância de Lucas. Se alguém poderia salvar Gretchen, esse alguém era Drew, sem contar que ainda havia Whitley para ajudá-lo. É claro, a comunhão fora um risco, mas que outra opção Hector tinha? Fizera a coisa certa e faria aquilo de novo, se necessário. Enquanto a mente divagava, saiu à rua.

A carruagem já estava quase sobre ele, quando o grito de um passante o alertou do perigo. Hector tropeçou, incapaz de sair do caminho. Os quatro cavalos que puxavam o carro empinaram, os cascos chutando o ar, quando o condutor reteve as rédeas com toda a força. A carruagem balançou, as rodas resistindo até pararem por completo. O som dos cascos sobre as pedras era como espadas atingindo armaduras, um estampido quase ensurdecedor aos ouvidos de Hector. Aos poucos, os cavalos se acalmaram, e o condutor soltou um suspiro de alívio. Hector desviou para o lado, cambaleante, enquanto os animais se recuperavam, o pelo coberto de suor.

De volta à calçada, Hector observou a carruagem. Dois homens ocupavam o assento do condutor, um baixo e um alto; ambos lançaram um olhar furioso em sua direção. Reconheceu-a de imediato. Tinha um tom vermelho esmaecido e várias rachaduras. O vidro da janela da porta estava quebrado, e um pedaço de tecido mantinha escondido seu interior. A carruagem oficial de Redmire já havia passado por dias melhores. Sua mãe a usara no casamento, conforme o pai contara a Hector. O pai mantivera a carruagem por questões sentimentais, não a tendo utilizado após a morte da esposa. Vê-la agora em Highcliff, e nessas condições, deixou Hector

bastante aborrecido. Quando a porta da carruagem se abriu, sentiu um nó no estômago.

— Meu caro irmão — disse Vincent, sorrindo ao emergir com a insígnia dourada do barão Huth no peito. — Que curioso encontrá-lo assim!



O rastro

A quietude chegava a ser irritante. O campo ainda dormia. A estrada Tallstaff estava vazia — o que não era de surpreender, considerando o horário ingrato. Apenas loucos e desesperados viajavam antes do amanhecer, mas os dois estavam longe de ser insanos. Os dois Mantos-Verdes cavalgavam lado a lado, mantendo um ritmo forte para tentar compensar o tempo perdido.

Drew e Whitley já viajavam pelos morros sinuosos da Westland há uma semana, sem nenhum sinal do inimigo. Havia poucas pessoas na estrada, fora uma ocasional caravana de comerciantes ou fazendeiros que se dirigiam ao mercado. Nessas ocasiões, os dois perguntavam aos estranhos se haviam visto alguém com a aparência de Lucas, Vankaskan ou Gretchen, mas, até aquele momento, nada. Por isso questionavam-se sobre como o trio estaria viajando. Drew tinha certeza de que alguém veria ou passaria por eles. Teriam os dois jovens errado ao tomar a rota sul? O cadáver de Brutus teria se enganado?

Pararam para uma breve refeição ao meio-dia; as rações simples de carne defumada e pão ázimo acalmariam a fome até a noite.

— O que terá acontecido a Hector? — perguntou Drew, empurrando a comida e sorvendo um gole do odre. Depois

estendeu-o a Whitley. A maioria das conversas tinha a ver com o Boarlord e seu destino.

— Espero que esteja bem — disse Whitley. — Meu pai é um homem compreensivo. Vai perceber que as intenções de Hector eram boas.

— Acha mesmo? — perguntou Drew, observando o caminho que já tinham percorrido. — Devo confessar que estou preocupado. Sei muito bem como seu pai lida com quem discorda dele. Desaprovou-me aos gritos quando sugeri ir atrás de Gretchen.

— Com certeza ele acreditava estar fazendo a coisa certa — respondeu Whitley, fechando o odre.

— Exatamente como Hector, embora isso não vá ajudá-lo em nada. — Drew estreitou os olhos vasculhando os prados, as sombras das nuvens percorrendo a grama sibilante.

Fizeram um bom progresso à tarde, os cavalos mantendo um trote constante e rápido. A leste, ficava a vasta Dyrewood, estendendo-se em todas as direções até onde a vista alcançasse, flanqueando-os em sua jornada para o sul. Estar tão perto da grande floresta avivava todo tipo de emoção em Drew. Por mais selvagem que aquela época tenha sido, a vida era muito mais simples: comer, dormir, sobreviver. Foi na Dyrewood que sua existência como Werewolf realmente começara, após fugir da fazenda na Costa Gélida. Sentiu um calafrio ao se lembrar daquela noite tenebrosa.

As árvores se tornavam cada vez mais altas conforme adentravam a floresta. Em algum ponto da parte central da mata ficava Brackenholme, cidade do Bearlord. Drew esperava poder revê-la; de certo modo, era um lugar que podia chamar de lar.

Mantiveram o trote dos cavalos em ritmo acelerado até a tarde dar lugar à noite. Drew não queria perder tempo. Sentia o cansaço tomar conta de si, mas permaneceu acordado, focado na estrada. Sobre o ruído dos cascos, ouviu uma voz ao longe: — Drew... Drew!

Olhou para trás com rapidez. Whitley havia parado e acenava freneticamente. Drew puxou as rédeas com força, fazendo o cavalo dar meia-volta e se dirigir à patrulheira. Ao se aproximar, Whitley conduziu Chancer para fora da estrada. Drew seguiu-a. Ela havia

descido da sela e caminhava devagar, a cabeça baixa. O chão era irregular, a grama cada vez mais alta.

— O que foi? — Drew perguntou, mantendo a voz baixa.

— Duas coisas — Whitley respondeu, olhando para trás. — Os cavalos estão exaustos. Já é noite e, se um deles tropeçar e quebrar a perna, estaremos perdidos.

— Mas perderemos tempo se pararmos agora. Eles vão se distanciar ainda mais de nós!

— Se continuar forçando os cavalos desse jeito, você vai matá-los.

Precisam descansar. E nós também.

Drew não disse nada e, mesmo contrariado, concordou.

— E a outra coisa?

— Rastros — Whitley respondeu. — Alguém montou acampamento aqui.

Drew observou de cima da sela. O aclive se erguia e se transformava em um pequeno morro. Ele não notara aquele trecho enquanto cavalgava.

Continuou em silêncio, observando Whitley fazer o que ela mais sabia. Logo estavam no topo.

O morro fora mesmo usado como acampamento. No topo, arbustos formavam uma coroa, fornecendo esconderijo a qualquer um que desejasse descansar ali, além de proporcionar uma boa vista da estrada. Um buraco para a fogueira fora cavado; a grama ao redor encontrava-se remexida.

Whitley entregou as rédeas de seu cavalo a Drew antes de examinar o local.

Em seguida, agachou-se, colocando a mão sobre os restos de cinza.

Sentiu o odor do carvão, esmigalhou-o e esfregou-o na palma da mão.

Esquadrinhando o terreno próximo à fogueira, encontrou dois palitos queimados.

— Fizeram um assado — disse, sacudindo um dos palitos antes de atirá-lo longe. — Também há ossos espalhados; parecem ser de javali.

- Estavam aqui na noite passada?
- Não. Acamparam hoje durante o dia.
- Hoje? Então eles viajam à noite?

Whitley concordou com um gesto de cabeça, levantando-se e percorrendo uma área maior do acampamento.

- Faz sentido, se não desejam ser vistos.

Drew levou o polegar à boca, mordiscando-o, e observou Whitley perambular pelo acampamento deserto. Não tinha certeza do que ela procurava, mas confiava na garota. Whitley pouco lembrava a jovem assustada que ele conhecera na Dyrewood. Agora, ela tinha a confiança e a decisão de um patrulheiro experiente. O período que passou com o capitão Harker nas Terras Áridas a fizera amadurecer sob vários aspectos.

— Conteí doze cavalos — disse, após examinar todo o local. — O mesmo número de sacos de dormir. — Voltou e tomou as rédeas de Chancer da mão de Drew. O jovem virou seu cavalo, fazendo menção de se distanciar do acampamento.

- Aonde você vai? — perguntou Whitley.

— Para a estrada Tallstaff. Se estiveram aqui durante o dia e viajam à noite, quer dizer que estamos logo atrás deles, não é? Se partirmos agora, poderemos alcançá-los!

— Drew, você não me ouviu? Os cavalos estão exaustos, e nós, também. Exigimos demais deles durante todo o dia.

- Mas estamos tão perto!

— E vamos ficar ainda mais, mas a fogueira me diz que eles saíram daqui há horas, ao entardecer. Já faz muito tempo.

Drew soltou um rosnado de frustração.

— Eu poderia seguir em frente. A pé. Você me alcançaria depois de descansar.

- Drew, isso é loucura. Desça da sela. Coma. Durma.

- Mas...

— Sem mas — disse ela com voz firme. — Se os alcançasse agora, qual seria a vantagem? Você está exausto; Lucas, Vankaskan e os soldados deles estão, ao contrário, descansados. É suicídio. Vamos repousar enquanto ainda temos tempo. Poderemos encará-los se estivermos cem por cento.

Relutante, Drew se deteve. Agarrando a sela, desmontou, desequilibrando-se ao tocar o chão. Whitley tinha razão: ele estava exausto.

As pernas bambeavam, e as costas doíam, e não havia dúvida de que Whitley sentia o mesmo.

— Como você está? — perguntou ele.

— Por que acha que sugeri um tempo de descanso? — Sorriu, assumindo as rédeas e conduzindo os cavalos a um canto do acampamento.

Drew pegou os sacos de dormir e as rações.

— Mais carne defumada? — ofereceu-lhe Drew, balançando um pedaço de carne cinzenta. Whitley fez cara feia, mas o aceitou, acomodando-se ao lado dele.

— Ia sugerir que caçássemos coelhos, mas isso implicaria fazer uma fogueira.

— E isso é problema? A fogueira nos manteria aquecidos.

— E também atrairia atenção. Lucas não teve problemas porque estava de dia, mas à noite uma fogueira se destacaria. Há vários bandoleiros nas Kinmoors procurando acampamentos para atacar.

— Não tinha pensado nisso.

— Foi por essa razão que você me trouxe — Whitley respondeu, sorrindo e lhe dando uma piscadela.

O dia fora longo, e, embora estivessem famintos, tinham de racionar a comida. Whitley sentou-se diante de Drew, sobre o saco de dormir, lambendo os restos de carne dos dedos. Só então se deu conta de que Drew a observava.

— Desculpe — ela corou. — Sei que não é jeito de uma donzela comer...

— O duque Bergan ficaria mortificado! — exclamou ele.

Whitley soltou uma risada.

— Vou lhe pedir uma coisa: enquanto estivermos aqui, podemos nos concentrar em ser soldado e patrulheira? Já tive lições de etiqueta demais em Highcliff no último mês!

Ambos riram alto. Era uma ótima sensação.

— Olhe! — disse ela de repente, apontando para o lado.

A espada Wolfshead saltou da bainha, cortando o ar e apontando para a direção que Whitley indicara.

— Pode baixar isso — bufou ela, levantando-se e correndo até os arbustos. Sentindo-se um tolo, Drew também se ergueu e a seguiu.

— O que é isso?

— Nerocardos!

Quando Drew a alcançou, viu que a garota mexia no arbusto, colhendo frutinhas negras da folhagem.

— Ah, você quer dizer mirtilos! — Drew respondeu com um sorriso.

Whitley voltou-se para ele, a boca já cheia da frutinha doce.

— Não, quero dizer nerocardos. Não sei como se chamam na Costa Gélida, mas na Dyrewood só existe esse nome. E, já que a Dyrewood é o lar de todas as árvores e de todos os arbustos, essas frutinhas são nerocardos!

Só restou a Drew sorrir, juntando-se a ela para arrancar as frutinhas maduras do arbusto. Eram deliciosas. Enquanto comiam, enchiam os bolsos de nerocardos para saboreá-los mais tarde na estrada.

— Isso é que é vida, tudo ao natural — suspirou Whitley. Drew a observava se banquetear. Estava tão tranquila, relaxada. Tão diferente de quando haviam se conhecido. Ela notou que Drew a observava com insistência.

— O que foi? — perguntou sorrindo.

— Nada, não — ele respondeu desviando o olhar, envergonhado por ter sido flagrado. Whitley lhe deu uma cotovelada nas costelas.

— Vamos, o que foi?

— Você parece tão... contente — respondeu, o rosto voltando-se para encará-la. — Lembra-se de quando nos conhecemos? Você parecia estar deslocada, a um milhão de léguas de se tornar patrulheira. Mas veja só você agora!

— Digamos que conhecê-lo foi uma epifania, Drew — ela respondeu, recolhendo as frutinhas restantes e colocando-as em uma algibeira. Fechou-a com um laço.

— Uma o quê?

— Uma revelação — explicou. — Quando nos conhecemos, eu ainda era uma criança, e havia sido paparicada durante muito tempo. Ainda assim, você e eu temos quase a mesma idade! Você sobreviveu à Dyrewood sozinho por meses. Aquela viagem à floresta com o mestre Hogan foi a minha primeira; eu nunca tinha saído de Brackenholme. Quando voltei, era como se houvesse tirado o cabresto; enfim, eu podia enxergar direito e sabia muito bem o que queria.

— E o que era? — perguntou Drew, enquanto se afastavam dos arbustos. Uma brisa fria soprava no acampamento. Por mais quentes que fossem os dias de verão, as noites ainda eram frias. Whitley colocou o manto sobre os ombros.

— Liberdade — resumiu Whitley.

Drew sorriu com ironia.

— Qual é a graça? — Whitley perguntou, dando-lhe um soco no ombro.

— Nós dois queremos a mesma coisa, mas caminhamos em direções opostas. Você é uma nobre e quer ser livre e selvagem. Eu era assim, mas parece que meu destino é usar uma coroa.

Ela colocou o braço em volta do ombro dele.

— Vai conseguir o que deseja, Drew. Tenho certeza.

— E você? Vai continuar sendo patrulheira?

Whitley riu.

— Minha mãe e meu pai toleram essa situação por enquanto. Meu pai vai ficar furioso por eu ter vindo com você nesta viagem. Ele já estava bastante bravo por eu ter ficado tanto tempo fora com o capitão Harker.

Feliz, ele com certeza não ficará. Mas é Broghan o filho que realmente importa. Ele é o herdeiro do trono, aquele que sucederá meu pai. Quanto a mim, vão me casar quando acharem apropriado. Papai não vai querer que eu me meta em perigo, não só por ser filha única, mas também para garantir a estabilidade de Brackenholme.

— Forçar alguém a se casar me parece tão errado!

Whitley o observou sentar-se e dirigiu-se à outra extremidade do buraco da fogueira.

— Bem — ela falou em tom calmo —, não se pode ter tudo.

Ficaram em silêncio por um momento, cada um perdido nos próprios pensamentos. Drew refletia sobre o futuro. Com quem desejariam que ele se casasse? Bergan provavelmente já havia começado a pensar nisso, planejando uma união que beneficiaria toda a Lyssia. Gretchen fora prometida a Lucas. Talvez esta fosse a intenção do Conselho Lupino: unir ambos, considerando a derrocada do Leão. Pensar em casar com Gretchen fez o coração de Drew acelerar, e não de maneira agradável. Ele estremeceu ao pensar nisso, ainda incerto sobre o que sentia por ela ou sobre o que ela sentia por ele. Gretchen o entusiasmava e o aterrorizava ao mesmo tempo.

Por mais geniosa e imprevisível que ela fosse, Drew sentia falta de sua companhia.

— Espero que Hector esteja bem — Whitley falou em voz baixa.

— Com certeza está. Ele é engenhoso, e está a salvo em Highcliff.

Nenhum mal pode alcançá-lo lá, não com a fuga de Lucas e Vankaskan. É com Gretchen que me preocupo.

— Você se preocupa bastante com a Werefox, não é?

— É inevitável — admitiu ele. — Não a suportava quando nos conhecemos. Aquela jornada em Redmire foi caótica, para dizer o mínimo.

Queríamos esganar um ao outro durante a maior parte do tempo, e o pobre Hector no meio.

— Deve ter sido muito divertido para o pobre Hector — Whitley respondeu com um sorriso.

— Que Brenn o abençoe, pois ele precisou de muita paciência. Havia acabado de perder o pai, e nós dois ficávamos de briguinhas, feito crianças.

Whitley escolheu bem as palavras, os olhos fixos na fogueira extinta: — Sabe o que ela pensa a seu respeito, não sabe?

— Como assim?

— Gretchen — acrescentou Whitley, espalhando as brasas mortas com a bota. — Ela me contou. — Levantou o rosto e fitou Drew.

— Contou? — perguntou ele, repentinamente nervoso. O que Gretchen teria dito a Whitley? Será mesmo que desejava saber?

— Desculpe. Acho que falei demais.

— Não falou — disse Drew, ignorando o pedido de desculpas.

O silêncio que se seguiu foi estranho. Drew manteve as mãos repousadas sobre o manto, enquanto Whitley olhava para todo lado, menos para ele. Foi a garota quem resolveu falar primeiro: — Os cavalos... — Ergueu o dedo, como se acabasse de se lembrar de algo. — É melhor prepará-los para a noite. Temos muito a fazer! — Saltou do chão e apressou-se na direção deles.

— É mesmo — concordou Drew, e Whitley já se ocupava com a tarefa, que por certo poderia ter esperado. Drew ficou sentado no escuro, a mente imersa em reflexões sobre os amigos. A estrada que o esperava, o rastro da Raposa. O Javali, que havia ficado para trás. E a patrulheira a seu lado, desenterrando seus sentimentos. Gretchen, Hector, Whitley: todos povoavam sua mente. — Temos muito a fazer.



Os Lords de Redmire

Hector não conseguia dormir. Era a única alma viva no quarto, mas não estava sozinho. Ouvia vozes sussurrantes no escuro. As janelas encontravam-se abertas, e a brisa fazia a cortina desbotada esvoaçar. A cidade estava tranquila; o toque de recolher mantinha as pessoas em casa, e Hector parecia ser o único insone de toda a - Highcliff. Com a chegada da noite, vieram também as vozes, esgueirando-se pelos lambris, murmurando através das tábuas e sibilando sob a cama. Os nervos de Hector estavam em frangalhos, a mente tentando desesperadamente convencê-lo de que era tudo imaginação, mas um pavor gélido lhe afirmava que a sensação era bem real.

Convencido a ignorar as vozes, ocupou-se da burocracia de - Redmire, espalhando pergaminhos e livros de registro pela cama. Vincent chegara sem aviso e, para piorar, trouxera um baú cheio de contas que precisavam ser pagas. Desde que fora saqueada pelo capitão Brutus, nos últimos dias do regime do Leão, Redmire se tornara um caos. A paliçada foi destruída, as pessoas perderam suas casas, e a antiga prefeitura foi consumida por um incêndio — o lar dos Boarlords precisava urgentemente de ajuda, e era dever de Hector garantir que a tivessem. Devido à sua proximidade ao Conselho Lupino, ele estava em posição melhor do que qualquer outro para angariar recursos de emergência para seu povo.

Tendo deixado seu gêmeo traiçoeiro para trás quando fugiu com seus amigos pelo Redwine, Hector presumira que Vincent fosse cuidar de seu povo. Mas, a julgar pelo aparecimento do irmão em Highcliff e pela intenção deste de dilapidar o dinheiro que o barão Huth deixara, Hector entendeu que o povo de Redmire fora deixado de lado. Pressionara Vincent para saber quem havia ficado responsável pela cidade, mas o irmão fora bastante evasivo. Pelo que pôde entender, Gerard, o capitão da Guarda, havia assumido uma espécie de cargo ministerial e fazia cumprir a lei do Lord em Redmire. Vincent evitara a liderança, preocupando-se apenas em garantir que os impostos fossem recolhidos, sem se importar com o estado de penúria do povo. Quando o dinheiro acabou, ele tomou uma soma emprestada dos cidadãos mais abastados de Redmire. Como aparecera na Torre de Bevan com um baú repleto de dívidas, Hector teve certeza de que Vincent já exigira demais da generosidade desses homens. Agora, cabia a Hector arrumar a bagunça, e Vincent não parecia ter pressa em retornar a Redmire.

Hector passara os últimos dias sentado na cama, escrevendo mais de oitenta cartas pessoais, uma para cada credor, as palavras quase se tornando garranchos ilegíveis com o passar do tempo. Uma mancha negra marcava a colcha no lugar em que derrubara tinta num sobressalto causado pelas vozes noturnas. As chamas de duas velas tremulavam, uma em cada lado da cama, quase completamente derretidas. Amaldiçoou a ganância do irmão, que o forçava a assumir o papel do mais sensato entre os dois e a pensar em medidas frugais para economizar dinheiro. Aquilo não era vida para um Werelord.

— Hector...

Era a voz mais nítida que ouvira até então naquela noite. Vinha de perto da porta, das sombras ao redor ou de detrás dela. Hector pegou o punhal. Haviam zombado dele por comprar uma arma tão espalhafatosa, mas estava feliz por tê-la por perto naquele momento. A lâmina brilhante lhe dava um pouco mais de coragem.

— Saia daqui! — choramingou. — Deixe-me em paz!

— Hector...

Secou as lágrimas do rosto. Estaria enlouquecendo? Uma sombra se moveu em um dos cantos do quarto. Seus pensamentos voltaram ao cadáver do Poço e às sombras maléficas que o rodearam, ameaçando-o. Para Hector, não havia problema algum em fazer a comunhão com os mortos, desde que ele próprio se mantivesse no controle e definisse os termos da situação. Mas como deveria agir quando outros decidiam fazer a comunhão com ele? Não tinha como mandá-los embora. Tampouco podia se esconder dos mortos.

Por detrás da porta, ouvia risinhos irônicos.

Talvez, se confrontasse as sombras, fosse capaz de expulsá-las. Apertou ainda mais o punhal na mão suada. Conhecia os feitiços de defesa — tinha devassado livros ancestrais em busca de algo que pudesse protegê-lo. Passou a sussurrar as antigas palavras repetidamente e levantou-se da cama. Com a mão livre, pegou um toco de vela, a chama quase se apagando sobre o prato de chumbo. A experiência com o Xamã fora um alerta, um aviso dos perigos da comunhão. A perda de controle no Poço, com o cadáver do capitão Brutus, um novo lembrete. Hector sentia-se agradecido a Bergan por tê-lo punido, conscientizando-o do caminho arriscado que escolhera. Nunca mais faria a comunhão; nunca mais se comunicaria com os mortos. O risco era grande demais.

Os risinhos continuavam. Seu nome era chamado vez por outra, entrecortando o gargalhar etéreo.

Hector percorreu o quarto, as tábuas do chão rangendo sob os pés descalços ao se aproximar da porta. Repetiu as palavras de proteção, tentando sentir-se confiante e protegido. As palavras mágicas eram escritas em uma língua arcaica e morta, um dialeto de pronúncia estranha, exceto para os magísteres. Os Dragonlords foram os primeiros a controlar a magia, e a maior parte desse conhecimento morrera com aquela raça extinta. O que restou era protegido havia séculos pela Guilda dos Magísteres da Lyssia, um conhecimento de poucos. Os olhos de Hector se arregalaram quando se aproximou da porta. Segurava o punhal em riste, apertando-o com força.

Depositando a vela na cômoda, estendeu a mão à maçaneta.

Os risinhos se tornaram sussurros frenéticos, que aumentavam de intensidade conforme a mão de Hector se aproximava da porta, parecendo o ruído de uma discussão acalorada. Os dedos do Boarlord alcançaram a fria esfera de latão. O mecanismo rangeu quando o ferrolho se moveu lentamente.

As vozes cessaram.

O corredor estava vazio, a não ser por um longo tapete que cobria o chão. Pegou a vela novamente e saiu, segurando-a à frente. A mão tremia, quase fazendo extinguir a luz já fraca. O pequeno corredor conduzia a uma larga escadaria, que se espiralava por todo o interior da Torre de Bevan, passando pelos quartos de hóspedes abaixo antes de chegar ao chão. Hector caminhou vacilante pelo corredor, tropeçando no canto do tapete, e alcançou o corrimão. Apoiado, fitou a escuridão lá embaixo. A penumbra, conseguia distinguir o grande salão do andar térreo. Piscou, achando ter percebido uma rápida movimentação.

— Tem alguém aí? — gritou, arrependendo-se imediatamente.

“Hector, seu tolo. Se há algum intruso, agora ele sabe que você está por perto.” Praguejando contra si mesmo, partiu para o andar de baixo, sem mais se preocupar em não fazer barulho. Deixava os pés ressoar nos degraus de mármore e cadenciava as batidas propositais do punhal no corrimão de pedra. Quando chegou ao primeiro andar, pensou em bater à porta de Vincent, mas reconsiderou. O ressentimento que o irmão sempre demonstrara por Hector parecia ter crescido desde o assassinato do pai. Era Hector, porém, quem tinha mais motivos para se ressentir, pois fora a traição de Vincent que levava à morte do barão Huth pelas mãos da Guarda Leonina. Contudo, ele não desejava provocar o irmão — ainda que Hector fosse minutos mais velho, Vincent era a força dominante, tanto em termos físicos quanto em relação à personalidade. Seguiu para o térreo.

Ao se aproximar do salão, ouviu ruídos abafados ao fundo. Risinhos irônicos. Criaturas das trevas. Apertou mais uma vez o punhal na palma úmida. Seguiu em frente.

Lembrou-se dos banquetes que o pai costumava promover no salão da Torre de Bevan, nos quais os notáveis — e os não tão

notáveis assim — da corte de Leopold se reuniam para se aproveitar de sua hospitalidade. Agora, o lugar parecia um cemitério. Lençóis jaziam sobre diversos móveis, espelhos permaneciam cobertos, e teias de aranha pendiam de quase todos os cantos.

Ocupado com as funções do Conselho Lupino desde que chegara, Hector estava vivendo, comendo e dormindo apenas nos aposentos do lorde, deixando o restante da torre intocado, acumulando pó.

Prosseguiu, olhando ao redor, murmurando sem cessar o feitiço de proteção. Uma brisa soprou, fazendo os lençóis dançar como de fantasmas.

De onde vinha o vento? Ele não deixara nenhuma janela aberta. Hector dirigiu-se à janela que dava para o pátio, sentindo o ar gélido da noite atingi-lo conforme se aproximava. Estava totalmente aberta. Outra rajada, e a vela se apagou. O coração de Hector congelou ao ser tragado pelas trevas.

Um risinho, bem atrás dele.

Hector foi rápido. Virou-se e ergueu a mão esquerda, a palma aberta.

“Mostre a marca negra aos demônios”, pensou. “Mostre a eles quem é o magister. Mostre quem está no comando.”

— Retorne para o lugar de onde veio! — gritou, o rosto pálido, um misto de terror e raiva.

A sala ficou em silêncio. Por um instante. Aos poucos, os risinhos voltaram, e os olhos de Hector se adaptaram à total falta de iluminação.

Distinguiu duas sombras se movendo, destacando-se da escuridão absoluta do aposento. Uma era alta e esguia, como um graveto gigante. A outra era baixinha e atarracada e ria o tempo inteiro. Hector queria correr, mas as pernas não lhe obedeceram. Desejava gritar, porém a voz sumira. O vulto delgado esticou os braços como se fosse abraçá-lo, antes de uni-los em um movimento rápido.

Clap. Clap. Clap.

Batia palmas devagar, com a falta de entusiasmo característica dos aplausos a um péssimo bobo da corte; gestos lentos, arrastados, com um toque de ironia. A sombra atarracada continuava a soltar seus risinhos malévolos, sacudindo-se cada vez mais ao se aproximar do companheiro.

Hector não esperava que uma sombra soubesse bater palmas.

Os vultos ganharam forma. As sombras se concretizaram. A figura alta usava um casaco de couro que ia até os joelhos, preso na cintura por um cinto de armas de cota de malha. Os olhos, dois vãos escuros incrustados em um rosto repleto de cavidades, fitavam Hector. Seu parceiro, o atarracado, mancava de modo estranho, as pernas roliças hesitantes, parecendo pisar em falso a cada passo. Trajava uma veste grossa de lã, imunda, os braços peludos à mostra. O rosto era largo, os lábios viscosos fixos em um sorriso débil. Os risinhos não se continham, jorrando da boca à menor oportunidade. Ambos pareciam familiares a Hector, embora ele não conseguisse precisar de onde os conhecia. De qualquer maneira, sentia que corria grande perigo.

Recuou, colidindo contra uma mesa coberta com um lençol e provocando a queda das cadeiras que estavam sobre ela. Solto um grito, erguendo o punho enquanto o homem alto avançava. O mais baixo se apressou em direção à mesa, afastando com chutes as cadeiras caídas. Eles cercaram Hector e se aproximavam cada vez mais.

— Para trás! — berrou o magíster. — Que Brenn me perdoe! Para trás, ou sentirão o poder da minha espada.

— Não é uma espada, Porquinho — replicou o mais alto, levando uma das mãos às costas. Quando a retirou, trazia uma grande faca, um dos lados bem afiado, o outro, serrilhado. Um resquício de luz das estrelas dançou por toda a extensão da arma. Parecia letal e bastante experimentada.

— Ibal — chamou o mais alto —, mostre a sua para ele.

Com um gesto ágil, a figura atarracada sacou uma foice. A lâmina passou a descrever movimentos no ar, conforme o homem a mudava de uma mão roliça para a outra, sem interromper os risinhos histéricos.

— Parem com isso! — falou Hector, ofegante, incapaz de esconder o temor. — Parem com isso, por favor!

— Parar com o quê? — indagou o mais alto, olhando ao redor e dando de ombros.

Hector bateu contra um banco e cambaleou, despencando no chão.

Mais rápido que um raio, o homem atarracado, chamado Ibal, lançou-se sobre ele. O alto apareceu logo atrás, fitando-o de cima, girando a faca no ar.

— Soltem-no, rapazes — soou uma voz familiar. — Ele é um Lord.

Tenham respeito. — Os dois homens se afastaram, enquanto o ruído de passos se tornava mais próximo. Dada a posição desvantajosa em que se encontrava, Hector sentiu-se aliviado ao ver Vincent. Ergueu a mão em um pedido de ajuda, mas o gêmeo se dirigiu à janela.

— Está frio como uma cripta — falou, fechando a janela com um estrondo. — Vocês nasceram num celeiro?

Ibal riu mais alto do que nunca; o outro homem apenas se manteve imóvel, acompanhando os movimentos de Hector, que se levantava. Notou que o mais alto segurava seu punhal e o examinava à luz das estrelas.

— Um celeiro seria um palácio se comparado àquilo — respondeu em tom ácido o homem esguio.

Vincent pegou o punhal para examiná-lo também. Riu entredentes e o entregou de volta ao agradecido Hector.

— O que o acordou, irmão?

— Ouvi vozes — respondeu Hector. — Do lado de fora do meu quarto.

O que estavam fazendo lá? — Hector encarou a figura mais alta, a coragem renovada pela presença do irmão.

— Não sei do que está falando.

— Vocês dois estavam lá. Na porta do meu quarto.

O homem negou com a cabeça e olhou para Vincent.

— Não fizemos isso, milorde. Não nos afastamos nem por um instante do salão, seguindo suas ordens.

Vincent voltou-se para Hector: — Não sei o que você ouviu, Hector, mas não foram estes camaradas.

Deu para escutar coisas agora?

— Quem são estes camaradas? — perguntou Hector ao irmão em tom de urgência. Sentiu um grande desgosto invadi-lo. Era horrível que seu irmão fosse ligado àqueles bandoleiros. O pior, no entanto, era que nenhum deles havia subido a escada. O que quer que tivesse ouvido e visto na escuridão estava ligado à comunhão. Seu mundo se ampliava e se confundia, a fronteira entre vivos e mortos cada vez mais imprecisa.

— Achei que já os havia apresentado a você. Minhas desculpas, Hector. — Vincent ergueu uma das mãos e apontou para a dupla sinistra.

— São minha guarda pessoal, Ringlin e Ibal. Eles me trouxeram aqui, lembra? São os primeiros da nova Guarda Javalesca. Vão me acompanhar enquanto resolvo meus negócios. Os soldados de nosso pai não tinham estômago para trabalhar comigo; acabaram debandando. Graças aos céus temos Gerard lá para cuidar de tudo. Sabia que ele quer se tornar Xerife de Redmire? Não lhe parece algo revolucionário?

— Parece-me uma atitude de quem se importa com o povo. Gerard é um bom homem e, se Redmire precisa de um xerife, ele tem todo o meu apoio — respondeu Hector, conduzindo o irmão para perto da lareira há muito tempo sem uso. Vincent largou-se em uma poltrona coberta por um lençol, levantando uma nuvem de poeira.

— Espero que você não esteja sugerindo que não me importo com Redmire. O único motivo da minha presença aqui é resolver as questões da coroação.

— Coroação? Como assim?

— Ora, o trono de Redmire, caro irmão. Nosso pai, que Brenn o tenha, se foi. Precisamos garantir que minha coroação seja aprovada com rapidez.

Amanhã terei uma audiência com Bergan. O assunto deve ser resolvido em breve.

Vincent parecia bastante satisfeito consigo mesmo. A atenção de Hector foi brevemente atraída pelos dois que se moviam logo atrás dele, entrando e saindo de seu campo de visão. Um suor gelado lhe empapou o pescoço e o peito. A cabeça latejou de preocupação, e ele foi tomado por náuseas.

— Não sabia que havia algo a ser resolvido — Hector comentou com certo nervosismo na voz. Ficou de costas para a lareira, para não perder Ringlin e Ibal de vista. — Não se esqueça de que o trono de Redmire é meu por direito; eu precisaria abdicar dele.

Vincent sorriu em concordância. Subitamente, parecia animado.

— Eu sei. Estou me adiantando um pouco, não? Claro, assim que você renunciar a seu direito, sob testemunho de Bergan ou Mikkel, poderei levar adiante os preparativos para a coroação. Nosso pai tinha propriedades na Highcliff, não? Acredito que esses imóveis e negócios valham alguma coisa; talvez eu os venda e invista o dinheiro em Redmire quando retornar.

— É uma fonte de renda da qual nossa família depende. Liquidar esses bens agora poderia aliviar as contas, mas nos deixaria num estado tenebroso de penúria a longo prazo. Não concordo com a venda de nada — afirmou Hector, recuperando o fôlego antes de prosseguir. — Além disso, não decidi abdicar do trono.

— Você é um magíster, Hector. Sente-se muito mais feliz na companhia dos livros. Corrija-me se eu estiver enganado: você mal consegue manter uma vida social, imagine uma corte! Eu, por outro lado, fui preparado para esse cargo. Quem foi a sombra de nosso pai nos últimos quatro anos? E quem sumiu do mapa para ser o criado medroso daquele rato do Vankaskan? Você não nasceu para governar. Deixe isso para mim.

Era mais do que Hector podia tolerar.

— Não, não o farei — respondeu, indignado. — Não vou permitir que acabe com Redmire. Se continuar desse jeito, você vai destruir o trabalho árduo de nosso pai, assim como a reputação dele. Sei diferenciar o certo do errado e sei o que é melhor para Redmire. Para o bem de todos, acho bom eu ficar de olho em tudo daqui para a frente.

A resposta de Vincent não foi imediata. Ele se levantou da poltrona, fazendo uma pausa para espanar o pó do camisolão. Lançou um sorriso a Ringlin e Ibal. Hector se virou para os dois, a fim de observar a reação deles.

Quando se voltou novamente para Vincent, o rosto do irmão estava a poucos centímetros do seu.

— Vou simplificar as coisas — disse Vincent, a voz calma.

Colocou as mãos nos ombros de Hector e apertou-os com firmeza.

— Você vai renunciar a seu direito ao trono.

— E se não o fizer?

Vincent apertou os ombros do irmão com mais força, os dedos praticamente penetrando o tecido do camisolão de Hector. O magíster notou pelos castanho-avermelhados surgir de debaixo das mangas da túnica do irmão e se espalhar por suas mãos, que o pressionavam com violência.

Vincent mostrou os dentes, bufando e forçando o corpo do irmão para baixo. Hector sentiu os joelhos sucumbir, as pernas cedendo até seus joelhos tocarem o chão. A transformação continuou. O peito de Vincent agora arfava, a respiração quente e pesada, enquanto as costelas estalavam e se deslocavam. Hector assistia àquilo horrorizado, ouvindo os ossos da cabeça do irmão atritar ruidosamente um contra o outro. O magíster, que jamais aprendera a controlar sua natureza transmorfa, surpreendeu-se com o fato de Vincent ter dominado a dele.

— Eu ficarei com o trono de Redmire, Hector — disse Vincent, as presas do Javali se pronunciando boca afora. — Há duas maneiras de fazer isso. Ou você abdica do trono como um bom garoto, ou reclamarei como único herdeiro vivo.

Ele soltou Hector, projetando-o para longe e fazendo-o se chocar contra a lareira. O rosto do Boarlord bateu contra os tijolos, e um corte se abriu na têmpora. Olhou para cima: Vincent se desviava de seu corpo caído para se juntar a seus homens. Hector não o reconhecia mais. Não era o menino com quem crescera, tão amigo, sempre a seu lado. Queria chorar: pelo pai, por Redmire e, até mesmo, por Vincent. Hector voltou a ficar de pé, a cabeça empapada de sangue ao se encaminhar, cambaleante, salão afora.

Agarrando-se à maçaneta dos grandes portões da entrada, abriu-os, a roupa de dormir esvoaçante, e caminhou, a passos vacilantes, para fora, movendo-se como pôde pelos jardins.

— Isso mesmo — disse Vincent, a risada ruidosa de Ringlin e Ibal perseguindo Hector. — Corra, lordezinho. Você tem muito o que fazer!

Disseram que dá bastante trabalho esse negócio de abdicar!



Por ordem do rei

Apesar do breu no interior da caravana, a mancha escura era perceptível no chão de tábuas. Os homens de Lucas não se importaram em limpar a cena do crime, deixando o sangue como lembrete do que eram capazes. O único conforto era um beliche, que ficava no espaço antes ocupado por mercadorias. Estas se encontravam agora jogadas em algum canto obscuro próximo à estrada Tallstaff, ao lado do corpo do comerciante e de seus guardas. Era triste imaginar que a vala pantanosa fosse o último local de descanso daquelas pobres almas, cujo único equívoco fora estar no lugar errado, na hora errada. Vazia, a caravana era pouco mais que uma cela móvel, tendo por prisioneira a Raposa de Hedgemoor.

A expressão de Gretchen era sombria ao desviar os olhos da mancha assombrosa e olhar através da grade da janela da porta traseira. Via a estrada, a paisagem oscilando conforme a caravana seguia em alta velocidade. Amanhecia, a jornada noturna próxima de terminar. Os pássaros cantando formavam um coro matinal que começava a suplantar o barulho dos cascos dos cavalos e das rodas dos veículos, para anunciar sua passagem. Vez por outra, os grunhidos do soldado ferido que viajava sobre a caravana também

eram ouvidos, mas em vão — os companheiros não demonstravam nenhuma simpatia.

Gretchen ainda estava desorientada. Ser sequestrada e aprisionada era uma coisa, mas dormir durante o dia e viajar durante a noite era outra completamente diferente, um contrassenso absoluto. Mas ela não havia desperdiçado aquele dia. Longe disso: estivera bastante ocupada.

As unhas ainda estavam quebradas, embora as pontas dos dedos já estivessem quase recuperadas. Agradeceu pelos poderes de cura transmorfa.

Antes, teria desistido de qualquer experiência que lhe causasse dor. Nos últimos dois meses, porém, descobrira uma determinação que nunca soubera possuir. Drew a havia inspirado. Sorriu ao pensar no jovem Werewolf. Onde estaria ele? Saberia que ela estava viva?

Vankaskan tomara a caravana no início da noite, não muito depois de partirem, após se deparar com o acampamento que o pobre comerciante havia preparado. Ele e seus dois guardas acolheram a comitiva de Werelords, mas logo se arrependeram. Os guardas sucumbiram com flechas fincadas no corpo; o Wererat foi atrás do comerciante, que correu a fim de se refugiar na caravana. O pobre senhor ainda conseguiu acertar uma flecha em um dos homens do príncipe, ferindo-o gravemente, mas foi destroçado pelo Rato. Os outros soldados saquearam a caravana por completo e lançaram os corpos à vala, ateando-lhes fogo. No futuro, depois que a comitiva abandonasse o local, um passante qualquer sequer desconfiaria dos acontecimentos terríveis que se deram ali.

A Raposa levou a mão à extremidade da bota. Os dedos feridos tocaram a cabeça do longo prego enferrujado. Ele havia se projetado ligeiramente da parede, em consequência dos solavancos causados durante a pilhagem da caravana. A cabeça larga e proeminente do objeto permitiu que Gretchen o pinçasse. Assim que ficou a sós, passou a puxá-lo, os dedos em frangalhos. Enfim o prego cedeu e saiu na mão ensanguentada, recompensa perversa pela noite de trabalho árduo. Apenas uma dúvida permanecia: estaria preparada para usá-lo?

— Bom dia, meu anjo!

Ela se virou. O príncipe Lucas surgiu, de cabeça para baixo, no alçapão.

Exibia um sorriso largo, as madeixas loiras apontando para o chão. Projetou-se pela abertura, apoiando-se nas beiradas e descendo de ponta-cabeça, gracioso como um acrobata. Aprumou-se ao chegar ao chão.

O príncipe sentou-se no beliche e deu um tapinha no colchão, sinal para que a Raposa se juntasse a ele.

— Se me permite, prefiro ficar de pé.

— Não seja boba — Lucas riu. O olhar, no entanto, endureceu. — Sente-se, eu insisto.

Relutante, a Werefox juntou-se a ele, arrumando o vestido sobre o colo após sentar-se. Vinha utilizando o manto vermelho como cobertor, mas agora o enrolara no corpo. Ainda trajava o curto vestido de verão cor de creme e não queria incitar o jovem Leão. Afinal, ela era uma garota na companhia de assassinos; embora quisesse manter Lucas a distância, a segurança dela dependia dele.

— Seu humor parece dos melhores hoje.

— E por que seria diferente? — disse ele, um braço envolvendo-a. Ela estremeceu, e Lucas prosseguiu: — Reconciliado com minha prometida e a caminho da liberdade. Por que não estaria feliz?

— O fato de homens inocentes terem sido mortos por suas mãos e ordens não o incomoda?

— Não conheço esses homens inocentes de que fala! O tolo do Kohl trabalhava para os porcos da Casa do Traidor, nome mais apropriado do que nunca. Não perderei uma noite de sono sequer por causa da morte dele.

— Era um homem idoso!

— Era um traidor idoso. Aliou-se ao Lobo, o que faz dele inimigo de todos nós: seu, meu e de meu pai, o rei.

— E quanto aos outros? — ela perguntou, tentando manter a compostura. — E quanto ao comerciante? O Rato o matou, e matou também os guardas dele, Lucas — falou, apontando para o chão. — Veja, foi aqui que o pobre homem morreu. Vê essa mancha de sangue na madeira?

Lucas desviou o olhar, preferindo segurar a mão trêmula da Werefox entre as dele.

— Sobre isso, não sei nada. Não testemunhei a morte desse pobre camarada. Estava fazendo companhia a você na estrada, lembra-se? Mas imagino que o infeliz tenha feito alguma tolice e provocado minha leal Guarda Leonina. A última pessoa que se deve irritar é meu velho amigo Vankaskan, não concorda?

Lucas não mentiu. Estava no cavalo ao lado de Gretchen enquanto o acampamento era saqueado, Vankaskan liderando o ataque. Contudo, a ideia de que aqueles pobres homens fossem capazes de enfrentar a Guarda era absurda. Ela pensou se não deveria dizer isso a Lucas, mas preferiu calar-se. Precisava ser cuidadosa nas discussões com o príncipe.

— Parece ansiosa, meu amor — ele comentou, acariciando levemente a mão dela. Mesmo com a pele formigando, a Raposa se conteve e não retirou a mão. Ofender Lucas era a última coisa que ela queria. — Não se preocupe, querida — o príncipe prosseguiu. — Eles não lhe causarão nenhum mal. Você tem de compreender que esses homens dariam a vida por mim e por você. São soldados leais à Guarda Leonina, eternamente devotados a meu pai. Confie em mim. Quando estivermos mais ao sul, não teremos com que nos preocupar.

Depositou-lhe um beijo na face; os lábios pousaram nela por um longo instante. A Raposa sentiu o hálito quente de Lucas sobre sua pele, o odor impregnando-se nela. Estremeceu, o corpo incapaz de conter o medo.

— Vejo que precisa descansar, Gretchen — Lucas falou. — Vamos parar em breve, talvez possamos esticar as pernas longe desses homens. Não seria ótimo?

Ela o encarou, as feições endurecidas. Lucas sorriu diante de tanta severidade. Adorável. Ela não sabia qual seria a reação do príncipe, mas não pôde mais segurar a língua: — Depois de tudo o que aconteceu, você continua a me cortejar como se fosse a coisa mais natural do mundo, ainda mais estando nós cercados por esses bárbaros! Esses homens que você chama de leais são todos uns

assassinos! E ainda me diz que confia neles? Para mim, você é tão louco quanto esses bandoleiros.

O dorso da mão de Lucas atingiu o rosto da garota. Ela tombou para trás, caindo no colchão. O golpe viera de surpresa. Jamais fora agredida assim. Lucas se levantou, perfeitamente equilibrado, mesmo com o balançar da caravana, a mão se fechando. A Raposa tirou o prego da bota, erguendo-o em posição de defesa.

— Como se atreve? — rugiu ele, o rosto corado e os olhos vermelhos.

— Como ousa questionar minha sanidade? Sou o único homem sã neste mundo de covardes e traidores! E o que você pretende fazer com esse pedaço de metal? Espero que seja de prata, para seu próprio bem!

— Há outras maneiras de ferir um Werelord, Lucas!

Ela mostrou os dentes, a face já revelando aspectos da Raposa. As maçãs do rosto se salientaram, e as feições ficaram mais pronunciadas. Boca, mandíbulas e orelhas começaram a se esticar, causando uma dor insuportável. Ela se sentia mais forte, mais poderosa.

Lucas recuou diante da transformação da Werefox. Aquilo era novidade, algo que ele não esperava de Gretchen. Parecia chocado, totalmente abalado pela mudança dela. Transformada, ela conseguiria lutar contra ele de igual para igual?

O corpo de Lucas começou a se expandir, os ombros aumentando de tamanho e forçando o tecido da roupa. A cabeça cresceu, pelos loiros se revelando no queixo protuberante. A respiração mudou, soando agora como se ele tivesse dentes demais na boca, pesados e afiados, entrecruzando-se.

A Werefox soltou um ganido agudo, um lembrete ao Werelion de que ela também tinha dentes. Ele rugiu de volta, salpicando de saliva o ar. Então ela chorou, a confiança caindo por terra, o temor atingindo-a como uma avalanche. Com rapidez, a Raposa desapareceu. Gretchen soltou o prego aos pés de Lucas.

— Ouça bem! — gritou ele, a garra em riste. — Nunca mais me questione! Só desta vez, vou relevar. E não se esqueça de que seu lugar, Gretchen, é a meu lado.

Ela se encolheu. Tão rápido quanto apareceu, o Leão se foi. Agora, Lucas passava a mão no próprio cabelo, tentando se acalmar. De um instante para outro, era de novo o jovem príncipe. Abaixou-se e tomou o prego nas mãos.

Um barulho no alçapão fez os dois olhar para cima. Uma forma negra se esgueirou, caindo e colidindo contra a parede devido ao sacolejar da caravana. O rosto infeliz de Vankaskan surgiu de dentro do capuz.

— Perdão por me intrometer, mas ouvi gritos — disse o Ratlord. — Seria irresponsabilidade de minha parte não investigá-los. Está tudo bem?

Gretchen desviou o olhar. Achava aquele homem repugnante. Os cabelos negros e oleosos caíam em madeixas nojentas sobre o rosto, enfatizando a já chamativa palidez da face esquelética. Detestava em particular a maneira como ele a observava, como se ela fosse um pedaço delicioso de carne o qual estivesse ansioso para saborear.

— Não foi nada — Lucas respondeu, o cenho franzido ao fitar a garota.

— Gretchen disse algumas palavras inadequadas. Mas já está tudo bem — acrescentou com um sorriso, como se o que se sucedera ali tivesse sido apenas uma briguinha de namorados.

— Como já lhe falei — disse o Wererat, sem se preocupar em soar agradável —, se a moça não estiver se sentindo bem, tenho remédios que ficaria feliz em prescrever para deixá-la mais... confortável.

Gretchen virou-se com rapidez: — Se encostar um dedo em mim, eu arranco sua garganta com minhas próprias mãos!

Vankaskan riu, um som sinistro que terminou em um acesso de tosse.

Seus olhos se arregalaram, como se as palavras de Gretchen fossem a coisa mais engraçada que já ouvira.

— Cara donzela, sou apenas seu humilde servo. Por favor, aceite meu perdão se minhas palavras a ofenderam. Saiba que estou à sua disposição, caso precise de mim.

Vankaskan deu tapinhas amigáveis no ombro de Lucas.

— Alteza — disse —, vou voltar ao meu posto, já que está tudo bem.

Se puder se juntar a mim, será excelente. Eu gostaria de lhe falar.

Lucas concordou com um gesto de cabeça, e o Rato saiu pelo alçapão.

O coração de Gretchen disparou como um cavalo galopante, a garganta dolorida por causa do esforço que empreendera antes.

— Vamos manter a cortesia pelo restante de nossa jornada, meu amor — sugeriu Lucas. — Fique calma, ou as coisas vão terminar em algo pior do que lágrimas. — Fez um carinho no rosto dela, limpando algumas lágrimas.

— Vamos combinar assim?

Ela concordou, estremecendo ao toque dele. O príncipe se retirou da caravana, deixando a Raposa de Hedgemoor sozinha no beliche.

Ao sair, Lucas trancou o alçapão, transpassando duas alças com uma lança. Abaixado, andou pelo teto do veículo, passando pelo soldado ferido, Bussnell, em direção ao assento do condutor. A cabeça do soldado bateu contra a caravana, e de sua garganta ferida e ensanguentada brotou um resmungo. Lucas o ignorou, unindo-se aos camaradas à frente.

O capitão Colbard, um nortista robusto e de passado movimentado, comandava as rédeas. Bandoleiro das Terras Áridas na juventude, preferira as moedas do rei a ser conduzido à forca, e ganhara renome no campo de batalha. Quando Vankaskan recrutou a guarda pessoal de Lucas, Colbard foi sua primeira escolha. Não havia muitas coisas que o brutamontes não fosse capaz de derrubar com seu machado. Com a morte do capitão Brutus, Colbard era seu substituto natural. O nortista relanceou o príncipe antes de se voltar para a estrada.

Vankaskan, sentado ao lado do capitão, abriu espaço para Lucas se juntar a ele. O príncipe lançou o prego enferrujado ao Wererat e jogou-se no assento. Passou os dedos pelo dorso da mão com que havia esbofeteado Gretchen.

— Essa menina tem garras afiadas — comentou o Ratlord, brincando com o pedaço de metal nas mãos.

— É exatamente por isso que deve ser minha noiva — murmurou Lucas. — Preciso de uma mulher forte para criar meus herdeiros, não de uma ratinha medrosa. Um espírito como o dela é coisa rara entre as Weres.

Ela é perfeita.

— Por mais perfeita que seja, tome cuidado. Não baixe a guarda diante dela.

— Gretchen não ousaria me desobedecer. Ainda sou o filho do rei, e ela foi criada para respeitar seus superiores.

— É apenas um aviso — replicou Vankaskan. — Se precisar, tenho meu estojo de remédios. — Mostrou a bolsa de couro negro a seus pés.

— Estojo de remédios? — riu Lucas. — São seus instrumentos, não são? Achei que o Porquinho houvesse levado os remédios.

Vankaskan escarneceu dele, cuspiendo ao vento, a expressão de puro desgosto. A cusparada voltou, atingindo o ombro de Colbard. O capitão permaneceu impassível.

— Vou ter prazer em estripar aquele desgraçado quando chegar a hora — rosnou Vankaskan. — Não, é um estojo de remédios mesmo. Todo bom cirurgião precisa de drogas, tanto quanto de instrumentos. Tenho todo tipo de remédio nesta caixinha mágica.

— Com sorte, não precisaremos disso — disse Lucas, enquanto Bussnell, o ferido, gemia atrás deles. — Não tem nada que você possa dar a ele?

— Ele possui um coágulo — constatou Vankaskan. — Não vou desperdiçar nada com ele. Esse soldado mais atrapalha do que ajuda.

Bussnell era um dos mais desafortunados homens de Lucas, ferindo-se constantemente. A flechada do comerciante o acertara na garganta, e o grupo aguentara seus lamentos durante a noite inteira. Sua situação era das piores possíveis.

Lucas observou os soldados que galopavam ao lado da caravana.

— Sorin está de volta? Ele conseguiu algo para nós?

— É isso mesmo que eu gostaria de discutir — comentou Vankaskan.

— Ele esperou algumas horas, como ordenado, e parece que eu tinha razão.

Sorin contou dois cavaleiros vindos do norte. Usavam o manto verde de Brackenholme; patrulheiros, sem dúvida. Eles encontraram nosso acampamento. Imagino que um destacamento maior venha atrás.

— Então foi providencial termos encontrado esta caravana. Gretchen praticamente se arrastava. Se continuássemos avançando no ritmo dela, eles já teriam nos alcançado. Bom trabalho, Vankaskan.

O Ratlord sorriu, os pensamentos perdidos enquanto observava a estrada Tallstaff.

— Sorin deve estar faminto. Cavalgou a noite inteira para nos alcançar.

Dê a ele rações extras assim que pararmos para acampar.

— Ele merece — concordou Vankaskan. — Talvez devêssemos deixar algo no caminho dos patrulheiros do Urso. Um lembrete de quem estão caçando.

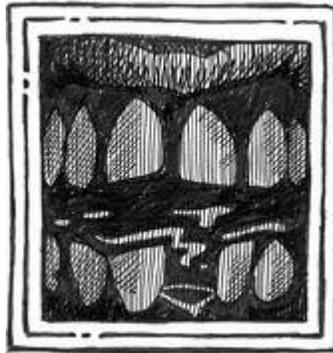
Lucas ficou intrigado, e Vankaskan logo se dirigiu ao teto da caravana.

Ouviu Bussnell rogar pela ajuda do Wererat, que se projetava sobre ele.

Lucas espiou por cima do ombro e viu Vankaskan erguendo o prego enferrujado acima da cabeça do soldado. Tornou a olhar para a estrada. O príncipe da Westland concentrou-se no barulho dos cascos dos cavalos, que abafou os gritos do moribundo.

— Ainda bem que ele gosta de mim — murmurou Colbard, dando novo impulso às rédeas.

Lucas sentiu um calafrio e concordou com um gesto de cabeça.



Abrigo da tempestade

A tempestade perseguia os dois cavaleiros que viajavam pela estrada Tallstaff. O aguaceiro começara a cair enquanto eles levantavam acampamento naquela manhã, obrigando-os a partir mais cedo do que o planejado. Ainda estava escuro quando saíram, mas Drew ficou aliviado por voltar à estrada. Agora, algumas horas depois, Whitley havia novamente se desviado da rota, pois vira algo que a deixara alarmada. Um corvo só sobrevoando uma vala poderia ter passado despercebido, mas uma dúzia deles certamente chamava a atenção.

Os corvos alimentavam-se de três cadáveres. Um deles estava deitado de costas, o rosto já destruído pelas aves devoradoras de carniça. Seus companheiros estavam de bruços, a cara enfiada numa poça; as costas de um haviam sido perfuradas por setas de besta, enquanto o tronco do outro estava repleto de rasgos selvagens. Este último usava roupas de comerciante, agora manchadas de sangue e lama. Uma inspeção mais apurada do acampamento revelou caixas de mercadorias abandonadas e sulcos na terra provocados pelas rodas da caravana ao ser conduzida de volta à estrada, rumo ao sul. Drew levou pouquíssimo tempo para compreender o que havia acontecido.

— Isto é obra de Lucas e Vankaskan.

— Como pode saber? — perguntou Whitley, sentindo-se enjoada diante da visão dos cadáveres.

— Nenhum bandoleiro que se preze deixaria os estragos para trás dessa maneira. Quem quer que tenha atacado esses homens desejava a carroça. E não se importou nem um pouco em matar para consegui-la.

Whitley concordou, conduzindo Chancer para longe dos corpos, sendo seguida pelo cavalo de Drew.

— Eles ganharão tempo se estiverem sobre rodas — ela concluiu, voltando à estrada. — Vamos continuar, antes que essa maldita chuva acabe com a trilha que deixaram.

A tempestade era implacável; o clima afastava viajantes da estrada. Os cavalos retomaram o ritmo, ambos os cavaleiros forçando a montaria para tentar se aproximar o máximo possível dos inimigos. Lucas e Vankaskan podiam ter uma caravana, mas nada fazia frente à velocidade de um cavalo ágil na estrada aberta. Drew e Whitley fizeram uma parada breve à tarde, quando a estrada Tallstaff foi interditada pela inundação de um rio, a água fresca dos Kinmoors saciando a sede das montarias. Eles se abaixaram para encher os odres, a chuva fustigando sem cessar o capuz dos mantos verdes.

— Talvez fosse mais fácil alcançá-los de barco — resmungou Drew. — Nunca vi tanta chuva assim.

— Vou tentar fazer uma fogueira hoje à noite — Whitley disse. — Quem sabe a gente consiga secar nossas roupas.

— Não estou reclamando. Aceito de boa vontade toda chuva, inundação ou intempérie que a Lyssia queira jogar sobre mim, desde que eu consiga sair da cidade.

Whitley arrolhou o odre, fitando Drew pensativa. Lançou-lhe um sorriso bastante franco, os cabelos molhados grudados no rosto.

— Está fugindo, não é?

Drew negou com a cabeça, surpreso com o comentário.

— Estou à procura de Gretchen, o que é bem diferente.

— Não me interprete mal; estou do seu lado. Também desejo encontrar sua amiga e levá-la de volta para casa sã e salva. Mas há algo além nessa sua jornada.

Drew sentia-se genuinamente desconcertado com os comentários de Whitley; estreitou os olhos para poder enxergá-la melhor em meio à chuva.

— Aqui fora você se torna um garoto diferente — ela prosseguiu. — É como se tirasse um grande peso dos ombros. Está de volta a um território familiar.

Drew deu de ombros, arrolhando o próprio odre.

— Estou no meu hábitat. Conheço este mundo, a Costa Gélida, os Kinmoors. Nós dois sabemos muito bem que eu não pertencço a Highcliff.

— É claro que pertence, Drew: você é o futuro rei da Westland.

— Meus amigos vêm em primeiro lugar, Whitley; você, Hector, Gretchen.

— Mas a Lyssia precisa de você, e o povo também.

— Você está parecendo seu pai — resmungou ele.

— Agora você pegou pesado — ela riu. — Não me entenda mal; é muito nobre ir atrás de uma amiga nessa situação. Como ficar em Highcliff quando alguém que você ama foi -sequestrado?

Drew fez menção de protestar contra a palavra "ama", mas não teve chance. A Bearlady prosseguiu: — Mas, assim que encontrarmos Gretchen, se conseguirmos resgatá-la, onde quer que isso se dê... O que você fará? Voltará para Highcliff conosco?

Responda de coração, Drew. Sabe com quem está falando.

O sorriso de Whitley estava lá de novo, rios de água da chuva correndo por seus lábios. Drew estremeceu, detendo-se por um momento, pensativo.

— Sinceramente, não sei.

Whitley começou a rir enquanto se levantava, e Drew ergueu a mão como para pedir sua atenção.

— Não vou mentir sobre o que sinto, Whitley. Jamais desejei nada disso. — Apontou para si mesmo. — Ainda sou aquele garoto da Costa Gélida. Fui forçado a passar por tremendas mudanças nos últimos tempos, e meu mundo virou de ponta-cabeça. É tão estranho assim que eu não queria ser rei e deseje voltar às minhas raízes?

— Mas é justamente disso que se trata — Whitley respondeu. Colocou o indicador sobre o tecido encharcado do manto dele, apontando para seu coração. — Suas raízes estão aqui. Você é um Lobo, Drew; não há como fugir disso. Assim como eu sou um Urso. É nosso destino; somos transmorfos, Weres. Nascemos para governar.

— Você nunca vai entender... — Drew murmurou, aproximando-se de seu cavalo.

— Espere aí! — ela falou, puxando-o de volta. Parecia zangada. — Entendo melhor que ninguém, Drew. Também estou fugindo de uma coisa: a vida na corte como Lady de Brackenholme. Embora eu vista a roupa de patrulheira dos Sentinelas da Floresta, quem estou querendo enganar?

Algum dia, vou me unir por questões políticas a outra dinastia de Werelords, queira ou não. É meu destino. A única diferença entre mim e você é que eu tive mais tempo para me acostumar com essa ideia.

Whitley abriu um sorriso melancólico, e Drew anuiu com a cabeça. A expressão dele devia ser desoladora, pois a amiga deu um passo à frente e o abraçou. Drew correspondeu ao gesto de carinho. Sua respiração tornou-se estranhamente fraca, e o coração passou a bater apressado. Será que Whitley conseguia perceber aquele martelar, como se algo quisesse saltar do peito dele? Repentinamente desconfortáveis com o abraço, ambos se desvencilharam, um sorriso constrangido estampado no rosto.

— É melhor continuarmos — disse Whitley, montando Chancer com certo esforço.

— Sim — concordou Drew, procurando algo mais para dizer, mas sem encontrar. Subiu à sela e logo estava atrás de Whitley.

Viajaram até o cair da noite em silêncio, perdidos nos próprios pensamentos, enquanto as primeiras estrelas cintilavam. Em certo momento, deixaram a estrada, dirigindo-se a uma pequena floresta a leste de Tallstaff. Uma profusão de árvores lhes dava abrigo da chuva, e Whitley passou a amarrar os cavalos para passarem a noite.

— Quer que eu vá buscar lenha? — perguntou Drew, recriminando-se de imediato por soar como uma criança. De cima da sela de Chancer, Whitley sorriu e aceitou.

— Isso se você achar algo seco. É o melhor a fazer, pois estamos encharcados; a fogueira pode atrair atenção, mas, se dormirmos com estas roupas molhadas, vamos ficar doentes.

Drew partiu prontamente, feliz em poder ficar sozinho, mesmo que por um breve momento. Não lhe saía da mente aquele abraço. Whitley era sua amiga — a última coisa de que ele precisava na vida era confundir o que sentia por ela; já era ruim o bastante não saber o que exatamente ele tinha com Gretchen. A incerteza também em relação à filha de Bergan fez doer sua cabeça e seu coração. Torcia para que Whitley não houvesse percebido o quanto ele se incomodara.

Saiu pela mata, recolhendo galhos secos e lançando para longe os úmidos. Whitley tinha razão. Ele estava fugindo. Por mais perigosa que fosse sua jornada, sentia-se alegre na estrada, afastando-se cada vez mais de Highcliff e das responsabilidades do Conselho Lupino. Era Drew Ferran, filho de fazendeiro — o que ele sabia de fato sobre governar um reino? O máximo que fizera até então fora contar o rebanho a cada noite antes de se recolher à sua casa, e isso lhe bastava. Deteria Lucas, salvaria Gretchen, e então seria o fim. Que Bergan governasse a Lyssia — já estava, aliás, realizando um excelente serviço como Lord Protetor. Quanto mais distante estivesse de Highcliff, mais fácil seria para Drew sumir do mapa quando a oportunidade surgisse.

Uma batida leve e ritmada à porta dos fundos da caravana fez o capitão Colbard se sobressaltar. O soldado bocejou, erguendo-se dos degraus da carroça para se esticar por um instante, antes de tirar a chave do bolso.

Sorin dormia no chão, bem próximo, um soldado casca-grossa e o mais próximo que Colbard tinha de um amigo. A Guarda Leonina revezava-se para cuidar da Lady de Hedgemoor enquanto acampava, cada um passando duas horas em vigia. Não era exatamente um serviço difícil: ser babá de uma princesa mimada e esvaziar seu balde quando fosse preciso.

A comitiva do príncipe Lucas acampava durante o dia mais uma vez, longe dos olhos curiosos de viajantes. Os rumores a respeito do destino de um dos integrantes, Bussnell, passaram de soldado a soldado. Todos concordavam que Vankaskan tinha agido corretamente ao dar fim à vida do infeliz, mas o ritual subsequente que o Ratlord executara revirara-lhes as entranhas. Deixaram o cadáver para trás, uma surpresa para os patrulheiros de Brackenholme que os seguiam. Colbard sentiu um calafrio; magia negra era algo a que o brutamontes nortista jamais se acostumaria.

A garota bateu de novo à porta, uma batidinha delicada, graciosa. “A latrina deve estar cheia.” Ele riu ao pensar nisto: uma donzela transmorfa de língua afiada tendo de fazer as necessidades num balde, como um camponês comum.

— Calma, já estou indo — grunhiu. Bocejou mais uma vez e girou a chave na fechadura.

A porta foi a primeira coisa que o atingiu, e ele tombou nos degraus da caravana. Quando se recompunha do susto, sentiu a dura borda de metal do balde lhe bater no queixo, fazendo-o cambalear e cair em cima do ainda adormecido Sorin. Mal pôde ver Gretchen passar correndo, ocupado que estava em se desvencilhar do companheiro, que soltara um berro de agonia.

Em um instante, o acampamento inteiro despertou.

Whitley estava entre os dois cavalos, amarrando uma rédea na outra.

Mordeu o lábio e balançou a cabeça, resmungando consigo mesma enquanto trabalhava: — Como consegue se meter nessas enrascadas, Whitley?

A sensação era nova para ela, um frio no estômago ao pensar em Drew e relembrar aquele abraço. Nada de bom poderia resultar dessa sensação.

Agachou-se, passando as rédeas por uma corda, que amarrou numa árvore.

A vida na Prefeitura de Brackenholme nunca fora confortável. Jamais gostara da companhia de outras pessoas; sempre preferiu explorar matas e campos a ficar trancafiada num palácio abafado.

Juntara-se aos Sentinelas da Floresta justamente para se livrar do estilo de vida na corte.

Gretchen era sua amiga, a única garota transmorfa de sua idade que conhecia. Não tinham muito em comum, pois -Gretchen sempre fora uma princesa, em todos os sentidos, enquanto Whitley era praticamente um moleque, mas ambas se consideravam como família. Era seu dever ajudar a Raposa como pudesse. Era por isso que acompanhava Drew. E foi por esse único motivo que concordou em partir com o Lobo.

— Não se esqueça disso, Whitley — resmungou, sem acreditar em si mesma por um instante que fosse.

O estalar repentino de um graveto a fez se levantar. Surpresa por Drew já estar de volta, virou-se.

Um par de olhos azul-claros reluziu na escuridão, e duas mãos sujas se projetaram em sua direção, os dedos ávidos e os dentes à mostra. Tentou saltar para trás, mas uma das mãos agarrou-lhe o manto. O oponente se aproximava cada vez mais, e Whitley se esforçava para abrir o fecho que prendia o manto em torno de seu pescoço. O homem de olhos azuis grunhiu, abrindo a boca para mordê-la no crânio. O fecho abriu-se assim que os dentes dele se fecharam, pegando apenas fios de cabelo. Whitley berrou de dor e lançou-se para baixo.

Caiu na lama e pôde ver o oponente arremessando-se veloz contra ela.

Empurrou-o com as pernas, fazendo-o aterrissar sobre as folhas. Em seguida, rolou no chão, tentando rastejar para longe, mas sentiu uma mão agarrar seu tornozelo. Desferindo chutes, lutou para se libertar. Em vão. O oponente não dava trégua, as mãos subindo por seu corpo até que ele estivesse completamente sobre ela.

O homem era monstruoso. Os olhos pareciam expelir chamas azuis enquanto ele cuspiu cabelo, sedento por devorá-la. Uma gosma negra caía do canto dos lábios; Whitley virou o rosto para se proteger do líquido viscoso. A garganta dele estava aberta, um pedaço oscilante de pele dilacerada pendia, e um fedor de decomposição invadiu as narinas de Whitley. “Que Brenn me ajude!

Ele está morto!” Aterrorizada, sua mente voltou ao cadáver do capitão Brutus. Whitley ainda resistia, defendendo-se, mas já começava a perder as forças.

Imagens do duque Bergan e de Broghan atravessaram sua mente.

Jamais aprendera a controlar o Werebear, sendo a natureza transmorfa dominada pelos Werelords mais agressivos, mas sabia convocá-lo quando necessário. Não conseguia se transformar como o pai ou o irmão, porém a fera interior podia ajudá-la de outras maneiras. Sentiu os músculos crescendo, o Urso surgindo para salvá-la. Grunhiu, avisando o inimigo de que estava pronta para o combate.

A lenha foi ao chão quando Drew ouviu o grito de Whitley. Ele arrancou através da vegetação, saltando árvores caídas e desviando de galhos ao se aproximar do acampamento. Ao correr, sentia a transformação tomar conta de si. Os caninos cresciam, os membros se modificavam, e as passadas se tornavam mais largas à medida que a marcha humana dava lugar à do Lobo. Quando chegou ao acampamento, já era todo dentes, garras e terror.

Uma figura grande estava sobre Whitley, a garota relutando sob aquele peso, e o oponente em posição de ataque, os dentes se aproximando perigosamente do rosto da patrulheira. Era incrível, mas Whitley resistia, impedindo que o inimigo a devorasse. Drew não perdeu um instante sequer e, com um poderoso chute, lançou a criatura para longe. O brutamontes cambaleou ao se levantar, e Drew se posicionou entre ele e Whitley.

Estremeceu, o tornozelo torcido e doendo devido ao forte impacto. Sacou a Wolfshead da bainha e focou o inimigo.

Grande e calvo, o oponente algum dia já fora um nortista. Mas não mais. Nos olhos tremulavam chamas azuis que fizeram Drew se lembrar de Brutus. Mortos ressuscitados. O cadáver passara por uma comunhão.

Era evidente que ele havia sido um militar durante a vida, o tronco coberto por um tabardo, a cota de malha visível abaixo. A pele da garganta, devido a um buraco que ia de orelha a orelha, pendia, solta, o peito escuro encharcado de sangue. Drew estreitou

os olhos para distinguir o emblema no tecido rasgado — embora estivesse um tanto desgastado, ainda era visível: um leão feroz. O que parecia ser a ponta cega de um prego enferrujado projetava-se de seu peito, enterrada no coração do cadáver.

Drew ergueu o dedo em riste para o morto ambulante: —
Trabalha para Lucas?

O cadáver tentou mover a boca; os lábios grossos estalaram, como se não tivessem noção de fala. Os dentes rangiam, nacos de carne presos entre eles, enquanto mexia as mandíbulas, a voz murmurante: — Em vida... e morte. Servir o Leão. Matar o Lobo.

O diálogo acabou tão rapidamente quanto começou, o soldado morto movendo-se com surpreendente agilidade na direção de Drew. O Lobo não reagiu tão rápido quanto gostaria, por causa do tornozelo torcido. Projetou-se para a frente com a espada, atravessando a barriga do morto, a arma enfiada até a empunhadura. Para horror de Drew, o soldado não se deteve e desferiu um soco que fez Drew voar clareira afora. Podia ser um cadáver, mas era forte como um touro. O Werewolf bateu contra uma árvore, fazendo um estrondo ao cair no chão.

O soldado morto aproximou-se e abaixou-se para agarrar o transmorfo, a espada alojada no estômago. O Lobo ainda estava atordoado devido ao impacto. Antes de conseguir abocanhar a garganta de Drew, no entanto, o cadáver sentiu o golpe seco do cajado de Whitley na nuca. A garganta já ferida do soldado se abriu ainda mais, conforme a cabeça tombava, carregando o corpo consigo. Whitley ficou à frente de Drew até que recobrasse os sentidos, a criatura morta soltando um grito gorgolejado ao voltar-se mais uma vez contra ela. A patrulheira desferiu outro golpe com o cajado, ferindo ainda mais o rosto arruinado do soldado, mas ele não se deteve e continuou se aproximando, jogando o cajado para longe.

A criatura monstruosa agarrou Whitley, os dentes se aproximando da garota. Se Whitley conseguisse pegar a espada, poderia dar cabo do cadáver de uma vez por todas. Empunhou a Wolfshead e puxou-a, as entranhas do monstro saindo do rombo escuro. Antes que ela pudesse erguê-la para atacar, no entanto, o

cadáver apertou Whitley num abraço de quebrar os ossos, e a espada caiu de sua mão.

Drew levantou-se num pulo, os sentidos plenamente recuperados, e bem a tempo. O cadáver tinha Whitley nos braços e estava prestes a lhe abocanhar o pescoço. O Werewolf lançou-se contra os dois, soltando a amiga das mãos do morto e provocando a queda de ambos, um para cada lado. Pegou sua espada do chão enquanto o soldado se recobrava mais uma vez, sem sinal de que daria trégua.

Drew empunhou a Wolfshead; o aço agora voava na direção do pescoço da criatura. O cadáver ergueu o braço esquerdo para se defender, e a arma dilacerou carne e osso, amputando metade do membro. Um golpe desses teria posto fim à vida de qualquer ser vivo, mas o soldado pouco se importou: a ação de defesa diminuiu o impacto da lâmina, permitindo que ele atacasse Drew com o que restara do braço.

O Lobo sentiu o ar escapar dos pulmões ao ser abraçado violentamente pelo soldado morto; os dois então caíram no chão lamacento, o brutamontes por cima de Drew. A Wolfshead caíra de suas mãos, era agora inútil. Drew ergueu as garras e pressionou-as contra o ombro do cadáver, tentando se manter em posição de vantagem na lama. As mandíbulas do soldado abriam e fechavam, implacáveis, o braço direito puxando Drew para perto enquanto o toco esquerdo, ensanguentado, desferia golpes em seu peito.

Drew precisou de toda a destreza para proteger os dedos — o mindinho, que perdera na luta contra Vanmorten, era-lhe um lembrete constante dos perigos da batalha. Os dentes do inimigo chegaram mais perto; o fedor de podridão era opressivo. Ao virar o rosto para evitar a mordida, Drew sentiu a baba negra e viscosa respingá-lo. Rapidamente jogou o braço esquerdo à frente, acertando o soldado no queixo. Forçou a cabeça dele para cima, a garganta rasgada revelando sua traqueia rompida. O crânio mal se sustentava, praticamente pendendo sobre os ombros. Drew recolheu o braço direito e soltou-o com toda a força, num soco bem direcionado.

A cabeça caiu a três metros de distância, provocando uma chuva de folhas secas, as chamas azuis do olhar do soldado agora vencido para sempre perdidas. Drew correu até Whitley, os membros e as feições já voltando ao normal. A patrulheira se esforçou para se levantar; seu semblante era um misto de choque e alegria quando se abraçaram.

— Viu aquilo? — ela perguntou, tentando recuperar o fôlego após a batalha. — Consegui me transformar! O Urso... ele veio! Estava comigo todo o tempo enquanto enfrentávamos esse monstro!

— Eu vi. Formamos uma bela equipe, não é? — Drew sorriu. — Tudo bem com você?

— Estou bem — respondeu Whitley, ofegante. O rosto estava pálido, o corpo ainda tomado pela adrenalina e pelo Urso. — Mas você está ferido, Drew. — Apontou para o peito dele.

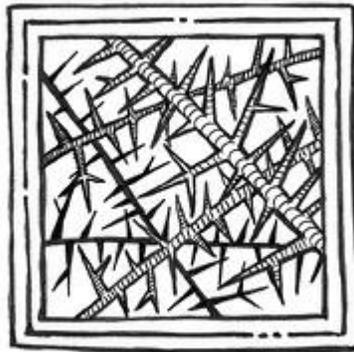
Drew examinou o sangue no peitoral de couro, limpando-o e esperando encontrar um buraco na armadura. Não sentira aquele golpe, tampouco se lembrava de ter levado uma mordida. O sangue desapareceu, e sob ele havia apenas o couro intacto. Tocou o peito e o pescoço: nada.

Pousou o olhar em Whitley e viu sangue saindo da gola do gibão. O rosto dela empalideceu; Drew notou que os olhos da patrulheira começavam a revirar. Ele deu um salto e tomou-a nos braços antes que tombasse no chão. A cabeça de Whitley pendeu para o lado, revelando um ferimento profundo no pescoço. A garota estremeceu.

— Desculpe, eu deveria ter protegido você — suspirou Drew ao examinar a mordida. — Precisamos cuidar logo disso. Pode ficar pior... — Pressionou o ferimento com uma das mãos, tentando estancar o sangue.

Sentia a pulsação dela sob os dedos. Com sorte, o poder de cura transmorfa logo começaria a agir. Drew se lembrou da boca fétida e imunda do soldado.

— Sei aonde podemos ir — murmurou Whitley, como se lesse a mente dele. — Sei quem poderá nos ajudar.



Caça à Raposa

— Vamos entrar ali? — perguntou Sorin com um fio de voz.

Os homens observavam a fileira de árvores mortas que marcavam o perímetro da Dyrewood. Eles se espalhavam por todas as direções, até onde a vista alcançava. Nenhum deles queria ser o primeiro a entrar na mata. Já tinham ouvido muitas histórias sobre os horrores e as criaturas que vagavam pela floresta. O acampamento ainda lhes era visível, mas estava temporariamente abandonado. Ouviam relinchos e bufadas dos cavalos atrás de si, os animais nervosos por terem sido deixados sozinhos e tão perto da Dyrewood.

— Floresta assombrada: é assim que a chamam — sussurrou outro membro da Guarda Leonina.

— Assombrada ou não, vamos entrar — rosnou Colbard, a mão deslizando, reflexiva, pelo queixo. — Ela não pode ter ido muito longe.

Lembrem-se de que é só uma garota tolinha e mimada, que não sabe como é a vida fora da corte. Vamos desentocá-la logo, logo.

Os soldados se espalharam, fazendo breves preces antes de sumirem nos domínios escuros e desfolhados da Dyrewood.

De seu esconderijo, Gretchen conseguia ouvir vozes se aproximando, um chamando o outro, bravos e corajosos homens

temerosos das sombras da floresta ancestral. “E devem ter medo mesmo”, pensou. Havia um bom número de perigos à espreita de lhes ceifar a vida na Dyrewood: plantas venenosas, serpentes sufocantes, Wyldermen canibais — todos habitavam a mata do reino da floresta; mas nesse momento a maior ameaça à vida da Guarda Leonina era outra. Gretchen rangeu os dentes, determinada como nunca. Hoje, aqueles soldados ficariam frente a frente com a Werefox.

Sobre uma coisa eles tinham razão — ela não havia avançado muito floresta adentro. Os primeiros quinze metros, aproximadamente, que delimitavam a Dyrewood eram tomados por uma barreira de espinhos emaranhados e por um matagal, intransponíveis para qualquer um que não tivesse experiência na floresta. Depois das árvores mortas e das trepadeiras afiadas, ficava o santuário verde da floresta, mas ele era inalcançável para Gretchen. Ela fora contida pelo vasto ninho de espinhos; para achar outro caminho, teria de passar pela Guarda Leonina. Olhou para as mãos cerradas, o sangue escorrendo pelas juntas. Tentou não pensar na dor e se concentrar nos soldados que se aproximavam.

Um deles estava a três metros de distância, ignorante da presença dela.

Os olhos do guarda vasculhavam a superfície negra da floresta, cortando com a espada curta heras e raízes que saíam do solo, tentando abrir caminho à força. Vez por outra, saltava ao perceber um movimento, e então um animalzinho passava correndo pelo chão. Um companheiro próximo gritou algo para ele, e o soldado praguejou de volta com um risinho nervoso.

Estava escuro, sombrio, a visibilidade cada vez pior com a chegada do crepúsculo.

De olhos fixos no chão, o soldado não percebeu o laço de espinhos cair e envolver-lhe o pescoço. As pontas farpadas prenderam-no pela garganta; Gretchen desceu do outro lado da árvore, pegando a outra extremidade do galho da trepadeira. Vários espinhos cravaram-se em sua mão enquanto com o peso de seu corpo alavancava o homem no ar. Ele desferia chutes no vazio, em espasmos, deixando cair a espada ao tentar se desvencilhar da

armadilha. Não havia como emitir nenhum ruído, a agonia da morte silenciada pelos espinhos que o sufocavam. Gretchen sentiu um calafrio.

Percorreu o local com o olhar para verificar se ninguém se aproximava. O soldado desferiu um último chute antes de desistir para sempre.

Ela soltou o galho e segurou o corpo antes que ele caísse no chão. Suas mãos tremeram ao tocar o soldado. "Você acaba de matar um homem, Gretchen." Tentou se concentrar. Aqueles homens eram assassinos; ela se lamentaria quando tivesse tempo. Pegando a espada, verificou a sua posição.

Dois homens da Guarda Leonina abriam caminho pela floresta ao norte, enquanto ao sul ela podia ver outros cinco. Onde estariam os outros? Ainda eram muito numerosos, o que a impedia de tentar achar um caminho alternativo na Dyrewood. Agachou-se e procurou ficar calma, o sangue escorrendo pela mão ao apertar a empunhadura da espada.

Não era a primeira vez naquele dia que seus pensamentos se voltavam para Drew. Já o vira se transformar; vira como ele usava seus poderes em benefício próprio durante uma batalha. Lucas havia se transformado apenas para aterrorizá-la; já a licantropia de Drew era uma arma tão boa quanto qualquer outra, e ele a mantinha sob controle. Lembrou-se do querido e falecido pai, o conde Gaston, e das lições que ele lhe dera sobre a transformação. Todo transmorfo tinha a capacidade de se transformar, mas alguns, os mais fortes, possuíam maior autocontrole que os outros. Gretchen raramente invocava a Raposa, temerosa do que seria capaz de fazer, restringindo-se apenas a mostrar os dentes para intimidar algumas pessoas.

Agora, no entanto, precisava entrar em contato com a fera dentro de si.

Desde sua captura, a Raposa vinha esperando pacientemente o momento certo para se manifestar. Quando enfrentou Lucas na caravana, foi como se tivesse aberto a mente pela primeira vez e destrancado uma porta. Agora, sua jaula interior estava ligeiramente aberta, e a fera aos poucos se aventurava para fora. A

pele queimava e coçava, conforme pelos emergiam. Apertou os dentes, que rangiam, longos e afiados como agulhas.

Queria berrar, mas conteve o grito, ciente de que o barulho acabaria com sua fuga antes mesmo que ela começasse. O sangue parou de escorrer da mão quando ela agarrou com força a empunhadura da espada, garras negras surgindo na ponta dos dedos. A dor começou a ceder, o corpo já se acostumando. Não era uma transformação completa, como vira acontecer com outros Werelords mais poderosos, mas era um começo. Com a autoconfiança renovada, vasculhou a mata atrás dos inimigos.

— Onde está Mayhew? — perguntou um soldado maltrapilho, percebendo enfim que o companheiro havia sumido.

— Estava ali um minuto atrás — gritou Colbard, um pouco mais distante. — Mayhew?

O soldado maltrapilho não teve chance de dizer mais nada. A Werefox praticamente se materializou diante dele, a espada atingindo-o no estômago antes que as mãos dela lhe cobrissem a boca. Arrastou-o pelo chão, o homem soltando um ganido abafado.

— McLeod? — Era Colbard novamente, mas o soldado não respondeu.

Já estava morto. O corajoso capitão girou o machado nas mãos, nervoso. — Vamos lá, rapazes, é só uma garota! Ela não tem como lhes fazer mal!

O veterano estava a postos quando a Werefox avançou contra ele, que ergueu o machado ao vê-la saltar da mata em sua direção. Gretchen, parcialmente transformada, girou no ar, abaixando a espada para desviar do golpe do machado, mas ainda assim foi jogada nos espinhos. O capitão poderia tê-la matado se quisesse, mas seguia ordens estritas. Ela não deveria voltar ferida, mesmo que ferisse ou matasse algum homem.

Ele disparou furioso, abrindo caminho em meio ao emaranhado de heras mortas e de trepadeiras espinhosas para tentar se aproximar da Werefox, mas ela se afastava cada vez mais da Guarda Leonina.

— Mexam o traseiro, bando de preguiçosos! Ela está fugindo!

Gretchen viu uma oportunidade. Restava apenas um soldado à sua frente; todos os outros vinham atrás. Ainda que ela continuasse avançando pelos limites da floresta, sem se embrenhar nela, conseguiria despistá-los; não havia como eles acompanharem seu ritmo agora que assumira a Raposa.

O soldado à frente a viu se aproximar e, cauteloso, ergueu a espada, tentando bloquear seu avanço. A Werefox arremessou contra ele a espada, da qual o homem desviou com facilidade, mas esse instante de distração foi o suficiente para que ela lhe desferisse um soco direto no queixo. O golpe jogou-o contra os arbustos.

Passou rapidamente por ele, o caminho agora livre. Ouviu um ruído à frente, que parecia ser de algum animal assustador. Mudou de direção para tentar evitá-lo e fugir de qualquer outra luta que desse aos sequestradores a chance de a capturarem novamente. O coração dela acelerou, tão próxima estava da liberdade.

Com o entusiasmo da primeira transformação e do embate com a Guarda Leonina, Gretchen se esquecerá de um detalhe crucial: é claro que os guardas não iriam feri-la. Ela agora se dava conta. Era prisioneira de Lucas. Esquecera-se completamente do príncipe Leão.

Naquele mesmo instante, o Werelion surgiu da floresta escura atrás dela, um rugido mortal fazendo-se ouvir. O matagal era retalhado por seus passos rápidos, a violência de seu avanço partindo todos os espinhos pelo caminho. Ela tropeçou, um temor primitivo avolumando-se dentro de si diante de um predador maior e mais feroz. Ele estalou as mandíbulas gigantescas ao se aproximar dela, o corpo agora mais leonino que humano.

A pata a acertou, rasgando-lhe o flanco e provocando um ganido de dor. A Werefox perdeu o equilíbrio, tropeçou nas trepadeiras espinhosas e despencou na mata.

— Por que correr, meu amor? — urrou Lucas, um sorriso malicioso despontando no rosto. Parecia mesmo ter prazer com aquela caçada.

Gretchen lutou para se desvencilhar da hera que a prendia, enquanto o Werelion se projetava sobre ela.

— Jamais achei que ela fosse capaz disso — comentou Vankaskan, a voz estridente cortando as sombras, chamando por um breve instante a atenção de Gretchen. A grande silhueta negra saiu dentre as árvores, a pele oleosa e repugnante, os olhos vermelhos piscando sem demonstrar nenhuma emoção. Uma pressão em seu peito fez que ela se voltasse para Lucas. A imensa pata apertava-a contra o chão.

Com o último resquício de força, a Werefox ergueu a pata direita para tentar atacá-lo. Havia feito isso com Drew quando se conheceram e o garoto da Costa Gélida a importunou. Mas o Leão foi mais rápido, segurando a pata dela no ar. Lucas não era Drew.

A outra pata voou na direção certa, deixando três listras de sangue no lado esquerdo do rosto de Lucas. O príncipe transformado soltou um ganido de agonia e levou suas duas patas ao ferimento, cambaleando. A Werefox tentou afastar-se, lutando para se libertar das trepadeiras, indefesa diante do Leão. O príncipe a fitou, os olhos flamejantes de fúria. Gretchen não reconhecia mais o Lord loiro naquela fera, e era evidente que ele sentia o mesmo em relação a ela. Estava prestes a investir contra o pescoço da Raposa, quando o Wererat o deteve.

— Solte-me, Rato! — berrou ele. — Vou matar esse filhote inútil de raposa!

As mandíbulas rangiam com sede de sangue, a razão já há muito perdida. Gretchen ficou petrificada. Dessa vez, sentiu-se agradecida por ter Vankaskan por perto para conter o príncipe. O corpo dela voltou à forma humana. O Ratlord se colocava entre os dois, e os soldados da Guarda Leonina começavam a chegar à cena. Vankaskan abriu as mãos em sinal de paz, aproximando-se do príncipe. O Wererat sussurrou-lhe algo ao ouvido; o Leão, nervoso, oscilava a cabeça de um lado para outro com violência, sem querer perder Gretchen de vista.

Aos poucos, ele se acalmou, afastando-se cambaleante, o Ratlord ainda protegendo a garota. Lucas retornou ao acampamento a passos lentos, a ira cedendo graças às palavras do Wererat. Vankaskan pegou o manto de Colbard e abriu-o com força, rasgando-o. Jogou-o então para Gretchen, que tremia.

— Vista isto, garota. Hoje você ousou desafiar seu noivo. Se deseja viver, sugiro que faça daqui para a frente exatamente o que lhe for dito.

Entendido?

Gretchen concordou, os olhos ainda arregalados de pavor, consciente do quão próximo estivera da morte. Colbard pegou-a pelo pulso, arrastando-a sob o olhar dos soldados, que amaldiçoavam a Raposa de Hedgemoor em pensamento.

PARTE 3



SOBRE
SANGUE,
LADRÕES
E
CARNE



O Lord dos ladrões

Duque Bergan estava com as mãos para trás, o peito estufado como um barril, o olhar perdido na masmorra de Highcliff. Mantinha a cabeça erguida, os olhos fixos sob as espessas sobrancelhas ruivas. Uma flecha quicou no solo, a três metros dele, ricocheteando. Mais de duas dúzias de flechas encontravam-se esparramadas ou fincadas no chão ao seu redor.

— Lord Protetor — chamou um dos soldados, a voz tensa de preocupação —, não seria melhor recuar e ficar conosco atrás da barricada?

O nome do homem era Reuben Fry, arqueiro de Sturmland, ex-membro da Guarda Leonina. Quando Leopold fora deposto, Reuben foi um dos primeiros a prestar juramento perante a restabelecida Guarda Lupina.

Não apenas tinha a melhor mira, mas também uma visão das mais apuradas.

Corriam rumores de que ele descendia dos Hawklords, os Falcões, mas Fry nada comentava sobre o assunto. Espreitava, protegido por uma paliçada construída perto de um desfiladeiro que circundava o castelo.

— Isso é absurdo — disse Bergan, respirando fundo. — Não vou deixar os lacaios de Leopold interferir na minha caminhada matinal.

Deixe que atirem. Estão desperdiçando munição, e, além do mais, não vejo por aqui nenhuma ponta de prata.

— Há bons arqueiros lá, milorde. É questão de tempo até que um acerte o alvo. Podem não o matar, mas você ficará fora de combate. — O homem parecia sinceramente preocupado com a segurança de Bergan. O Bearlord voltou sem pressa à barricada.

— Muito bem — concordou com uma expressão de desgosto. — Quantas flechas eles perderam? Conte em torno de trinta.

— Está mais para quarenta, milorde — comentou outro soldado com um sorriso. Havia mais quatro deles atrás da barricada, cravejada de flechas no lado voltado para a masmorra.

— Excelente! — comentou Bergan, dando um tapinha nas costas do homem. — Continuem com o ótimo serviço, rapazes. Se um arqueiro ameaçar cuspir das ameias, eu quero ficar sabendo.

Os soldados fizeram uma saudação enquanto Fry escoltava Bergan até a Praça Principal. Desde que o cerco começara, a praça fora transformada em uma base militar temporária, as tendas sendo usadas como refeitório, alojamento, hospital e depósito para o arsenal, cada quarteirão dela tomado.

Era um acampamento militar em pleno funcionamento.

— Algum sinal dele esta manhã? — perguntou Bergan, cumprimentando os soldados que se detinham e o saudavam enquanto passava.

— Sim, milorde — falou Fry, apressando o passo para acompanhá-lo.

— Eu mesmo o vi ao raiar do dia. Está lá sempre no pôr do sol. Fica pior à noite, rondando as ameias, encolerizado. Seus homens saem do parapeito para lhe dar passagem. Quem fica no caminho é atirado da amurada. Mas, pela manhã, ele já age diferente.

— Diferente? É Leopold, lembra-se? A ira do homem não conhece limites.

— Ele fica calmo, parado mirando o horizonte e o Mar Branco.

— Mirando o mar, você disse?

— Sim, como se procurasse algo. Talvez espere que um navio entre no porto e o leve daqui. Foi visto nesse lugar nas últimas cinco manhãs.

— O único navio que o levará daqui é a barca do inferno! Você diz que ele fica mais calmo pela manhã?

— Sim, milorde. Mais calmo do que jamais o vi, e eu o servi durante vários anos.

O duque coçou a barba, enrolando os cachos rubros nos dedos.

— Fique de olho nele, Fry. Pode ser uma vã desconfiança minha, mas prefiro ser precavido a imprudente.

— Ele não fará nada sem que eu veja, milorde — afirmou o sturmiano, fazendo uma mesura. Seis Mantos-Verdes estavam por perto, aguardando o soberano. Bergan deu um tapa nas costas de Fry que o fez balançar.

— Muito bom — comentou, virando-se para partir. — Ah, Fry, você não tem um capitão para treinar os arqueiros?

— Não exatamente, milorde. Eu mesmo os estou supervisionando, já que o capitão Harker foi atrás de Lord Drew. Estão reagindo bem, mas seria excelente que houvesse um oficial superior. Eles não vão me aguentar berrando ordens por muito tempo!

O arqueiro sorriu para o duque. Bergan ergueu um dedo ao partir, falando por sobre os ombros enquanto caminhava: — Bela iniciativa, homem! De hoje em diante, você é o capitão Fry.

Pode cuidar deles a seu modo!

Bergan desapareceu em meio à multidão, os Mantos-Verdes escoltando-o, deixando para trás um Reuben Fry perplexo, embora orgulhoso, agora capitão da Guarda Lupina.

A cabeça do duque zumbia conforme ele se dirigia ao Ninho de Corvos.

O conde Vega nomeara assim a torre de madeira devido à altura e à posição dela na cidade. Um andaime bem fortificado era o posto de comando da Cidade Alta, que dirigia os movimentos dos exércitos aliados. Os pensamentos de Bergan voltaram-se para o Werelion, e o Bearlord refletiu sobre qual seria a próxima cartada do inimigo. Leopold estava encurralado; não iria a lugar nenhum. Por que não se rendera ainda? Já devia tê-lo feito, não? O cerco já durava seis semanas... O que mais o Leão esperava?

Bergan deixou os Mantos-Verdes e subiu os degraus do Ninho de Corvos. Seis andares acima, chegou a uma plataforma coberta com vista para toda a cidade, especialmente a masmorra. Estava feliz de ver Mikkell e Vega ali, além de Hector. O jovem Boarlord vinha trabalhando duro para se redimir, aparentemente recuperado de uma enfermidade recente. Bergan sabia que o rapaz desejava consertar seus erros, a vergonha visível em seu rosto abatido. Uma parte do Bearlord lamentava ter punido Hector de maneira tão severa ao ver agora quanto peso o jovem perdera, mas ao mesmo tempo sentia-se aliviado — aliviado por ter detido Hector antes que fosse tarde demais.

Ser magíster era um arte ancestral, e a responsabilidade que a acompanhava era imensa. Boa parte do trabalho do magíster envolvia sabedoria e cura. Não era de surpreender que Hector houvesse se desviado do caminho regrado para investigar a necromancia. O finado barão Huth ensinara a Hector os procedimentos curativos, mas as magias antigas de Vankaskan também fizeram parte de sua educação. Sim, a comunhão lhes dera as respostas de que precisavam para resgatar Gretchen. Mas a que custo para Hector? Só o tempo diria.

— Que bom que estão todos aqui — disse Bergan, apertando a mão de cada um. Quando segurou a mão enluvada de Hector, o fez com mais ênfase. — É um prazer especial tê-lo aqui, filho. Como se sente?

— Estou bem, obrigado, milorde. É bom poder sair de casa de novo.

Fora um período peculiar para todos os Werelords desde o desaparecimento de Whitley e Drew. Bergan decidira que o silêncio era a melhor política em relação a esse assunto. A notícia da fuga de ambos foi abafada — se o povo da Westland descobrisse que Drew desaparecera antes de ser coroado, haveria tumultos. Então, os Werelords prosseguiram com a rotina, deixando o povo crer que Drew ainda estava na Mansão dos Senhores sob forte guarda. Após o ataque a Manfred e Kohl, não seria de causar espanto que ele não aparecesse mais em público.

Depois que Hector fora afastado do Conselho Lupino, este decidiu enviar Broghan atrás de Drew e Whitley. Ele era um bom líder, e, além disso, era sua própria irmã quem estava desaparecida; assim, Bergan não conseguiu imaginar alguém melhor a quem encarregar a tarefa de trazer a filha a salvo para casa. Broghan levou seis das melhores divisões de Brackenholme, o capitão Harker como segundo homem em comando.

Enquanto um -Werelord partia, outro chegava — Vincent, de Redmire, irmão gêmeo de Hector, havia se mudado para a Torre de Bevan, acomodando-se na companhia do irmão. Mas, logo após seu aparecimento, Hector foi visto vagando pelas ruas em estado febril. Mikkell então fez Hector se mudar para a Mansão dos Senhores, onde os serviçais poderiam cuidar dele, assim como do moribundo duque Manfred.

Bergan não estava convencido de que o fato de Hector adoecer logo após a chegada do irmão era uma simples coincidência. O arrogante Vincent possuía planos ambiciosos para Redmire, tendo informado diretamente ao Conselho Lupino as suas intenções. Ele queria o título e o trono do pai. Seu raciocínio era compreensível. Hector era um magíster, não um líder do povo; não tinha o carisma de um governante e era um barão improvável aos olhos de Bergan. Mas o Bearlord relutava em deixar Vincent assumir o poder. Havia algo nele que deixava os pelos de Bergan eriçados.

— É bom vê-lo, não é mesmo? — disse Mikkell, dando tapinhas nas costas de Hector. — Talvez eu possa ter minha casa de volta em breve, hã?

— Deu uma cotovelada amigável no magíster, mas Hector apenas sorriu, sem muito entusiasmo.

— Deixe o menino em paz, Mikkell — suspirou Vega. — A última coisa de que ele precisa é olhar para a sua cara feia. Vai deixá-lo doente de novo.

— Como está seu irmão? — Bergan perguntou a Hector, indo direto ao assunto.

— Não o tenho visto ultimamente — respondeu o Boarlord. Ainda tinha as feições pálidas e uma aparência de doente. — Desde meu... incidente. Ele não foi me ver, se é o que quer saber.

— Queria apenas saber se você vai retornar à Torre de Bevan. Não vai demorar para que ele tome conta do lugar se você não abrir os olhos!

O comentário de Bergan não era apenas uma brincadeira. Vincent informara ao alto escalão social de Highcliff que ficaria na cidade por um tempo. Mas o Bearlord não desejava que Hector soubesse da visita de Vincent ao Conselho Lupino; a notícia poderia causar-lhe um novo acesso.

Vincent, com certeza, sentia-se bastante confortável na torre.

— Ele veio vê-los? — perguntou Hector, a voz trêmula.

O duque Bergan deu de ombros.

— Apenas para nos dar os parabéns pela derrota do Leão. Ele fala em nome de Redmire, Hector.

— Estava ciente disso? — perguntou Mikkell. Hector negou, roçando uma mão enluvada na outra, como se lutasse contra o frio. O jovem magíster passara a usar roupas negras, como se estivesse de luto; apenas o manto de lã marrom de Redmire destoava da combinação. Aquilo deixava Bergan perplexo. Era fim de verão, mas Hector encontrava-se trajado para o rigor do inverno. Talvez a febre ainda o assolasse.

— Não — murmurou ele. — Ele deseja Redmire para si. Sei que sou um magíster; é minha vocação. Mas por direito o trono é meu, não é? — Os demais concordaram. — Então, penso que... talvez seja melhor mantê-lo por algum tempo. Quero deixar as coisas se assentar. Para o bem de todos...

A voz de Hector falhou. “A notícia deve tê-lo aborrecido”, concluiu Bergan. Ele ficaria furioso se estivesse no lugar de Hector. Mas, afinal, Hector não era um Urso.

— Boa ideia — replicou o Bearlord. — É a coisa mais inteligente a fazer. Seu pai aprovaria.

Dois soldados da Guarda Lupina surgiram no topo da escada, um jovem e outro mais velho. A visão era resplandecente: as peles de caça acinzentadas contornavam o manto preto, ornamentando-o, as Wolfsheads prateadas rugindo sob os tabardos negros. Bergan estava feliz de ver tantos soldados da antiga Guarda Leonina prestar juramento ao novo comando.

Muitos deles já haviam servido aos exércitos de Stormdale e Brackenholme, homens que haviam servido a Wergar, mas que partiram quando seu soberano foi morto. Esta era sua chance de voltarem a usar o negro e de servirem ao filho do antigo rei. O soldado que falava era um deles, o grisalho Crombie: — Lord Protetor, temos o prisioneiro que nos requisitou. — Crombie era o carcereiro-chefe da Casa do Traidor e supervisionava a soltura de prisioneiros. Também garantia que os presos fossem tratados de maneira humana. — Tragam-no para cá. — Crombie chamou seus homens, as correntes fazendo ruído conforme o prisioneiro era conduzido. Mikkell estava de cara amarrada, e Bergan lhe deu uma cutucada.

— Não tenho como evitar — grunhiu o Staglord. — Libertamos muitos criminosos da Casa do Traidor, mas este, fizemos bem em manter preso.

— Não importa; assim mesmo manteremos a civilidade. Podemos precisar da cooperação dele várias vezes até que tudo isso acabe. — Voltou-se para Vega: — Tem certeza de que ele pode ajudar?

— Não vai fazer mal conversar com ele, não é?

A cabeça do prisioneiro surgiu primeiro, ladeada pela Guarda Lupina.

Era calvo, o lado direito do rosto adornado com a tatuagem de uma serpente-do-mar que abrangia o osso malar e descia pela face, a boca da criatura abrindo-se em torno da dele de modo que os dentes de um se fechavam ao redor dos dentes do outro. Sorriu enquanto se aproximava a passos curtos. Sem a tatuagem, talvez não parecesse tão ameaçador, embora as algemas no pescoço, nos tornozelos e nos pulsos dissessem o contrário. Os guardas não queriam correr riscos: Bo Carver, Lord da Guilda de Ladrões, ainda tinha muitos amigos em Highcliff.

— Vega — ele sorriu. Os guardas o soltaram, recuando alguns passos.

— Como está, Bo? — perguntou o capitão dos mares, desrespeitando o protocolo e cumprimentando-o. Carver soltou uma gargalhada quando Vega lhe apertou a mão, as algemas

chacoalhando furiosamente. Mikkell, enraivecido, desaprovou por completo o comportamento do Wereshark; já Bergan estava acostumado a esse tipo de atitude por parte de Vega.

— Conhece Carver? — adiantou-se Mikkell.

— Mas é claro! — riu Vega. — Este canalha e eu viajavamos juntos no Harbinger, o barco de meu pai. Só que o jovem Bo não aguentou.

Desembarcou em Highcliff e fez deste lugar o seu lar. Não foi?

— Visualizei uma oportunidade, Vega. E, como qualquer bom pirata, aproveitei.

— Aproveitou mesmo — acrescentou Bergan, enfim pronunciando-se.

— Pelo que me lembro, você matou o velho Gwillem nas docas. Ele era o líder dos ladrões de Highcliff, não era?

— Pelo jeito que você fala, até parece que fiz algo de mau. Foi uma luta justa, que ele provocou, aliás. Sem um líder para meus irmãos, assumi o posto, apoiado por várias pessoas influentes.

— Ouvi dizer que ele morreu com uma faca nas costas — replicou Bergan.

— Lutas de faca às vezes acabam assim — respondeu Carver.

— Nunca conheci homem mais mortal com um punhal — opinou Vega. — Ainda é perigoso com a espada?

— E você ainda é perigoso com essa língua afiada? — brincou Carver.

— E esse assassinato fez de você o maior ladrão de Highcliff, não é? — perguntou Mikkell, ainda visivelmente enojado com a amizade entre Vega e aquele criminoso.

— Lord da Guilda dos Ladrões, por favor.

— Fala como se fosse realmente uma organização legítima! Você não é Lord de nada!

— Não é necessário ter sangue animal correndo nas veias para ser Lord, senhor — respondeu Carver, um sorriso malicioso dançando nos lábios.

Bergan pôs a mão sobre o ombro trêmulo do furioso Mikkell.

— Chega! — rosnou ele. — Essa briguinha sem sentido não vai nos levar a lugar algum.

— Concordo plenamente — respondeu Carver, sorrindo para Mikkel, que começava a se acalmar.

Vega afastou-se do ladrão e agora se encontrava perto de seus companheiros transmorfos.

— Conhece alguma entrada ou saída alternativa da masmorra de Highcliff?

Os Werelords voltaram-se para Hector, surpresos com o fato de que uma pergunta tão direta tivesse partido do jovem Boarlord. As faces de Hector estavam escarlate, e ele parecia prestes a se desculpar pela indagação. Não era mais seu papel questionar quem quer que fosse.

Bergan apressou-se em prosseguir: — Você ouviu o Lord de Redmire, Carver — disse, desviando a atenção dos demais. Apontou para o castelo. — A masmorra tem alguma saída secreta?

— Trouxeram-me aqui para perguntar isso? — indagou ele em tom de descrença.

— Responda à pergunta. Sem joguinhos.

— Quanto ela vale?

— Você não está em posição de barganhar — zombou Bergan.

— Na verdade, eu diria que estou — respondeu Carver. — Minha vida na Casa do Traidor com certeza poderia ser mais confortável. Existe mesmo alguma chance de que eu escape daqui? Há necessidade destas correntes?

— Você matou um guarda dois anos atrás.

— Não, não — corrigiu o prisioneiro, erguendo as mãos algemadas e balançando um dedo. — Matei um membro da Guarda Leonina, e um dos piores. Esse não conta.

Bergan dirigiu-se ao ladrão, percebendo, ao passar, um ligeiro sorriso no rosto de Vega. A cabeça de Carver batia no queixo de Bergan; o peito deste era tão largo quanto os ombros do ladrão. Carver viu-se engolido pela sombra do Bearlord, a autoconfiança diminuindo.

— Responda à minha pergunta, e posso considerar colocá-lo em aposentos mais confortáveis.

Carver desviou o olhar, mirando seu antigo conhecido, Vega.

— É o melhor que vocês têm para me oferecer?

O capitão do Turbilhão concordou com um gesto de cabeça, o rosto sério. Carver reconsiderou a oferta.

— De acordo — falou, estendendo uma das mãos acorrentadas. Bergan o cumprimentou, selando o acordo.

— A Costa Gélida nem sempre foi fria — prosseguiu Carver. — De Highcliff até Vermire, e além, esta terra era formada por vulcões milhares de anos atrás. Costa Ardente: esse deveria ser seu nome, segundo os homens dos Picos Brancos.

— Você é bastante instruído para um ladrão — resmungou Mikkel.

— E você, bastante ignorante para um Lord.

Bergan soltou um grunhido para acalmar a dupla. Carver prosseguiu: — Digamos apenas que me interessa por aquilo que está a meus pés; por aquilo que jaz debaixo de Highcliff. Como Lord da Guilda dos Ladrões, eu precisava saber como entrar e sair dos lugares. Por qual outro motivo vocês teriam me trazido aqui hoje? Os ferreiros de Strakenberg, a montanha sob a qual fica Icegarden, sabem muito mais do que eu. Há túneis por toda a extensão da Costa Gélida, formados pelos rios de lava que se transformaram na Westland. Há um rico mundo subterrâneo que vocês jamais perceberão, a não ser que procurem por ele.

— E esses túneis? — perguntou Bergan. — Ficam sob Highcliff?

Carver fez sinal positivo, agora entusiasmado, falando de algo que claramente o animava. Bergan estava impressionado. Para um bandido, Carver era muito inteligente. O que o tornava também bastante perigoso.

— Exato. Vocês sabem que os esgotos são obra do homem. Mas, em sua construção, também foram aproveitadas fissuras naturais que havia na rocha. Eu já tive em mãos um mapa, que os ladrões cartografaram, que mostrava cada túnel e cada complexo de cavernas.

— Há algum que conduza ao castelo? — perguntou Mikkel, a animosidade substituída pela curiosidade.

— Não que tenhamos descoberto. Pode haver, sim, uma passagem secreta, mas onde exatamente, eu não saberia dizer.

Bergan observou o homem, avaliando-o.

— Ele diz a verdade — concluiu o Bearlord.

— Obrigado — Carver riu. — Pode haver um túnel, mas o Leão não o conhece. Se conhecesse, já teria partido, não é?

— Depende da intenção dele de renunciar ou não a Highcliff. Ele lutou muito por aquela coroa; não vai desistir dela sem lutar.

Hector deu um passo à frente. Ele tomara nota do que era discutido durante todo o tempo. Então, ergueu a pena.

— Perdão por interrompê-los, milordes, mas, se o Leão conhece uma saída do castelo, e não estou afirmando que conheça, não é possível que mande buscar ajuda?

— Sim, é possível — concordou Bergan. — Mas que aliados ele tem? A quem poderia recorrer? Seria necessária uma grande bolsa de ouro para persuadir alguém a lutar por ele; o Leão não possui mais ouro nem amigos.

— Ainda assim — Vega acrescentou, hesitante —, talvez eu devesse mandar uma patrulha vasculhar o Mar Branco.

— Ele observa o mar todas as manhãs — lembrou-se Bergan.

— Então mandarei as naus mais velozes que temos. Apenas por precaução. Se Leopold tiver amigos no oceano, com certeza os encontraremos. — Vega deu um tapinha na mão de Carver. — Muito obrigado, Bo. Cuidarei para que receba vinho e outras... delícias.

— Um indulto não seria de todo mau — sugeriu Carver, enquanto os guardas o conduziam para fora.

— Uma coisa de cada vez, Carver — disse Bergan. — O Conselho Lupino agradece sua assistência.

— Claro que agradece — retrucou ele, desaparecendo degraus abaixo.

— Onde essas novas informações nos colocam? — perguntou Bergan.

— No porto — disse Vega.

— Como assim?

— Por ora, apenas realizaremos a patrulha no Mar Branco, aguardando os próximos acontecimentos. Meus marujos veem maus presságios em todo canto, alertando-os de que uma guerra está por começar. Algo vai acontecer, e em breve. Precisamos ficar a postos.

— É bom vê-lo entusiasmado, Vega — observou Bergan.

— É bom ter algo para fazer — acrescentou o príncipe pirata. — Ficar sentado no porto por dois meses pode matar um homem de tédio. — O Wereshark se dirigiu à escada, pensando em voz alta. — Assim que os navios batedores partirem, vou mobilizar minha frota, se é que podemos chamá-la assim. É bom que vocês aumentem os impostos se quiserem ter uma presença significativa no oceano. Eu poderia convocar uma armada das Ilhas Cluster que deixaria a marinha daqui envergonhada, isso se Leopold não tivesse colocado aquele Kraken Ghul no trono. Ruína total chega a ser um elogio para designar aquela coisa que navega representando a Westland.

Com esse último comentário, o capitão dos mares desapareceu, o ruído veloz e ritmado de seus passos nos degraus de madeira denunciando sua pressa em chegar ao Turbilhão.

— Até parece outro homem — resmungou Mikkel. — Tenho de confessar que prefiro essa versão.

— Ele tem uma estratégia. Vega é muitas coisas, mas, acima de tudo, é um homem de ação. — Bergan voltou-se para Hector, cuja pena ainda corria pelo pergaminho. Mikkel fez um gesto para Bergan, incitando-o.

— Precisa de ajuda para levar seus pertences de volta à Torre de Bevan, Hector?

A ponta da pena quase se partiu. Ele estava nervoso, e Bergan não gostava disso. Sabia que irmãos brigavam, mas preocupava-o que a disputa entre os Javalis fosse mais séria.

— Posso resolver isso sozinho — respondeu Hector, empertigando-se.

— Não vou me demorar mais. — Voltou-se para Mikkel: — Milorde, mandarei um mensageiro buscar meus pertences na Mansão dos Senhores.

Obrigado pela hospitalidade que me ofereceu durante meu restabelecimento. Não me esquecerei de sua gentileza.

Mikkel fez menção de apertar a mão de Hector, mas acabou abraçando o jovem Javali. Bergan sorriu. Mikkel podia agir como um tolo obstinado, mas no fundo era um camarada de coração caloroso.

— Sei que irmãos costumam brigar — Mikkell confortou Hector.
— Já perdi a conta de quantas vezes Manfred e eu batemos os chifres. Amo meu irmão de todo o coração, e saber que ele está gravemente ferido... Bem, eu daria tudo para estar no lugar dele. Depois que conversar com Vincent, você se esquecerá até mesmo do motivo da briga.

O sorriso de Hector era forçado.

— Com certeza, milorde. Podem me dar licença?

Bergan percebeu que não havia convicção na voz do rapaz. Ele acompanhou o Boarlord à escada e disselhe em voz baixa: — Se precisar de alguma coisa, não hesite em pedir. Qualquer coisa. — Com um dedo, cutucou o ombro de Hector, dando ênfase ao comentário.

— Pode deixar, milorde — respondeu o magíster. Coçou as mãos enluvadas mais uma vez antes de descer a escada do Ninho de Corvos.

— O que foi? — perguntou Mikkell quando o Bearlord retornou.

— Preocupo-me com o que o aguarda.

— Questões de família, Bergan — disse o Staglord, encostando-se na sacada de madeira e mirando a cidade. — Não devemos nos meter nisso.

Irmãos resolvem as coisas entre si. O sangue fala mais alto, sabe como é.



Rivalidade fraterna

Hector encontrava-se em frente à Torre de Bevan, a chave de bronze tremendo na mão. Por cima do ombro, olhou para os jardins e para o portão, que deixara destrancado de propósito. Se mudasse de ideia, poderia sair de lá correndo. Os jardins estavam malconservados após anos de descaso; as ervas daninhas haviam tomado conta das roseiras, sufocando-as. Hector coçou o pescoço. Pessoas passavam pela rua, próximo do portão, indiferentes à tensão do Boarlord.

Abriu a porta.

O salão de entrada havia passado por mudanças. Os lençóis que cobriam os móveis haviam sumido, e o cômodo se transformara novamente numa sala de banquetes, embora parecesse ter sido palco de algo mais libertino. Restos do que deve ter sido um jantar se estendiam sobre a enorme mesa, e o chão estava repleto de comida semimastigada, louça e copos quebrados. Um vira-lata mordía um osso sob o móvel. Hector bateu palmas para afugentá-lo, mas o cachorro rosnou, protegendo seu prêmio.

Hector o ignorou; cuidaria disso em outro momento.

Ficou escandalizado com o fato de Vincent ser capaz de tratar a casa deles daquela maneira. Olhou para a cozinha e viu outro aposento entregue ao caos. Havia pratos por todos os lados, e a

porta que dava para o pátio estava escancarada, indo e vindo ao sabor da brisa matinal. Fora dali que viera o convidado de quatro patas.

Hector subiu a escada com cuidado. Ao chegar ao primeiro andar, que Vincent tomara para si, parou um instante para recuperar o fôlego antes de bater à porta.

— Vincent? — perguntou, a voz falhando devido ao nervosismo. Da última vez que eles tinham se falado, Hector fugira com a cabeça ensanguentada e uma febre incontrollável. O ferimento estava curado, mas a febre ainda o dominava. Chamou-o mais uma vez e, sem resposta, girou a maçaneta, abriu a porta e entrou no quarto.

O aposento parecia um pardieiro, com roupas empilhadas ou jogadas no chão e nos móveis. Novamente, restos de comida se acumulavam, e mal se podia ver o chão.

— Vincent! — chamou Hector, olhando para o banheiro. Ali parecia ter ocorrido um grande tumulto. O cheiro da latrina era de revirar o estômago.

Saiu do quarto.

O lance de escadas que levava até seu próprio aposento levou o dobro do tempo para ser percorrido. Hector ponderou sobre o que o aguardaria. O suor lhe escorria pelo rosto; o jovem tirou a luva da mão esquerda para enxugar a testa. Viu a marca negra na palma da mão e sentiu um calafrio antes de colocar a luva de novo. Seguiu pelo corredor até a porta, alcançando a maçaneta e girando-a.

A festa havia acontecido em todos os cantos da Torre de Bevan. A colcha de Hector fora arremessada pela sacada, os lençóis estavam imundos.

Sua escrivaninha tinha sido saqueada — papéis e cartas encontravam-se rasgados e empilhados desordenadamente. Hector praguejou; todo o seu trabalho jogado fora. Cada canto fora profanado; nada ficou no lugar.

As gavetas que tinham tranca foram arrombadas, e as moedas que Hector mantinha na escrivaninha não estavam mais lá. Vincent pegou todo o dinheiro, deixando Hector sem um tostão. Repentinamente, sua cabeça se virou para o lado.

Correu até o guarda-roupa, que ocupava uma das paredes do quarto.

Ao abrir a porta, deslizou a mão pelo interior do móvel. Os dedos acharam um ponto de apoio na tábua solta. Levantou-a e colocou-a de lado. A caixa de latão ainda estava lá. Sentiu o ritmo cardíaco se acelerar. Ela não tinha nada de especial: media cerca de trinta centímetros e possuía alças nas extremidades. Olhou por cima do ombro, nervoso, como se fosse um vilão prestes a fazer algo maléfico. “E talvez eu seja mesmo”, pensou Hector.

Girando cautelosamente o trinco, abriu a tampa. Soltou um suspiro ao ver que o conteúdo ainda estava lá. Passou as mãos pelos documentos, os dedos se detendo por um longo momento nas velas negras. Confirmou também a presença da bolsinha de enxofre. Fizera uma promessa a Bergan e ao Conselho Lupino, a qual tinha toda a intenção de manter, mas não estava preparado para se livrar da caixa. Hector fechou-a e recolocou-a no guarda-roupa. Pôs a tábua de volta no lugar e fechou a porta.

Tinha um longo dia pela frente.

Ao final da tarde, tanto o salão quanto a cozinha estavam limpos, livres dos detritos que a diversão de Vincent havia deixado para trás. Hector fez uma fogueira no quintal e queimou todo o lixo. O cachorro foi mais resistente do que ele esperava e acabou sendo escorraçado a vassouradas por um Boarlord bastante irritado. Mas logo o animal voltou, a insolência perdida, seguindo o Lord de Redmire como um fiel companheiro.

O salão voltara à sua beleza original. A tarefa seguinte de Hector era limpar os quartos. Os lençóis imundos terminaram na lareira, incinerados, e ele passou a trabalhar sem cessar no aposento e no banheiro, removendo todo o vestígio de Vincent e seus camaradas.

A sós, Hector refletiu sobre a semana que passara. O cachorro provou ser um ótimo ouvinte enquanto o Boarlord se ocupava das tarefas domésticas.

— Sei que Vincent fará de tudo pelo título, mas será capaz de me ferir se as coisas não saírem como quer? Raramente

concordamos em algum assunto, mas não o imagino me machucando fisicamente.

Hector tocou o ferimento na têmpora, resultado do choque contra a lareira. O cachorro virou a cabeça.

— Talvez tenha sido minha culpa. Sempre fui desastrado. Talvez eu o tenha interpretado mal naquela noite — disse Hector. — É claro que ele quer o trono, mas há limites. Foi uma tolice de ambas as partes. Não há nada que os filhos do barão Huth não possam resolver juntos.

Sentia-se agradecido a Mikkell por tê-lo recebido. A última coisa de que se lembrava daquela noite era ter fugido da Torre de Bevan, a febre fazendo-o delirar. Depois, recordava-se de ter acordado na Mansão dos Senhores. Mais tarde lhe contaram que os Sentinelas da Cidade o encontraram vagando pelas ruas. Hector nunca havia passado por algo assim, e o episódio lhe causava grande preocupação.

O cachorro seguia Hector, que acabara de varrer a entrada da Torre de Bevan, gerando nuvens de pó sobre o pátio. O animal mantinha-se a alguma distância, lembrando-se do último encontro que tivera com a vassoura.

— Sabe lá Brenn por que Vincent contratou esses bandidos, Ringlin e Ibal. Se eu conseguir ficar a sós com ele por um instante, tenho certeza de que resolveremos tudo. Ele pode não concordar comigo, mas sempre me ouve. Este dia de trabalho intenso tirou todas as teias de aranha da minha mente. Estou começando a me sentir eu mesmo de novo!

Uma nuvem no céu fez o pátio escurecer. Hector observou a luz surgir de novo, os raios de sol voltando. Estremeceu quando as sombras reapareceram. Voltou para dentro de casa, o cachorro em seu encaixo.

A semana na Mansão dos Senhores não fora totalmente desperdiçada na cama. Hector conseguira dar uma olhada na biblioteca do finado magíster Kohl.

O jovem estendeu a mão esquerda ao cachorro. O animal cheirou a mão enluvada, mantendo distância. Hector retirou a luva direita com o dente, pegando-a com a outra mão. O cachorro de

imediatamente lambeu sua palma. Hector sorriu, fazendo um agrado no cão. Deteve o afago quando os pensamentos voltaram ao que havia lido.

— Vis. É assim que se chamam as sombras, segundo os livros do magíster Kohl. São espíritos de homens perversos que se recusam a seguir em frente, presos entre mundos, apegados às fontes de magia dos vivos. É compreensível que necromantes sejam perseguidos pelos vis, pois têm uma relação muito próxima com a morte. Um praticante de magia negra competente pode nunca se deparar com um vil. Eu, contudo, não sou competente...

Hector podia determinar o momento exato em que seu infortúnio tivera início — no instante em que o ritual com o Xamã morto deu errado, ele se expôs ao ataque. Era um homem marcado agora. O cachorro soltou um ganido baixinho, como se a menção dos vis lhe lembrasse de algo.

— Saber o que são essas entidades tira um pouco de meu medo. Agora procuro por eles, tentando descobrir quem foram em vida. Eles ainda conversam e riem quando está escuro, mas meu tormento já não é tão grande quanto antes. Saber como se chamam é meia batalha ganha: conhecimento é poder, e eu estou determinado a aprender ainda mais.

O vira-lata rosnou, mostrando os dentes e denotando certo nervosismo.

Hector passou a mão na cabeça do animal.

— Calma, cachorrinho. Você não tem do que ter medo.

— Não mesmo?

Hector olhou para a porta da frente, onde Vincent estava postado, os lacaios a seu lado. A luz do dia delineava-lhes a silhueta, os três rostos ocultos à penumbra. Hector se pôs de pé. O cachorrinho mantinha-se encolhido, escondido atrás dele. O magíster estava confiante de que aquela conversa terminaria melhor que a última.

— É tão bom vê-lo, Vincent. Não ouvi você entrar. Há quanto tempo está aí?

Vincent tirou a capa, jogando-a sobre o corrimão da escada. Ela deslizou até o chão.

— O bastante para ouvir sua confissão a esse vira-lata.

A voz de Vincent era de reprovação. Hector caminhava na direção do irmão, os braços abertos. Ele não tinha ouvido tudo, tinha?

— Confissão? Não entendi, irmão.

Vincent recuou quando Hector se aproximou, fazendo-o abraçar o vácuo. O estômago de Hector se contorceu quando o irmão se esquivou dele. Havia manchas de vinho tinto em seu gibão, os olhos vermelhos revelando o histórico de seus excessos.

— Entidades. Espíritos. Trevas. — comentou Vincent, uma pitada de horror fingido na voz. — Por Brenn, o que você se tornou, Hector?

— Eu... mas... — Hector gaguejou, incapaz de se explicar prontamente.

— Não é o que você está pensando.

— O que Bergan diria se soubesse que você pratica magia negra? — zombou o irmão. Ibal ria como um maníaco, enquanto Ringlin fitava o magíster com desprezo.

Hector se empertigou, nervoso e desapontado com a rapidez com que a conversa se deteriorou. Observou com cautela os capangas, o cão tremendo atrás de suas botas. Tinha de manter Bergan fora desse assunto; a cumplicidade do Bearlord era algo muito importante. Mas o rubor no rosto de Hector o traiu; o constrangimento evidente em sua expressão denunciava-o a Vincent.

— Ele já sabe, não é mesmo? — exclamou o irmão. — E ainda mantém você por perto? Que vergonha para o Conselho Lupino! — Voltou-se para os companheiros: — Tenho certeza de que o povo não gostaria que um necromante trabalhasse no governo.

— Eu ficaria horrorizado só de pensar nisso, senhor — disse Ringlin calmamente, sem desgrudar os olhos de Hector. Seu amigo robusto riu em concordância.

— Por favor, Vincent — disse Hector, seguindo o irmão pelo salão. — Ninguém mais precisa saber de meus erros.

— Ah, Hector... Essas coisas costumam escapulir! Papai estaria tão desapontado com você por sujar o nome de Redmire de

maneira tão horrenda!

— Tenha piedade! — implorou Hector. — Não tenho passado muito bem, e fiz o que fiz com a melhor das intenções. Graças à minha comunhão, nós sabemos onde Gretchen está. E Drew está atrás dela, tentando resgatá-la de Lucas e Vankaskan.

Vincent cambaleou até a mesa como se tivesse sido atingido por um pesado golpe.

— Que notícia! — sobressaltou-se com afetação, o rosto fingindo angústia. — Nosso futuro rei? Deixando a cidade? Perdido por aí?

Hector sentiu náuseas. Falara demais; soube disso assim que as palavras lhe deixaram a boca. Mas de que outra forma teria a cumplicidade do irmão senão lhe contando a verdade? No entanto, a julgar pela encenação de Vincent, sua cumplicidade era improvável.

— Necromancia no Conselho? O Leão e o Rato por trás do sequestro?

Embustes quanto ao paradeiro do Lobo? O povo precisa saber disso! Mas que desordem! Oh, é demais!

— Controle-se, Vincent! Eu imploro!

— Você implora? — gritou o gêmeo mais novo, aproximando-se ameaçadoramente do irmão. O semblante de cidadão preocupado sumiu instantaneamente. Era de novo ele mesmo: implacável, interesseiro, egoísta.

Gotículas de saliva atingiram o rosto de Hector enquanto Vincent dizia: — Você é uma desgraça, um covarde, uma caricatura de um Werelord. Drew, Gretchen, Lucas, a atitude do Conselho Lupino: essas informações são incendiárias, Hector. Você pode imaginar o caos que elas causariam em Highcliff, em toda a Westland? Haveria rebeliões! O povo não iria tolerar saber que o velho Bergan governa tudo enquanto o Lobo se aventura por aí.

Lord Protetor! Aquele Urso velho não consegue proteger nem um pastorzinho que quer se passar por nobre!

— Por favor! — soluçou Hector. — Você tem de entender contra o que estamos lutando. Os Leões estão por trás de tudo, de tudo mesmo. E você bem sabe os monstros que eles são. Ordenaram a morte de nosso pai!

Bergan não pode ser acusado de fracasso; Drew estava absolutamente determinado a ir atrás de Gretchen. Ela é como uma irmã para nós. Será que você não entende?

Vincent agarrou Hector, pressionando-o contra a parede e falando com calma: — Posso perdoar tudo isso, Hector. — Sorriu, o rosto repentinamente amável. Lágrimas correram pelo rosto de Hector, que anuíu com a cabeça.

— Se você renunciar ao trono — arrematou Vincent.

A boca e os olhos de Hector se escancararam: — Mas...

— Sem mas. Renuncie, e essas informações não deixarão esta sala.

Hector encarou os dois lacaios do irmão.

— E esses dois?

— São membros da Guarda Javalina — disse Vincent, arrumando as roupas do irmão e dando-lhe um tapinha nas costas. — Honestos e leais, os dois; garanto o silêncio deles.

Hector duvidou, mas não estava em posição de discutir. Amaldiçoou-se por ter revelado a Vincent assuntos tão sérios do Conselho Lupino.

— Dê-me um tempo para renunciar sem que eu me sinta humilhado, Vincent.

— Não tenho tempo, nem você. Considere-se um homem de sorte por eu não ir imediatamente a uma esquina anunciar essas notícias ao povo!

Não, o tempo não é amigo de nenhum de nós. Quero que você abdique do trono o mais rápido possível; só assim comprará meu silêncio.

— Mas eu vou abdicar por vontade própria, Vincent. Por favor, me dê só um mês para que eu resolva minhas pendências.

— Dou-lhe uma semana. Depois disso, começo a falar. Deixarei o povo decidir se você e seus amigos servem para governar. Sete dias e sete noites, Hector. Nem mais um dia...

O sorriso de Vincent demonstrava crueldade e satisfação. Hector mal respirava, aguardando que seu irmão se movesse. Mas Vincent se mantinha imóvel, apenas impedindo qualquer tentativa de fuga.

Batidas repentinas à porta fizeram todos se virar ao mesmo tempo.

— Hector, quero falar com você sobre maus presságios. Marinheiros são criaturas supersticiosas!

— Entre! — falou Hector com entusiasmo. Vincent olhou com desprezo quando a porta se abriu. Era o conde Vega.

— As sábias palavras de um magíster o deixariam... — a voz do capitão dos mares sumiu quando adentrou a sala. Observou os quatro homens, percebendo a tensão do ambiente. Por instinto, o braço afastou a capa, deixando a espada à mostra. Vincent recuou, enquanto Vega cravava os olhos em Ringlin.

— Está tudo bem, Hector?

— Ringlin, Ibal, venham. Vamos beber, comer e celebrar — convidou-os Vincent, caminhando com alegria em direção à cozinha. — Brindaremos a mim, o futuro barão de Redmire!

Os bandoleiros seguiram Vincent, o mais robusto batendo palmas no caminho, o mais alto sustentando o olhar fixo de Vega ao passar por ele.

Hector deslizou pela parede onde estava encostado, sentando-se no chão. O cachorro então saltou em seu colo, o miserável laço de amizade agora selado.

— O que, em nome da doce Sosha, foi aquilo? — perguntou Vega, agachando-se ao lado do jovem magíster.

— Brenn me ajude, Vega — sussurrou Hector. — O que foi que eu fiz?



A ferida que não se curava

— Então aquela é Haggard? — perguntou Drew, observando a distante cidade murada além das Longridings. O sol já estava baixo a oeste e descia lentamente. Whitley apertava os olhos para conseguir enxergar. Drew possuía os sentidos aguçados, além de ter recebido um bom treinamento de Mack Ferran. Seu trabalho de pastor dependia, em grande parte, de uma boa visão: enxergar a terra, os animais, o horizonte.

— Consegue ver dessa distância? — perguntou ela.

— A Cidade do Carneiro? — disse ele. Fez um sinal positivo.

— Então você estava mesmo prestando atenção.

Drew voltou-se para o caminho que haviam percorrido, quase à espera de que duque Bergan surgisse a qualquer momento. Estava surpreso por terem conseguido chegar tão longe sem que o Conselho Lupino os encontrasse. Era apenas questão de tempo até que o Conselho os encontrasse; Hector nunca tivera a intenção de manter a rota em segredo.

Ele olhou preocupado para a amiga. Whitley estava jogada sobre a sela de Chancer, no limiar entre o mundo consciente e a morte. Sua pele exibia um tom pálido, e anéis vermelhos circundavam os olhos quase sem vida, que ela se esforçava para manter abertos. O poder de cura transmorfa foi o que manteve viva a jovem patrulheira, pois o ferimento no pescoço infeccionou de maneira muito veloz. Se ela fosse humana, já estaria morta.

Para Drew, o ataque do soldado parecia ter ocorrido há um ano, e não há poucos dias. A necessidade de proteger a amiga ferida e ao mesmo tempo manter-se na trilha de Gretchen o pressionava. O ferimento de Whitley não dava sinais de recuperação. Tudo o que Drew podia fazer era mantê-lo limpo; curá-lo estava além de suas capacidades.

— Drew — disse Whitley, dando um longo gole em seu odre —, não deveríamos ir para lá. Temos de rumar para o sul. Para o Cabo Gala, aonde vão levar Gretchen.

— Você não vai conseguir chegar ao Cabo Gala. Sua ferida precisa ser tratada por alguém que saiba o que está fazendo. Você mesma disse isso. O barão Ewan vai ajudá-la.

Os dois haviam parado em Cheaptown algumas noites atrás. Logo descobriram que a comitiva de Lucas também passara por lá. Eram dez homens ou mais, pelo que ouviram Drew e Whitley. O curandeiro de Cheaptown cuidara do ferimento de Whitley, mas ele não possuía os remédios necessários para curá-la.

O curandeiro concordara com a sugestão de Whitley: Ewan, de Haggard, poderia ajudá-la. Magíster experiente, não havia quase nada que o Ramlord não soubesse sobre medicina. Tanto Werelords quanto humanos já tinham ouvido falar de suas habilidades como magíster.

— Não temos tempo — insistiu Whitley, tentando se mover. Drew a amparou. — Deixe-me aqui; alguém vai me encontrar e me levar até Haggard, tenho certeza.

— Não discuta, Whitley. Vamos para Haggard, a Cidade do Carneiro.

Drew esporeou o flanco do cavalo com os calcanhares e partiu mais uma vez, puxando Chancer, que vinha logo atrás.

Levaram um dia inteiro para chegar a Haggard; cruzaram uma estrada que serpenteava os contrafortes. Drew confortava-se em saber que o Lord de Haggard era um antigo amigo do pai de Whitley. Pelo jeito, a pata de Bergan possuía longo alcance e influência. Quanto mais rápido Ewan pudesse cuidar da amiga, melhor seria — cada instante de atraso aumentava o temor de

Drew de que Gretchen fosse colocada em um navio e enviada para Bast como espólio de guerra.

Não; com certeza ele teria sua chance com Lucas. Chegaria o momento do ajuste de contas. Drew já ponderara sobre o que fazer quando encontrasse o meio-irmão. Havia feito uma promessa terrível à mãe. O príncipe Lucas não estava bem, e não havia cura para sua doença. “Bom, talvez existisse uma”, refletiu Drew, pensamentos cruéis atravessando-lhe a mente. Ele não estava certo de que poderia cumprir a promessa quando chegasse a hora. Queria dar ao Leão a chance de se redimir, mas temia ser tarde demais.

Haggard era um cidade de terreno acidentado e acometida por ventos, incrustada num morro que se arrastava até o mar. Era bem menor que Highcliff, abrangendo a mesma área de Tuckborough, e possuía enormes muros ao redor. O pai de Drew já fizera negócios com homens de Haggard em Tuckborough. Ouvira falar que eles eram honestos, gente de fala direta, comportamento típico daqueles que habitavam a Costa Gélida e as Longridings. Como também eram bem conhecidos por sua hospitalidade, Drew não ficou surpreso ao ver que uma comitiva de recepção aguardava a dupla nos portões.

— Que oportuno — gritou Drew, saudando-os ao se aproximar.

Drew contou seis soldados na estrada, as lanças à mão, empunhadas quase com displicência. Ficou surpreso ao ver que eles não usavam uniforme, diferentemente dos militares de outras cidades. Estes homens pareciam rudes, vestidos de modo muito mais descuidado do que se poderia esperar de um Sentinela. Os pelos da nuca de Drew se eriçaram. Havia algo de errado. Apenas um deles trazia uma insígnia, ilegível, por sinal, a pintura riscada no peitoral desgastado. Mesmo à meia-luz, Drew reconheceu aqueles homens: eram mercenários. Dois passaram por ele e foram em direção a Chancer, que soltou um relincho nervoso. Drew se virou quando um deles tentou pegar Whitley pelas pernas.

— Não faça isso, por favor — pediu Drew. — Ela não está bem e precisa da ajuda do barão Ewan.

— É mesmo? — disse um dos guardas, assumindo as rédeas de Chancer. Era baixinho e corpulento, o único que parecia ser da

cidade. A barba curta e alva tinha manchas avermelhadas. “Vinho”, pensou Drew.

“Que tipo de guarda bebe durante o turno?”

Tentou permanecer calmo, mas sentiu seu nível de irritação aumentar.

A última coisa que desejava era causar uma cena nos portões, principalmente porque o Ramlord era amigo de Bergan.

— Senhor — prosseguiu, com o máximo de polidez —, essa moça está muito doente. Disseram-me que o barão poderia ajudá-la.

— Vocês são patrulheiros de Brackenholme? — perguntou um dos homens, um camarada alto e de pele escura, que trazia uma espada curta em uma das coxas e um chicote na outra. Um sulista do além-mar; o último tipo de soldado que se esperava ver numa cidade calma da Lyssia como Haggard.

Drew deu um sorriso nervoso, levando a mão ao capuz.

— Reconhece o verde do reino da floresta, senhor?

— Então é isso mesmo? — indagou o homem de barba alva, que agora puxava as rédeas de Chancer. Whitley tombou para um lado, quase despencando da sela. — Opa! Calma, moça! — riu ele, dando um tapa na coxa de Whitley com a mão gorda.

— Não toque nela! — gritou Drew. O sulista tentou agarrar as rédeas do cavalo do garoto, que reagiu recuando, os cascos batendo contra as pedras da estrada. Drew viu Whitley escorregar da sela e cair nos braços do homem barbado, enquanto os demais soltavam gargalhadas. Fez o movimento para pegar a espada. Mas um dos soldados percebeu e ergueu a lança em sua direção.

— Solte-a! — rugiu Drew, incapaz de se conter. A fúria o invadira por completo, e ele sentia o Lobo surgir. Antes de ceder à licantropia, o mundo girou. O horizonte inclinou-se quando o cavalo empinou, e ele começou a escorregar. Poderia ter se protegido caso tivesse conseguido se libertar da sela, mas seus pés ficaram presos nos estribos. A última coisa que viu foi a lança do soldado enterrada no pescoço de sua montaria, enquanto o duro chão de pedra aproximava-se dele. Em seguida, um estrondo ensurdecedor.

Um balde de água gelada no rosto foi o despertar grosseiro de Drew.

Imediatamente andou para trás, temporariamente cego, e as costas nuas colidiram com uma fria parede de pedra.

— Acorde, garoto! — ouviu um berro grave. Drew piscou, tirando a água do rosto enquanto estreitava os olhos para observar o aposento.

O guarda alto e de pele escura com o qual dera de cara nos portões estava à sua frente, o balde vazio balançando numa mão, uma tocha na outra. Drew viu o cabo da própria espada, a Wolfshead, batendo contra a coxa do soldado. Mas não foi a voz dele que ouviu; foi a voz de outra pessoa.

Atrás do soldado, Drew avistou um compartimento com grades, barras de metal que saíam do teto entalhado e iam até o chão de pedra, formando uma grande cela comum. O recinto era uma espécie de caverna natural, possivelmente situada logo abaixo de Haggard. Uma única porta com grades, agora aberta, era a única possibilidade de saída. A iluminação da prisão provinha apenas de tochas que crepitavam ao longo da parede irregular e desapareciam numa longa escadaria. As silhuetas de vários outros prisioneiros amontoavam-se na parede ao fundo da caverna. Todos mantinham uma distância respeitosa de Drew e de seu captor.

Um homem baixinho e de ombros largos agachou-se ao lado de Drew, um pano com manchas de sangue na mão. Drew franziu o cenho, perdendo o fôlego quando um pedaço de pele foi puxado de seu crânio. O homem que segurava o pano balançava a cabeça para os lados, aconselhando Drew a não resistir. Tinha cabelos grisalhos espessos e barba rala, no estilo dos homens da região. Drew distinguiu uma argola de metal ao redor do pescoço dele. O guarda depositou o balde no chão, causando um ruído metálico, e se moveu, revelando um homem parado em frente à porta escura.

— A garota lá em cima — disse este último, a voz áspera como uma lixa. — Quem é ela e o que ela tem?

Drew levou a mão à garganta comprimida. Os dedos sentiram a argola gélida de metal ao redor do próprio pescoço. “Não tenho

como me transformar”, deu-se conta. “A não ser que eu queira conhecer Brenn antes da hora.”

O homem à penumbra fez sinal para o guarda. Um chute acertou Drew bem no queixo, lançando-o para trás, a cabeça batendo no chão e a boca se enchendo de sangue. Atrás dele, o homem de barba grisalha esticou-se para passar o pano ensanguentado em seu rosto.

— Solte-o! — vociferou o homem à porta. — Ele tem língua. É melhor usá-la logo, antes que Djogo a corte fora. — O soldado de pele escura sorriu, dando tapinhas na Wolfshead. Drew se ajoelhou.

— Falarei apenas com o barão Ewan — apressou-se em dizer. — Tire este seu cão daqui e leve-me até ele.

— Ah, só vai falar na presença do Ramlord, é? — indagou o homem de voz áspera. — Interessante.

O homem grunhiu, o rosto semiculto pelas sombras. Balançou a cabeça para os lados, os cabelos brancos brilhando à luz das tochas. Rosnou, os dentes rangiam, e o peito se retesava. As costas se arquearam, e os ombros se avolumaram sob as vestes. O homem corpulento agachado ao lado de Drew olhou para o outro lado. Apenas Drew e o guarda violento assistiram à transformação. A mudança se completou. A cabeça do Werelord estava abaixada. Lentamente, ele a ergueu. O contorno dos chifres se tornou inconfundível quando os cascos bipartidos pisaram dentro da cela.

Em seus anos como pastor, Drew lidou com carneiros enfurecidos e não os achou assustadores, tivessem ou não enormes chifres. Mas o barão Ewan era mais que um homem e mais que um carneiro. Era um Werelord, e dos mais monstruosos. A pata bipartida que adentrou o aposento conectava-se a uma perna cinzenta e musculosa, que desaparecia nas vestes vermelhas rasgadas; o pelo grosso e escuro pendia da barriga. O peito arfava com o esforço da transformação; ele teve de se abaixar para entrar na cela, desviando os chifres ao transpô-la. Um dos grossos cornos bateu contra a barra de metal, soando como um sino fúnebre. O rosto foi repentinamente iluminado pela tocha do guarda; era longo e cinzento, e um tufo de cabelos brancos despencava da testa proeminente. Os dentes eram amarelados e rachados e rangeram

quando ele abriu a boca para falar. O mais assustador, no entanto, eram os olhos: glóbulos de ouro esmaecido que se projetavam das laterais do rosto, as pupilas dividindo-os como se fossem losangos de azeviche.

— Fale! — cuspiu o Werelord, aproximando-se de Drew, que mal podia respirar. Leopold, Vanmorten, Vala; todos os monstros que ele encarou eram aterrorizantes, mas o Carneiro parecia um demônio. Drew não encontrava palavras para descrevê-lo.

— Whitley — apressou-se em dizer. — Ela se chama Whitley e é Lady de Brackenholme. Filha do duque Bergan. Ela me disse que você é amigo do Bearlord. — As palavras jorravam-lhe da boca antes que pudesse pensar no que dizia, tal era o desejo de não irritar ainda mais o Ramlord. Quase não conseguiu conter a língua e manter oculta sua identidade. O homem barbado ao lado de Drew olhou para cima à menção de Whitley e Bergan, os olhos arregalados passando de Drew ao monstro de chifres.

— Uma Werelady aqui, em Haggard? — grunhiu a fera. — E ainda por cima uma lady de tamanho valor! A sorte caiu no meu colo, não é, meu caro Ewan? — O Werelord esticou o braço e cutucou a cabeça do idoso.

Drew voltou-se para o senhor próximo a ele, sem compreender. — Deixe o garoto, Ewan — acrescentou o Werelord com autoridade, saindo da cela. — Ele não tem valor nenhum para mim. Já a garota...

A cabeça de Drew era um turbilhão. Se o homem baixo e grisalho que cuidava de seu ferimento com o pano manchado de sangue era Ewan...

Então quem seria aquele monstro que comandava o Lord de Haggard? O transmorfo de chifres se deteve do lado de fora da cela, passando a mão pela longa extensão de pelos brancos que lhe saíam da ponta do queixo.

— Lady Whitley! — Ele gargalhou ruidosamente. — Testemunhei seu nascimento antes de Bergan me expulsar de Brackenholme. Acredito que seja o momento de nos conhecermos -melhor. — Olhou para Ewan, que ainda estava agachado. — Venha, Ovelha: o patrulheiro é insignificante!

Tenho um investimento que requer sua atenção no andar de cima.

Ewan levantou-se com dificuldade e seguiu o Werelord. O último a deixar a cela foi o guarda, que se agachou para dar um aviso a Drew antes de partir: — Estou de olho em você, garoto — falou. — Não faça nenhuma besteira, ou não é só a sua língua que vou cortar, ouviu bem?

O guarda fechou a porta, emitindo um ruído agudo ao girar a pesada chave na fechadura. O Werelord e seu acompanhante se encaminhavam à escada. Drew se levantou, encorajando-se com a saída da comitiva.

— Se aquele é o barão Ewan — disse Drew, apontando para o homem baixinho e barbudo —, quem diabos é você?

O Werelord se deteve. Virou-se para encarar Drew, os olhos demoníacos, aproximando-se da grade e raspando os longos chifres nela. Foi como se facas arranhassem uma lousa.

— Sou o conde Kessler, garoto — respondeu ele. — Goatlord de Haggard, mercador de sangue, carne e ossos e Lord legítimo de todas as Longridings. — Sorriu por entre os dentes amarelados, e Drew se encolheu, sentindo o medo tomar conta de si novamente. Um dos olhos amarelados lhe deu uma piscadela. — Mas pode me chamar de diabo.



Bodes e Carneiros

Havia poucos lugares tão miseráveis quanto as cavernas subterrâneas de Haggard. Muitos séculos atrás, os Ramlords as utilizavam para armazenar seus ganhos ilícitos. Os Werelords de Haggard nem sempre foram pacíficos, tendo, em tempos mais violentos, tomado os mares para atacar vizinhos e navegantes. Isso ocorrera na Antiga Era, em que Werelord enfrentava Werelord. Com o despontar da Nova Era, os transmorfos da Lyssia adotaram uma abordagem mais esclarecida, e apenas alguns mantiveram os modos selvagens e antigos. As cavernas de Haggard forão então transformadas em depósitos de grãos. As grades eram uma adição recente, feita pelo atual proprietário do castelo.

Kessler era uma fera muito autoconfiante. Nem sequer designou um guarda para vigiar a cela, deixando os cativos por conta própria. A porta era inabalável; a única maneira de sair dali era mesmo com a chave. Dos cem prisioneiros, setenta eram cidadãos — pescadores, fazendeiros e comerciantes —, os homens e mulheres mais fortes de Haggard. Os outros trinta eram o que restava do exército local. Entre esses sobreviventes, encontravam-se três nobres transmorfos. A notícia da verdadeira identidade de Drew foi bem recebida por eles.

Lord Dorn estava sentado, fitando Drew e o barão Ewan com tranquilidade, enquanto estes conversavam aos sussurros. Dorn era

filho do duque Brand, o Touro de Calico, e era tão gigante quanto seu falecido pai.

Ombros largos e a compleição de um adulto, era difícil acreditar que ele tinha a mesma idade de Drew. O jovem Touro fora enviado a Haggard para ser ensinado por Ewan. Em troca, o filho de Ewan, Eben, ficava com Brand como seu aprendiz. A relação era benéfica para ambas as dinastias, cada Werelord tratando o filho do outro como seu.

— É uma bênção que Eben não esteja aqui para testemunhar isto — disse Ewan, o olhar perdido no teto. — Eu deveria ter fechado para sempre esta sala maldita anos atrás. Sinto muito que tenha decidido visitar minha cidade justamente quando ela se encontra nesse estado, Drew.

Provavelmente você já estaria em Cabo Gala se não houvesse feito este desvio.

— Estaria carregando o cadáver de Whitley. Viemos aqui para curá-la.

Com certeza deparamos com algumas... dificuldades, digamos assim, mas minha amiga vai sobreviver, milorde, graças a você.

Ewan fez um gesto para abnegar o agradecimento de Drew.

— Só fiz o meu dever.

— Então você é um magíster? — perguntou Drew. — Meu amigo Hector, filho do barão Huth, também o é. É um curandeiro de muito talento.

— Sou uma espécie de magíster, embora tenha perdido o rumo há muito tempo. Nunca fui de me enfiar em bibliotecas, atrás de montanhas de livros. Eu desejava conhecer o mundo. Terminei meus estudos e parti para jornadas aventureiras. O único conhecimento que sempre levei a sério foi o das ervas. Uni-me a seu pai em várias campanhas, viajando ao lado dele por toda a Lyssia. Minha espada se sujou, mas, na maior parte, foi uma jornada de paz. Reuni práticas de cura em todos os lugares pelos quais passei, catalogando-as. Quando voltei a Haggard, já tinha a reputação de ser um grande curandeiro. Não consigo me livrar dela, não importa quantas pessoas eu já tenha envenenado!

Drew gostou imediatamente do Ramlord. Não levou muito tempo para revelar sua identidade a Ewan; ele era um bom avaliador de caráter, e o Carneiro não o desapontou. Drew ficou aliviado ao saber que Whitley havia reagido bem aos remédios de Ewan. Ela estava se recuperando e voltaria a caminhar naquele mesmo dia.

— Mais uma vez, aceite meus agradecimentos sinceros por você ter tratado de Whitley — falou Drew.

— Posso aceitá-los apenas parcialmente, Drew. Parece-me que foi a união de minhas drogas com os poderes de cura transmorfa dela que acelerou sua recuperação num ritmo mais veloz do que eu esperava. Como ela sofreu esse ferimento mesmo?

— Eu ainda não lhe contei — respondeu Drew, sentindo um calafrio ao lembrar. Ewan aproximou-se, querendo ouvir mais. Drew prosseguiu: — Fomos atacados na estrada Tallstaff por um homem. Porém, e sei que isto soará como loucura... esse homem estava morto.

Ewan não pareceu nem um pouco surpreso. Apenas balançou a cabeça e coçou a barba.

— Sempre consigo reconhecer a presença da necromancia. Havia algo de maléfico naquela ferida, algo de anormal e perverso. Espero que ela não fique com sequelas, já que carregou esse ferimento por tanto tempo. Agora, Whitley está a salvo, mas é preciso ter muito cuidado com magia negra.

Drew concordou em silêncio. Queria dizer algo sobre Hector, mas reconsiderou. O amigo havia sofrido tanto com o ritual da comunhão e com o fato de ter se comunicado com os mortos... E, embora Ewan parecesse entender de magia negra, não era justo discutir questões pessoais de Hector com o Ramlord. O assunto retornou a Whitley.

— E ela já está conversando normalmente? — perguntou Drew.

— Normalmente? Ela não para de fazer perguntas! Não, não há nada de errado com ela que um pouco de sono não possa curar. Já lhe contei o que aconteceu com você, e ela também sabe tudo sobre Kessler. Agora, sua amiga só precisa descansar; não há mais

nada que ela possa fazer no momento. Kessler vai interrogá-la pela manhã.

Drew torcia para que o Goatlord a tratasse com respeito, mas temia pelo pior.

— O que ele pretende fazer com a gente? — perguntou Drew, o semblante evidenciando preocupação.

— O navio de Kessler, o Banshee, deveria ter chegado ontem à noite.

— Ewan apontou para um túnel atrás das grades. — Ele vai dirigi-los até o porto e então levá-los consigo até Brenn sabe onde. Também me levará como médico pessoal. Estou livre dos porões, segundo me disseram. Você ficará com os outros. Talvez ele tenha planos especiais para Dorn...

O jovem Touro fitava o nada, os grandes olhos castanhos desprovidos de qualquer emoção.

— Que planos especiais? — perguntou Drew.

— Kessler é comerciante de escravos, Drew. Ele captura gente por toda a Lyssia e as vende no além-mar. Ninguém sabe com quem ele faz negócios.

Há quem diga que é com os Catlords de Bast. Mas ele já mencionou mais de uma vez uma arena a qual chama de Fornalha, gabando-se do espetáculo que Dorn dará para seus amigos.

— Arena?

— Ele quer que eu lute — respondeu Dorn em um tom de voz calmo.

Drew ficou surpreso com o tom suave, quase doce. — Darei a ele um espetáculo, se é o que espera de mim. Assim que me tirarem esta coleira, vou abrir um buraco naquela cabeça.

Drew não duvidou de Dorn nem por um momento — mesmo na forma humana, o Bull-lord era a própria imagem do atleta perfeito: alto, musculoso e mortal.

— É evidente que, se ele soubesse quem você é — prosseguiu Dorn —, provavelmente o transportaria em seu próprio barco, protegido por vinte de seus melhores homens. Você teria um valor imensurável para um escravagista. Por isso, não fale nada sobre quem você é Drew.

Se Kessler tinha o hábito de transformar Werelords em atores de espetáculo, então Dorn estava certo. “Imagine quanto ele não poderia cobrar pelo último dos Lobos, o legítimo rei da Westland.”

— Se Kessler é um homem tão desprezível, por que seus lacaios o deixaram entrar na cidade?

— Hoje em dia Haggard é um lugar pacífico — esclareceu Ewan. — É uma cidadezinha, e não mais a metrópole que já foi. Meus guardas ficam nos portões, contando as carroças de grãos que entram e saem. Não temos nada que valha a pena roubar. Não percebi que era justamente meu povo o que ele queria roubar.

Ewan abaixou a cabeça, e Dorn deu sequência à história: — Haggard já teve um governo compartilhado, Drew. Os Bodes e os Carneiros administravam-na juntos. Afinal, eles compartilham uma herança. Kessler tem cerca de vinte anos a mais que o barão Ewan. Quando Ewan assumiu seu título, era o sócio mais novo de Haggard. A cidade era de Kessler. Haggard nunca foi o bastante para o Bode, porém. Suas aspirações levaram-no além: Highcliff, Brackenholme, até Icegarden, no norte gelado.

E, em cada cidade por onde passou, ele deixou um rastro de corrupção.

Ewan, recompondo-se, prosseguiu com a história: — Riqueza é tudo para Kessler. Com a riqueza, vêm o poder e as armas.

Ele corrompeu e trapaceou Werelords de toda a Lyssia, sempre fugindo antes de responder por seus crimes. Haggard é apenas uma escala em seu plano. Ele já levou deste lugar tudo o que tinha valor, e agora vai seguir em frente.

— Mas como ele entrou na cidade? Vocês não tiveram nenhum sinal de sua aproximação?

— Ele conhecia esta caverna e sabia como chegar a ela a partir da Baía de Haggard.

— Eles vieram à noite — acrescentou Dorn. — Passaram pelos túneis que levam ao castelo. A guarnição nem viu o que a atingiu. Como poderia?

— O Touro virou-se para Ewan, encarando o velho Carneiro. — Você não deveria se culpar por isso, tio.

Drew correu o olhar pelo aposento. Os prisioneiros que ainda estavam acordados fitavam os Werelords com olhos tristes e cansados. Eram homens violentados, seu orgulho e sua vida foram tomados quando o Bode invadiu seu lar.

— Nenhum de vocês deveria se envergonhar! — disse ele, alto o bastante para que qualquer pessoa acordada o ouvisse, mas não para alertar os guardas no andar acima. — Esses que invadiram a cidade de vocês são uns covardes. Se eles enfrentassem os homens de Haggard, não tenho dúvida alguma de que fariam uma luta da qual se lembrariam até o fim de seus dias, isto é, se sobrevivessem.

Notou que os homens se aprumaram, erguendo a cabeça e batendo nas costas uns dos outros. Esposas apoiavam a mão no ombro dos maridos, oferecendo-lhes amor e confiança. O povo de Haggard se abraçou. O sangue de Drew fervilhava ao pensar naqueles desafortunados, soterrados sob a própria cidade, fadados a ser enviados sabe-se lá para onde. Levantou-se para poder olhar todos os prisioneiros, fazendo um sinal de reconhecimento a cada um que lhe sustentava o olhar, conscientizando-os de que tinham seu respeito.

— Ele também sabia fazer isso — sussurrou Ewan.

— Quem?

— Wergar. Ele sabia como inspirar as pessoas. Você é um homem de bem, Drew. Gostaria de tê-lo conhecido em tempos mais felizes.

— Não sou nada parecido com Wergar — respondeu Drew, lembrando-se de súbito de quem realmente era. Ele até podia falar aos prisioneiros e lhes devolver certa dignidade, mas quem era Drew no final das contas? Um fazendeirozinho da Costa Gélida, nada mais. Sua motivação se desvaneceu.

— Você não o conheceu, isso está claro — sorriu Ewan. — É verdade, Wergar era um homem grande e tinha uma voz que soava como o ruído de cascalho grosso, mas ele sabia comover os homens com suas palavras. Você também tem esse dom.

— Tenho uma maldição, isso sim. Nunca pedi para nascer filho de Wergar.

— Bem, e quem na Lyssia pode escolher quem serão seus pais?
— riu-se Ewan. — Você é o que você é, Drew. Não há como fugir disso. Deveria ter orgulho de sua herança, meu jovem.

“Ah, se soubesse o que penso da minha herança, barão Ewan”, refletiu Drew, acomodando-se mais uma vez no chão frio. Desejava com desespero fugir daquela herança. Fugir e nunca mais olhar para trás.



A chave

O castelo de Haggard já tivera uma esplêndida sala do trono, lar dos notáveis das Longridings. Comerciantes e nobres faziam banquetes ali, desejosos de receber favores e fortuna. O porto da Baía de Haggard servia de ancoradouro para navios de toda parte da Lyssia. Era algo relativamente recente a mudança da capital das Longridings para a cidade do Horselord, em Cabo Gala, em substituição a Haggard, e muitos ainda consideravam esta o coração da planície, esculpida na rocha sobre a qual nascera. Mas os tempos agora eram outros.

Nos dias atuais, a "corte" do conde Kessler dormia em qualquer lugar, emporcalhando o chão da sala do trono. Havia corpos jogados ao redor dos pilares de mármore do aposento. Viam-se barris de cerveja vazios por todo canto, os soldados tendo se esforçado para esvaziar as adegas do castelo.

Uma figura dormia no trono sob um cobertor de peles, um velho mastim cinzento ressonando a seus pés, o focinho sujo descansando sobre as patas.

Whitley caminhou em silêncio até a base de pedra do trono, dando passos cautelosos em meio aos guardas adormecidos. Contou vinte deles, cada um mais assustador e armado que o outro. Já vira homens assim passar por Brackenholme: eles chegavam nas

tavernas e causavam balbúrdia antes de conseguirem trabalho nas caravanas e partirem.

Os homens de Kessler haviam subestimado Whitley. Deitada na cama, convalescendo após o barão Ewan ter tratado seu ferimento, ela era a última pessoa que eles esperavam ver rondando o castelo no meio da noite. Estava à beira da morte ao chegar e só atraiu a atenção de Kessler quando este descobriu seu valor — a filha do duque Bergan certamente valia muito para o Goatlord.

O carinhoso e velho Ewan fora a primeira pessoa que ela viu ao recobrar a consciência. Ele lhe informara rapidamente a situação em que se encontrava, onde Drew estava preso e quem tinha a chave que o mantinha trancafiado. Mas era tudo irrelevante, dissera Ewan — ela estava fraca demais para sair da cama, quanto mais planejar a audaciosa fuga do amigo.

Ela precisava de uma boa noite de sono; eles enfrentariam o dia seguinte quando ela recuperasse sua energia.

Para Whitley, aquilo não era o bastante.

Os homens do Goatlord haviam festejado até as primeiras horas do dia, bebendo praticamente toda a adega de vinhos do castelo. Após o barulho diminuir, Whitley esperou mais uma hora para sair da cama, usando nada além da camisola que recebera. O guarda que fora designado para ficar à sua porta partira havia muito tempo para se unir aos colegas e às taças. Afinal, por que uma juvenzinha doente precisaria de guarda?

Uma extensa escadaria a conduziu direto à sala do trono, onde o pequeno exército de mercenários de Kessler dormia após a festividade. Era a última noite deles em Haggard, de acordo com Ewan, pois o Goatlord pretendia içar velas e partir com seus prisioneiros no dia seguinte. Whitley espiou a escada que levava à caverna, mas não foi para lá que se dirigiu.

Drew teria de esperar. Ela tinha de visitar outra pessoa antes.

Whitley estava longe de estar recuperada: o corpo ainda fraco lutava contra a ferida infeccionada. A última semana fora surreal; ela havia perdido e recobrado a consciência diversas vezes, resistindo à força maléfica do ferimento. Quaisquer que fossem os remédios que o barão Ewan usara, eles funcionaram contra a

magia, fazendo Whitley se afastar da morte e permitindo que seu poder de cura transmorfa, louvado fosse Brenn, fizesse efeito. Ela ainda sentia um frio nas entranhas ao recordar a sensação do dente do cadáver em seu pescoço. Agora, portanto, ela caminhava cautelosamente dentro da sala do trono, lembrando-se das lições do mestre Hogan sobre vigia e discricção.

Estava a cinco metros da base do trono quando notou que o mastim se movimentava. Ele soltou um ganido baixinho, parecendo perseguir alguma presa no sonho. Um soldado próximo se mexeu com o barulho, virando-se para o outro lado. Os olhos de Whitley se arregalaram de medo.

Um dos homens que estavam imediatamente atrás dela virou-se, fazendo Whitley dar um salto, os pés descalços pousando com um ligeiro ruído sobre a pedra. O cachorro grunhiu de novo. Uma mão escura saiu de dentro do cobertor, tateando, ainda adormecida, até fechar o focinho do cão, silenciando-o instantaneamente. A garota avistou a argola do chaveiro na coxa do capitão, o prêmio que buscava. A mão voltou para baixo do cobertor, e Whitley deu um suspiro de alívio.

Djogo, fora assim que o barão Ewan o chamara. Ele vinha de uma ilha remota dos mares do sul tão quente que o sangue de um homem poderia ferver, dissera o Ramlord. Os bandoleiros de Kessler haviam chegado há dois meses. Aparentemente, a primeira ação de Djogo fora dar uma surra no mordomo-chefe do barão Ewan até quase matá-lo, apenas porque ele questionou uma das ordens de Kessler. Aquilo atraiu a atenção dos serviços do castelo. Djogo era feroz, e era também o capitão dos mercenários.

Enquanto Kessler dormia nos aposentos do lorde, ele dormia ao lado de seus homens. Sim, pois era um deles: um autêntico assassino.

Certa de que Djogo e o mastim dormiam, Whitley preparou-se para dar mais um passo. Uma onda de tontura a acometeu, a pele coberta de um suor gelado e viscoso. A camisola grudou no corpo, restringindo os movimentos, o que só aumentava a tensão. A febre ainda se manifestava. Tentou se concentrar na tarefa: Djogo e a

chave. O que Drew faria? Como ele pegaria a chave? O amigo agia por impulso, por instinto. Em momentos assim, ele invocava o Lobo.

Whitley fechou os olhos, cercada de soldados adormecidos, e mais uma vez convidou o Urso a se juntar a ela. Os sentidos ficaram mais aguçados, a audição e a visão, instantaneamente mais focadas. Desacostumada àquela alteração, ela se deteve por um instante antes de se transformar; precisava ficar no controle, preservar as próprias energias.

Ao chegar mais perto da base do trono, o velho mastim de súbito abriu os olhos. Não era mais o odor humano que o cão sentia, era a presença da Werebear. Ela parou a dois metros dele; o cão olhava fixamente para a garota. Iria latir? Whitley estreitou os olhos, sem piscar, e mostrou-lhe os dentes, sobrepujando o cachorro com o olhar. Com a autoconfiança destruída por uma fera mais poderosa, o animal colocou o focinho entre as patas e soltou um leve ganido. Continuou deitado, temeroso, enquanto o intruso se aproximava de seu mestre e do molho de chaves.

Drew ergueu o olhar instantaneamente ao perceber que um vulto descia a escada em espiral. Os outros presos também viram, os olhos temerosos e curiosos. Talvez fosse Djogo, voltando para infligir mais sofrimento a Drew. “Que venha”, pensou. “Não preciso de garras para lhe dar uma surra.” Agachou-se.

Uma figura magra surgiu da escadaria, correndo até as grades, Tateando até as mãos encontrarem a fechadura da cela. Drew ouviu o tilintar de chaves enquanto o estranho, aparentemente atrapalhado com o molho, testava uma após outra. Uma delas emperrou, e o estranho teve de lutar contra o mecanismo antes de testar a próxima. Isso aconteceu repetidas vezes. Drew percebeu que a figura estava descalça. A luz fraca que vinha das tochas iluminava a pele pálida, a garota procurando desesperadamente a chave certa.

— Whitley?

A figura ergueu o olhar. Drew agora via com perfeição a silhueta da jovem Werelady, vestida com uma camisola branca.

— Drew! — suspirou Whitley, a voz evidenciando alegria. — Me dá só um minuto...

Inspirada, Whitley continuou a testar chaves, enquanto Drew se apressava em sua direção. Os prisioneiros que antes dormiam se agitaram com o murmúrio de entusiasmo dos amigos.

— Onde conseguiu as chaves? — perguntou Drew, o olhar grudado na escada, torcendo para que ninguém aparecesse. O risco que a Bearlady corria era descomunal.

— Djogo.

— Djogo? — disse Ewan. — Como, em nome de Brenn, você as tirou dele, milady?

— Tive ajuda — sussurrou, e então a chave girou ruidosamente na fechadura. Antes que Drew pudesse questioná-la sobre qualquer outra coisa, Whitley abriu a porta e correu para abraçar o jovem Werewolf. Ela tremia em seus braços, o corpo ainda lutando contra a febre.

— Graças a Brenn você está salva! — falou Drew, abraçando-a mais forte.

Ele passou os dedos pela coleira, procurando o ponto onde o círculo de ferro se juntava.

— Será que conseguimos tirar isto?

— Há ferreiros na cidade, mas esta não é a melhor hora para chamá-los — respondeu Ewan com um sorriso irônico.

Dorn levantou-se, inclinando-se sobre Drew e estendendo a mão.

— Drew da Dyrewood — falou solenemente —, seria uma honra para mim poder lutar a seu lado.

— A honra é toda minha, Dorn — respondeu Drew, o sangue fervilhando nas veias sob efeito da adrenalina.

— O que você pretende fazer? — perguntou o Touro ao saírem da cela.

— Temos de esquecer o poder de transformação — constatou ele. — A não ser que vocês queiram perder a cabeça.

— Uma batalha — murmurou Ewan, como se tivesse sido acometido por uma lembrança distante. — Faz tanto tempo...

— O Bode destruiu Haggard — disse Drew, fazendo Ewan se lembrar de quanto havia perdido. — Tudo o que pertence a vocês está além dessa escada. — Percorreu a sala com o olhar, detendo-

se em cada um dos prisioneiros. — Todos vocês têm família lá em cima; entes queridos, crianças, avós. Todos tinham uma vida. Tinham um lar. E vocês podem tê-los novamente.

Homens e mulheres agora se empertigavam, inquietos. Começavam a ter esperança. Nem todos o seguiriam. Alguns encontravam-se feridos, outros ainda aterrorizados, e com razão. Contou cerca de quarenta presos dispostos a lutar.

— Retomaremos nossa cidade! — afirmou Ewan. — Teremos Haggard de volta!

Os combatentes se juntaram atrás de Ewan. Curvaram-se, sussurrando seu nome e pedindo a bênção de Brenn.

— Qual é o plano? — perguntou ele a Drew.

O jovem Werewolf pegou Whitley pela mão.

— Não se afaste de mim, Whitley — falou, antes de se voltar para os outros. — Digam-me tudo o que puderem sobre o castelo, e rápido. Vai ser perigoso, mas podemos atacar o Goatlord. Dessa vez, o fator surpresa está do nosso lado.

Ewan e Dorn concordaram entusiasmados, enquanto o pequeno mas determinado grupo se reunia do lado de fora da cela, planejando o ataque.



A batalha de Haggard

A investida foi como o Mar Branco quebrando contra a Costa Gélida, uma onda veloz e implacável que invadiu a sala do trono. Sem gritos de guerra, sem prévio aviso. Eles tinham um único e letal propósito. O soldado mais próximo da escadaria foi pego por trás e estrangulado até sua vida se esvaír.

Tomaram sua espada e seu punhal e seguiram em frente. Apenas o quinto soldado conseguiu gritar, anunciando o perigo aos demais. Então, oito dos homens de Haggard já portavam armas. O exército de Kessler foi despertado de modo selvagem.

Djogo estava na base do trono, acordado de supetão. O velho mastim ergueu a cabeça, latindo, alarmando seu dono com atraso. Djogo, furioso, desferiu um chute no cão, lançando-o de graus abaixo, enquanto assistia a seus homens recuar pela sala, perseguidos pelos fazendeiros e pescadores de Haggard. Quando se deu conta de que não possuía mais o chaveiro, ele desceu os degraus praguejando, a espada recém-desembainhada chicoteando o ar. Seria bom finalmente estrear a lâmina — há tempos ele vinha esperando uma desculpa para sujá-la de sangue.

Um dos cidadãos de Haggard golpeava com uma cadeira quebrada as costas de um soldado. O guarda caiu com os golpes, e o oponente compreendeu que a luta estava a seu favor. Não chegou a finalizá-la, porém uma espada saiu de seu estômago, enfiada por

trás. Já estava morto antes mesmo que o aço fosse puxado de dentro de si.

— De pé, Purney! — rosnou Djogo para o homem, e olhou para os combatentes. Não eram tantos prisioneiros quanto pensou a princípio. Seus homens estavam armados e protegidos contra um punhado de caipiras famintos; por que os idiotas se acovardavam? “Deveriam estar empilhando cabeças no trono.”

Viu cinco dos prisioneiros desaparecer na escada da outra extremidade do salão — a escadaria que conduzia aos aposentos de seu mestre. Um dos homens era Ewan, e ele levava o patrulheiro de Brackenholme consigo, além de uma garota vestida com uma camisola branca. “A filha do Bearlord?” Djogo sorriu, pegando Purney pelo pescoço e atraindo-o para si.

— Espalhe a notícia. Eles são um bando de desgraçados, nada mais.

Vocês não estão enfrentando um exército, e sim ratos de adega. Matem todos eles! — esbravejou o soldado, enquanto Purney estufava o peito, a autoconfiança renovada. — Tenho de fazer picadinho de carneiro agora.

Drew e Whitley chegaram ao primeiro andar antes do barão Ewan e seus homens. Drew sabia exatamente aonde se dirigia, pois o Carneiro lhe informara em que aposento o Bode estaria dormindo. Ele teria de ser rápido — o clamor que vinha do andar de baixo logo perturbaria o sono de Kessler.

Drew correu até a pesada porta dupla, apressando-se em empurrar os trincos e abri-los.

A esperança de pegar o Goatlord de surpresa não resultou em nada. A porta aberta da sacada deixava entrar a primeira luz da manhã, as grossas cortinas pesadas agitando-se ao gélido vento matinal. Não havia sinal de Kessler; tudo deserto. Whitley cambaleou à frente de Drew, caindo na cama para recuperar o fôlego. Ela ainda se recobrava do esforço de ter invocado o Urso e libertado Drew.

— Ele deve estar lá embaixo com seus homens — considerou Whitley, levantando-se e apressando-se em direção à sacada.

— Espere! — gritou Drew, mas era tarde demais.

Surgindo das cortinas ondulantes, Kessler adentrou o aposento e agarrou Whitley pelo pescoço. Recuou com rapidez à sacada. Drew fez menção de segui-lo, e o Goatlord apertou a garganta de Whitley, fazendo sinal para o jovem recuar. -Kessler olhou para o pátio, vendo a batalha de Haggard tomar os jardins. A luz da manhã iluminava o rosto áspero do Bode, que ria. Ele não parecia nem um pouco preocupado com a guinada nos acontecimentos — parecia estar, pelo contrário, apreciando tudo aquilo.

— Solte-a — disse Drew tão calmamente quanto pôde.

Os ombros arqueados do Goatlord lhe conferiam uma envergadura deselegante e exagerada. Os cabelos brancos estavam puxados para trás, formando cachos ao redor do pescoço. Uma barba branca pontuda, similar à de Ewan, fazia o rosto retorcido parecer ainda maior, com bolsas flácidas sob os olhos de pálpebras pesadas — olhos que tinham um aspecto selvagem, o estrabismo fazendo-os mirar direções levemente distintas.

— É você quem está por trás disso, não é, garoto? Muito criativo de sua parte.

Kessler ajeitou o braço direito, balançando Whitley como se ela fosse uma boneca. Os olhos da garota estavam arregalados, e ela fitava Drew transtornada. Whitley ainda estava muito fraca, o rosto pálido e sem vivacidade.

— Perdoe-me se não segui seu roteiro — disse o Goatlord, balançando dramaticamente a mão livre na direção do pátio. — Não posso ficar na cama enquanto seu bando toma minha cidade dessa maneira inescrupulosa.

Preciso improvisar, entende? Assim, por exemplo...

Arrastou Whitley até a beira da sacada.

— Não! — gritou Drew; Ewan e seus homens chegavam ao quarto.

— Ah, Ewan! Enfim redescobriu sua coragem, não é?

— Liberte-a! — bradou o Ramlord.

— Como ousa me dar ordens? Olhe lá para baixo, primo. Seu exército de camponeses está perdendo a força... e a vida!

Ewan caminhou com cautela até a sacada, mantendo os olhos em Kessler. Drew também se inclinou para ver, espiando por cima

do ombro do Ramlord. Kessler não mentia.

O céu a leste salpicava-se de manchas avermelhadas, e a luz do dia começava a se espalhar por Haggard. Drew viu uma montanha de prisioneiros mortos no pátio; todos os soldados de Kessler agora portavam armas e escudos. Mais ou menos uma dúzia de prisioneiros se agrupara, defendendo-se com suas armas roubadas. Estavam desesperados, os olhares se voltando para Ewan enquanto mais soldados do Bode surgiam, o cerco se fechando sobre os cativos.

— Vai ficar apenas assistindo à destruição de seus homens, Ewan? — perguntou Kessler. — Você pode dar um fim a isto agora mesmo. Eu não gostaria de ver minhas mercadorias destruídas pela espada, mas, se for preciso lhe dar uma lição...

— Não! — gritou Ewan. — Por favor.

O sorriso de Kessler revelou dentes amarelados. A luta cessou por um momento, todos os olhares voltados para a sacada. A rendição completa era iminente. Drew colocou a mão sobre o ombro do barão, apertando-o em sinal de compreensão.

— Foi uma boa luta, não? — disse Ewan, antes de se voltar para Kessler. Drew fitou a cidade, o olhar perdido no horizonte além dos muros.

— Kessler — começou o barão —, você tem minha...

— Espere! — gritou Drew, puxando Ewan com força. — Veja!

Ewan seguiu o olhar de Drew por sobre os telhados. Mais de trinta cavaleiros marchavam em direção à cidade pela estrada de pedra, sem sombra de dúvida Mantos-Verdes — as seis melhores divisões do exército de Brackenholve. À frente, vinha Lord Broghan, com o capitão Harker a seu lado.

Os olhos de Kessler se arregalaram de surpresa, e ele não foi o único a reagir assim.

— Broghan! — gritou Whitley.

Os Mantos-Verdes se apressaram. Kessler puxou Whitley para si, segurando-a à sua frente. O capitão do portão alertou os soldados que estavam no pátio, mas eles paralisaram de indecisão, sem saber a quem atacar. O trovejar dos cascos ecoava pelas ruas, e os homens do Goatlord começaram a entrar em pânico.

— Como a maré muda rápido, Kessler — falou Drew. — Solte-a!
— Matem todos eles! — berrou Kessler para o exército abaixo.

Os Mantos-Verdes de Broghan surgiram no pátio, avaliando com agilidade o campo de batalha. Corpos de civis cruelmente mortos jaziam no chão, os mercenários armados do Goatlord ainda sobre eles, espadas e lanças sujas de sangue. -Broghan viu a irmã nos braços do conde Kessler.

Antes que o -Bearlord fizesse menção de proferir qualquer ordem, no entanto, uma leva de flechas voou contra seu destacamento, vinda dos muros. O capitão do portão enviara um comando aos arqueiros. Os Sentinelas da Floresta desfizeram sua formação, tentando se proteger das flechas. Haggard começava a se apinhar de combatentes de três facções em uma só batalha.

— Kessler — repetiu Drew —, solte-a!

— Quem é você para dar ordens a um Werelord? — rugiu o Bode, o rosto distorcido, os chifres despontando na testa. Whitley se contorceu quando o peito de Kessler passou a lhe pressionar as costas, os pulmões dele inflando ao se transformar. A garota pôde ouvir as costelas dele se partindo e se reconfigurando, a carne se rasgando e os cascos batendo contra o chão com o surgimento do Weregoad.

Antes que Drew pudesse responder, ouviram-se gritos vindos da porta.

Os homens que haviam escoltado Ewan caíram. Um golpe brutal derrubou a ambos, a espada Wolfshead rasgando as costas de um antes de ser enterrada no outro. Djogo retirou a espada do corpo tombado.

Kessler bateu os cascos de entusiasmo, os chifres agora completamente expostos.

— Oh, excelente, Djogo! Excelente!

Os homens que lutavam no pátio agora observavam Kessler, assustados diante daquela visão. Os soldados do Bode correram para o castelo de Haggard, desaparecendo em seu interior. Os Sentinelas da Floresta foram atrás, mas as portas pesadas bateram com força e barraram sua entrada.

Enquanto lá embaixo os homens de Brackenholme e de Haggard tentavam adentrar o castelo, o jogo mortal continuava no andar de cima.

Kessler apontou para Drew, a voz grave tomada pelo ódio: — Mate-o! E depois faça o mesmo com essa ovelha gorda do Ewan!

— Com prazer — assentiu Djogo, girando a Wolfshead ao se aproximar de Drew.

Drew recuou; Djogo bloqueava cada uma de suas possíveis rotas de fuga. Ewan se afastou, saindo do alcance de Djogo. Este abriu um sorriso para o Carneiro.

— Sua vez vai chegar, velho.

Quatro dos homens de Kessler surgiram à porta, saídos da batalha no pátio.

— Homens da Dyrewood, senhor! — gritou um deles, quase sem fôlego. Era Purney, o soldado da sala do trono.

— Não sou cego! — berrou Kessler.

— As portas estão barricadas, mestre, mas não se sabe até quando vão aguentar a investida. Há trinta deles, além dos combatentes locais. Podem estar em número suficiente para nos desafiar. Talvez precisemos bater em retirada...

— Controle essa língua, Purney. Eu decido quando vamos partir. E, enquanto eu tiver esta coisinha bonita — disse ele, fungando no cabelo de Whitley —, temos como barganhar.

Os mercenários avançaram, cercando Drew.

— Parem! — gritou Kessler. — Observem seu capitão demonstrar como se estripa um homem da Dyrewood.

Drew não tinha para onde fugir. Às suas costas, havia uma lareira, as toras queimadas durante a noite ainda incandescentes. À sua frente estava o brutal Djogo, o chicote preso a uma das coxas, empunhando a Wolfshead ao se aproximar. “Se me acertar com ela”, pensou Drew, “não vai ser a primeira vez. Doeu, mas não morri.” Era uma tentativa de se confortar — Djogo parecia um assassino tarimbado e provavelmente nunca errava o alvo.

Djogo sorriu para seus comparsas, que o apoiavam. Drew lhes pareceu inofensivo. Estavam errados. Tomando a iniciativa, Drew saltou. Seu punho acertou o queixo de Djogo, jogando-o para trás.

Drew então se posicionou às costas do soldado, puxando o chicote de sua coxa. Laçou-o pela garganta e apertou o cordão. Instantaneamente, Djogo cambaleou para trás, em direção à lareira. Drew sustentava o couro com toda a força, mas os músculos do pescoço do sulista inchavam como madeira endurecida.

Drew sentiu o beiral da lareira acertar-lhe os ombros quando Djogo o lançou contra ela, espremendo-o contra a parede de pedra. Ele acabou soltando o chicote quando o ar sumiu de seus pulmões. Como se aquele impacto não fosse suficiente, sentiu a parte de trás da cabeça de Djogo colidir contra seu rosto. O sangue jorrou imediatamente do nariz estilhaçado, e seu corpo ficou mole sobre os ombros do sulista. Este afastou-se um passo, e Drew despencou com um estrondo.

O Lobo ouvia as risadas ao redor; Djogo caminhava em volta dele. Sua visão estava nublada quando ergueu o olhar, o rosto a poucos centímetros das brasas. Ao lado, viu Ewan, derrotado, e Kessler, altivo, Whitley vacilante em suas mãos. Sentia o Lobo querendo emergir; se o libertasse, morreria em segundos, poupando Djogo do serviço.

— Acabe logo com essa criança e venha dar fim ao velho tolo — rosnou Kessler, desferindo um chute no amedrontado Ewan, que caiu de joelhos.

— Como quiser — respondeu Djogo em tom áspero, voltando-se para Drew, que alcançou a lareira. Ergueu a espada, e Drew se levantou oscilante, dando um soco na cara de Djogo com toda a força que lhe restava. Tinha na mão um punhado de brasas, que lançou no rosto do mercenário. O homem gritou de agonia, acertando Drew e fazendo-o ajoelhar-se novamente. A maioria das brasas caiu, mas algumas penetraram sua pele, que ardia. Um fragmento traiçoeiro projetava-se do olho esquerdo de Djogo, o sangue gotejando.

A mão de Drew também estava salpicada de fragmentos de carvão quente, mas ele não se importava. Lançou um sorriso satisfeito ao homem, o próprio rosto ensanguentado devido ao nariz quebrado. Djogo perdeu o controle que ainda lhe restava, mas agora Drew já estava resignado com seu fim. Não lhe escapava a

ironia de ser morto por aquela espada. Fechou os olhos, esperando o golpe.

Parcialmente cego, Djogo pôs toda a sua fúria no golpe. Era um ataque desproporcionalmente brutal e incomum, mas, de qualquer modo, sua mira era certa. Ele já decapitara muitos homens ao longo dos anos — desertores do exército de seu antigo Lord, rivais na arena de gladiadores, inimigos no campo de batalha. Alguma vez hesitara diante da incumbência de matar um jovem, mas não agora. Se alguém precisava perder a cabeça era aquela escória da Dyrewood. A espada precipitou-se contra o pescoço do garoto, rápida como um raio.

Voaram faíscas.



Liberto

A reação ao golpe foi confusa. O barão Ewan desviou o olhar, enquanto Whitley, sufocada, cerrou os olhos de puro horror. Kessler soltou um ruído animal, e os soldados comemoraram. Djogo cambaleou para trás, quase soltando a espada ao levar a mão ao olho arruinado. O corpo do menino estava no chão, diante do fogo.

Djogo agarrou a brasa cravada no olho, puxando-a com força. Ouviu-se um estalido quando ela se desgrudou do rosto do sulista, que fez uma manobra rápida com a mão para estancar o sangue. Os homens se aproximaram dele para parabenizá-lo, cientes de que seu chefe estava gravemente ferido, mas Djogo os ignorou e se voltou para o corpo.

— Qual é o problema? — perguntou Kessler, desferindo outro chute em Ewan. — Ainda tem de dar conta deste aqui, não se esqueça.

— Só um instante — falou o assassino. — Preciso conferir uma coisa.

Algo não estava certo. A espada atingira o jovem no pescoço. Djogo sentira a lâmina entrar e o corpo cair. Mas a cabeça do garoto não havia se soltado. E de onde saíram aquelas faíscas? Chutou o corpo, esperando ver a sujeira que seu ofício macabro deixara nas pedras. Em vez disso, o que viu foi um corpo intacto e dois pedaços de ferro no chão.

As faíscas. A coleira. Partida em duas.

Os quatro companheiros de Djogo reuniram-se em torno do cadáver.

Concentrado, o Goatlord observava, não o garoto e nem a coleira, mas a espada nas mãos de Djogo.

— A cabeça dele não saiu! — comentou Purney.

— A coleira... — começou Djogo, ignorando os homens, que desferiam vários chutes no corpo.

— Esqueçam a coleira — disse Kessler com rispidez, afrouxando um pouco a pressão que exercia sobre Whitley e dando um passo à frente. — Onde você conseguiu isso?

Djogo olhou para a espada.

— A espada?

— Estou falando em outra língua? Sim, a espada! É uma Wolfshead! Só os guardas de Wergar a carregavam. Onde você a conseguiu?

— É do garoto — respondeu Djogo.

— Que garoto?

— Este aqui — disse ele. Os quatro soldados começaram a recuar lentamente.

— Chefe... — Purney falou num fio de voz. Naquele instante, uma garra cinzenta surgiu do chão e agarrou o homem pelo pescoço. Em menos de um segundo, Purney foi catapultado no ar, a cabeça batendo contra o teto antes de o corpo despencar no chão. Os outros soldados se espalharam, tropeçando uns nos outros. O primeiro foi pego pelo tornozelo, a fera arrastando-o pelo chão rumo à lareira. O guarda guinchou ao ser jogado nas brasas, a pele fumaçando. Os dois que restaram ficaram lado a lado com Djogo.

Drew ergueu-se ainda em meio à transformação, a chegada do Lobo trazendo um grande acréscimo de energia. Sentia-se vivo pela primeira vez em muito tempo. Os lábios se retraíram para que a saliva escorresse pelos dentes cada vez mais afiados. O tronco se enrijeceu, pelos negros surgindo na pele cinzenta, enquanto as garras dos pés descalços arranhavam o chão de pedra. Os olhos amarelados piscavam, malignos.

— Não é possível! — baliu Kessler, ainda segurando Whitley, o escudo voltado para o monstro.

— Sim, é — sorriu Ewan.

Djogo empurrou seus homens.

— Vamos, rapazes. Ainda existe um menino sob esse pelo todo. Matem-no!

Os homens avançaram na direção do Lobo, as armas erguidas, prontas para o ataque. Drew levou um golpe no ombro e caiu sobre um dos joelhos, aproveitando a posição para pegar impulso e lançar-se contra um deles. O Lobo agarrou o soldado no ar, e os dois caíram sobre uma mesa, fazendo um estrondo assustador, pedaços de madeira se espalhando. Ele tomou a espada do homem caído, lançando-a através da sala como um dardo. Acertou o outro guarda na perna, fazendo-o cair no chão em estado de agonia.

Sobraram apenas Drew e Djogo.

— Agora — grunhiu Drew entre os dentes —, somos eu e você.

Djogo olhou para o Werewolf e depois para seus homens desacordados.

Pegou a empunhadura da espada que se projetava da perna do soldado e arrancou-a. Kessler começara a se esgueirar, rumo à porta.

— Não saia daqui, Kessler! — rosnou Drew. — Ainda não terminamos.

Apesar de seu tamanho e de sua aparência monstruosa, o Bode parecia temer o Lobo. Se sua imagem fazia o conde recordar algum encontro com Wergar, Drew nunca saberia, mas, diante de um licantropo, Kessler entrou em pânico. Ewan se moveu para bloquear a saída do Bode. Kessler então voltou à sacada, olhando com preocupação por cima do parapeito, Whitley ainda em suas mãos. A jovem de Brackenholme não apresentava nenhuma resistência, o corpo fraco, e o Goatlord parecia se esquecer da própria força ao segurá-la pela garganta.

Djogo aproveitou o momento para atacar Drew, mirando suas entranhas. Drew percebeu o golpe, mas não rápido o bastante. A Wolfshead fez um fino rasgo em sua coxa, cortando-lhe o músculo. Drew perdeu o equilíbrio momentaneamente por causa da dor. O

sulista então atacou com a espada menor, provocando uma ferida no tronco do Lobo. O guerreiro semicego rodopiava, atacando ferozmente com as espadas, enquanto Drew recuava. O homem era mortal com armas, mais competente do que qualquer um que ele já tivesse enfrentado. O olho ferido, porém, mantinha a luta equilibrada.

Djogo e o Werewolf descreviam círculos. Houve um estrondo na grande porta do castelo de Haggard: os homens do Lord Broghan tentavam arrombá-la.

— Logo eles estarão aqui — disse Drew. — Desista. Largue as armas.

Liberte Whitley!

Kessler e Djogo se entreolharam. O Bode lhe fez um sinal antes de apertar ainda mais o pescoço de Whitley, sufocando-a até que perdesse a consciência. Ela agora pendia em suas mãos, os braços e as pernas sem vida, enquanto o conde titubeava na sacada. Drew fez menção de se aproximar de ambos, o Lobo desaparecendo. As mandíbulas passaram a se retrair, os dentes, a diminuir, sua forma humana ressurgindo.

— Pare onde está! — avisou Kessler, cambaleando próximo ao parapeito baixo.

— Por favor! — implorou Drew, vendo que Kessler havia perdido a razão e estava tomado por profunda ira. Os cascos escorregavam, o corpo de Whitley balançava. Se ele desse mais um passo, ambos despencariam.

Ewan agiu rápido, pulando e agarrando os tornozelos de Kessler. Suas mãos prenderam as botas do Goatlord, retendo-o, mas o corpo de Kessler se inclinou perigosamente para a frente. O Bode zurrou e soltou Whitley. O pátio de pedra estava dez metros abaixo deles, uma queda fatal para qualquer um, mas principalmente para uma transmorfa inconsciente.

O tempo andou mais devagar enquanto Drew ultrapassava o Goatlord, que relinchava furiosamente. O corpo de Whitley flutuava no ar. Lançando um braço à frente, o garoto tentou alcançar a Bearlady. Sua mão direita segurou o tornozelo dela, mas não pôde detê-la. O balaústre de pedra atingiu o estômago dele,

desacelerando-o um pouco antes que também passasse por sobre o parapeito.

A queda de Drew foi detida repentina e violentamente. Ele sentiu o braço esquerdo quase se deslocar quando as mãos fortes de Ewan se fecharam ao redor de seu pulso. A parada brusca por pouco não o fez soltar Whitley; Drew gritou, fazendo um esforço tremendo para continuar segurando a garota. Whitley ficou pendurada de cabeça para baixo pelo que pareceu uma eternidade. Drew sentia os pés dela deslizar por sua mão ensanguentada. Os homens de Haggard e os soldados de Brackenholme que investiam contra a grande porta olharam para cima; Broghan se deslocou entre eles e se posicionou bem abaixo da irmã.

— Solte-a, Drew! — gritou ele, os homens se reunindo ao redor dele e soltando as armas. — Nós a pegaremos!

Ofegante, Drew abriu a mão, observando-a cair. Os homens a pegaram, entregando-a a salvo ao irmão. Ewan puxou Drew de volta à sacada, e o jovem se largou no chão, exausto.

— Tudo bem com você, rapaz? — perguntou Ewan, segurando o rosto de Drew entre as mãos ásperas. Drew assentiu, olhando por cima do ombro do Werelord.

— Onde está Kessler? — Os dois se voltaram para a porta aberta.

— Não podemos deixá-lo escapar — gemeu Drew, esforçando-se para ficar de pé.

— Malditos! — gritou o Goatlord, agredindo seus homens aleatoriamente enquanto corria escada abaixo, Djogo logo atrás.

— Precisamos sair logo desta espelunca — disse Djogo, o único soldado imune à fúria do conde. Como segundo no comando de Kessler há muito tempo, ele já estava acostumado à ira do Bode. — Nem todos os prisioneiros fugiram. Pelos menos cinquenta foram recapturados e enviados ao Banshee. Partiremos com o que temos em mãos.

Kessler rangeu os dentes de irritação ao olhar para o salão. Oito dos prisioneiros que haviam sobrevivido à batalha estavam atrás do trono, recapturados. Os soldados os cercavam, lanças e espadas em

riste. A grande porta do castelo balançava ao impacto dos aríetes improvisados dos Sentinelas da Floresta.

— Kessler — repetiu Djogo —, precisamos partir. Agora.

Kessler se dirigiu aos oito homens acuados. Reconheceu um deles, o Touro de Calico, Lord Dorn.

— Ah, garoto de Brand — disse Kessler. O jovem era alto, mas, transformado em Bode, Kessler sobrepunha-se a ele. Os outros prisioneiros acovardavam-se, recuando na direção das armas dos soldados à medida que o Goatlord se aproximava. O corpo de Dorn tinha feridas abertas após a batalha contra o pequeno exército de Kessler. Quantos o jovem Touro teria derrubado? O garoto impertinente mantinha-se onde estava, retribuindo o olhar de Kessler com toda a tranquilidade. Rápido como um raio, o Bode lhe deu uma cabeçada, fazendo o jovem Werelord cambalear até seus companheiros. O Touro olhou para cima, o olhar desafiador.

— Você não merece a Arena — cuspiu Kessler no Bull-lord. — Djogo, a Wolfshead!

Relutante, o sulista entregou sua nova arma ao conde. Os soldados de Kessler avançaram, alguns erguendo a espada, outros desembainhando-a.

Os prisioneiros recuaram ainda mais. O Weregoad sentiu o peso da espada por um momento, antes de se voltar para Lord Dorn: — Você vai transmitir uma mensagem minha ao barão Ewan e ao Lobo.

Drew e o barão Ewan desceram a escada a passos trôpegos assim que os homens de Broghan conseguiram arrombar a grande porta do castelo. Os Mantos-Verdes e os sobreviventes da milícia de Haggard adentraram o salão, espadas em riste, arcos retesados. O capitão Harker apressou-se na direção de Drew, dando-lhe tapas amigáveis nas costas.

— É bom vê-lo de novo, Drew! Parece que você está metido em encrencas até o pescoço mais uma vez.

— Encrenca é pouco para descrever o que ocorreu aqui, Harker. A chegada de vocês se deu no momento exato. Mais um instante, e não posso imaginar o que teria acontecido. Como vocês sabiam de nosso paradeiro?

Saímos da rota que levava a Cabo Gala.

— Paramos em Cheaptown alguns dias atrás — esclareceu o capitão.

Ewan, à frente, adentrava a sala do trono, testemunhando a carnificina. — Eles se lembravam de você: disseram que vinha nesta direção.

— Como está Whitley? — perguntou Drew.

— Está bem. Broghan está com ela lá fora.

— Onde está Kessler?

— Eu sei tanto quanto você. Esperava que pudesse nos contar...

— Existem túneis — respondeu Drew, apontando para o fundo da sala dos tronos. — Eles levam à Baía de Haggard. Devemos nos apressar, antes que ele fuja.

A conversa foi interrompida por um grito repentino. Um grupo de homens se reunia em volta do trono de mármore. Enquanto Drew e Harker se aproximavam, alguns se viraram, balançando a cabeça com tristeza, alguns em prantos, outros chegando a vomitar. Eles se afastaram, revelando uma visão que fez o sangue de Drew congelar: os corpos estripados de vários prisioneiros empilhavam-se sobre o trono e sua base, o sangue empoçando os degraus. Ewan agachou-se diante do trono, os ombros caídos, a cabeça balançando para um lado e para outro.

Drew quis tocar o ombro do barão e sussurrar-lhe palavras de conforto e simpatia, mas não soube o que dizer. Fitou a pilha de corpos, sentindo a bile subir ao reconhecer o corpo de Lord Dorn. Estava jogado no topo, o rosto virado para o chão, uma espada enfiada nas costas como se fosse uma bandeira cravada em uma montanha conquistada.

Drew olhou para a espada, os olhos marejados de lágrimas de ódio, as quais lhe queimavam o rosto ao escorrer. Foi como se a Wolfshead rugisse em resposta.



Nem mais um dia

O conde Vega inclinou perigosamente a cadeira, indagando-se se alguém notaria caso se retirasse. Olhou através da janela a seu lado. Highcliff fora tragada pela noite, a treva interrompida apenas pelas luzes que cintilavam na janela como diamantes em um lençol negro. Ele tinha de aguentar a discussão entre os Lords de Brackenholme e Stormdale, perdigotos voando no ar e dedos em riste, perguntando-se como conseguia sempre se meter nesse tipo de situação. "Há motivos mais que suficientes para eu não me meter em assuntos de marinheiros de água doce." Vega sabia desde criança que o "povo da areia", como sua mãe os chamava, era complicado. "Fique no mar, garoto", ela o aconselhava. O mar era o verdadeiro lar de um Sharklord, e não a gaiola que era aquela torre de pedra. E ainda era obrigado a assistir a um Urso e um Cervo praticamente se estapear. E os dois se diziam amigos!

— Baixe o tom, Bergan! — gritou Mikkel. — Você vai cair sobre seu traseiro se não me devotar o devido respeito!

— Você está agindo como uma criança! — rugiu o Bearlord. — Seu irmão não aprovaria isso!

— Você acha que eu não conheço meu próprio irmão? — Mikkel voltou-se para Vega em busca de apoio. — Está ouvindo o que ele diz, primo?

Vega ergueu as mãos, um gesto para mostrar que não participava da briga.

— De repente eu me tornei “primo”, é? Não contem comigo, crianças.

— As pernas da cadeira atingiram com força o chão de pedra. Bergan e Mikkell se viraram para ele.

— Mas, Vega... — disse Bergan. — Ao fazer parte do Conselho Lupino...

— Ah, parem com essa de Conselho Lupino! — interrompeu o conde de Highwater. — Drew se foi sabe lá Brenn para onde, e não há sinal de que vá voltar. Enquanto isso, ficamos aqui sentados, quando deveríamos estar mobilizando nossos exércitos.

— Você não vê, Mikkell, que precisamos nos reforçar em número?

Atualmente, nossas forças combinadas podem dar conta da cidade, defender os muros contra uma invasão, se necessário. Mas, se você arrancar seus homens daqui e levá-los de volta às Barebones, ficaremos indefesos. Não temos homens suficientes para proteger Highcliff — ponderou o Bearlord.

— Tenho de garantir que meu povo fique a salvo.

— Então mande outro mensageiro, mas não confie na possibilidade remota de uma ameaça. Leopold pode urrar quanto quiser na masmorra, mas ele não vai a lugar nenhum. E ninguém veio ajudá-lo.

— Ninguém veio... ainda — corrigiu Mikkell.

Bergan jogou as mãos para o ar.

— Desisto! Então vá para Stormdale e prepare seu exército contra um inimigo imaginário. Deixe-nos enfraquecidos. Mas deixe seu irmão aqui.

Não vá arrastá-lo pela Lyssia no estado frágil em que ele se encontra.

Mikkell fitou-o com desprezo. Vega o observou, esperando que lançasse alguma provocação. Não gostava de Mikkell, mas o respeitava. Contudo, era evidente que naquele momento Mikkell não primava pela razão. Se o capitão do Turbilhão tinha de se envolver, então o momento era esse.

— Tenho algumas palavras a dizer sobre o assunto, e depois disso vocês verão apenas meu manto sair por aquela porta.

Os Werelords se viraram, dispostos a ouvir o que ele tinha a dizer.

— Isso tudo é muito empolgante, não? — sorriu o conde Vega. Bergan retribuiu com uma carranca. Vega prosseguiu: — Levei minha frota para o mar. Não vimos nada de alarmante. Contudo, marinheiros são supersticiosos. Eles me falam dos maus presságios que veem em todo canto: gaivotas voando baixo, crepúsculos vermelho-sangue, peixes mortos nas redes. Não sou idiota a ponto de ignorá-los. Uma vida no mar ensina a um homem, e a um transmorfo, a respeitar os antigos costumes. Algo está por vir. Não sei se partir é uma atitude inteligente; não tenho como afirmar.

Mas concordo com Bergan, arrastar Manfred, doente como está, pelas Barebones é pura tolice. Deixe-o a cargo de nossos curandeiros, Mikkell, e, assim que o estado dele for bom o suficiente para viajar, o próprio Manfred poderá decidir o que prefere fazer.

Bergan e Mikkell se entreolharam. Bergan estendeu a mão, esperando que Mikkell a apertasse. Uniram as mãos, promovendo uma trégua na discussão.

— Assim que ele puder viajar?

— Assim que seu estado de saúde permitir — concordou Bergan. — Não posso convencê-lo a ficar mais um pouco? Tem de partir no meio da noite?

Mikkell fez sinal positivo, irredutível na sua vontade.

— Deixei a grama crescer sob meus cascos por tempo demais. A guerra está por vir. Posso sentir no vento sua aproximação.

— Então vá com Brenn, irmão — desejou Bergan, abraçando Mikkell.

— E que Ele esteja com você também.

Vega revirou os olhos. “Que bando de corações moles!”

— Desculpem interromper este momento emotivo, crianças, mas tenho de encontrar alguém. Faz dias que não vejo Hector. Não sei vocês, mas eu estou preocupado.

— O garoto ainda não está bem — disse Mikkell, pegando seu manto cinza. — Ele não tem sido o mesmo desde aquela tolice no

Poço.

— Hector precisa de companhia — ponderou Bergan. — Ele não pode se esconder na Torre de Bevan daquele jeito. E eu não tenho certeza de que Vincent seja a pessoa mais indicada para cuidar dele.

“Você não sabe nem a metade”, pensou Vega.

— É exatamente o que acho. Então, se me permitem — disse Vega, fazendo uma mesura à sua maneira, extravagante —, devo partir.

O Sharklord não aguardou as demais despedidas. Desceu aos saltos os degraus da Casa do Traidor, três de cada vez. Estava realmente preocupado com o jovem Boarlord. Hector estava em frangalhos na semana anterior, quando o vira pela última vez, e Vega sabia reconhecer um pilantra a quilômetros de distância. Vincent estava ameaçando o irmão gêmeo, pressionando o jovem magíster até conseguir o que queria: o trono de Redmire. Hector estava quase perdendo a cabeça, com medo do próximo passo do irmão. Havia algo de muito perverso em Vincent, e Vega não sabia ao certo até que ponto ele iria para conseguir o que queria.

Hector piscou, tentando enxergar em meio à névoa, a água negra batendo-lhe na cintura. Estava nu, com frio e não tinha certeza de onde estava. Sentia a lama afundar e se deslocar enquanto tentava ficar em pé, como se a areia estivesse sendo levada pela maré, embora a superfície da água permanecesse imóvel. Ele não conseguia enxergar nenhuma margem, não importava em que direção olhasse. Só via a água escura e a névoa amarelada e suja. Havia um odor pungente e familiar no ar. Enxofre. Passou as mãos pela água e sentiu certa resistência, como se fosse óleo. Lutou para não entrar em pânico.

Não conhecia aquele lugar e estava totalmente aterrorizado.

“Como cheguei aqui? Por que estou aqui?” Avançou um passo e sentiu algo se mover sob os pés; algo embaixo da areia. Depois, alguma coisa tocou seu tornozelo — uma coisa afiada raspou-lhe a pele, uma garra, ou um dente. Girou, fazendo a água se movimentar.



— Onde estou? — gritou ele, erguendo o olhar. A névoa de enxofre ficava cada vez mais densa. Esfregou os olhos com a mão esquerda, usando a direita para manter o equilíbrio. A névoa amarelada o sufocava, fazendo-o arquejar. Mais movimentos sob a superfície; algo se mexia entre suas pernas.

Seus olhos estavam quentes e coçavam. Quando a visão ficou menos turva, olhou a palma da mão. A mancha negra crescia com rapidez, espalhando-se, estendendo-se pela pele como se fosse a tinta vertida de um pote. Em segundos, seus dedos estavam negros, e as trevas tomavam seu braço.

— Não! — gritou ele, enfiando o braço na água, como se tirá-lo de vista fizesse aquele processo retroceder. Mas, no momento em que o braço desapareceu sob a superfície, ele sentiu uma mão fria e gelada agarrá-lo com força. Puxou o braço, tentando se desvencilhar.

— Me solte! — gritou, mas não havia escapatória. Sentiu algo deslizando pelas costas nuas: uma mão longa, sombria e serpenteante saía da água negra. Vis! A mão agarrou-lhe o ombro, atraindo-o lentamente para a água. Tentou socá-la com a mão direita, mas não conseguia se desvencilhar.

A mão sob a superfície continuou a arrastá-lo para baixo, seu queixo cada vez mais próximo do líquido escuro. — Por favor! — implorou, e mais mãos apareceram ao seu redor, agarrando o que podiam. Garganta, queixo, peito: os dedos pinçavam tudo, beliscando-o e puxando-o cada vez mais para o fundo daquela água escura. Ele abriu a boca para soltar um último grito, mas não conseguiu, a água cobrindo-lhe a boca e escorrendo garganta adentro, fria como a própria morte.

Hector levantou-se de um salto, berrando e ofegante. Esticou as mãos em direção ao teto. O cabelo grudara-lhe no rosto cheio de gotículas de suor. Os lençóis estavam encharcados, aderindo à pele quente e úmida.

Levou um instante para perceber que, em primeiro lugar, e mais importante, ainda estava vivo e, em segundo lugar, estava em seu quarto na Torre de Bevan. A garganta seca ardia ao engolir. Devia ter gritado enquanto dormia, o pesadelo misturando-se ao mundo real. Os olhos vasculharam o quarto escuro em busca dos vis. Espalhavam-se por todo canto, sempre à espreita, aguardando o momento adequado para atormentá-lo. Então viu a figura sentada na cama — uma silhueta grande e escura.

— Saia daqui, demônio!

— Isso é jeito de falar com seu irmão?

Os olhos de Hector ajustaram-se à escuridão. Era mesmo Vincent, as pernas cruzadas, assim como os braços sobre o colo. Não havia sinal de Mutt, o fiel cachorrinho com quem o jovem Boarlord fizera amizade. O vira-lata passara a dormir aos pés da cama, mas provavelmente fugira com medo do irmão gêmeo de Hector.

— Que horas são? — perguntou Hector.

— Tarde — respondeu o irmão, levantando-se. Seus movimentos eram lentos, estudados. — Mais pesadelos?

Hector não respondeu. O irmão retornava todas as noites desde o ultimato, mas Hector se escondia para evitar o encontro com ele. Havia trancado o quarto, mas, olhando por sobre o ombro de Vincent, viu a porta aberta e a fechadura arrombada. Ele forçara sua entrada. Justo naquela noite!

— Não pude deixar de ouvir lá de baixo. Que barulheira. Estava preocupado com sua segurança. E também com sua sanidade.

Hector olhou para os lençóis. A cama estava encharcada, e sua pele, congelando. A febre ainda não dera trégua. Ele não encontrou o travesseiro.

De repente, se voltou para o irmão. Vincent segurava a almofada. Na última semana, ele atormentara Hector todas as noites, lembrando-o de que era uma vergonha para sua dinastia, para a memória do pai e para o povo de Redmire. E todas as noites ele o lembrava de que seu tempo estava acabando. As palavras do ultimato ainda assombravam a mente de Hector: “Nem mais um dia”.

Vincent apertou o travesseiro, socando-o com o punho, enquanto sorria para Hector. O corpo deste estremeceu, os calafrios revelando o estado de perturbação em que se encontrava. De repente, Vincent estava sobre ele, o travesseiro a centímetros de seu rosto.

— Qual é o problema, Hector? Você parece tão... nervoso!

Os olhos arregalados de Hector fitavam o travesseiro. Vincent chegou mais perto, abaixando a almofada.

— Quer seu travesseiro?

Hector desejava gritar, mas o medo o paralisara.

Vincent lhe dissera que teria Redmire de qualquer jeito, que nada ficaria em seu caminho.

— Por favor, Vincent. Eu lhe imploro, não faça isso!

— Não faça o quê? — sibilou Vincent.

— O travesseiro. Por favor!

Vincent então se levantou de um salto.

— Isto? — falou, apontando para a encharcada trouxa de penas e algodão. — Achou que eu fosse sufocar você?

Vincent riu alto, jogando o travesseiro na cama. Hector não achou graça, ainda temendo pela própria vida. O irmão bateu palmas, balançando a cabeça e limpando as lágrimas que lhe escaparam ao gargalhar.

— Ah, essa foi boa, Hector. Quanta diversão!

Ele parou de rir. Aproximou-se rápido, as mãos abertas, as quais fechou em torno do pescoço do irmão. Os olhos de Hector se esbugalharam quando ele sentiu a pressão.

— Se fosse matá-lo, irmão, não usaria um travesseiro nojento. Eu iria querer ter certeza. Desejaria ver seu rosto. Faria com estas... — apertou — duas... — apertou ainda mais — mãos!

As pernas de Hector chutaram. Seus joelhos encontraram os cotovelos de Vincent e o fizeram soltá-lo. Hector rolou para fora da cama, o camisolão encharcado, caindo direto sobre as roupas que tirara antes de se deitar.

Tateava-as, ofegante. Vincent riu.

— Ora, ora, irmão, eu estava apenas brincando. Deixe-me ajudá-lo a se levantar.

Vincent estendeu a mão para tocar Hector, que tateava seus pertences.

O magíster então se virou, segurando uma lâmina em posição de defesa, as mãos trêmulas. Vincent recuou um passo, cauteloso, antes de se entregar a mais um acesso de risadas.

— Isto aí? O que pretende fazer em mim? Cócegas?

Hector mantinha erguido o punhal incrustado de joias, a empunhadura próxima ao peito, a lâmina apontada para a frente. Era decorativo; não tinha nada de prático. As joias feririam a mão de quem tentasse usar a arma para fins letais. Provavelmente, ela faria mais mal a quem a empunhasse do que ao alvo. Hector passou a se desvencilhar do irmão, afastando-se e encaminhando-se à porta. Viu uma pequena forma no chão, a silhueta inconfundível de Mutt. O pequeno cão podia muito bem estar dormindo, mas Hector não teve dúvidas: estava morto.

— Por favor, Vincent — murmurou, muco e lágrimas misturando-se nos lábios trêmulos. — Farei o que me pediu à primeira hora da manhã.

Notificarei a Bergan, notificarei a todos. Tudo será seu. Não quero mais nada. Mas, por favor, pare.

O rosto de Vincent contorcia-se enquanto seguia Hector, que cambaleava de costas até o corredor. As tochas do salão abaixo iluminavam a escadaria e chegavam a jogar luz no último andar da Torre de Bevan.

— Eu lhe dei tantas chances, e você recusou todas, como o Porquinho gordo e teimoso que é. Esperei demais, Hector. Assumirei o trono esta noite.

— Amanhã — implorou Hector. Continuou recuando pelo corredor, guiando-se pelo tapete desgastado que levava à escada. — Não faça isso, Vincent. Prometo pela minha vida, é tudo seu. À primeira hora da manhã, eu o farei.

— Você já disse isso antes e estava mentindo...

— É que ando muito doente, Vincent. Sinto-me tão fraco! Amanhã farei o que me pediu, prometo.

Vincent caminhava lentamente, balançando a cabeça enquanto o acompanhava. Hector mal conseguia enxergá-lo. Vincent se

tornara uma mancha turva, enquanto Hector era tomado pelos calafrios e cambaleava, aproximando-se da sacada que dava para o salão de entrada, dois andares abaixo.

Como Hector queria que seus amigos estivessem ali agora. Como queria ver Drew de novo, aquele que ele considerava seu verdadeiro irmão. Hector chorou ao pensar nele, lamentando-se ao perceber que nunca mais veria o amigo. Orou a Brenn pela segurança de Drew e para que ele encontrasse Gretchen. Sentiu as costas encostar no corrimão de pedra quando chegou na ponta do velho tapete. Olhou para baixo.

As silhuetas de Ringlin e Ibal olharam para cima, aguardando sua ações com expectativa. Às lágrimas, Hector viu o mais alto abanar a mão, como alguém faria a um conhecido na rua. Hector voltou-se novamente para Vincent.

— Solte esse punhal de brinquedo, irmão. Ele não vai ajudá-lo. O que vão dizer? Todos sabem que você anda mal da cabeça. Meu bom Brenn, o que mais explicaria você ter invadido o mundo dos mortos? Ninguém o culparia se resolvesse acabar com tudo. Ninguém sentiria sua falta.

— Não é verdade! Eu tenho amigos!

— Os membros do seu precioso Conselho Lupino?

— Não eles — sussurrou Hector, inclinando-se sobre o corrimão. Abaixou o punhal, resignado com seu destino.

— Então, quem, o Lobo? Onde ele está agora? Percorrendo a Lyssia atrás de uma amiga de verdade. Não, Hector, você não tem ninguém. Você não é ninguém. Não vai fazer falta nenhuma.

Vincent deu um passo à frente, os braços levantados, as mãos abertas, preparado para empurrá-lo.

— Nem mais um dia.

Vincent estava a poucos passos do irmão quando seu pé topou na extremidade torcida do longo e esfiapado tapete que atravessava o corredor.

Ele tropeçou e foi impelido para a frente, os braços agitando-se no ar. Por instinto, Hector ergueu as mãos para segurá-lo, esquecendo por um instante as intenções perversas de Vincent. Naquele momento, eles eram novamente apenas dois irmãos.

Os dois colidiram contra o corrimão abraçados, os braços de Vincent em torno de Hector.

As portas da Torre de Bevan abriram-se de repente, e o conde Vega entrou sem se anunciar. Ringlin e Ibal, ao pé da escadaria, voltaram-se para ele, as mãos já sobre as armas; o florete de Vega saltou graciosamente da bainha. Então, o Sharklord acompanhou o olhar dos dois vilões até o drama que se passava acima.

Vincent e Hector olhavam-se fixamente, os rostos quase se tocando.

Um era reflexo do outro, expressões idênticas de surpresa e terror. Aos poucos, desvencilharam-se, Vincent chiando e bufando, a saliva escorrendo pela boca ao olhar para baixo. Hector repetiu a palavra "não" diversas vezes, mas nenhum som saiu de sua boca. Os dois olharam para baixo.

O punho de Hector pressionava o flanco esquerdo de Vincent, o cabo do espalhafatoso punhal rente ao peito do irmão. A faca não era de prata, mas a ferida era gigantesca; uma espada comum também poderia matar um Werelord. Não havia poder transmorfo que curasse uma cabeça decepada, e o mesmo se podia dizer desse ferimento. A lâmina encontrava-se enfiada profundamente no coração de Vincent, tendo encontrado um caminho sem resistência por entre as costelas do Boarlord. Os olhos de ambos se encontraram mais uma vez, as lágrimas jorrando. A esperança de perdão de Hector se desfez quando ele viu o rosto de Vincent contorcido em uma expressão de ira e ódio. Ele tentou falar obscenidades e maldições, mas nada saiu.

As mãos em garra de Vincent passaram pelo rosto de Hector, presas surgindo de suas mandíbulas e pelos castanho-escuros crescendo em seu rosto. Ganiu e grunhiu, arranhando os olhos lacrimejantes de Hector com seus dedos acinzentados. A plateia abaixo assistia a Vincent se projetar cada vez mais sobre a sacada. Por fim, Hector não pôde mais segurá-lo e o soltou.

— Desculpe — sussurrou. — Por favor, me perdoe, irmão...

Enquanto Vincent despencava por sobre o corrimão, Hector viu a boca do irmão se contorcer, encontrando voz no último instante: — Nunca.

Hector se inclinou para assistir à queda do irmão, a mesmo tempo que Vega, Ringlin e Ibal recuavam. Vincent caiu de cabeça no chão em mosaico, fazendo um estrondo repugnante. Vega se aproximou, trôpego, descrente diante da visão temível do Boarlord morto. Olhou para cima e viu Hector encostado no corrimão, perigosamente próximo de imitar o irmão.

Com o canto do olho, viu os dois capangas de Vincent desaparecer porta afora, fugindo da cena da morte de seu mestre. Vega subiu a escada correndo, torcendo para alcançar seu jovem amigo antes que ele fizesse alguma tolice.

Hector fitou o corpo destruído de Vincent, os membros torcidos de maneira incomum, uma poça escura espalhando-se ao redor do ponto onde ele colidira com o chão. A alta escadaria parecia girar e girar, e sua mente era um turbilhão. Sentia que estava prestes a perder a consciência. Uma queda, sim. Faria isso. Eles entenderiam. Antes de as trevas chegarem, percebeu vis saindo das sombras abaixo, grandes garras negras sobre o cadáver de Vincent.

“Nem mais um dia.”

E, então, trevas.

PARTE 4



A
TEMPESTADE
QUE
VEIO
DO
SUL



De coração aberto

Os homens de Brackenholme estavam deitados em torno das fogueiras, preparando-se para a noite, alguns deles em guarda. Dois dos Mantos-Verdes morreram na batalha de Haggard, e os patrulheiros atrasaram sua partida da Cidade do Carneiro para enterrar os mortos. Todos compartilhavam o luto, pois a ligação entre os Sentinelas da Floresta era como aquela entre irmãos. O clima era sóbrio e reflexivo, as conversas, rápidas e objetivas. Mas, na fogueira central, um grupo conversava intensamente, os ânimos incontidos.

— Você deveria ter esperado — disse Lord Broghan, um dedo acusatório apontado para Drew. O jovem Lobo balançou a cabeça.

— Nós nunca vamos concordar quanto a isso, Broghan, então sugiro que paremos de falar sobre o assunto.

— Você foi inconsequente, Drew. Não tinha a permissão do Conselho Lupino!

— Não preciso da permissão de ninguém! Se quero resgatar minha amiga, assim o farei, e ninguém pode me deter. Eu faço o que quero, Broghan — apontou para o norte. — Highcliff não me dá ordens. Ninguém me dá. Eu sou livre.

— Livre? — riu Broghan. — Drew, acorde! Você é o Werelord mais importante e talvez o mais poderoso de toda a Lyssia!

— Caro irmão, abaixe a voz — sugeriu Whitley a seu lado. — Os homens estão tentando dormir. — Atrás dela, enrolado no saco de

dormir, estava o barão Ewan, cujos roncos pontuavam a discussão.

— Não se meta, minha irmã — retrucou o jovem Bearlord. — Por acaso você também não sabe distinguir o certo do errado? É tão irresponsável quanto Drew por auxiliá-lo nesta missão tola. Creio que eu não preciso lhe dizer quanto nosso pai está desapontado.

Com isso, Whitley levantou-se. O capitão Harker, que permanecera em silêncio durante toda a acalorada discussão, ergueu-se em respeito à Werelady.

— Tenho certeza de que nosso pai tem orgulho de você, Broghan — ela rebateu. — Falando alto, sempre cheio de opiniões; cada dia fica mais parecido com ele.

Whitley se afastou da fogueira. Broghan permaneceu sentado, o rosto arroxendo-se. Harker sentou-se de novo, os olhos fixos no fogo para não irritar ainda mais seu superior. Drew apenas fitava o Bearlord.

— Nem tudo é preto ou branco, Broghan — disse Drew, levantando-se e alongando-se. — Você precisa começar a ver os tons de cinza.

Com isso, saiu caminhando em busca de Whitley, deixando o carrancudo Lord de Brackenhofme diante das chamas.

Encontrou-a empoleirada numa rocha, a leste do acampamento, olhando para as vastas Longridings à frente. Pequenas luzes cintilavam nos campos, fogueiras de outros viajantes que paravam para passar a noite. Ao norte, enxergavam a vastidão negra da Dyrewood até onde a vista alcançava. Em algum ponto ao sul, ficava o Cabo Gala, a cidade dos Horselords, na qual estariam no dia seguinte. Drew ainda esperava encontrar Gretchen lá, mas tinha consciência de que as chances eram poucas.

— Posso ficar aqui?

Whitley sorriu, erguendo os joelhos até o peito e abraçando-os.

— Também cansou de discutir com meu irmão?

Drew sentou-se ao lado dela, deixando as pernas pender para fora da rocha.

— Ele fica intransigente quando põe uma ideia na cabeça. Não tem jeito, não é?

Drew apontou para os pontos de luz na escuridão.

— Horselords?

— Duvido. Os Horselords agora tendem a viver nas cidades e nos vilarejos das Longridings. Houve um tempo em que viviam nos campos, com o povo, mas isso foi eras atrás. É mais provável que sejam camponeses.

Talvez até romaris.

— Romaris?

— Ah, você iria gostar dos romaris, Drew. Estão sempre de mudança.

Assim como você — acrescentou, dando-lhe uma cotovelada nas costelas.

Ele sorriu.

— De mudança?

— São um povo nômade, de uma cultura antiga. De vez em quando, passavam por Brackenholme para vender seus produtos, mas nunca ficavam muito tempo. Mas essa não é nem metade da história. — Ela se aproximou dele para sussurrar num tom conspiratório: — Eles veneram o Lobo!

Drew foi tomado de surpresa.

— Tem uma sociedade inteira que me venera?

Whitley riu.

— Não tire conclusões precipitadas, pastorzinho. O Lobo é um símbolo sagrado para eles; têm grande adoração pela fera. Seria exagero pensar que o tratariam como um deus vivo!

— Bem — Drew suspirou em tom irônico —, já tenho muito com que me preocupar sem ser venerado.

Os dois ficaram em silêncio, fitando o céu noturno, a Lua aparecendo e desaparecendo entre as nuvens acima.

— Mas ele está certo, não está? — perguntou Whitley de repente.

— Quem está certo?

— Broghan. O que fizemos foi um ato inconsequente.

— Acha mesmo?

Ela fez que sim.

— Foi uma tolice sair atrás de Gretchen da maneira que fizemos.

Estávamos mal preparados para o que iríamos encontrar. Cavalos, rações e mantos: era tudo o que tínhamos. Isso é uma causa nobre.

— Então agora causas nobres são ruins?

— Não são ruins, mas são tolas se levarem à morte, Drew, e foi o que quase aconteceu. O encontro com o cadáver do guarda, a coisa toda em Haggard. Poderíamos ter morrido, os dois. Temos sorte de estar aqui.

— Acredito que fazemos nossa própria sorte, Whitley. Eu sabia que seria perigoso e a avisei sobre isso. Você não precisava ter me acompanhado; poderia ter dado meia-volta quando quisesse.

— Você se perderia.

— Eu teria ficado na estrada Tallstaff. Ficaria bem.

Whitley pareceu incomodada.

— Então está dizendo que eu deveria ter ficado em Highcliff? Que fui um empecilho?

— Não, por Brenn! — respondeu Drew, desconfortável com a mudança de rumo da conversa. — Não quis dizer isso de modo algum. Se você não tivesse me libertado da jaula em Haggard, eu estaria no navio de escravos de Kessler.

Whitley deu um longo suspiro, levando o queixo aos joelhos.

— Sim, mas, se eu não tivesse me ferido, nem teríamos acabado em Haggard.

Drew pôs o braço em volta dela.

— Mas conseguimos libertar todo aquele povo. Veja o bem que fizemos para Haggard. Acha mesmo que não valeu a pena?

— Mas atrasou ainda mais nossa busca por Gretchen e por seus sequestradores.

Drew balançou a cabeça e soltou uma risada amarga.

— Poderíamos passar a noite inteira aqui falando dos “mas” e dos “se”.

Não adianta chorar pelo leite derramado, minha mãe costumava dizer.

Temos de lidar com cada novo dia do jeito que ele se coloca e não nos preocupar com o anterior.

Ela se encostou nele, pousando a cabeça sobre seu peito. Drew não se moveu, mantendo um dos braços sobre o ombro dela.

— Você é um ótimo amigo, Drew. Vou sentir sua falta.

— Minha falta?

— Você não vai voltar, não é?

Drew ficou em silêncio, pensando qual seria a melhor maneira de responder àquela pergunta. Não achou nenhuma.

— Eu sabia — sussurrou ela, e deu uma risadinha jovial. — Você é um péssimo mentiroso, Drew da Dyrewood.

— Sinceramente, não sei o que vou fazer. Estou concentrado em Gretchen, em resgatá-la de Lucas e de seus homens. Depois disso, se tivermos sucesso, quem sabe? Highcliff... eles não precisam de mim, Whitley. Seu pai seria um rei muito melhor do que eu. Até mesmo Broghan o seria.

— O trono da Westland é seu por direito. Você deveria aceitar a coroa.

— Ela nunca ficaria bem nessa cabeça de fazendeiro. Por favor, Whitley, não conte a Broghan minhas intenções.

— Você não pode fugir para sempre, Drew — suspirou ela. — Não pode fugir do que é. Não interessa a distância que você percorra, o destino vai alcançá-lo.

Os dois ficaram em silêncio. “Whitley tem razão”, pensou Drew.

“Talvez esta seja nossa última noite juntos.” Eles chegariam no dia seguinte ao Cabo Gala. De um modo ou de outro, a perseguição havia terminado.

Era evidente que Broghan tinha a intenção de escoltar Drew de volta a Highcliff assim que a questão na cidade dos Horselords estivesse resolvida.

Drew não queria dar a ele nenhuma oportunidade de fazê-lo, e Whitley sabia disso. A única escolha que Drew tinha de fazer era entre embarcar rumo a Bast a fim de resgatar Gretchen, se é que Lucas a estava levando para lá, e desaparecer mais uma vez nas selvas da Lyssia.

Como se percebesse o que ele estava pensando, Whitley se empertigou.

Drew a encarou. Conhecera-a meses atrás na Dyrewood; confundiu-a com um garoto que procurava um monstro com seu mestre, Hogan. Drew era o monstro. Eles passaram por muito desde então; um mundo inteiro de amigos e inimigos, Werelords e conspirações reais se abria para Drew. Whitley estivera a seu lado no princípio dessa sua nova vida. Agora, ele a deixaria, e para sempre. “Será a última vez que a verei?”

— Cuide-se, Drew, seja qual for o caminho que você escolher.

Drew sentiu um nó no estômago. Não sabia se era a luz que brincava com sua mente, ou se era a noite que lançava sombras no rosto de Whitley, mas aqueles olhos nunca haviam lhe parecido tão profundos, tão escuros.

“Como pude confundi-la com um garoto?”

Whitley de súbito se curvou, prestes a se levantar, mas Drew interpretou mal o movimento. Ele aproximou o rosto, o coração acelerado, e beijou-a nos lábios. A garota se retraiu imediatamente, os olhos mais arregalados do que nunca, o choque estampado no rosto.

— Me desculpe... — disse ele, agora ciente da asneira que fizera. Suas faces se enrubesceram na hora, e Drew sentiu um enjoo subir pelo estômago como se fosse uma onda gigante. “Imbecil!”

Whitley recuou, enrolando-se no manto ao ficar de pé. Estava pálida, mas os olhos não conseguiam abandonar o rosto de Drew. Ele fez menção de também se levantar, mas ela ergueu a mão para detê-lo.

— Não, por favor. Por favor. Fique aí. É melhor... — disse. Parecia prestes a dizer mais alguma coisa, mas mudou de ideia, passando o manto em volta do rosto e virando-se com rapidez para voltar ao acampamento.

Drew ficou sentado vendo-a partir, sentindo que a amizade com Lady Whitley havia virado cinzas. “Ela só estava se levantando, não queria um beijo! O que foi que você fez?”

Olhou para a Lua, quase cheia. Sentiu um rosnado se formar no fundo do peito, um lembrete do que fervilhava sob sua superfície.

Olhou por cima do ombro para observar a amiga partir. Queria chamá-la, mas deixou escapar apenas um sussurro: — Adeus.



O Cabo Gala

Drew olhava para a estrada Tallstaff, a antiga via que atravessava as Longridings em direção ao Cabo Gala. O tamanho da cidade mercante o fez perder o fôlego. Píer e molhes lançavam-se ao mar, casas, torres e depósitos por todos os lados. Alguns estendiam-se por centenas de metros mar adentro, e passarelas e marinas menores saíam deles. A cidade parecia ser construída sobre palafitas; comerciantes e capitães dos mares por certo haviam disputado as melhores posições à beira-mar, empurrando-a cada vez mais para o Estreito da Lyssia. Ao centro da cidade, depois de sua extensa paliçada, Drew avistava um conjunto de prédios maiores, entre eles o Alto Estábulo, a cidadela que lhe informaram ser o trono das Longridings.

A estrada à frente parecia vazia, mas não se podia dizer o mesmo do que estava atrás de Drew. Ele olhou para os companheiros de viagem. Uma fileira de Mantos-Verdes marchava, acompanhada por soldados de Haggard.

O barão Ewan cavalgava lado a lado com Lord Broghan, conversando, e Whitley, sobre Chancer, vinha logo atrás deles, os olhos fixos na crina do cavalo.

Nenhuma palavra fora trocada entre os dois amigos desde o encontro na noite anterior. Qualquer esperança que Drew tinha de

que eles pudessem agir como se nada tivesse acontecido se desfez, já que Whitley fez o possível para evitá-lo enquanto a comitiva tomava o café da manhã. Já na estrada, ela fazia questão de viajar atrás do irmão, mantendo a maior distância que podia de Drew. De repente, ela olhou para a frente, seus olhos encontrando os dele. Drew voltou-se para a estrada, envergonhado demais para encará-la.

As Longridings estavam calmas. O Cabo Gala, embora esplêndido à primeira vista, parecia sombrio para Drew, como se nuvens de tempestade vindas do mar se acumulassem sobre a cidade. A estação estava mudando: o verão dava lugar ao outono, a grama alta agora amarelada e seca. Já era mesmo outono? Já se passara um ano desde que ele fugira da fazenda Ferran? Sentiu a barba rala no queixo. Não era mais um garoto.

Um cavaleiro apareceu a seu lado. Era seu velho amigo, o capitão Harker, comandante dos Sentinelas da Floresta e o soldado de maior confiança do Duque Bergan.

— Ele está preocupado — disse o soldado, emparelhando-se com Drew.

— Broghan? Eu também estaria se aparecesse sem aviso e com um pequeno exército.

— Estamos longe de ser um exército. Somos em primeiro lugar Sentinelas, guardiões da floresta e das estradas.

— Mas também soldados bem armados e treinados.

Harker parecia surpreso.

— Não tem mais papas na língua, não é, Drew? Lembro-me daquele rapaz selvagem que encontramos na estrada Dymling não faz muitas luas.

Harker foi uma das primeiras pessoas que Drew encontrou após viver como selvagem na Dyrewood. Havia uma ligação entre eles que ia além da posição social.

— Como você diz, isso foi há muito tempo, e eu estou apenas falando a verdade. Se vocês aparecerem no Cabo Gala com toda essa procissão e esse arsenal, há quem possa se sentir ameaçado. Pelo que lembro, as Longridings não se pronunciaram quanto à

deposição de Leopold nem quanto à expectativa de um Lobo subir ao trono. Podemos estar nos metendo numa enrascada.

— Há chances de que Lucas já tenha fugido para Bast, levando Lady Gretchen com ele. Sei que você fez essa viagem toda para resgatá-la, mas às vezes as melhores intenções não servem para nada. Posso apenas esperar que os Horselords consigam nos dizer quando eles partiram e para que porto de Bast se dirigiram.

— Acha mesmo que eles já partiram?

O capitão deu de ombros.

— Devem estar uma semana à frente, depois de tantos desvios e distrações.

— Ainda assim, tenho um mau presságio. Por que Broghan não mandou ninguém para nos escoltar? É o que deveria fazer, não?

— Não se preocupe, Drew. Broghan sabe o que está fazendo. Eu o seguiria até o coração de Omir; ele não é um insensato.

— Nunca disse que ele é insensato. Talvez seja seguro demais de si, mas isso não vem ao caso agora. Sinto que vamos entrar numa armadilha.

— Você se preocupa demais — disse Harker, dando tapas no ombro de Drew. — Tente relaxar. Os Horselords são bons anfitriões. Eu lhe garanto.

Drew se encolheu na sela, os nervos à flor da pele. Ele viu os primeiros barracos que cercavam a cidade: agora era tarde demais para voltar, os Horselords sabiam que eles estavam a caminho.



A cidadela do Alto Estábulo era o prédio mais alto do Cabo Gala. A maioria dos prédios da cidade era de madeira, enquanto essa torre sólida era construída sobre alicerces mais firmes: pedras trazidas das Barebones séculos atrás. Só sua cor já a destacava das demais construções: era fria e cinzenta, diferente das toras ao redor, e seu tom, desgastado pelo tempo. Torres de comerciantes a cercavam, exibindo sua riqueza sem o menor constrangimento. Ouro e bronze, as cores e a moeda das Longridings, se espalhavam

por todos os lados, a um mundo de distância das casas improvisadas que se avolumavam do lado de fora dos muros da cidade.

Drew contara centenas de cabanas antes das paliçadas, onde os sem-teto das Longridings haviam firmado lar. Os guardas do portão mandaram-nos esperar, pois uma escolta do Alto Estábulo os buscaria. Quando a escolta chegou, os Mantos-Verdes já estavam cercados por uma multidão de camponeses famintos. Drew deu os restos de seus mantimentos a eles, mas foi imediatamente repreendido pelos guardas por quase causar um tumulto.

Era fim de tarde quando desceram da montaria e pisaram no pátio de cascalho que circundava a cidadela, os cavalos sendo levados pelos funcionários dos Horselords. Se um cavalo precisasse de cuidados, Cabo Gala era o lugar certo. A comitiva entregou as armas, cada homem confiando o arco, a espada e o punhal aos soldados em armaduras de bronze. Drew foi o último a entregar sua espada Wolfshead; ele pediu um momento para envolver o cabo da espada com panos antes de cedê-la.

Quatro guardas transportaram as armas em baús até um prédio externo, onde elas ficariam até que a comitiva deixasse o Alto Estábulo.

Satisfeito por suas montarias e armas estarem em segurança, Broghan fez sinal para alguns de seus companheiros: Ewan, Drew, Whitley, Harker e uma dupla de Mantos-Verdes. Os sete adentraram a cidadela, desarmados, enquanto os demais ficaram do lado de fora. Drew mantinha a mão esquerda, que ostentava o anel de Wergar, escondida sob o manto. Ele caminhava atrás dos demais, a cabeça abaixada parcialmente coberta pelo manto. Whitley fez o mesmo. Os dois permaneciam anônimos como patrulheiros comuns dos Sentinelas da Floresta. Ela usava o cabelo amarrado e trançado, assim como fizera quando se conheceram na Dyrewood. O grupo subiu largos degraus de pedra em direção a uma porta levadiça, que estava aberta. Grandes portas de madeira branca, também abertas, ficavam uma de cada lado, guardas em posição de sentinela entre elas. Drew não conseguia se livrar da sensação de que algo estava errado.

Olhou os guardas em armadura de bronze que passavam, o elmo cobrindo a maior parte do rosto, embora os olhos observassem atentamente os visitantes. Drew reconheceu aquele tipo de olhar: medo.

Uma série de escadarias os conduziu por quatro ou cinco andares da torre cinzenta até a corte propriamente dita. Os funcionários paravam para mirá-los, aqueles mesmos olhares de preocupação no rosto, quando a comitiva entrou na mais sagrada câmara dos Horselords.

A tribuna era algo vasto, uma profusão de degraus que subiam e desciam vários níveis, entremeados por colunas de rocha fria. Vinte nobres estavam, de pé ou sentados, em torno do salão circular, a câmara construída para debate, nenhum ponto mais proeminente que outro. Todos eram supostamente iguais no Alto Estábulo.

— Bem-vindos à nossa corte — ribombou uma voz. — Broghan, filho de Bergan, e Ewan, filho de Edwin.

Um homem alto, o rosto sem rugas, deu um passo à frente, outros nobres unindo-se a ele. Seu grosso cabelo grisalho, amarrado em argolas douradas, caía pelas costas. Os outros usavam penteados similares, embora nenhum tivesse tantos adornos quanto aquele que falava. Com os longos mantos cor de creme, Drew achava que eles lembravam sacerdotes.

Broghan fez uma mesura, ficando sobre um joelho, e Ewan inclinou a cabeça respeitosamente. O cumprimento entre o Carneiro e o orador mostrou a Drew que os dois eram conhecidos.

— Duque Lorimer — disse Broghan, erguendo-se. — Trago saudações de meu pai, no norte.

— De Brackenholme? — perguntou Lorimer, arqueando uma das sobrelhas enquanto aguardava a resposta do Bearlord.

— Não diretamente. Hoje ele reside em Highcliff, Majestade.

— Ah — disse Lorimer, estalando os dedos. — É verdade. Ouvi falar disso... Algo sobre seu pai ter se apoderado da Westland...

Drew sentiu os pelos da nuca se eriçarem. Não gostou do que acabara de ouvir, e, a julgar pela expressão de desagrado no rosto de Broghan, tampouco o jovem Bearlord.

— Não foi isso que aconteceu, Majestade. Meu pai assumiu o papel de Lord Protetor e está aconselhando o jovem Lobo antes que este assumo o trono. Ele fala por todos os companheiros - Werelords, eu lhe garanto, e não tem outras intenções em relação à Westland. Seu coração estará para sempre em -Brackenholme, mas ele não pode ignorar a situação de seus vizinhos.

— Pelo que sei, não foi a bondade para com os vizinhos que o levou a Highcliff — contestou Lorimer, com a concordância de seus companheiros.

— As notícias viajam rápido, Bearlord. Não vamos nos enganar: parece realmente que o Urso está tomando o lugar do Leão.

— Com todo o respeito — disse Broghan, os dentes cerrados —, o Conselho Lupino age como guardião dos reinos do norte em nome do Lobo.

O Lord das Longridings riu de modo arrogante. Um de seus companheiros deu um passo à frente, os cabelos longos rarefeitos.

— Escolha bem suas palavras, menino — disse o velho Horselord. — Os Lobos se foram. Quem quer que vocês estejam levando ao trono, não é o Lobo. É apenas uma marionete que vai dançar conforme sua música.

O rosto de Broghan se encheu de ira. Virou-se para Drew, prestes a apontar para o garoto.

Os olhos de Drew se arregalaram. “Não, Broghan, não fale!” Ewan pronunciou-se antes que o Bearlord pudesse falar.

— Visconde Colt — disse o Ramlord, erguendo as mãos em direção ao velho Horselord em sinal de paz. — Você interpreta mal o que meus amigos lhe dizem. Quaisquer que sejam as notícias que tenha ouvido, garanto-lhe que são incorretas. Os duques Bergan e Manfred treinam em conjunto o filho sobrevivente de Wergar. Um Lobo cinzento ainda vive. Disso não há dúvida, como não há dúvida de que ele é aliado de todos os homens honrados e leais da Lyssia.

Drew ficou aliviado ao ver que Ewan entendia a necessidade de manter sua identidade em segredo, pelo menos até que eles ficassem a par da situação. Lorimer ergueu a mão, sinalizando sua intenção de falar.

— Como você veio a se aliar a esse... a esse que se diz o Lobo, Ewan?

— Ele é amigo de Haggard. Meu primo, Kessler, fez dele seu inimigo depois que o Lobo protegeu meu povo, assumindo grande risco à própria vida. Todos sabemos o tipo de fera que é Kessler. Este Lobo, que se chama Drew, desafiou-o. Ele desafiou o Goatlord, como homem e como fera. É o retorno do Lobo.

— Não acredito nesta conversa — murmurou visconde Colt, voltando-se para Lorimer. — E seria melhor você manter distância dessa questão, sobrinho. Você conheceu Wergar, mas ele se foi. E conheceu Leopold durante todos esses anos também, na riqueza e na pobreza.

— Sim — disse outro Horselord, um jovem de cabelo loiro, pouco mais velho que Drew. — Fomos subjugados por muito tempo, primeiro pelo Lobo e agora pelo Leão. Se o norte está em guerra, que continuem em guerra.

Esta é nossa chance de nos livrarmos de seu domínio.

Os olhos de Drew percorreram rapidamente a sala e viram a multidão comemorar. Colt apontou para o jovem Horselord que acabara de falar e fez sinal de concordância.

— Lord Conrad fala com sabedoria, apesar da pouca idade. Temos uma oportunidade. Sigamos o exemplo do duque Henrik de Sturmland; vamos nos desligar da União. Devemos sobreviver por conta própria, livrarmo-nos de nossos vizinhos cobiçosos. O que resta de nossa colheita? O Leão tomou tudo das Longridings. Se temos de nos recuperar, o faremos sozinhos.

Chegou a hora do Reino das Longridings!

Ouviu-se uma grande comemoração; os Horselords bufavam e batiam as botas em aprovação. O estrondo dos pés contra o chão de pedra era ensurdecidor. Parecia uma investida de cavalaria, como se os cascos dos Werestallions retumbassem no campo de batalha.

— Às Longridings! — deram vivas.

— Rei Lorimer! — relincharam todos.

Drew não estava com medo — a atmosfera era agitada, mas não perigosa —, embora o preocupasse a questão do separatismo;

os Horselords pareciam crer que duque Henrik, o Urso Branco do norte, já havia se separado da União dos Reinos. Ao percorrer a câmara com o olhar novamente, Drew viu guardas em armadura de bronze andando pelos cantos da tribuna. Um homem, com certeza não um guarda, vestia um traje pouco formal: um gibão marrom velho e gasto, com uma espada à coxa. Seu nariz estava quebrado, e ele parecia assistir a tudo com grande interesse do fundo da câmara. “Por que ele está armado e nós não?” Drew não tinha certeza se reconhecia o camarada.

— O Leão foi destronado! — gritou Ewan. — Você não vê? O Leão saqueou suas terras, mas Drew é diferente. Ele entende o povo!

— Se ele é mesmo um Lobo — disse Lorimer, a multidão aquietando-se de imediato —, isso faz dele um filhote de Wergar. Você e eu conhecemos Wergar, velho amigo. Lutamos ao lado dele. Você se lembra do que ele era capaz. Está realmente tentando me dizer que esse garoto é diferente? Você será meu amigo até que eu cavalgue rumo ao último prado, Ewan, mas não me desafie assim. Faço tudo pelas Longridings. Você viu as favelas. É hora de reclamar nossas terras e cuidar de nossos cidadãos. Sugiro que faça o mesmo em Haggard, primo.

— Então é assim? — perguntou Ewan. — As Longridings agora são um reino independente? Quanto tempo vocês sobreviverão sozinhos, Lorimer?

Com quem farão negócios?

Colt pôs a mão de juntas grossas sobre o ombro do sobrinho.

— Qualquer coisa é melhor que a servidão a um gordo rei da Westland.

Broghan balançou a cabeça consternado, fechando os punhos de frustração. Olhou para a irmã e para Drew, disfarçados em meio aos outros, antes de se voltar novamente para Lorimer.

— O filho de Leopold — disse o Bearlord, esforçando-se para controlar a raiva. — Qual é sua relação com ele?

— Não entendo — respondeu Lorimer.

— Não estamos aqui para implorar que permaneça na União. Estamos atrás do príncipe Lucas e de seu bando. Eles vieram a

Cabo Gala?

— É verdade?

— É verdade — retrucou Broghan com irritação. Ewan virou-se para ele com um olhar de advertência.

“Controle-se, Broghan”, pensou Drew. “Não cometa uma tolice.”

Broghan prosseguiu, tentando se conter: — Lady Gretchen de Hedgemoor, filha do finado conde Gaston, foi raptada por Lucas e Vankaskan, o Wererat. Fomos encarregados de persegui-los e levar Lady Gretchen de volta em segurança. Acreditamos que se dirijam a Bast. Por favor, diga-nos que ainda não içaram vela.

Broghan falava com sinceridade. Sua dedicação à missão era incontestável. Drew se pegou observando o jovem Horselord loiro enquanto os outros olhavam para o duque Lorimer. O transmorfo loiro olhou para o chão, a raiva tomando-lhe o semblante, quando Lorimer respondeu ao Bearlord.

“Estranho”, pensou Drew.

— Temo que, se o príncipe Lucas passou por Cabo Gala, o fez sem chamar atenção. Somos uma grande cidade, Lord Broghan, com várias entradas e saídas. Há favelas em cada portão, o que mantém meus guardas ocupados dia e noite e torna o acesso pela estrada relativamente fácil.

Especialmente se o intruso mostrar o bronze.

— Então quer dizer que ele esteve aqui e já partiu?

— O que estou dizendo, jovem Urso, é que não sei. Milhares passam pela cidade toda semana. Três pessoas podem se deslocar com bastante rapidez por Cabo Gala, dos portões até um navio.

Drew procurou o homem de nariz quebrado, mas não o encontrou. “De onde conheço aquele rosto?”

— Então esta expedição foi um desperdício? — retrucou Broghan.

— Não totalmente — intrometeu-se o visconde Colt. — Quando retornar a Westland, você pode comunicar nossa secessão a seu pai.

Ewan pôs a mão sobre o braço de Broghan. O jovem Werelord parecia ferver, ameaçando invocar o Urso a qualquer momento. Os Horselords recuaram, e os guardas tomaram a dianteira. Até

Harker e Drew aproximaram-se para acalmar o Bearlord. Ele se desvencilhou de todos, dando um passo decidido em direção ao visconde. Colt parecia assustado, e o som de espadas deixando a bainha sibilou pelo salão. A saliva espumava pelos lábios de Broghan conforme seus dentes se afiavam.

A mão gentil de Whitley sobre seu punho o deteve num instante.

— Não, irmão — sussurrou ela. — Não.

Foi o suficiente. O Urso se retraiu, a fera de volta à jaula, e Broghan recuou alguns passos, exausto pela ira não consumada. Ewan conferiu se ele estava bem antes de se voltar aos Horselords. As espadas retornaram à bainha, e a tensão se dissipou.

— Peço desculpas em nome de nosso amigo do norte — disse Ewan. — Tivemos um período duro na estrada perseguindo estes vilões. Além disso, parece que foi em vão. Os homens de Brackenholme e Haggard podem hospedar-se aqui esta noite?

— Insisto que fiquem no Alto Estábulo, Lord Broghan — disse Lorimer. — São nossos convidados enquanto estiverem aqui.

— Há tendas para os Mantos-Verdes — acrescentou Colt rápida e rispidamente.

“Você quer nos manter onde possa nos vigiar”, pensou Drew. Procurou mais uma vez o homem de nariz quebrado, mas não o achou.

— Imagino que vocês não desejem permanecer por muito tempo — falou Colt. — A estrada que leva ao norte é longa, e tenho certeza de que o Lord Protetor está ansioso para saber a notícia de nossa secessão.

Outros juntaram-se a Colt nos risos, mais contidos após a explosão de Broghan. Drew notou que Lorimer e o Horselord loiro, Conrad, não riram.

Drew saiu da câmara junto com Broghan, Whitley e Harker, os dois Mantos-Verdes servindo de apoio ao exausto Bearlord. Broghan parecia estar em frangalhos: o ato de manter seu lado transmorfo sob controle consumiu o dobro da energia que consumiria uma transformação completa.

Drew olhou para trás e viu que os Horselords se dispersavam. Conrad se juntou a Lorimer, que já estava conversando com Ewan

sobre os acontecimentos de Haggard. Se fosse possível influenciar Lorimer, teria de ser agora. O Horselord mais jovem retribuiu o olhar de Drew, observando-o partir. Antes de Drew se virar, ainda espiou Colt, que estava no fundo da câmara conversando com uma figura atrás de um pilar. O homem do gibão marrom ressurgira; por que se escondera?

As portas se fecharam, e os seis nortistas se reuniram sob o olhar atento da Guarda Equina. Harker sussurrou ao tirar Broghan do ombro de seus homens: — Até onde eles sabem, você é um patrulheiro, Drew. Mantenha isso assim. Fique com os homens até que consigamos enviar uma mensagem para fora daqui. Whitley?

— Também ficarei — disse ela a Harker, ciente de que eles eram observados. — Fique de olho no meu irmão, capitão. Veremos o que descobrimos nas ruas a respeito de Gretchen e Lucas. Só precisamos antes despistar nossa escolta. Com certeza alguém terá ouvido algo.

Harker fez sinal positivo.

— Drew, você está no comando de meus homens agora, pelo menos até que eu envie uma mensagem pela manhã.

Drew estava estupefato. Acostumara-se a trabalhar sozinho, ou no máximo com poucos amigos. Mas trinta e tantos homens sob seu comando?

— Não posso. Não fui feito para isso!

Harker curvou-se, sorrindo para os homens em armadura de bronze e falando entre os dentes: — Drew, você é o futuro rei da Westland. Diga a estes homens o que fazer. Eles lhe obedecerão.

Com isso, Harker partiu com a Guarda Equina, que voltou a levar o exausto Broghan nos ombros enquanto este se arrastava. Drew, Whitley e dois Sentinelas de Brackenhholme ficaram observando-os partir.

Lentamente, os quatro desceram a grande escadaria, antes de deixar a cidadela pela porta levadiça e se unir aos colegas Mantos-Verdes no fim de tarde.



Os arcos da Travessa dos Seleiros

Drew sentia que era observado enquanto descia os degraus do Alto Estábulo. Fez sinal para os Sentinelas de Brackenholme reunidos. Os Mantos-Verdes pareciam calmos, aguardando ordens. Um membro da Guarda Equina surgiu num corcel branco; outros cinco aguardavam ao portão.

— Por aqui, senhores — disse ele. — Vamos escoltá-los até os alojamentos. Vocês ficarão na Travessa dos Seleiros, próximo às docas. — Girou o cavalo, prestes a partir.

— Um instante — disse Drew, conferindo rapidamente o cinto de armas dos companheiros. — Disseram-nos que teríamos as armas de volta quando deixássemos o Alto Estábulo.

— Meu capitão já as enviou para a tenda de vocês, junto com os cavalos. Elas os aguardam lá.

Drew olhou para Godric, um dos homens mais experientes de Harker.

O velho Sentinela inclinou a cabeça e deu de ombros.

— Não posso dizer que fico feliz em andar por aí sem minha espada e meu arco, senhor, mas, se é assim...

Whitley parecia insatisfeita. A ideia de ir a qualquer lugar sem Chancer lhe era intragável. Drew coçou o queixo, lutando contra a vontade de correr para dentro e buscar Harker. Ele sabia o que fazer. Voltou-se para a Guarda Equina.

— Mostre-nos o caminho — respondeu Drew, balançando a cabeça.

Não via sentido em discutir. O que estava feito estava feito; as armas e os cavalos haviam sido enviados às tendas antes. “Mas, se algo tiver desaparecido, eles serão testemunhas da minha ira, com certeza.”

O guarda se juntou a seus companheiros no portão. Os Mantos-Verdes pousaram o olhar em Drew, aguardando ordens.

— Vocês ouviram o homem — disse Drew, desajeitado, batendo palmas. — Travessa dos Seleiros. Próximo às docas. — Uma das seis divisões dos Sentinelas da Floresta virou-se, seguindo os guardas montados pelo pátio.

Logo marchavam por uma via que ladeava a orla, comerciantes de um lado da rua, o porto do outro. A procissão era de impressionar — uma fileira de capas e mantos verdes radiantes dançando à brisa da noite. Os habitantes locais paravam suas atividades para assistir à passagem dos Sentinelas. Drew sentiu grande orgulho ao se deslocar para a frente da fila.

Perguntava-se onde estaria Gretchen. Lucas teria ido direto para Bast?

O príncipe estava muito irritado — Drew testemunhara isso em primeira mão —; seu estômago se revirou ao imaginar que Lucas pudesse ter encostado um dedo em Gretchen. E quanto a Vankaskan — estaria ainda despejando palavras venenosas no ouvido do jovem Leão?

Dois membros da Guarda Equina cavalgavam à frente do grupo enquanto outros quatro ficavam na retaguarda, fazendo os Sentinelas prosseguir. Drew notou que as ruas ficavam mais calmas com o avançar das horas. Eles viram cada vez menos moradores após saírem da área de comércio e de residência para entrar em um distrito de depósitos. Drew viu uma placa de madeira balançando em uma esquina: Travessa dos Seleiros.

As tendas tinham de estar por perto.

Drew olhou para Whitley, que caminhava entre ele e Godric. Ela mantinha a cabeça abaixada, o olhar perdido nas pedras. Teria consciência de que ele a fitava? Drew desejava conversar sobre a

outra noite; queria lhe dizer algo, qualquer coisa, para explicar suas ações. Havia cometido um grande engano, apenas isso — fora um mal-entendido.

— Cansada?

Whitley fez que sim, exausta. A tensão entre eles era palpável. Fora um longo dia.

— Em breve estaremos lá. — Ele olhou, inquieto, para o Sentinela. — Que tal deixarmos nossa amiga escolher a cama, Godric?

— Drew, não precisa... — disse Whitley.

— Não precisamos discutir — ele falou antes que Godric o interrompesse com perspicácia.

— Parece-me uma excelente ideia, senhor — sorriu o Sentinela, puxando a ponta do capuz verde com a mão repleta de cicatrizes. — Estou pronto para um beliche. Semanas na estrada não fazem bem para estes ossos velhos.

Drew notou que existiam pouquíssimas luzes nessa parte da Travessa dos Seleiros. Não havia sinal de vida, e por certo nenhuma evidência das tendas. Um dos Sentinelas tropeçou numa pedra. Drew estava para chamar os guardas de Cabo Gala quando notou que eles haviam se afastado. Olhou por sobre a cabeça dos homens às suas costas, procurando os quatro cavaleiros que os seguiam. Nem sinal deles.

— Isso não está certo — resmungou Drew. Godric captou a inquietação do garoto no mesmo instante. Os dois cavaleiros da frente repentinamente galoparam, apressados, os cascos batendo contra as pedras estrada afora.

Pressentindo uma emboscada, Godric estava prestes a alertar os homens, mas as palavras nunca saíram de seus lábios. A primeira leva de flechas já tomara o ar, uma delas encontrando o pescoço do velho Sentinela. Estava morto antes de atingir as pedras aos pés de Drew.

— Protejam-se! — berrou Drew, puxando Whitley pelo pulso. Os Mantos-Verdes desarmados corriam em busca de abrigo, mas a rua era ampla, e o solo era traiçoeiro no escuro. Tentaram se proteger nos prédios e becos mais próximos, sem saber que corriam na

direção dos oponentes. Mais flechas voaram, várias delas alcançando seu alvo.

Drew e uma divisão de Sentinelas correram às cegas em direção à orla, movendo-se em zigue-zague. Um dos homens se virou para trás, e uma flecha surgiu com um estalo em seu peitoral, as penas do objeto brotando de suas costas. Drew mantinha Whitley junto dele, atraindo-a para si e colocando-se no caminho das flechas enquanto eles se aproximavam das marinas de madeira. Outro homem tombou, uma flecha atravessada na perna. Drew continuou correndo, os gritos do homem distanciando-se gradativamente. Ele podia ver os molhes e os píeres que se entrecruzavam ao longo das docas e se estendiam até o porto. Uma névoa fina baixara sobre a Travessa dos Seleiros. Praguejando, Drew derrapou ao se deter, entregando Whitley a um dos Mantos-Verdes.

— Vá! Rápido! Encontre um barco! E mantenha Whitley a salvo!

— Drew, não! — gritou a Lady de Brackenholme, sendo arrastada pelo homem em direção às marinas.

— Eu te encontrarei — gritou ele, afastando-se apressado.

Já havia corrido cerca de vinte metros névoa adentro quando viu o Sentinela ferido tentando se arrastar em direção à orla. De onde estava, Drew podia avistar guardas armados, que caminhavam entre os Mantos-Verdes mortos ou agonizantes. Da Guarda Equina, nenhum sinal. Esses homens pareciam bandoleiros e agiam de modo implacável. Eles carregavam armas de luta corpo a corpo — espadas, facas, machados e porretes. As ferramentas mortais rasgaram o ar, silenciando os gritos dos Sentinelas da Floresta que ainda estavam vivos. Um a um, os sobreviventes foram sendo aniquilados.

Drew estava agachado e arrastava o homem ferido em direção ao porto.

O Sentinela soltou um grito quando a flecha que lhe atravessara a panturrilha raspou o chão. Três dos assassinos ergueram o olhar, um deles apontando para Drew e para o homem. Não demorou para que se aproximassem.

Drew continuava se movendo, puxando o Sentinela ferido. No último instante, soltou-o e deu um passo à frente, o peito arfando

ao encarar os três homens. Examinou os oponentes.

À esquerda, havia um homem baixinho e gordo: fora de forma. Era um bandido profissional; a julgar pelo porrete que segurava nas mãos grossas, dificilmente seria um soldado treinado. Os outros dois, contudo, demandavam cuidado por parte de Drew. O do meio era um gigante nortista, do tipo com o qual se evita até mesmo contato visual. A barba cinzenta era cortada rente ao rosto, e a cabeça calva brilhava de suor. Ele tinha um machado em forma de lua crescente nas mãos, enegrecido com o sangue de Brackenholme. À direita estava o homem misterioso do Alto Estábulo. “De onde conhece você?” Drew rangia os dentes de frustração e medo. O inimigo de nariz quebrado tinha uma espada nas mãos, a qual se ergueu e apontou para Drew.

— É você! — disse ele ríspidamente, e num instante Drew se lembrou de onde o conhecia. Era o homem que estava no esgoto de Highcliff, aquele que sobreviveu e fugiu.

— Sorin, foi assim que ele o chamou — recordou-se Drew. Podia avistar o Manto-Verde ferido se rastejando, cada vez mais perto da orla. Eles estavam talvez a três metros do primeiro píer de madeira. — Seu amigo, lembra-se? Está morto, caso queira saber.

Drew sentia o sangue do Lobo percorrer-lhe o corpo, enchendo-o de coragem e fúria. Deixou aquela sensação crescer, controlando a transformação até o último instante, para que fosse repentina e explosiva.

Pelos já brotavam do corpo, os músculos se expandiam e os dentes se afiavam, embora à meia-luz enevoada fosse impossível que os inimigos percebessem as alterações.

— Quem é ele? — perguntou o nortista gigante, estreitando os olhos para enxergar melhor.

— Foi dele que lhe falei, Colbard! — respondeu Sorin. — Ele matou Brutus em Highcliff.

— Temo que não tenha sido eu — esclareceu Drew, recuando e escoltando o companheiro rastejante. — Brutus foi morto pelos ratos. Bem, vocês entendem de vermes. Como está Vankaskan?

— O que você sabe do velho Rato? — grunhiu Colbard.

Drew olhou para o Sentinela de novo. Estava quase nas docas. “Mais um pouco; é só mantê-los ocupados.”

— Sei que você e Vankaskan trabalham para Lucas e sei que ele está com Lady Gretchen. Onde está ela? E que tipo de controle Lucas tem sobre os Horselords para que eles permitam que seus cães causem essa desordem nas ruas?

Colbard cuspiu no chão.

— Você não está em posição de fazer perguntas, não acha, garoto? — Virou o machado nas mãos, fios de sangue escorrendo pelo aço. Uma alça de couro presa à ponta da empunhadura mantinha a arma presa a seu pulso.

— Eu fico bem esperto quando tenho uma arma nas mãos. Sei que você não tem arma nenhuma. É doente da cabeça ou algo assim?

O brutamontes riu, e os companheiros o imitaram. Drew podia ver os demais bandoleiros liquidando os Sentinelas restantes. Com sorte, alguns teriam conseguido escapar. Voltou a atenção para os três novamente.

— Duque Bergan e os Werelords não vão tolerar isso. Você e seus mestres deveriam ter fugido quando tiveram a chance.

— Fugido? — bufou Sorin. — Ele acha que estamos fugindo! Pelo contrário, rapaz. Somos o comitê de boas-vindas.

Drew não entendeu o que o bandido quis dizer. “Comitê de boas-vindas?”

— Quem vocês estão recebendo?

— Ah, estarão aqui qualquer dia desses. Você não iria acreditar no que preparamos para o Urso e seus amigos. É uma pena que você não estará vivo para descobrir o que é.

— Respondam às minhas perguntas, e eu deixarei que saiam daqui vivos — retrucou Drew, a voz mais alta agora.

— Ele foi tão confiante assim lá no esgoto? — perguntou Colbard, genuinamente admirado. — Tem ousadia, não posso negar! — Os três deram um passo à frente, as armas a postos.

— E isso importa, por acaso? — perguntou Sorin. — É um idiota desarmado. E, em um segundo, será um Sentinela morto. — O

assassino de nariz quebrado ergueu a espada acima da cabeça, prestes a atacar.

— Quem disse que eu estou desarmado? — grunhiu Drew, deixando o Lobo vir à tona.

Foi a transformação mais rápida que já tivera, e ela lhe pareceu fluida e natural. Os três homens ficaram paralisados, tomados de surpresa. Um instante foi tudo de que Drew precisou. O Lobo atingiu o trio como uma onda devastadora.

Primeiro investiu contra o machado de Colbard, agarrando a lâmina com as garras negras e girando-a na mão do homem como se ela fosse um pião. O brutamontes olhou horrorizado para o machado — e para a alça presa à arma —, que rodopiava sem parar em sua mão suada, o pulso travando quando a corda se enrolou completamente. O machado continuou girando para além dos limites físicos das juntas do homem. Seu pulso estalou, seguido do cotovelo, a imensa arma ameaçando decepar o braço.

Colbard foi ao chão, gritando como um porco, os ossos do braço à mostra e em frangalhos.

O mais gordo atacava desajeitadamente com o porrete, desferindo por fim um golpe selvagem contra a cabeça de Drew, o qual poderia ter sido fatal se ele fosse humano. Como não era, Drew permitiu que sua cabeça rebatesse o bastão de madeira, oscilando apenas ligeiramente antes de aproximar sua cara transformada do rosto do inimigo e rugir furioso para ele. O rugido inigualável do Werewolf emanou da Travessa dos Seleiros, atingindo cada canto do Cabo Gala. Naquele instante, os Horselords souberam que o Lobo estava em sua cidade. O gordo se afastou cambaleante de terror, decidindo sensatamente que aquela luta não era para ele. Restou Sorin.

— Não tenho medo de você — vangloriou-se ele, embora a voz trêmula demonstrasse outra coisa. Ergueu sua espada em posição de defesa, caso o Werewolf o atacasse. Drew olhou por sobre o ombro do bandoleiro e distinguiu duas formas se aproximando. Eram companheiros de Sorin, que erguiam seus arcos. Ele tinha de aproveitar a chance.

Girou sobre o calcanhar e apanhou o Sentinela ferido, ciente de que Sorin estava em guarda, despreparado para atacar.

— Detenham-no! — gritou o homem de Lucas.

Tomando o homem ferido no colo, o Lobo enfiou as garras no solo e disparou em direção ao primeiro píer de madeira, os pés pisando com força nas tábuas. Assim que arrancou, ouviu o som de flechas voando. Os pequenos mísseis choveram sobre ele, mas o Lobo não se deteve. Sentiu três das setas atingirem-no com violência, penetrando suas costas. Novamente, ataques que seriam fatais para um humano, mas que não lhe provocaram mais do que feridas dolorosas. Drew já havia aguentado coisa pior.

Nenhum sinal dos Mantos-Verdes. Torcia para que pelo menos alguns tivessem conseguido fugir.

— Agente firme — Drew grunhiu para o homem abatido, tentando ganhar distância do grupo que os perseguia. Havia barcos nos quais podiam pular e se esconder, mas ambos sangravam — e muito — e deixariam pistas.

Atrás, ouvia os homens do Leão gritar entre si enquanto cobriam todas as rotas de fuga.

Drew viu-se no fim do píer, sem ter para onde ir.

— Ainda tem forças para nadar? — perguntou ao homem em seus braços, as feições voltando a ficar humanas. Não conseguia manter a transformação, a fera devorando sua energia. Olhou para o Manto-Verde.

Os olhos do homem estavam abertos e vidrados, e ele deslizou pelo peito de Drew. Duas das flechas que atingiram o Werewolf abriram caminho através de seu tronco, encontrando o corpo do infeliz Sentinela. Uma acertou precisamente o coração deste. Para Drew, o único conforto foi pensar que a morte de seu companheiro provavelmente fora rápida. Achou-se na beira do píer; ofereceu o corpo do Manto-Verde à maré, observando-o afundar nas águas negras.

Olhou para trás, os olhos dourados cintilando. A visão noturna aguçada lhe permitia distinguir os homens que se aproximavam. Eram dez, arcos a postos, e possivelmente outros estavam a caminho. Sorin encontrava-se entre eles. No entanto, os inimigos

não podiam vê-lo, agachado que estava no molhe, encoberto pela névoa marinha.

Drew estremeceu ao sentir as flechas cravadas nas costas e no peito tocarem costelas e órgãos. Ele poderia ficar e lutar, sofrer mais alguns ferimentos e talvez derrotá-los. Mas não havia garantia. Pensou em Dorn e no ataque implacável que o Touro sofrera: Drew pôde perceber que mesmo uma arma que não fosse de prata poderia matar um Werelord. Ou então ele poderia fugir e se recuperar para voltar à batalha outro dia. Afinal de contas, aqueles eram apenas os lacaios. Os verdadeiros vilões encontravam-se dentro do Alto Estábulo, seduzindo os Horselords. Se Lucas e Vankaskan estivessem realmente lá, talvez Gretchen também estivesse.

Drew vasculhou o porto com os olhos mais uma vez. “Bom Brenn, por favor, cuide de Whitley.” Lembrou-se das palavras de Sorin — “Somos o comitê de boas-vindas”. “Quem estaria vindo para Cabo Gala?” Como em resposta, o ribombar de um trovão e o clarão de um relâmpago explodiram sobre a Baía da Lyssia. Relanceando os perseguidores uma última vez, Drew desceu do píer e desapareceu silenciosamente na água escura e gelada. Era um lobo solitário mais uma vez, e chegara o momento de lutar contra um inimigo real.



Transpondo os portões

Tentar entrar no Cabo Gala era uma tarefa interessante. Um homem com dinheiro tinha sua passagem garantida; por alguns bronzes, a maioria dos guardas fazia vista grossa. Homens de armas também passavam, pois mercenários eram sempre bem-vindos numa cidade de comerciantes.

Entretanto, um homem sem nada teria sua entrada negada; a favela seria o único lugar a recebê-lo. Tentar entrar era difícil se você fosse um ninguém, mas sair era outra questão.

Whitley esperou com toda a paciência, observando os guardas que se preparavam para abrir os portões. Estava escondida do outro lado da rua há meia hora, esperando a próxima caravana que fosse entrar ou sair da cidade.

As nuvens de chuva tornavam sua tarefa tão penosa quanto perigosa. Ela sabia que era tarde, mas também que sempre havia movimento no portão.

Os gritos dos sem-teto vinham de trás da paliçada, lembrando aos cidadãos que nem tudo corria bem nas Longridings. Aqueles sortudos que tinha um teto faziam o possível para ignorar os gritos, os ouvidos surdos para os infortúnios de seus irmãos.

O ranger das dobradiças anunciou a abertura do portão, e quatro guardas deram um passo à frente com as lanças abaixadas, mantendo a multidão do lado de fora. Uma grande carroça

esperava para entrar; os próprios soldados que faziam a segurança dela cercaram-na enquanto os cavalos batiam os cascos no chão, impacientes. Com o portão totalmente aberto, os guardas tentavam conter a multidão, e os cavalos seguiram em frente, puxando a carroça.

Whitley deu um salto, os pés pulando as poças, uma sombra diminuta que passava pela carroça, pelos guardas e pelos Sentinelas da Cidade. Um dos soldados viu a garota quando a cabeça dela colidiu com sua alabarda, e então ela foi tragada pela turba. Os guardas recuaram, com expressão ameaçadora. O portão foi fechado.

Whitley agora corria. Não sabia para onde; sabia apenas que devia fugir do Cabo Gala e dos vilões que haviam matado seus amigos. Ela e outros três Mantos-Verdes que deixaram Drew para trás haviam pego um barco a remo.

Quist, uma alta e graciosa mulher do rincão mais a leste da Dyrewood, assumira o comando da embarcação e estruturara um plano de ação ao mesmo tempo que remava. Eles saíam da cidade pela água, chegariam ao outro lado do muro e montariam acampamento. Um deles subiria o rio Steppen e retornaria a pé ao norte. Os outros dois aguardariam do lado de fora dos muros do Cabo Gala caso houvesse qualquer sinal de mais sobreviventes, revezando-se para proteger Whitley. Evacuar e reagrupar: essa era a solução dos Sentinelas da Floresta quando as coisas davam errado.

Mas eles não consultaram Whitley. Ela fora arrastada para o barco contra a própria vontade. Drew estava em algum lugar da margem, correndo grande perigo, inclusive de morte. A amizade deles era baseada no cuidado um com o outro, e ela não iria deixá-lo para trás, não importava o ato precipitado que ele cometera na noite anterior. À primeira oportunidade, Whitley saltou do barco e nadou até a costa, os gritos dos Sentinelas sumindo às suas costas.

Retornou à Travessa dos Seleiros e caminhou em meio à névoa que se desprendia do porto. Ao retornar à cena da emboscada, não havia sinal de batalha, nem dos colegas caídos, tampouco de Drew. O inimigo havia desaparecido, e a rua estava tranquila. O único

sinal de que algo se passara na noite anterior era a dupla de limpadores de rua que varria e jogava baldes de água sobre as pedras. Ela tremia; em pânico e encharcada, mais assustada que nunca, desconfiava de cada movimento enquanto tentava sair da cidade.

Seu único objetivo agora era se esconder, chegar a algum lugar onde não fosse notada, onde não pudesse ser encontrada — recusava-se a ser usada como isca mais uma vez. Ela já vira a favela. Correndo, as roupas ainda molhadas, olhou para trás para conferir se estava sendo seguida, ganhando distância do portão. Adentrou a favela: fogueiras queimavam entre cabanas e tendas, e as pessoas se reuniam sob lonas para se abrigar da chuva.

Como olhava para trás, Whitley não se surpreendeu ao esbarrar em um homem. O que a espantou foi a força com que o homem a pegou pelos pulsos. Whitley relutou, tentando se desvencilhar, e encarou o homem que bloqueava seu caminho. Ele era alto, mais de um metro e oitenta, a pele curtida, os cabelos longos e negros. Suas mãos eram como aço, e o semblante permanecia impassível. Whitley o chutou, e a reação dele foi suspender a garota a um braço de distância. Rapidamente girou a patrulheira, colocando-a sob um dos braços, como se carregasse um tapete enrolado, a outra mão tapando-lhe a boca. Então partiu pelo acampamento, a jovem Werelady agora sua prisioneira.

O homem carregou Whitley por alguns minutos, imune aos chutes e gritos abafados dela. As pessoas por quem passavam lhes davam pouca atenção. Quando olhavam, algumas cumprimentavam em silêncio o homem alto, sem demonstrar surpresa ao vê-lo andando com uma garota debaixo do braço. Obviamente o conheciam, mas Whitley não sabia dizer se o respeitavam ou se o temiam.

Enfim chegaram ao limite da favela, onde os charcos do rio Steppen encontravam o assentamento. O ar estava repleto de mosquitos, enormes se comparados aos delicados insetos de Brackenholme. O homem seguiu em silêncio até uma tenda de pele animal que ficava, à beira do pântano, empurrando a aba que

servia de porta. Agachou-se e entrou. Lá dentro, soltou Whitley no chão e voltou para a entrada, deixando-a sozinha e temerosa.

A tenda cheirava a mofo, como se as peles de que era feita não tivessem sido bem curtidas. Um incenso queimava, talvez para mascarar o odor de podridão. Grossas peles de cabra encontravam-se empilhadas; no lado oposto da habitação havia uma cama para o morador, e uma pequena fogueira ardia dentro de um círculo de pedras, um caldeirão de cobre suspensa sobre ela por um espeto. O líquido borbulhava e soltava vapor, enquanto a mão enrugada da dona da tenda mexia o conteúdo com uma colher de pau. A mulher estava sentada de pernas cruzadas sobre as peles de cabra.

— Sente-se, menina — falou ela, a voz áspera e rouca. Apontou para um lugar no chão, a seu lado.

Whitley nunca vira uma pessoa tão velha na vida. A mulher era baixinha e atarracada e possuía uma corcunda gigante nas costas, como se tivesse passado a vida curvada. Ela passava a mão pela garganta escondida num emaranhado de lenços coloridos. Seu fino cabelo grisalho — ou o que restava dele — estava puxado para trás desde o topo da cabeça e pendia eriçado sobre os ombros. Manchas amareladas salpicavam-lhe a pele ressequida do rosto e das mãos, e as gengivas desdentadas deslizavam uma sobre a outra, a língua passando por elas ao sentir o cheiro do cozido.

Whitley olhou por cima do ombro. O homem alto permanecia lá.

— Não se preocupe com Rolff. Ele não morde. Peço desculpas se ele foi grosseiro. Meu amigo é mudo, entende? — Ela bateu na garganta com o dedo ossudo. — Não diz uma palavra, esse meu pobre camarada.

O homem, Rolff, fez sinal para Whitley sem mudar sua expressão, uma espécie de pedido de desculpas. O coração dela batia descompassado. Ainda não se tranquilizara.

— Por favor, sente-se. Eu insisto.

Relutante, Whitley sentou-se, mas não ao lado da mulher. Acomodou-se do lado oposto do caldeirão, os olhos arregalados observando cada movimento. A patrulheira já buscava rotas de fuga.

— Foi breve sua estadia no Cabo Gala, minha jovem. Não gostou dos Horselords?

Whitley sentiu o estômago se contorcer. Como aquela mulher sabia por onde ela andara?

— Tenho amigos por todos os lados, criança — ela retrucou, como se lesse os pensamentos de Whitley. — O povo da favela se protege. São poucos os que entram ou saem desses portões sem serem notados.

Principalmente quando viajam com um grupo tão grande e bem armado.

Diga-me: onde estão seus companheiros?

Whitley não respondeu. A idosa parou de mexer o conteúdo da panela e juntou as mãos como se fosse fazer uma oração.

— Não quero alarmá-la, criança. Por mais difícil que seja para você acreditar, não tem por que nos temer. Não somos seus inimigos. E não somos alheios às idas e vindas dos Werelords.

— Você sabe dos Werelords que vieram para cá? — questionou Whitley, repentinamente encorajada a fazer perguntas.

— Beba um pouco, garota.

Os olhos da mulher cintilaram quando ela pegou dois copos de chumbo e derramou o líquido em ambos, estendendo um para Whitley. A velha sugou a bebida de seu copo para incentivar a garota. Whitley cheirou o líquido e provou um gole. Era um caldo de carne e batatas. Ela estava faminta. Limpou a boca na manga ainda úmida.

— Vai ficar doente com essas roupas molhadas. Rolff, tire um manto do baú. — O homem se afastou da entrada da tenda, dirigindo-se a um baú.

Whitley olhou para a porta, dividida entre a fome e a liberdade. Mais uma vez, foi como se a velha lesse sua mente: — Termine seu caldo, criança, antes de pensar em fugir — riu-se ela.

Whitley continuou a saborear a primeira comida quente que levava à boca desde o café da manhã. Perguntava-se que horas seriam. Deviam ser as primeiras horas da manhã. Por onde Drew andaria? Como podiam ter se separado com tanta coisa não dita? Rezava para que ele ainda estivesse vivo.

E seu irmão, Broghan? E por que a idosa estava tão interessada nela e em seus amigos?

— Quem é você? — perguntou Whitley, antes de beber mais do caldo.

— Sou conhecida por vários nomes — falou a mulher corcunda. Coçou a garganta de novo, limpando a voz com uma tosse seca. — Mas você pode me chamar de Baba Korga.

Whitley já ouvira falar das Babas — sábias das comunidades romaris do norte. Sua ama-seca de infância era romari, uma mulher da total confiança de seus pais. Rosa era uma senhora orgulhosa que instilara em Whitley o respeito pelos mais velhos. As lições de sua ama-seca haviam ficado com ela, e Whitley passou a olhar a mulher com outros olhos.

— Como sabe de mim e de meus amigos, Baba Korga?

— Tem muita sorte a jovem que pode chamar o futuro rei de amigo, não é mesmo? — ponderou Baba Korga. Whitley sentiu um calafrio; a velha praticamente sabia o nome de Drew. — As pessoas do assentamento são meus olhos e meus ouvidos. Quando os soldados de Brackenholme chegaram, houve certo rebuliço. O barão Ewan é um rosto familiar nas Longridings, e as notícias espalham-se rápido pelos pastos. Não foi o jovem Lobo quem libertou Haggard da tirania do conde Kessler?

Whitley fez sinal positivo, confirmando os rumores.

— Você vê, criança, não há mensageiro mais rápido que o boca a boca.

Uma pedrinha pode causar ondulações que alcançam todo o oceano. O Lobo enfim está aqui, e o povo o aguarda.

Aquilo começava a fazer sentido para Whitley. Ela estava brincando com Drew quando lhe disse que os romaris veneravam o Lobo, mas, ao que parecia agora, não estava muito errada.

— Sabe que ele é uma boa pessoa, não sabe? — perguntou Whitley, querendo demonstrar lealdade a seu amigo.

— Claro que sim — respondeu a mulher, balançando a mão ossuda. — Ele é o único Werelord que pode reunificar o continente. Os Sete Reinos ficaram dispersos com a derrota do Leão; apenas um rei forte pode torná-los um só.

— Pois então este é Drew! Não me entenda mal, porque, quando quer, ele sabe ser bem teimoso. Mas tem um coração muito grande e é incondicionalmente leal aos amigos. — Viu-se corando ao descrevê-lo, lembrando o primeiro encontro com ele na Dyrewood. — É um herói, como aqueles dos livros de histórias.

Baba Korga concordou, o sorriso desdentado vincando ainda mais o rosto enrugado.

— Bem, minha garota, parece que ele deixou marcas profundas em você. Entende, então, por que é de absoluta importância que ajudemos seu amigo a fugir da cidade, sim? Muitas vidas dependem dele. Onde ele está agora?

Whitley deixou a cabeça pender. Da última vez que vira Drew, ele corria ao encontro de uma batalha, assumindo riscos imensuráveis. Rezava para que ainda estivesse vivo.

— Não sei. Estava lutando contra os vilões que nos atacaram. Eram muitos. Temo que ele não...

Não conseguiu terminar a frase, as palavras presas na garganta. De repente, compreendeu o quanto o garoto da Costa Gélida significava para ela. A Baba esticou a mão por sobre o fogo e colocou-a sobre o ombro de Whitley para confortá-la.

— Nem tudo está perdido, criança. Os Werelords têm seus poderes, e os magísteres, seus truques, mas há magias mais antigas neste mundo. As pessoas me visitam para saber das coisas. Eu lhes dou respostas, adivinho a verdade. Seu amigo Drew ainda está vivo. E está dentro da cidade.

Ela apontou o dedo para o escuro. O rosto de Whitley instantaneamente se iluminou.

— Você pode me ajudar a encontrá-lo?

— Podemos — respondeu Baba Korga. — Temos amigos que podem colocá-la de volta na cidade, e Rolff vai protegê-la. Mas precisamos que você encontre Drew e o traga até mim. Ele vai ouvi-la. Mesmo que Rolff pudesse falar, não imagino que Drew confiaria num estranho. Qual é seu nome, criança?

— Whitley — disse a Lady de Brackenhholme, estendendo o copo para mais uma porção do caldo quente. A idosa verteu mais líquido na caneca de chumbo.

— Vá para o Cabo Gala, Whitley. Traga seu amigo até nós em segurança. Nós, romaris, honramos o Lobo. Ele é irmão de nossa espécie.

Traga-o, para que possamos ajudá-lo a salvar o mundo.

Whitley concordou, aliviada de estar sob a proteção de Baba e seu povo.

— Como faremos para entrar na cidade?

— Tome seu caldo, Whitley, e eu lhe contarei.



A Taverna do Coração Partido

O toque de recolher podia estar valendo em Highcliff, mas um boêmio inveterado sempre encontrava um lugar onde molhar a garganta se soubesse procurar. Os sinos do templo de Brenn soavam meia-noite, e uma figura solitária andava pela Cidade Baixa. Vestindo um longo manto negro, encapuzada, movia-se apressada, em meio às sombras, deslizando noite adentro. Os Sentinelas da Cidade não estavam nas docas, a atenção focada nos quarteirões mais ricos. Se detivessem o homem de preto, ficariam surpresos: a última pessoa que se poderia esperar vagando pelas docas àquela hora era o Lord de Redmire. Ainda mais surpreendente era a conversa que travava consigo mesmo.

Sob o manto, as mãos de Hector envolviam a empunhadura incrustada de joias do punhal, a mão esquerda, sempre enluvada, sobre a direita. Ao transpor um portal sombrio, deteve-se por um instante para confirmar se ninguém o seguia.

“Qual é o problema, mano?”, sussurrou Vincent. “Tem medo de ter sido descoberto? Entregaram você?”

— Não — murmurou Hector, a voz trêmula. — Se tivessem me entregado, haveria salteadores por perto querendo o que tenho na minha carteira.

“Eles não sabem que o Lord de Redmire está na miséria total?”

— Culpa sua, não minha.

“Vão ter uma surpresa macabra se ameaçarem o grande Hector, Wereboar das Dalelands, não vão? Como é sentir esta lâmina nas suas mãos de Porquinho, irmão? Está pesada?”

Hector mudou o punhal da mão direita para a esquerda, limpando as palmas suadas nos culotes. Vincent sempre sabia como mexer com ele.

— Não se preocupe comigo, mano. Sei cuidar de mim mesmo.

“Pelo menos, essa lâmina deu conta de mim, não foi?”, sibilou a voz.

Hector olhou para a rua pavimentada, mirando a Cidade Alta; não havia ninguém lá. Naquele dia, até os ladrões pareciam respeitar o toque de recolher. Avançou, virando em um beco mal iluminado. O chão irregular estava escorregadio devido a restos de entranhas de peixes, mas aquela passagem era um atalho para o local aonde ia: Brandy Lane. Pouco depois, avistou seu destino: a Taverna do Coração Partido.

“Tem certeza de que quer fazer isso? Ainda não é tarde demais para voltar correndo para casa. Não são crianças nem estão para brincadeira esses que você vai encontrar, maninho.”

Não eram crianças mesmo. Hector sabia quem iria encontrar na taverna; suspeitava que fossem capazes de coisas terríveis, mas tinha de lidar com eles. Eram pontas soltas que precisavam ser amarradas. Esperou até tarde da noite para que, quando os encontrasse, já estivessem afogados no copo, o álcool com sorte tornando-os mais lentos. Com sorte.

“São matadores”, sibilou o irmão, a voz sombria lambendo a orelha de Hector como uma lâmina gelada. Este estremeceu, erguendo a mão para coçar, nervoso, a orelha, como se arrancasse dela teias de aranha.

Quando o irmão fora apunhalado e tombara na Torre de Bevan, Hector imaginara que enfim estaria livre dele. Fora tudo um grande engano, um acidente, mas acontecera. O irmão deveria ter partido, dando fim ao tormento do jovem magíster. Hector não poderia estar mais enganado...

Com ironia cruel, os vis que se reuniram em torno do cadáver de Vincent e atormentaram seu espírito solto tornaram-no um deles.

Naquela mesma noite, a parte imortal de Vincent visitara Hector enquanto seu corpo era carregado para ser descartado pelo conde Vega. Mas este Vincent tinha um novo corpo, nascido do ódio, das trevas e da morte.

Vincent, agora um vil, seguia cada passo crepuscular de Hector, esperando o sol se esconder para se lançar sobre ele. Agarrava-se ao irmão como um parasita, uma influência muito mais negra que o capuz preto que Hector usava agora. Com o nascer do dia, o vil se desvanecia e retornava às sombras, deixando Hector em paz. Mas seu alívio era apenas passageiro; Hector não podia se esconder da noite. As trevas sempre o encontravam.

— Assassinos ou não, preciso dialogar com eles.

A voz soltou uma risadinha irônica em seu ouvido. “Ouça só o que diz — „dialogar“. Como é ridículo! Isto não é joguinho para nobres, Hector.

Esses homens são implacáveis. Por que acha que eu os contratei?”

— Você os contratou porque é um tolo, Vincent, e é meu trabalho limpar sua sujeira.

O espírito protestou enquanto Hector atravessava a rua correndo. Já perdera a maior parte da gordura que o perseguira ao longo da adolescência, mas ainda estava fora de forma. Tendo comido pouco recentemente, Hector parecia doente. O rosto estava pálido, e as bochechas, fundas. Os olhos apresentavam um contorno avermelhado, por causa das noites insones devidas às visitas do irmão. Sabia que havia negligenciado a si mesmo, mas resolveria isso. Tudo de que precisava era encontrar uma forma de banir o maléfico vil.

Parou à porta da taverna.

“Não entre”, veio o sussurro, uma nota de preocupação surgindo na voz de Vincent. Hector o ignorou, erguendo a mão direita para bater forte contra a porta. Uma ripa de madeira repentinamente se moveu, revelando um par de olhos semicerrados. Olharam-no de cima a baixo com expressão desconfiada.

— Posso ajudar?

Hector não disse nada. Ergueu a mão direita para mostrar o anel que Vincent tomara do pai falecido. Hector agora o usava pela cidade, exibindo seu selo para conseguir entrar em todo tipo de lugar. Ele torcia para que o anel tivesse alguma validade na Taverna do Coração Partido. Senão, aquela seria uma aventura muito breve. Bom para Hector que o anel impressionara o porteiro, que fechou a portinhola e destrancou a porta, permitindo a entrada do magíster.

“Muito esperto, Hector.”

Hector ignorou a voz, passando pelo brutamontes, que trancou a porta e apontou para uma escada que desaparecia chão abaixo. O garoto assentiu com a cabeça e desceu os degraus, o coração batendo no peito como o martelo de um ferreiro sturmiano. Uma trilha de fumaça de tabaco pairava à altura da cabeça, saindo de uma porta aberta mais à frente.

— Você veio aqui para relaxar? — resmungou ele.

“Vim aqui para ganhar dinheiro desses idiotas que querem perder as moedas que têm.”

— Foi aqui que perdeu seu dinheiro.

“Pare de reclamar, Porquinho. Sempre se queixando, resmungando como um bebê...”

— Cale-se! — gritou Hector, e no mesmo instante um homem apareceu na porta, surpreendendo-se com o acesso do magíster. Hector lançou-lhe um sorriso constrangido e se encostou à parede. O homem passou por ele, mantendo distância. — Cale-se... — sussurrou Hector ao passar pela porta.

A sala do outro lado estava coberta de fumaça e tinha marcas de antigos barris delineadas na parede. Com o toque de recolher ainda em vigor, os barris tinham sido removidos, liberando a adega e permitindo que ela fosse transformada em um antro de apostas. Cada espaço desocupado agora alojava cadeiras e pequenas mesas, além de homens ávidos por jogar os mais variados jogos: dados, jogo do canivete, seis de morte, ossos. Uma mulher grande passou ao lado de Hector carregando uma bandeja com bebidas. Havia talvez vinte homens na sala, alguns apenas se embriagando, enquanto os amigos praguejavam ou comemoravam a própria

sorte. Hector estreitou os olhos para observar melhor o aposento em meio à fumaça acumulada.

— Tem certeza de que estarão aqui?

“Eles sempre estão aqui. Não conhecem outro lugar. Dinheiro, Hector; o ouro é o que move o homem.”

— Lá estão eles!

Quatro homens estavam sentados à mesa redonda, e o tump-tump-tump de uma faca de cabo curto contra o tampo de madeira soava. Hector reconheceu o mais robusto na hora: Ibal. O homem risonho estava com as mãos sobre a mesa, os dedos atarracados espalhados, e pontilhava com a lâmina no espaço entre cada um deles. Dois de seus companheiros tentavam desconcentrá-lo, e uma pilha de cobs ocupava o centro da mesa. Ibal, no entanto, sorria e os ignorava, concentrado em sua tarefa. A seu lado sentava-se Ringlin, reclinado no banco que ambos dividiam, fumando um cachimbo fino e soltando baforadas. Nenhum deles notara a chegada de Hector.

“O que vai fazer agora, Hector? Matar esses dois... e depois? Deve haver mais de vinte homens nesta sala. Nunca sairá daqui vivo.”

Hector olhou por cima do ombro para o vil, uma sombra etérea que ficava às suas costas. A garganta estava seca, os lábios, rachados e ressecados. Sua mão tremeu sob o manto quando agarrou o punhal espalhafatoso.

“O que está esperando? Vamos, covarde. Veja como se sai com esses dois. Se acha que todo assassinato vai ser fácil como o meu, você vai ter uma grande surpresa, maninho.”

Hector fez um esforço mental para tentar livrar-se de Vincent conforme se aproximava da mesa. Seu joelho encostou no tampo, balançando a mesa.

A faca desviou e penetrou a carne do polegar de Ibal, fazendo um ruído horrível.

— Mas o que... — começou Ringlin, silenciando ao ver quem estava à sua frente. Ibal enfiou o polegar na boca, sugando o sangue do ferimento.

Paralisou-se ao dar de cara com Hector.

Um homem de cabelos brancos que estava do lado oposto esticou-se, pegando os cobs e arrastando-os pela mesa a fim de vertê-los no colo.

Ringlin não tirou os olhos de Hector ao falar: — Deixe as moedas aí, Poom. O jogo ainda não acabou. Você e Ibal podem terminar de jogar assim que tratarmos deste... negócio.

— Mas foi uma vitória justa — disse aquele que se chamava Poom.

— Deixe as moedas aí, ou conhecerá minha faca mais de perto — sugeriu Ringlin, ainda com os olhos cravados em Hector. — Você decide, meu velho.

Contrariado, Poom empurrou as moedas de volta para o centro da mesa, espremendo-se para sair da cadeira e dirigir-se ao balcão. Seu companheiro foi junto, zombando dele por todo o caminho. Ringlin pôs a mão sobre o assento vago.

— Sente-se, por favor — convidou despretensiosamente, embora seus olhos estivessem cheios de intenção. Estavam semicerrados e pareciam tentar desvendar a expressão de Hector. Ibal fazia o mesmo, observando Hector com um misto de medo e ódio.

“Eles, preocupados com você? Incrível! Não é que meu assassinato fez você meter medo nos outros, irmão?”

— Improvável — disse Hector.

— Que foi? — perguntou Ringlin.

— Nada — respondeu Hector, embaraçado, tomando o assento mais distante. As faces enrubesceram quando percebeu que falava sozinho.

— Não posso dizer que esperávamos vê-lo de novo, Lord Hector — disse Ringlin, as mãos sob a mesa. — Está meio distante de seu hábitat, não está?

“Ele está pegando a faca. Você sabe, aquela do gume serrilhado, boa para estripar porquinhos. E Ibal tem a foice, lembra?”

— Eu sei — respondeu Hector.

— Sabe? — disse Ringlin. — Então por que veio? Nossos negócios estão encerrados desde que seu irmão... morreu. Lembra-se disso, não é?

Nós, pelo menos, lembramos.

— Eu me lembro muito bem — disse Hector. — Foi um terrível acidente.

Hector tentou ignorar a risada aguda do vil, e Ringlin prosseguiu: — Considere-se com sorte por não termos procurado as autoridades depois do que vimos. Daria um ótimo papo com o velho Urso, não acha?

— Ele não acreditaria em você.

— A infâmia é algo poderoso. Sua reputação já está em frangalhos. Um rumor já seria capaz de destruí-lo, que dirá algo que aconteceu de verdade, Porquinho!

A mente de Hector nublou-se com rapidez; um som seco vibrou seu ouvido, e uma dor de cabeça o atingiu do nada. Tudo na sala começou a girar, enquanto ele tentava focar o pensamento em Ringlin. Não conseguia ouvir o que o homem dizia, mas podia ler sua expressão: presunção e desprezo. Hector viu sua mão esquerda sair do manto por vontade própria, os dedos enluvados estendendo-se na mesa. Imediatamente sentiu o vil se afastar, saltar sobre a mesa e envolver a garganta de Ringlin como um laço negro. Instantaneamente, os olhos do facínora se arregalaram, e sua boca parou de se mexer. Ele levou as mãos ao pescoço.

— Não me chame assim.

Hector ouvia sua voz como se fosse a de outra pessoa. Era profunda, estranha, mas saía de sua boca. Os ouvidos então estalaram, os sons do salão voltando de repente. Soltando Ringlin, o vil voltara para perto de seu ombro. O homem pendeu para a frente, gaguejando e tentando recobrar a compostura. Hector balançou a cabeça, também desejando se recompor, e escondeu apressadamente a mão enluvada embaixo da mesa. Ibal observava os dois de olhos arregalados, os risinhos enfim silenciados.

“O que foi aquilo?”, sibilou Vincent no ouvido de Hector.

— Não sei — murmurou o magíster, balançando a cabeça.

Ringlin coçou a garganta, encarando Hector com temor recém-descoberto.

— O que quer de nós? Não vamos dizer nada, tem a minha palavra.

Não devemos nada a seu irmão.

“Cachorro!”, cuspiu o vil. “Vocês me devem tudo! Eram bandidos com uma mão na frente e outra atrás quando os encontrei. E agora têm suas moedas! Mate-os, Hector. Mate-os agora!”

Hector ignorou o falecido. Pigarreou, ainda se recuperando da força trevosa que o assaltara.

— Vocês fizeram um contrato com a Dinastia de Redmire. Meu irmão pode estar morto, mas lhes pagou bem para servirem ao Javali.

— Ele nos pagou com cobre — escarneceu Ringlin.

— Então fiquem a meu lado e vocês verão ouro — disse Hector, a voz séria ao dirigir o olhar de um homem para o outro. Os dois uniram as cabeças, Ibal sussurrando algo na orelha de Ringlin. O mais alto concordou com um gesto antes de se voltar para Hector:

— O que nos impede de simplesmente irmos embora?

— Honra e consequências — avisou Hector. — A honra de servir a Redmire.

— E quais são as consequências?

— Preciso mesmo responder isso?

Pela primeira vez na vida, Hector permitiu que um tom ameaçador envolvesse suas palavras. Não teria feito isso se não fosse pela atuação da mão enluvada. Pousou-a sobre a mesa, cerrando o punho.

“Muito sagaz de sua parte, Hector. Medo é a única linguagem que eles entendem.”

— Ouro, você disse?

— Em algum momento. Por enquanto, cuidarei para que recebam o mesmo que Vincent lhes dava. Não lhes faltará nada. — Hector ergueu-se, enfiando o punhal espalhafatoso de volta na bainha e arrumando o manto.

— Recolham o que ganharam. Espero vocês no andar de cima. — Com isso, começou subir a escada de volta ao nível da rua.

“Não entendo. Por que quer esses traidores trabalhando para você? Vão apunhalá-lo pelas costas na primeira oportunidade.”

— Vou tratá-los de modo diferente. Limites, Vincent; você não os estabeleceu, e eles se aproveitaram disso. Não cometerei o

mesmo erro.

“Não, você vai cometer muitos outros”, zombou o vil. “E eu estarei lá para rir de você quando isso acontecer.”

— Interessante o que aconteceu lá, Vincent. O controle...

O vil ficou em silêncio por um momento.

“Nenhum vil jamais testemunhou tal acontecimento. Que tipo de necromancia foi aquela?”

— Não sei. Mas vou descobrir.

Hector chegou ao andar de cima e esperou os homens se juntarem a ele. O porteiro os observou com desconfiança, mas Hector já não se preocupava com o que pensavam dele naquela noite.

“Por que Ringlin e Ibal, sabendo o que sabem?”

— Precisamente por isso. Mantereí meus amigos por perto e meus inimigos ainda mais perto. Você mesmo disse que eles são perigosos. Posso fazer bom uso desses camaradas nas semanas e nos meses que virão. Temo que a Lyssia esteja na iminência de algo terrível.

Os dois bandoleiros alcançaram o topo da escada, retirando os mantos dos cabides na parede.

— Para onde, chefe? — perguntou Ringlin, arrumando a faca no cinto de armas. Ibal deu tapinhas no saco de moedas à coxa, permitindo-se um risinho breve, mas triunfante.

— À Torre de Bevan — falou Hector. — E não é chefe, é barão Hector, Lord de Redmire.



Jogo de poder

Lord Broghan acordou de repente quando um punho lhe atingiu o estômago. Estremeceu quando o saco de juta foi puxado de sua cabeça e a luz do sol percorreu a corte do Alto Estábulo. Uma única algema estava presa a seu pulso esquerdo, acorrentando-o à parede. Fez força para se levantar. O braço estava deslocado; os inimigos o mantinham pendurado na parede desde a captura. Esforçava-se para focar a visão, desorientado pelas silhuetas borradas que passavam à frente.

— O que significa isto? — gritou, levando a mão livre aos olhos enquanto puxava a corrente.

Um nortista alto e calvo estava à sua frente, o braço direito numa tipoia, o outro punho ainda fechado por causa do soco recém-desferido. O homem usava um peitoral dourado que o identificava como um dos soldados do rei Leopold. O sorriso era emoldurado em uma barba suja e cinzenta. Aplicou-lhe outro soco, acertando o estômago de Broghan com uma pancada violenta.

— Já chega! — veio uma voz de trás do nortista. O brutamontes abriu caminho, permitindo que seu mestre desse um passo à frente. Broghan reconheceu de pronto aquela voz: -príncipe Lucas, o Leão de Highcliff. O lado esquerdo de seu rosto trazia um trio de cicatrizes, novidade desde a última vez que vira o garoto.

— Ainda usando outros para lutar por você, Lucas?

O jovem Leão foi rápido, rosnando ao atingir Broghan no rosto com o punho. O Bearlord soltou uma cusparada de sangue no chão, errando por pouco a bota do Leão.

— Então o gatinho ganhou garras...

Os olhos de Broghan percorreram o recinto. Estava numa plataforma, num dos pontos mais altos do grande salão circular. A parede a que estava preso ficava ao lado de uma ampla sacada, da qual se tinha ampla visão da cidade. Reunidos na câmara abaixo estavam os vários Werelords da região, todos observando o Lionlord se pavonear na plataforma. O visconde Colt estava ao lado do duque Lorimer, os irmãos Horselords em pé ao lado deles.

A julgar pelo olhar deles, não aprovavam as extravagâncias de Lucas. Lord Conrad, o jovem nobre loiro, encontrava-se distante dos demais, os olhos cravados em outro cativo. Lady Gretchen estava do lado oposto da câmara, em outra plataforma, mirando-o com medo, uma dupla da Guarda Leonina.

O Wererat Vankaskan estava atrás da moça, um sorriso perverso no rosto.

Não havia sinal de Ewan nem de Harker. E onde estaria Drew? E quanto a Whitley?

A mente de Broghan estava aturdida. Lembrava-se de ter confrontado o duque Lorimer ao chegar e de ter buscado o apoio dos Horselords, mas as lembranças posteriores eram vagas. Esforçara-se para controlar o Urso e desmaiara de exaustão. Harker o conduzira a um quarto de hóspedes, e isso era tudo que Broghan recordava. Então, despertou nesse pesadelo.

— Onde está o Lobo? — rugiu Lucas.

— Não sei.

— Não minta para mim, Urso! Meus homens o encontraram na cidade.

Ele foi um grande incômodo, principalmente para nosso pobre Colbard.

Lucas apontou para o grande nortista, que alisava o braço ferido como se quisesse ilustrar o que dizia seu mestre. Broghan riu. “Muito bem, Drew.”

— Silêncio! — Lucas deu um tapa no rosto do Bearlord.

— Príncipe Lucas! — gritou Lorimer, abaixo. — Por favor, seja gentil com Lord Broghan. Lembre-se, ele é um irmão Werelord, Alteza.

— Não o chame assim! — berrou Broghan. — Não há nada de realeza nesse moleque. Não passa de uma marionete de seu pai e dos ratos. Você deve ter perdido a razão, Lorimer, para se unir a esses vilões.

Lucas fez menção de dar outro soco em Broghan, mas dois membros da Guarda Equina puseram-se no caminho. O príncipe se conteve, embora o olhar de ódio permanecesse. Recuou, juntando-se ao nortista calvo com quem dividira a tarefa de socar o Bearlord.

— Não tenho prazer algum em recebê-los, nenhum de vocês, no Cabo Gala — disse Lorimer, a voz falhando.

— Isto é recepção? — riu Broghan incredulamente, balançando a corrente.

— Você tem de entender, Lord Broghan. Meus caros Horselords e eu demos abrigo ao príncipe Lucas em troca da bênção de seu pai.

Independência é o que queremos, e não derramamento de sangue.

— Mas aliam-se a um rei deposto e a seu filho louco? É uma insanidade! Você deveria estar ao lado do meu pai e dos -Staglords, trabalhando por um futuro melhor para todos.

— A independência das Longridings é o melhor futuro, certamente para todos no Cabo Gala! — gritou o idoso visconde Colt, chamando a atenção para sua presença. — A Westland não nos dá nada.

— Está errado, Colt! Leopold não lhes deu nada, mas tudo será diferente com o Lobo no trono!

— Basta! — interrompeu Lucas. — O período de discussão já terminou, Urso. Dei a nosso anfitrião minha palavra de que pouparia sua vida, já que ele é o Lord das Longridings, e, ao contrário do que você pensa, sou um homem de palavra.

— Você é uma criança tola, isso sim. Deveria ter fugido quando teve a oportunidade. Meu pai e seus aliados não vão tolerar essa situação. A Lyssia não vai tolerar, com certeza. Perdeu seu navio para Bast, gatinho!

A risada de Lucas ecoou pela câmara e se transformou em um rugido.

Os Horselords estremeceram, e os mortais da Guarda Leonina e da Guarda Equina sentiram calafrios. Os pássaros que se empoleiravam na sacada debandaram.

— Acha que estou fugindo? — Ele bateu no ombro do nortista brutamontes antes de secar as lágrimas causadas pela gargalhada. — Olhe de novo para o porto, Urso.

Broghan voltou-se para o porto. Não havia notado antes, mas lá estavam: seis navios imensos ancorados na baía, uma frota de embarcações menores afastando-se deles para desembarcar os soldados em solo lyssiano.

O príncipe Lucas bateu palmas de alegria.

— Fugir? Ah! Estou aqui para receber minha família!

Broghan engoliu em seco, olhando freneticamente para o outro lado da sala, em direção a Gretchen. Ela retribuiu o olhar, uma expressão de terror estampada no rosto.

— Os Catlords chegaram.

Não houve solenidade alguma para avisar a chegada dos soldados de Bast. Trinta barcos cheios atracaram no porto, e estrangeiros de armaduras leves tomaram as ruas. Os Sentinelas da Cidade davam passagem aos homens, que caminhavam livremente. A chegada de centenas de guerreiros de pele dourada era algo surpreendente para eles. O instinto lhes dizia para desafiá-los, mas a hesitação garantiu que os Sentinelas apenas observassem a marcha em direção ao Alto Estábulo, incapacitados e inúteis.

As nuvens de tempestade havia muito tinham partido. A luz clara do sol resplandecia nos guerreiros que caminhavam pela cidadela, observados pela população. Os homens usavam camisa de cota de malha sobre o peito nu e carregavam lanças, espadas e escudos. Sandálias baixas amarravam-se nos pés, e braçais protegiam os antebraços. Todos pareciam letais.

A Guarda Equina do Alto Estábulo, para a sorte de Lorimer, era constituída de gente mais rigorosa que os Sentinelas. Recusando-se a deixá-los entrar, a Guarda fez barricadas nas portas para evitar a

entrada dos soldados estrangeiros, os quais estavam prontos para forçá-la se recebessem ordens.

Mas não houve necessidade disso, pois a Guarda Leonina de Lucas foi mais rápida e abriu-as. Os protestos da Guarda Equina cessaram assim que os homens de Bast passaram a marchar pelo pátio; seus membros ficaram em silêncio enquanto os invasores adentravam o Alto Estábulo.

As portas que davam para a tribuna dos Horselords se abriram com violência quando cinquenta guerreiros entraram na antiga câmara, espalhando-se e cercando em instantes o salão circular. Os Horselords ficaram furiosos. A última coisa que esperavam eram soldados armados adentrando seu aposento mais sagrado.

— Isto é um absurdo! — bufou Lorimer, o protesto de desgosto ganhando o eco dos demais Horselords. Eles batiam o pé, mexiam a cabeça e rangiam os dentes. Feições equinas se tornavam evidentes — as crinas se expandiam, as narinas inchavam, os ombros se avolumavam. Broghan observava a cena com a certeza de que aquela era uma manifestação tardia.

Percebeu que um dos Horselords não se juntara ao coro. O jovem Conrad mantinha-se imóvel, o semblante entristecido.

Lucas saltou os degraus com a ânsia de uma criança que deseja impressionar o pai. Seis homens de pele dourada em belas vestes de batalha adentraram a sala, elmos cobrindo-lhes o rosto. Crinas negras saíam do topo dos capacetes sobre as costas dos guerreiros. Os Lords das Longridings se contorceram em revolta. Junto deles havia uma mulher.

Ela rondou a sala graciosamente, a aparência mais cruel do que a dos homens que a cercavam. Usava poucas roupas — um vestido que, de tão fino, permitia que a luz atravessasse o material do qual era feito e revelasse mais do que era considerado decente em uma corte lyssiana. Os Horselords suspiravam enquanto ela caminhava insinuantemente até o centro do aposento. Sua pele era quase púrpura de tão negra, os raios matinais do sol refletiam em sua superfície, e a cabeça raspada se inclinava para espreitar o salão. Os olhos verdes reluziam, lançando seu brilho sobre todos. Era a mulher mais fascinante que Broghan já vira.

Lucas levou um joelho ao chão quando ela se aproximou. A mulher abaixou a mão, e ele a segurou. Broghan esperava que o príncipe a beijasse, mas, em vez disso, ele a roçou em cada lado do rosto, impregnando o próprio pescoço com o cheiro dela. Broghan estremeceu, considerando o cumprimento reprovável se comparado à tradição lyssiana.

— Lady Opal — disse Lucas, a cabeça abaixada. — -Bem-vinda a meu reino.

— Saia do chão, Lucas — ela falou com ar de tédio. — Não convém a um Catlord ficar de barriga no chão, principalmente um que afirma ter um reino.

— Mas este é meu reino, Lady Opal. Bem, o reino de meu pai.

— Sim, claro que sim — ela respondeu em tom áspero, observando os Werelords reunidos. Pousou brevemente os olhos em Broghan. — E não me chame de Lady; Opal é o nome com que fui abençoada e me é suficiente.

Não tenho necessidade dos títulos ridículos que esses lyssianos gostam de ficar exibindo.

Lucas concordou, envergonhado.

— Diga-me — ela perguntou —, quem manda aqui?

O duque Lorimer deu um passo à frente, mantendo o queixo erguido ao se aproximar da mulher. “Muito bem”, pensou Broghan. “Deixe que ela saiba que esta é sua corte. É ela quem deveria estar se curvando para você.

Essa foi a única coisa que você fez de certo até agora, Horselord.” Opal examinou-o de cima a baixo, arqueando a sobrelanceira ao perceber que ele se recusava a curvar-se.

— Sou duque Lorimer, Lord das Longridings — disse ele em um tom austero. — Bem-vinda ao Cabo Gala.

Ela fez sinal de que compreendia e um gesto para que ele prosseguisse.

Ele ficou surpreso, esperando que a mulher se apresentasse mais formalmente. Opal não era acessível. Seus seis guarda-costas com elmos de crina mantinham-se em posição de sentido atrás dela, como estátuas.

— Devo dizer que é pouco comum alguém chegar ao Cabo Gala sem se anunciar e ainda mais adentrar o Alto Estábulo com homens armados. Meu povo vê tal atitude com maus olhos, como um gesto de desprezo a nosso reino.

— Desprezo ou não, não vejo motivo para anunciar minha chegada.

Você precisa se atualizar, Cavallo. Os tempos são outros. Agora você vai responder a mim.

— Com todo o respeito, milady, não respondo a ninguém. Meu único acordo é com o rei Leopold, e meus compromissos são com ele até que as Longridings se tornem independentes dos Sete Reinos. Isso foi acordado com o príncipe -Lucas, uma troca por um favor que lhe fizemos. Logo, os Horselords não responderão a ninguém.

— Seja qual for o acordo que você acredita ter com o príncipe e seu pai, pode desconsiderá-lo. Vocês e os outros Werelords da Lyssia cometeram traição para com nosso irmão felino ao forçá-lo a deixar o trono.

Lorimer ficou estupefato.

— Nós, Horselords, não participamos disso. Permanecemos neutros durante toda a confusão na Westland, e assim continuaremos.

— Neutralidade não é lealdade, Horselord — escarneceu ela, rodeando-lhe e encarando qualquer um que ousasse sustentar seu olhar.

Bocejou, revelando deslumbrantes dentes brancos, os caninos levemente estendidos.

— Somos um povo pacífico, milady. Pergunte ao príncipe -Lucas. Ele conhece nossa gentileza.

— Acho que já estou bem informada — respondeu Opal, tomando uma curta espada prateada da bainha de um dos guarda-costas. Com um giro ágil, estocou Lorimer, caindo coreografadamente sobre um joelho, a espada sumindo até a empunhadura no estômago do duque. Girou mais uma vez para a direita antes de saltar para trás num único e fluido movimento. A

espada saiu, seguida de uma torrente de sangue. Lorimer caiu no chão antes que os Horselords perdessem o fôlego.

Os Horselords gritavam, o caos tomando conta do lugar em um instante, enquanto corriam em direção ao soberano morto. Os guarda-costas de Opal circundaram o corpo, as armas em punho, e seus comparsas também prepararam as deles. A Guarda Equina estava indefesa, desarmada rapidamente pela Guarda Leonina de Lucas. Broghan assistia ao tumulto sem poder fazer nada.

— Sugiro — berrou Opal — que façam silêncio imediatamente, a não ser que queiram ter o mesmo destino desse tolo vaidoso. É preciso que saibam de nosso... desprazer diante da decisão de auxiliar o Lobo a tomar o trono. Eu espero que aprendam com a lição de seu duque.

Empurrou-o com o pé, o que gerou uma nova onda de protestos. Opal fechou a cara, e o silêncio se fez novamente.

— Espero obediência incondicional daqui em diante. Não há nada que possa fazer frente a meus homens. Tratem-nos como se fossem o pai de vocês enquanto eles cuidam da cidade na minha ausência. Provem sua lealdade, e serão recompensados.

Ela subiu os degraus em direção ao Wererat e a Gretchen, Lucas a seu lado.

— Gretchen, presumo? — disse ela à Raposa. A menina ruiva fez sinal positivo, o rosto pálido após o assassinato que acabara de testemunhar. — Você vai esperar aqui sob a custódia de Vankaskan até que tenhamos resolvido nossas questões no norte. — Voltou-se para o Ratlord: — Creio que possa cuidar desse assunto na minha ausência, não?

O Wererat assentiu com humildade.

— Nenhuma tarefa é grande demais, Alteza. — Apontou para o corpo do Horselord morto. — Quanto a Lorimer, seu corpo me tem... utilidade. Permite-me?

Opal olhou inquisitivamente para Vankaskan por um instante, considerando o estranho pedido antes de dar de ombros e aquiescer.

— Ele não tem mais uso para os Horselords mesmo. É todo seu. Quem é aquele? — perguntou, apontando para o outro lado da

câmara, onde Broghan estava acorrentado à parede.

— O Bearlord Broghan — falou Lucas com desprezo. — Cria de Bergan, o traidor de Brackenholme que destronou meu pai.

— Interessante — disse ela, entregando a ele a espada prateada. — Mate-o.

Lucas ficou chocado.

— Você me ouviu, criança — repetiu Opal, o olhar pousando em Gretchen, observando as lágrimas que se formavam nos olhos da garota.

Gretchen balançou a cabeça para os lados, soluçando sem parar, tentando passar entre os guardas para chegar ao distante Bearlord. — É aqui que você começa a pagar sua dívida de honra com Bast, Lucas. Uma desfeita a um Catlord é uma desfeita a todos nós.

Estendeu-lhe a espada.

— Mate-o.

Broghan assistia à cena, o coração estremecendo ao ver Lucas pegar a espada. O jovem príncipe ergueu o olhar até a câmara circular, desceu um lance de escada e depois subiu à plataforma oposta. O Leão parecia temeroso pelo que Broghan podia ver. Todos os olhos se fixaram no príncipe.

Ele alcançou a parte superior da câmara circular, margeando a parede, transpondo lentamente pilares e colunas. Eram talvez quinze metros no total. Ao se aproximar de Broghan, o Bearlord pôde perceber o rosto do Leão se transformando devagar, indo da feição de pavor a um semblante duro e resolutivo. Com a decisão tomada, o príncipe apressou seus passos. A juba dourada surgiu enquanto ele andava, dentes e mandíbula pronunciando-se com a transformação. Os passos se tornaram um trote rápido, a espada em posição. Quando Lucas venceu a distância que o separava de Broghan, já praticamente se deslocando aos saltos, rugiu violentamente. O Bearlord cerrou os olhos, e a espada voou contra seu coração. O grito de Gretchen foi o último som que lhe atingiu os ouvidos antes de o mundo se tornar silencioso e escuro.



Sangue e chuva

A tempestade que veio do sul tomava conta de Highcliff e recusava-se a recuar. As ruas encontravam-se escorregadias, e rios de água da chuva corriam da Cidade Baixa até o Mar Branco. Os navios ancorados colidiam uns contra os outros, medindo força com os elementos da natureza. A Marinha estava navegando, o que deixava o porto estranhamente calmo.

Enquanto os relâmpagos reluziam sobre a cidade, a figura solitária do rei Leopold podia ser vista correndo pelas ameias da masmorra de Highcliff, rugindo de fúria contra as nuvens da tempestade. Estava parcialmente transformado, deixando a ira tomar conta de si e proclamando a fera interior. Do outro lado dos muros, o duque Bergan assistia àquela cena.

O Leão em fúria — era como costumavam descrevê-lo em batalha, lembrava-se Bergan. Quando ele e Wergar o enfrentaram, ainda jovens, Leopold era fascinante: invocava o monstro no campo de batalha e entregava-se à violência total. Era uma força da natureza. Bergan desejava apenas que essa força estivesse mais debilitada agora. Havia algo de diferente nos protestos do Leão naquela noite.

— Não sente, Bergan? — rugia Leopold, apontando-lhe a pata enquanto dava voltas sob a chuva. — A mudança está chegando!

— A mudança já está aqui, Leopold! — berrou ele para o Leão.
— Nós somos a mudança. — Indicou com a mão os soldados da Westland que se reuniam atrás de si. Agora, com a partida dos homens do conde Mikkel, encontravam-se em menor número, mas ainda assim eram respeitáveis.

— Você teve sua oportunidade — rugiu o rei. Bergan olhou os homens às suas costas, que se escondiam da chuva e das flechas inimigas. Alguns tapavam os ouvidos quando o Leão rugia, aterrorizados com os brados violentos. Hector assistia a tudo, o capuz erguido e encharcado. O jovem magíster trocava olhares significativos com Bergan, sinalizando seu apoio.

— Acabou, Leopold! Pare de adiar o inevitável! Seus homens passam fome e estão doentes. Salve a vida deles. Renda-se!

— Você não sente o cheiro no ar? Na chuva, Bergan? Você perdeu sua chance! Retomarei minha cidade. O Conselho Lupino está se desfazendo a seu redor, e você nem percebeu isso. Fuja, Urso! Fuja!

O Werelion riu, destruindo tudo que encontrava no parapeito: caixas, escadas, barris. Erguia a madeira estilhaçada e a jogava por cima do muro.

— Highcliff será minha de novo — rugia.

Uma voz nas barricadas chamou Bergan. Era Reuben Fry, o melhor arqueiro e capitão do Bearlord.

— Ele está na mira, milorde. Posso acertá-lo.

Fry tinha o arco esticado ao máximo, a madeira dobrando-se e a chuva molhando o rosto do sturmiano. Os dedos tremiam ao manter a mira, a flecha pronta para voar. A ponta prateada reluzia à luz da Lua.

— Atire — sussurrou Hector. — Se ele está na mira, derrube-o.

— Não — disse Bergan, erguendo a mão para impedir o ataque.

— Não nos rebaixaremos ao nível de nossos inimigos.

— Mas podemos dar fim a isto agora! — suspirou Hector.

— Não, Hector — retrucou o Bearlord. — Não é de nosso feitio. A prata é proibida. Vai contra tudo que é legítimo. Abaixei meu arco, capitão Fry. Acharemos outra maneira.

O sturmiano baixou o arco com relutância, pegando a flecha rara e colocando-a de volta na caixa de mogno a seus pés. Hector pegou o estojo e fechou-o, guardando-o sob o braço e fazendo uma carranca para o duque em meio à tempestade.

— Que Brenn nos mostre como derrotá-lo — sussurrou Bergan, observando o Leão prosseguir com seu ataque de fúria.

Enquanto as outras embarcações lutavam contra o mar e o vento, uma estava em seu hábitat. As ondas batiam contra a frota, fustigando-a sem piedade, e a chuva a açoitava, vinda do céu enegrecido. Assolada pela intempérie, cada nau se esforçava para manter a formação atrás do navio-líder, o gracioso Turbilhão. O conde Vega encontrava-se no convés, os pés firmes no navio inclinado que singrava o mar. Seus homens corriam ao redor, preparando a embarcação para a batalha. O capitão dos mares mantinha o olhar fixo à frente, sem desgrudá-lo de seu alvo.

A figura baixinha e empertigada de Figgis, o timoneiro, comandava o leme. Por menor que fosse, o idoso manejava a grande roda com a facilidade advinda da experiência, segurando-a com firmeza — outros homens teriam sido jogados ao convés. Não havia nada que Vega não confiasse a seu imediato, que servira a seu pai no Harbinger. Aliás, fora Figgis quem cuidara do descarte de Vincent, o Boarlord, dando fim a seu corpo no calar da noite. Vega não lhe perguntou o que fizera com o cadáver; nem precisava.

Tinha total confiança em Figgis e sabia que o lugar do descanso final do Werelord corrupto jamais seria descoberto.

Vega permitiu que seus pensamentos se voltassem brevemente para Hector. Estava preocupado com o garoto. O barão de Redmire havia passado por provações terríveis, ao testemunhar o assassinato do pai e participar da morte do próprio irmão. A controvérsia sobre a comunhão não havia se desvanecido por completo, uma nuvem negra pairando sobre sua reputação. Vega vira-o se transformar de jovem alegre e gordinho em um espectro de seu antigo eu. Quanto antes Hector se encontrasse com Drew, melhor; a separação do melhor amigo era difícil, e Vega imaginava que com o Lobo de volta o velho Hector também retornaria.

Enquanto isso, o Tubarão tomara para si a tarefa de cuidar do jovem Javali.

O mar rugia, ondas poderosas lançando-se contra a proa, o horizonte oscilando constantemente. Vega não via mais o navio que perseguiram.

Olhou para o cordame do mastro principal. A figura agachada no cesto da gávea podia ser vista além das velas retesadas, a chuva gelada açoitando-a como adagas aladas. O garoto agitava os braços freneticamente, tentando chamar atenção em meio ao rugir da tempestade.

— Figgis! — gritou Vega, apontando para o mastro —, o convés é todo seu.

Figgis olhou para cima, aceitando a tarefa e voltando sua atenção ao leme.

O Turbilhão deu um solavanco a estibordo, uma onda poderosa ameaçando tirá-lo do curso. Mas ele não se entregaria. Vega correu, seguro de si e veloz, pulando sobre um corrimão e agarrando-se ao cordame, as ondas se agitando abaixo dele. Em instantes, subia pelas cordas em direção ao cesto da gávea. Viu que o navio mais próximo da frota da Westland estava a um décimo de légua. Sua frota tinha trinta navios, um misto de galeões e naus mercantes convocadas a servir à Marinha. Dos trinta, dez eram navios de guerra tripulados por homens experientes.

O navio solitário que caçavam fora visto na costa sudeste das Ilhas Cluster. Não havia dúvida de que era uma nau de batalha, equipada com catapultas e tombadilhos para arqueiros. Trazia uma única bandeira negra, o que a identificava como navio pirata. Mas algo parecia estranho a Vega. O desenho e o corpo do navio denunciavam que ele era estrangeiro e estava longe de casa. E a bandeira negra não era usada tradicionalmente pelos piratas do Mar Branco — Vega sabia bem disso, já que era um pirata das Ilhas Cluster. Diante dos presságios captados por seus homens, eles tinham o dever de abordar a nau desconhecida, e, quando ela fugiu — algo que não se espera de uma embarcação inocente —, a frota foi atrás. Vega jamais perdera uma caçada, e não havia

tempestade de Brenn ou de Sosha capaz de detê-lo. A bandeira negra tinha de estar próxima. Ele alcançaria o navio.

Vega se alçou ao topo do mastro, onde o camaroteiro Casper tentava proteger a própria vida. O Turbilhão agora balançava, a oscilação do cesto da gávea ameaçando arremessar o menino de seu assento. Ainda assim, ele segurava-se tal como fora instruído a fazer, uma mão amarrada à corda de apoio que ficava dentro do barril. Vega sorriu, admirando a coragem do garoto. O sorriso do capitão era tudo de que Casper precisava para recobrar a confiança.

— O que foi, filho? — gritou Vega, segurando-se, já que ambos eram jogados de um lado a outro pelo mar ondulante. O garoto apontou para a frente, além da quebra das ondas, na direção da bandeira negra. O conde acompanhou seu dedo, examinando o navio a distância. Ele havia percorrido um longo arco para ancorar. Vega gritou contra o vento: — Está tentando fugir, rapaz, mas não vai conseguir! Nós o pegaremos e não teremos mais que nos preocupar com os maus presságios!

O garoto puxou Vega antes que ele descesse, atraindo-o para si a fim de lhe gritar aos ouvidos. Havia um motivo para Vega ter designado Casper para o cesto da gávea: o garoto tinha a visão mais aguçada entre todos do Turbilhão.

— Não a bandeira negra, capitão! — gritou ele. — Os outros!

Vega fez força para enxergar o horizonte em meio à tempestade. Não pôde precisar quantos eram exatamente, mas pareciam ser mais de cem navios. E não eram naus mercantes convertidas. Eram galeões, destróieres, encouraçados. Vega podia distinguir a bandeira negra em cada navio da armada mais poderosa que já avistara. Foi quando compreendeu tudo.

— A bandeira negra — sussurrou, a voz levada pelo vento fustigante.

— Onyx.

As fogueiras lançavam fumaça negra contra o céu noturno, tentando manter-se acesas na chuva. Apenas o soldado mais resistente de Stormdale desafiava a intempérie, cuidando do fogo enquanto os companheiros se abrigavam nas tendas. O conde Mikkel estava à porta da sua, carrancudo.

Deixou a aba se fechar, entrando de novo na tenda de comando, onde seu capitão o aguardava.

— Já temos mensagem dos patrulheiros?

— Ainda não, milorde — respondeu o corpulento capitão Harriman.

Mikkel estava desapontado por ainda não ter recebido notícias dos batedores. Seu pequeno exército de duzentos homens acampara ao norte da Grande Estrada Ocidental, próximo à terra dos bandidos. Uma tropa menor de soldados poderia ter problemas com o xerife Muller e seus bandoleiros, mas um grupo desse tamanho não tinha o que temer. Mikkel enviara meia dúzia de cavaleiros para alertar várias cidades em toda a Dalelands sobre o que acontecia na Westland e sobre o impasse com Leopold. Enviara dois especificamente às Barebones, um deles partindo para a própria cidade, Highwater, enquanto o outro seguira para a fortaleza da família em Stormdale.

— Estranho — grunhiu o Staglord. — Esperava já ter de volta pelos menos os cavaleiros de Hedgemoor e Redmire.

— Talvez o mau tempo os tenha impedido de tomar a estrada.

— Muito engraçado, Harriman — riu Mikkel. Os homens das Barebones eram os mais destemidos de toda a Lyssia. Uma chuvinha não os impediria de cumprir qualquer que fosse a tarefa.

Um estrondo invadiu o acampamento, mais forte que o martelar constante da chuva sobre o teto da tenda.

— Ouviu, milorde? A tempestade está piorando. Graças a Brenn trouxemos as tendas, ou nos afogaríamos.

Mikkel concordou, olhando para o mapa que estendera sobre o baú de viagens. Perguntava-se onde estaria Drew e se ele conseguira resgatar Gretchen. O Staglord estava aborrecido por não ter feito justiça com Vankaskan. Esperava apenas que, se tivesse a oportunidade, Drew conseguisse vingar a morte de Kohl e o assalto a Manfred.

O conde estudou o mapa. Cinco dias de viagem até Highwater, e então estaria de volta aos braços de sua querida Shona. Sorriu. Sentia falta da família e do ar da montanha. Os estrondos continuaram, agora mais altos, fazendo as pedrinhas que

seguravam o mapa dançar e chacoalhar sobre a superfície. Colocou a mão em uma das pedras, sentindo os tremores vindos do baú sob ela. Mikkell ergueu o olhar para Harriman.

— Não são trovões! — gritou, desembainhando a espada.

O Staglord empurrou a porta da tenda a tempo de ver o primeiro cavaleiro surgir no acampamento e arremessar uma lança. Ela encontrou seu alvo seis metros à frente: um dos homens de Mikkell, catapultado contra a parede de sua tenda. Irado, o conde saiu à chuva, incorporando o Cervo a cada passo. A caixa torácica vergou ao estufar do peito, músculos se avolumando nos ombros e no pescoço enquanto ele resfolegava em fúria.

Seu rosto se esticou, a pele escureceu, e os chifres rasgaram-lhe a cabeça.

Um arranjo perverso de pontas mortais emergiu, reluzindo com sangue do cenho rasgado. Nas mãos, ele trazia sua grande espada, a figura agora diminuta do capitão Harriman a seu lado.

Os cascos de centenas de cavalos trovejaram no acampamento. Lanças, flechas e tochas voavam, e os homens despreparados de Stormdale saíam cambaleando das tendas incendiadas para serem recebidos por saraivadas de projéteis mortais. Mikkell atacou um dos cavaleiros que passou perto dele, a espada quase cortando o homem ao meio. Outro cavaleiro se seguiu, sentindo no peito os chifres do Staglord. Mikkell içou o homem da sela, jogando-o pelos ares de modo que colidisse com mais um inimigo.

— Por Stormdale! — berrou Mikkell, fazendo seus homens recobrar a coragem. Harriman vinha atrás dele, a espada atacando e se defendendo dos golpes. Os cavaleiros puxavam cimitarras, as lâminas curvas zunindo na chuva ao rasgar os homens do Staglord. Os soldados do conde agora estavam em número menor, sendo destroçados pela força adversária.

Mikkell viu-se cercado de cavaleiros, afastado de seus homens. Tão logo derrubava um, outro surgia para substituir o caído. Cada vez que arrancava sangue de um oponente ou derrubava outro com a espada, era atacado pelas costas. Cimitarras rasgavam-lhe a carne, um corte mais doloroso que o anterior, e ele se esforçava para ficar de pé.

O Staglord viu o corpo de Harriman na lama, os olhos sem expressão.

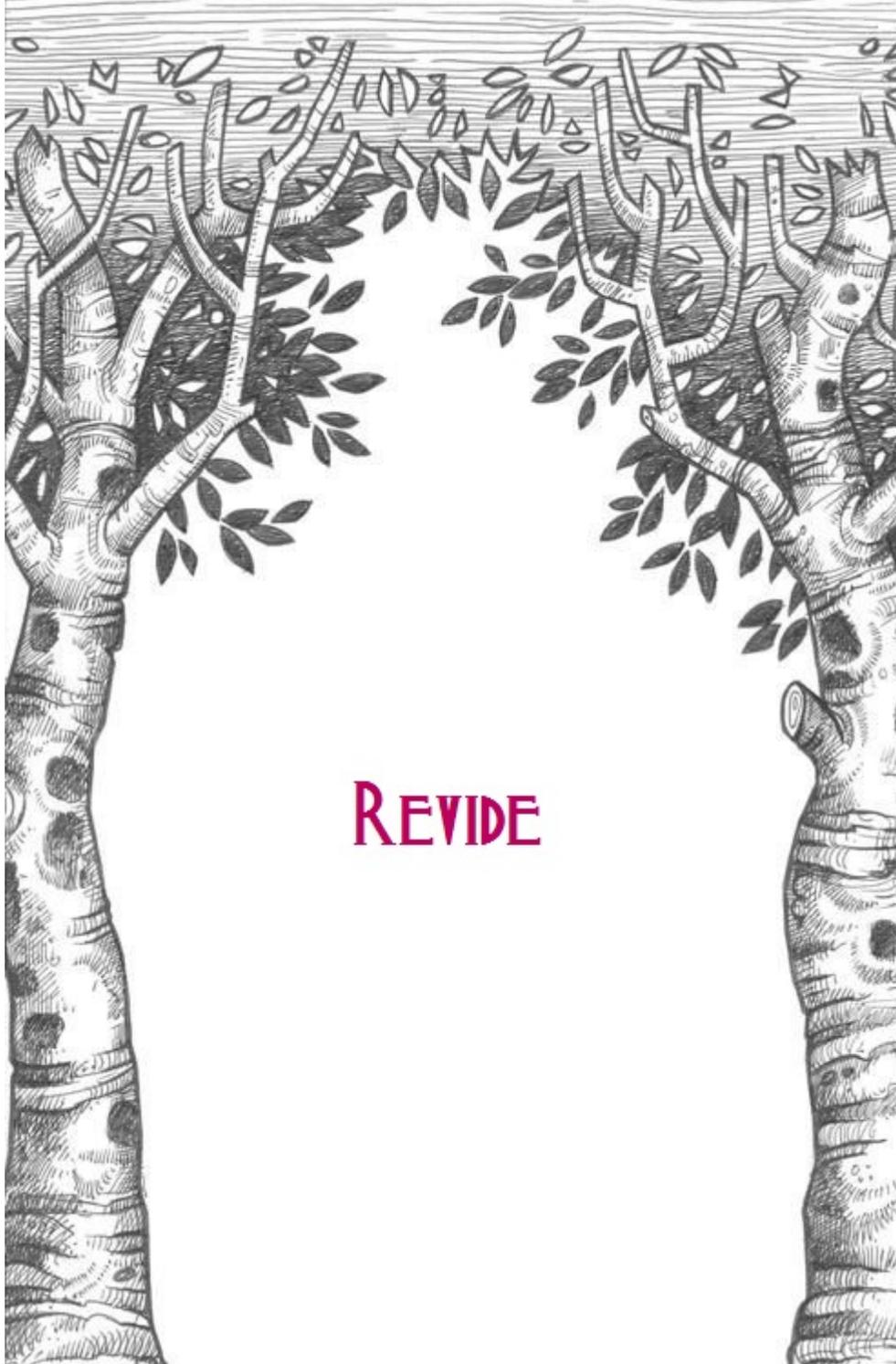
Os cavaleiros prosseguiram com sua fúria assassina. Sua visão nublou-se. A espada agora tornara-se pesada, o ataque implacável começando a vencê-lo.

Uma voz gritou numa língua que Mikkell não compreendia. De imediato, os cavaleiros cessaram o ataque, recuando. Mikkell caiu de joelhos numa poça de sangue. Bufou, tentando recobrar o fôlego, o queixo encostado no peito. "Graças a Brenn", pensou o Staglord. "Misericórdia."

— Apareçam! — gritou Mikkell, esforçando-se para erguer a cabeça pesada. Um único cavaleiro vinha em sua direção. O peso dos chifres fez sua cabeça pender para trás, e ele soltou a espada. Levou as mãos aos ferimentos do rosto. Tentou limpar o sangue e a chuva dos olhos para enxergar melhor o inimigo que se aproximava com um sorriso estampado no rosto.

"Não pode ser", murmurou o Staglord, reconhecendo de imediato a origem do cavaleiro. A mandíbula de Mikkell ficou frouxa de terror no momento exato em que a cimitarra desceu, ceifando seu pescoço.

PARTE 5





O intruso

A cidade do Cabo Gala era outra. As ruas que anteriormente haviam sido centros de comércio agora estavam vazias. A tempestade passara, mas uma nuvem ameaçadora pairava sobre a cidade. Essa transformação era mais gritante na cidadela do que em qualquer outro lugar. Os corredores elegantes, as janelas abertas e a brisa que antes soprava livremente na tribuna do Alto Estábulo sumiram. Em vez disso, cortinas negras tapavam o sol, e lixo cobria o chão. A Guarda Equina fora substituída pelos guerreiros de Bast. Essa agora era a residência do Rato.

Com Vankaskan no trono, a cidade ficava mais semelhante a Vermire, no norte distante, lar do Wererat. Seu cargo podia ser apenas temporário — até que os Catlords retornassem da Westland — mas ele iria aproveitá-lo ao máximo enquanto durasse. Vankaskan era um epicurista, fartando-se dos caprichos e das fantasias que lhe cruzassem a mente. Colbard, Sorin e os outros ficaram com ele, enquanto o príncipe Lucas tomara o navio para o norte. Eles respeitavam e temiam o Wererat na mesma medida, e assim também seus tenentes de confiança. Os soldados de Bast eram notavelmente leais e faziam tudo que o Rato ordenava. Deixado por própria conta, ele estava livre para perseguir sua paixão: a magia negra. Em resumo, Vankaskan estava muito contente.

O Rato não havia deixado a tribuna desde que Opal partira, tornando o local só seu. A solicitação do corpo de duque Lorimer fora recebida com desgosto pela corte, mas ninguém ousava questionar o Rato. Os cortesãos viram o que aguardava quem se atrevesse afrontar os aliados do Leão. O corpo de Lorimer não fora o único que o Rato conseguira. Ninguém solicitava audiência com o Wererat, mas todos os Lords das Longridings eram forçados a visitar e jurar fidelidade a ele, um ato repugnante com o qual Vankaskan se deleitava. Nada poderia prepará-los para a blasfêmia que encontravam na antes grandiosa tribuna do Alto Estábulo.

Com todos os olhos voltados para o Alto Estábulo naquela noite, ninguém notou a sombra que se esgueirava pelos telhados das torres e casas próximas aos muros da cidadela. Agachando-se e segurando-se nas telhas, a figura engatinhava, saltava e se aproximava cada vez mais. Deteve-se na janela de um sótão, três andares acima da rua. O telhado tinha uma inclinação precária, pendendo sobre o prédio, o parapeito do Alto Estábulo a quase dez metros de distância e dois metros abaixo.

Drew prendeu a respiração, controlando o ritmo cardíaco. Ouvia um e outro grito saindo da torre de pedra. “Que insanidade estará acontecendo lá?” Rezava para que não tivessem capturado Whitley. Seus amigos — Broghan, Harker, talvez Gretchen — estavam todos na cidadela. Vira Lucas sair a cavalo do Alto Estábulo em direção ao porto, acompanhado de soldados assustadores. Com o Leão longe, o Rato estava no comando, e Drew sabia muito bem do que Vankaskan era capaz.

Ele não viu guardas nos muros. Estava mal trajado — perneiras rasgadas e um manto em frangalhos, todo o resto tendo se perdido no caos que se seguira à emboscada. Era hora de libertar a fera. Sentiu os membros se estender, os dedos crescer, as garras emergir e se prender às telhas. Em instantes, estava parcialmente transformado, a compleição transfigurada na de um homem-lobo. Deu alguns passos para trás, os pés lupinos buscando melhor apoio. Agachou-se, equilibrando-se nos joelhos ao se preparar para o salto. Deixou o telhado, as pernas poderosas lançando-o ao ar e à rua abaixo. Telhas quebradas espalharam-se atrás do Werewolf,

que voou pelo céu com os braços estendidos, cobrindo a distância em um único e gracioso salto animal.

Caiu sobre os quatro membros, as garras se enfiando nas pedras, o impulso quase fazendo-o atravessar o muro e invadir o pátio. Ele conseguia ver várias pessoas abaixo, todas ocupadas demais para erguer o olhar. Caso alguém o fizesse, veria um Werewolf feroz tentando não cair sobre eles.

Drew avançou, mantendo-se agachado. Olhou para a extensão do muro, grato pela escuridão da noite e pela falta de guardas em patrulha. Deixou a fera recuar, estabilizando a respiração até atingir padrões humanos, permitindo que o físico voltasse ao normal. Drew examinou o Alto Estábulo com novos olhos, o Lobo momentaneamente enjaulado.

Um ganido alto ecoou da cidadela. “O que é isso, em nome de Brenn?”

Drew correu pelo muro, passando por uma escadaria na qual ouviu vozes se aproximando. “São os guardas.” Os muros externos do Alto Estábulo eram circulares, contornando a cidadela central como um grande anel. Os portões principais ficavam na seção oeste, e havia mais dois portões menores, um do lado norte e um do sudeste. Ele observara a cidadela com frequência desde que colocara na cabeça que iria libertar seus amigos. Visto de cima, o lado leste da grande torre parecia ser a parte mais tranquila — uma área de estábulos cobria toda a sua extensão. Drew olhou ao redor, procurando um ponto no telhado de palha onde pudesse pousar. Dali, poderia saltar para o chão do pátio. Havia uma conveniente pilha de feno num dos cantos, o que lhe garantiu uma queda suave.

Ao emergir do feno, Drew permaneceu nas sombras, examinando o Alto Estábulo dos fundos. Dera pouca atenção à estrutura ao chegar à cidade — estava mais focado nos habitantes. Agora, tinha de descobrir uma entrada e evitar os guardas tanto quanto possível. A cidadela possuía seis ou sete andares. A grande sacada da tribuna podia ser vista cinco andares acima, cortinas negras esvoaçando na noite. A ampla escadaria subia até as grandes portas brancas de entrada do Estábulo; já as portas dos fundos eram mais modestas. Uma dezena de soldados guardava a

frente do edifício, recebendo convidados e recolhendo suas armas, ao passo que apenas um vigiava os fundos, jogando conversa fora com um e outro criado que entrava e saía da torre. “Essa é a minha entrada”, concluiu Drew.

Ele avistou o depósito para onde sua espada fora levada. Mas não era o momento de buscar a Wolfshead. Drew estava lá para resgatar os amigos, e, se para isso tivesse de usar dentes e garras em vez do aço frio da espada de seu pai, assim seria. Fez uma pequena oração a Brenn, pedindo que a velha espada chegasse às mãos de alguém nobre e valoroso e despediu-se dela em silêncio.

A abertura dos portões principais atraiu a atenção para a parte da frente da cidadela, e até mesmo o guarda dos fundos deu a volta na torre para ver o que acontecia. Drew viu uma caravana entrar no pátio, as três carroças coloridas indicando que seus ocupantes eram artistas: engolidores de espada, comedores de fogo, encantadores de serpente, músicos. As tochas dos guardas iluminavam as pinturas grosseiras que adornavam as laterais de madeira. Os soldados escoltaram a caravana, entusiasmados com a possibilidade de entretenimento para as tropas. Foi a oportunidade perfeita para Drew sair correndo pelo pátio, rumo à porta dos fundos.

Um corredor de serviço percorria o prédio, com portas dos dois lados. À direita, encontrou uma sala da guarda vazia, alguns beliches e nada mais.

Um manto marrom da Guarda Equina estava pendurado num pino. Drew pegou-o, rasgando o próprio manto esfarrapado e escondendo-o sob uma das camas. Abriu um baú e deparou-se com um elmo de bronze. Puxando o manto, conferiu seu comprimento, feliz em perceber que lhe cobria todo o corpo. Colocou o elmo e o amarrou. De relance, parecia um membro da Guarda Equina; no entanto, um observador mais atento notaria os pés descalços. Drew agradeceu por estar escuro. Deixou a sala da guarda.

Havia uma escadaria à esquerda da porta dos fundos, a qual seguia a curvatura das paredes da cidadela. Rapidamente começou a subi-la, dois ou três degraus por vez, os pés descalços fustigando o granito. O peito arfava de ansiedade. Não queria de modo algum

esbarrar com um criado ou outro inocente. Desejava encontrar seus amigos e sair com o mínimo possível de sofrimento. Depois de dois patamares, percebeu que estava perto do quarto andar e dos aposentos dos Horselords. A escadaria terminava de repente, levando a um extenso corredor circular, que Drew imaginou circundar a tribuna. Arriscou um olhar, vislumbrando um e outro nobre ou soldado na galeria antes de se abaixar de novo na escada.

“Não posso ficar aqui. Alguém pode usar a escada a qualquer momento.”

Respirando fundo, entrou no amplo corredor curvo, andando próximo à parede externa e às janelas altas. O corredor era escuro, com poucas tochas acesas na parede. O frio que subia do chão tomou Drew de surpresa — havia algo de sobrenatural naquilo.

Um grito vindo de dentro da tribuna ecoou na galeria, fazendo os Horselords presentes beijar a própria mão em oração. Mesmo os soldados pelos quais Drew passou pareciam abalados, tanto os da Guarda Equina quanto os sulistas de pele dourada. Eles se mantinham cabisbaixos, passando um pelo outro sem dizer nada. “O que esses guerreiros estão fazendo em Cabo Gala?”, a mente de Drew não parava de se perguntar.

Tudo fedia a desordem e caos. “De onde vieram?”

Drew havia percorrido boa parte da galeria quando avistou o barão Ewan. O Ramlord estava em uma alcova falando com o jovem Horselord que Drew vira ao entrar pela primeira vez no Alto Estábulo. “Conrad, é isso? Se conseguir que Ewan me veja, talvez eu tenha uma chance. Ele vai me ajudar. E deve saber onde Gretchen está.”

Drew se aproximou, mantendo distância suficiente para não despertar suspeitas, mas ficando perto o bastante para ouvir o que os dois discutiam.

A audição aguçada do Lobo poderia ajudá-lo. Ficou em posição de sentido contra uma parede — como vira outros soldados fazer —, rezando para que seus pés descalços ficassem ocultos sob o manto.

— Não posso ficar parado assistindo a este horror — sussurrou o Horselord loiro. — Ele está zombando do Alto Estábulo. É uma

perversidade que vai contra os desejos de Brenn. Alguém tem de detê-lo.

— E quem o faria, Conrad? — perguntou o Ramlord. — Você vai detê-lo? E depois? Jamais sairia com vida daqui.

— Melhor afrontá-lo e morrer do que viver neste circo de horrores.

— E se você fracassar? Sabe que o sofrimento não termina com a morte. É com você que ele vai brincar depois, e são suas mãos e seus dentes que ele vai lançar contra seus entes queridos.

— Vankaskan precisa ser detido, não importa como.

— Você deveria ter ido embora. Nada além da morte aguarda os homens e os transmorfos no Cabo Gala.

— Você ainda está aqui — respondeu Horselord calmamente. — Imaginei que já teria retornado a Haggard. Não vai enfrentá-los?

— Não tenho mais como lutar. Os Catlords são nossos novos mestres, e não há mais ninguém que possa nos auxiliar. Seus irmãos estão em número cada vez menor, Conrad. A quem vai recorrer?

Drew pulou ao ouvir Conrad bufar. A perna do Horselord ergueu-se, querendo bater no chão de raiva, e ele precisou de toda a sua força de vontade para detê-la. Drew ficou aliviado. A última coisa que desejava era que Conrad chamasse a atenção dos guerreiros estrangeiros. Ewan agarrou o antebraço do Horselord para acalmá-lo.

— O corpo de seu tio está lá, Conrad. E isso continuará até que Opal retorne e ponha fim a essa insanidade do Rato. Quem sabe quando isso ocorrerá? Ainda haverá Horselords até lá?

— Então nós o desafiaremos!

— O tempo para as Longridings fazerem oposição passou, meu jovem — suspirou Ewan com tristeza. — O inimigo está dentro de nosso lar, comendo à nossa mesa e tratando-nos como criados. É isso que nos resta: servir ao novo mestre. Volte para casa, Conrad; junte-se a seu povo, proteja-o, defenda-o.

— O que você vai fazer? — perguntou o Horselord, o olhar fixo no Ramlord.

— Retornar a Haggard para cuidar de minha esposa e de meu povo. As Longridings são um reino alquebrado; sabe lá Brenn o que vai acontecer com o resto da Lyssia. Tudo o que podemos fazer agora é cuidar dos nossos.

Se isso significa escravidão, que assim seja.

— Escravidão? Vai se render a essa corja de Bast sem resistência?

Ewan balançou a cabeça em um gesto melancólico.

— O cavalo já partiu em disparada, se me perdoa a expressão. Agora tudo é uma questão de sobrevivência.

Contendo a ira, Conrad virou-se e partiu. Passou por Drew e desapareceu no corredor escuro. “Gosto dele”, pensou Drew, vendo o Horselord sumir. Ewan estava sozinho ao lado de uma janela alta, fitando o Cabo Gala. Outro grito, mais penetrante que os outros, ecoou pelo corredor. O Ramlord apertou o peito, como se o grito perfurasse seu coração. Drew chegou mais perto, mantendo as costas rente à parede.

— Milorde — disse ele.

— O que foi, homem? — murmurou o Lord de Haggard. Drew conferiu se ninguém passava pelo corredor. Era tarde, e a noite era um manto negro sobre o Alto Estábulo. Ergueu o elmo e se voltou para o amigo. Naquele instante, Ewan agarrou Drew, puxando-o para um canto, tropeçando e quase caindo em cima de um grande candelabro de latão. Amparou o objeto de metal com a mão trêmula.

— Drew? O que está fazendo? Você deveria ter ficado longe daqui!

— E abandonar meus amigos? Impossível. Eu morreria por eles. Onde estão?

— Ah, Drew, não é tão simples assim — suspirou ele, a tristeza e a mágoa marcadas no rosto. — Tudo mudou. Os Horselords foram derrotados.

— Ouvi aquele nobre... Conrad, não é? O que ele diz faz sentido, Ewan.

Reúnam-se, desafiem-nos. É a única saída, meu amigo. Confie em seus camaradas Werelords para enfrentá-los.

— Você não me ouviu? É tarde demais para desafiá-los.

— Nunca é tarde demais, Ewan. Que perversidade Vankaskan está fazendo agora?

— Temo que aquele monstro que mordeu Whitley tenha sido apenas o começo. — O Ramlord fechou a mão sobre o ombro de Drew, apertando-o com força, uma lágrima escorrendo pelo rosto.

— Ah, Drew, você não deveria ter voltado a esta cidade condenada.

— Nem cheguei a partir. Agora venha, mostre-me onde ele mantém meus amigos. — Deu um tapa amigável nas costas do Carneiro e virou-se, ajustando o elmo na cabeça mais uma vez.

— O Lobo é a última coisa que o Rato espera.

Infelizmente, essa foi a última coisa que Drew disse. Um golpe feroz em sua nuca fez luzes brancas explodir diante de seus olhos, o elmo badalando como um tambor de aço partido antes que ele despencasse, inconsciente.

O barão Ewan estava diante do corpo de Drew, a respiração trancada na garganta. Olhou para o candelabro nas mãos, deixando-o cair, aterrorizado ao perceber as implicações daquele gesto. O objeto provocou um estrépito, repicando como um sino. Ergueu a mão trêmula na direção do garoto, desejando tocá-lo, conferir se estava vivo.

Guardas chegaram, e um dos guerreiros de Bast agachou-se, retirando o elmo da cabeça do guarda descalço. Os cabelos negros de Drew soltaram-se, empapados de sangue. Os olhos estavam fechados, e o jovem transmorfo parecia ter sucumbido a um sono mortal.

— Quem é ele? — perguntou o guerreiro de pele dourada, encarando Ewan com seus olhos desprovidos de emoção.

— É o Lobo — sussurrou Ewan num fio de voz, o coração bradando "traidor". — Diga a Lord Vaskaskan que capturei o Lobo para ele.



Os Artistas Viajantes

Whitley espiou por entre os panos da carroça, observando a multidão de soldados. Muitos deles pareciam deslocados. Vestiam armaduras leves e tinham espadas menores, lanças e escudos redondos presos à coxa; eram mais numerosos que a Guarda Leonina, numa proporção de quatro para um.

Sua pele era bronzeada, da cor do sol, e quase cintilava. Whitley concluiu que eles vinham de um lugar distante. O que estariam fazendo no Cabo Gala?

Estavam reunidos em torno dos apresentadores romaris conhecidos como Artistas Viajantes, que se exibiam por toda a extensão das Longridings. Sua plateia usual era composta por gente da cidade e aldeões, não militares. Naquele momento, um velho magrinho engolia uma espada, o aço sumindo centímetro a centímetro garganta adentro. Os soldados prendiam a respiração enquanto a lâmina descia, esperando a empunhadura bater nos dentes do homem antes de soltarem um suspiro de admiração. O velho agarrou a lâmina entre os dedos grossos antes de retirá-la devagar, uma mão sobre a outra, desembainhando-a da garganta. Ao emergir da lâmina, fez uma dupla medida, apunhalando o chão a seus pés com o florete.

Os soldados comemoraram com entusiasmo quando um trio de garotas em trajes mínimos se juntou ao engolidor, pondo-se a

dançar.

Whitley soltou o pano, enquanto as dançarinas entretinham os soldados. Eles estavam numa câmara que ficava na parte da frente da carroça; uma parede falsa permitia que se escondessem. Compartimentos de contrabando similares garantiam que outros ficassem ocultos nos outros dois carros. Os guardas dos portões do Cabo Gala mal haviam lhes dado atenção, felizes em ver o bronze deles e mandando-os passar, aceitando até mesmo alguns cobres. Whitley sentia-se aliviada por Baba Korga ter moedas suficientes para fazer parecer que a caravana tinha dinheiro. Uma vez lá dentro, chegar ao pátio da cidadela foi relativamente fácil. Os Artistas Viajantes pararam do lado de fora de uma taverna próxima às barracas e, assim, ganharam a atenção dos Sentinelas. Ofereceram-lhes uma apresentação gratuita, e o resto foi simples — os guardas rapidamente os levaram para dentro.

Whitley olhou para seus três acompanhantes na carroça. O mudo Rolff encontrava-se sentado de pernas cruzadas no chão, enquanto dois Mantos-Verdes agachavam-se à frente dele. Quist, a mais velha dos Sentinelas sobreviventes, apontava para o esboço de um mapa que desenhara nas tábuas com seu punhal, indicando o caminho pelo qual deveriam tentar entrar na cidadela. Seu companheiro, Tristam, balançou a cabeça, indicando os guardas lá fora.

— Não conseguiremos passar por essa multidão — sussurrou ele. — Eles vão nos ver chegando antes que consigamos agir. São muitos.

Whitley conseguira chegar a Quist e Tristam através de Baba Korga e seu povo, que enviaram um patrulheiro ao charco que o Sentinela marcara como ponto de encontro com Whitley. Os dois Mantos-Verdes aguardavam lá. O terceiro Sentinela, Machin, havia seguido para o norte pelo Steppen para inteirar o duque Bergan da situação. Whitley desculpou-se com Quist por ter saltado do barco, mas a mulher não guardava rancor algum. Estava feliz por Whitley estar viva e por ela ter feito contato com os romaris.

Agora, eles poderiam elaborar um plano e dar um jeito de resgatar os amigos.

— Não podemos ficar aqui parados nestas carroças — sibilou Quist, enquanto o idoso engolidor de espadas, Stirga, executava com seu alaúde um acompanhamento musical ruidoso para as dançarinas. — Precisamos nos mexer. Temos de entrar lá e achá-los!

Rolff repentinamente estalou os dedos, fazendo os outros três voltar-se para ele. Com a atenção sobre si, remexeu-se no assento. Tirou um odre de couro com uma rolha grossa. Entregou-o a Tristam. O Sentinela sacou a rolha e cheirou o líquido, que oscilava lá dentro.

— Inodoro. É água? — Rolff negou. Os olhos de Whitley estreitaram-se, fitando Quist. A Sentinela adiantou-se em questionar o gigante mudo.

— Lunavinho?

O romari fez um lento sinal de confirmação.

— O que é lunavinho? — indagou Tristam.

— É uma bebida que provoca sonolência — respondeu Whitley, lembrando-se das lições herbárias do mestre Hogan. — Ela pode ser destilada da nerocrânia, uma flor branca que só floresce na lua cheia. A nerocrânia cresce nas profundezas da Dyrewood, e são poucos os que sabem onde encontrá-la. Como você a conseguiu?

— Ele não tem como responder — sussurrou Quist. — Devemos agradecer por tê-la em mãos, não importa como nosso amigo silencioso a tenha obtido. É um líquido valioso: venenoso em alta dosagem, mas um sedativo eficaz se diluído.

— Então vamos sedá-los? Podemos fazer isso? — perguntou Whitley.

Os Mantos-Verdes e Rolff se entreolharam, dando de ombros e por fim assentindo em concordância.

— Acho que sim — falou Quist. — Mas colocá-la na bebida deles é a parte complicada.

Whitley esticou-se e pegou o odre de Quist, enfiando a rolha de volta no lugar.

— Talvez para você.

Tristam foi pego de surpresa pela audácia da patrulheira. Mas a ideia de mandar a Lady de Brackenholme para a batalha não

agradava Quist.

— Não posso deixá-la ir. Seu pai vai querer minha cabeça se souber que estou colocando você em perigo!

— Vai dar tudo certo. Sou rápida, ágil e sempre fui sorrateira. Mestre Hogan não teria me aceitado se eu não o fosse. Vocês três se destacam na multidão, não vão conseguir andar dez metros sem ser notados por membros da Guarda Leonina. Eu, no entanto...

Whitley amarrou o cabelo para trás e o enfiou na gola da suja camisa marrom que conseguira com Baba Korga, o visual masculino fazendo-a parecer um moleque maltrapilho das ruas da cidade. Quist concordou hesitante, e Whitley prendeu a bolsa ao cinto. Rolff ergueu as tábuas falsas do chão da carroça. A patrulheira entrou na passagem, sorriu para os três e sumiu.

Whitley aterrissou na terra sob a caravana. As tábuas que cobriam as rodas davam-lhe cobertura. Passando por entre as caixas e as provisões dos artistas que haviam sido descarregadas, logo se misturou aos romaris próximos às carroças. Whitley passou pelo engolidor de fogo, que agora se besuntava com óleo. O homem lhe lançou uma piscadela, e, mesmo na situação de risco em que estava, ela não pôde deixar de retribuir o cumprimento com um sorriso. A vida de seus amigos dependia dela. Pela primeira vez desde aquela terrível mordida sentia-se viva; sentia-se uma heroína.

Pegando uma fatia de pão de cereja, aos poucos ganhou distância da caravana e entrou no pátio. Um ou outro guarda, por vezes algum criado, passava por ela, ignorando-a por completo. Parecia uma serviçal qualquer, a alma menos notável do Alto Estábulo. Vindos de dentro da torre, ouvia gritos e gemidos altos, ruídos que faziam sua pele se eriçar. De pronto, recordou-se do momento em que o soldado a atacou. Sentiu-se enjoada, tomada por uma náusea indescritível.

Querendo manter distância dos muros, contornou o pátio, aproximando-se dos soldados alegres. Os homens da Guarda Leonina eram os mais barulhentos; eles faziam festa para as três dançarinas, ao passo que os guerreiros do sul mantinham a compostura. Ela viu os soldados reabastecer seus canecos em dois

grandes barris que ficavam atrás da multidão. Aguardou um instante. “Não falta muito.”

As dançarinas se retiraram assim que a música parou. Uma centelha cegante surgiu à frente da caravana quando o comedor de fogo surgiu do nada, arrotando chama sobre a cabeça dos soldados. Eles gritaram em comemoração, chegando mais perto do grande romari besuntado com óleo, que entornava mais destilados. Whitley moveu-se rapidamente.

A tampa dos barris estava solta, uma concha de metal ao lado. Whitley arrancou a rolha do odre e despejou metade do conteúdo num barril antes de esvaziá-lo no outro. Devolvendo o odre vazio ao bolso, saiu, dando de cara com um soldado magro em um manto vermelho e sujo. O nariz dele estava quebrado, e Whitley engoliu em seco, tentando não parecer suspeita.

— O que está fazendo aqui, garoto? — O homem pegou Whitley pela orelha, dando-lhe uma torcida forte. Whitley ficou na ponta dos pés, temendo ter a orelha arrancada. — E então? Fale!

Whitley tirou a fatia de pão de cereja das costas.

— Venho da cozinha, senhor. O cozinheiro me mandou levar isto ao capitão.

O homem pegou o pão, olhando de relance para um ser imenso que tinha o braço enrolado numa tipoia e observava o comedor de fogo. Cheirou a fatia de pão, o nariz quebrado se contraindo. Soltou a orelha de Whitley.

— Bom menino. Agora suma daqui.

O soldado retornou ao grupo, pegando uma garrafa do chão e mordendo o pão. O coração de Whitley estava prestes a sair pela boca, a patrulheira ciente do perigo que correra. Afastou-se da multidão, a noite iluminada por ocasionais explosões de chamas. Não havia nada de divertido naquilo. Ela não se sentia mais uma heroína. Os uivos da torre, a lembrança do ataque que sofrera, o soldado cruel e sua escapada por um triz — Whitley jamais sentira tanto medo.

Seguiu a mesma rota de volta às carroças, passando entre os guardas e ladeando a escadaria que levava à torre de granito. Enquanto ela seguia pelo pátio, um jovem em vestes cor de creme

desceu a escada com a intenção de interceptá-la. Era alto e usava uma barba elegante, os longos cabelos loiros amarrados em argolas douradas lhe caíam nas costas. Ela o reconheceu imediatamente do encontro no Alto Estábulo.

— Meu jovem — disse ele, a voz baixa e a mão erguida para chamar a atenção de Whitley. A garota seguiu em frente, fingindo não ouvi-lo, tão próxima estava das caravanas. — Pare aí! — disse o homem, saltando os últimos degraus e postando-se diante de Whitley. A menina fixou os olhos no chão, amaldiçoando o próprio azar. O homem se abaixou para que o rosto dos dois ficasse no mesmo nível. — Bom, se não vai olhar para cima, é melhor que eu desça até você, não?

Whitley olhou-o rapidamente. Apesar da barba que lhe cobria o queixo quadrado, era jovem — não muito mais velho que Drew —, belo e tinha olhos azuis cintilantes. Whitley estava em estado de alerta, o coração batendo freneticamente. Ele estreitou os olhos. Teria reconhecido a garota?

Sorriu-lhe e piscou para ela.

— Vou lhe contar um segredo — disse ele. Curvou-se para falar ao ouvido dela: — Vi o que você fez.

O estômago de Whitley deu um nó; claro que ele blefava. O homem tirou o odre de vinho do cinto da garota.

— Vi o que você fez com esse... Manto-Verde.

Whitley engoliu em seco.

— Por favor, senhor... — começou ela, mas o homem a silenciou.

— Shh. Não se preocupe. Você não corre riscos. O que havia no odre?

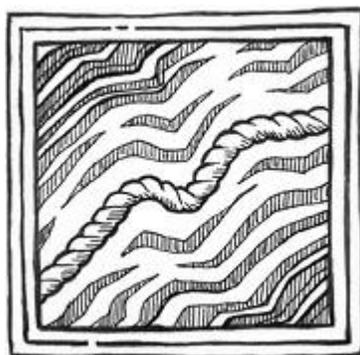
— Lunavinho — sussurrou a menina.

O homem fez sinal positivo, coçando a barba enquanto observava os soldados se embebedarem. Olhou para o outro lado do pátio, onde um grupo da Guarda Equina havia se reunido.

— Onde estão seus amigos? Você não deve estar fazendo isso por conta própria.

Whitley mordeu o lábio. Se falasse, colocaria todos os outros em apuros.

— Ouça, filho. Você não há o que temer de minha parte. Temos o mesmo inimigo, e não há dúvida de que queremos a mesma coisa. De alguma forma você conseguiu entrar no Alto Estábulo, o que por si só já é uma conquista. Deixe-me ajudá-lo a chegar mais longe.



A corda no pescoço

Os membros remanescentes do Conselho Lupino estavam na plataforma de observação conhecida como Ninho dos Corvos olhando a cidade aterrorizada. Do topo da Cidade Alta, duque Bergan podia examinar o mar a oeste, o campo a leste, o Redwine ao sul e a masmorra de Highcliff ao norte. Os quatro pontos cardeais lhe revelavam o mais absoluto caos.

Os resquícios da marinha da Westland arrastavam-se para o porto, apenas os navios menores e mais rápidos tendo conseguido retornar. Das naus de guerra que haviam içado vela para acabar com os maus presságios, restava apenas o Turbilhão. O campo a leste estava agitado, pois os fazendeiros e aldeões das vilas dos arredores tentavam adentrar a cidade murada. Atrás, cada vez mais próxima, uma enorme nuvem de poeira nublava o horizonte anunciando a chegada de um inimigo muito poderoso.

Ao sul, o rio Redwine abria-se para o mar, fervilhando de pequenas embarcações. Alguns habitantes haviam juntado seus pertences e partido para Rushton por água. Outros vinham na direção oposta, tendo ouvido que o campo já não era seguro.

E exatamente ao norte do Ninho dos Corvos ficava a masmorra. Os muros haviam passado semanas em silêncio, exceto pelo Leão em fúria.

Agora, estavam cheios de vida e repletos de soldados sobreviventes de Leopold, que se preparavam para uma última

batalha. Quem vinha em seu auxílio? Que exército chegava por terra? E que marinha devastara a frota de Vega? Leopold podia ser visto correndo pelo parapeito, incitando as tropas, a visão do Wererat provocando calafrios na espinha dos homens do Bearlord. O rei podia ser temido, mas eram os Ratos que povoavam os mais terríveis pesadelos. A chuva fustigante não cessava.

O duque Manfred estava ao lado de Bergan, um de seus homens remanescentes segurando sua armadura. O barão Hector observava o horizonte. Os ferimentos do Lord de Stormdale ainda não haviam se curado por completo. Hector fizera o possível para ajudar os curandeiros da Mansão dos Senhores, emprestando-lhes todo o seu conhecimento de medicina. Mas o Duque não desejava ficar na cama. Highcliff precisava se defender, e ele não deixaria um ferimento detê-lo.

— Deixe as fivelas mais soltas — disse Hector para o soldado que as apertava. A armadura dos Werelords em geral era forjada em Sturmland e amarrada com tiras de couro de resistência incomum, que proporcionavam grande mobilidade e elasticidade. Se um transmorfo se figurasse com a armadura, o traje se expandiria, adequando-se à nova forma do Werelord.

Para soltar a armadura, bastava desamarrar uma série de fivelas ocultas, cuja localização só era conhecida por quem a vestia.

— Estou bem, Hector — disse Manfred, ofegante e evidentemente mentindo. O rosto estava pálido, mas tentava sorrir. — Algum sinal de Vega?

— O Turbilhão acaba de atracar — respondeu Bergan. Voltou-se para a nuvem de poeira a leste. — Espero encontrar logo com Vega, para que ele nos conte o que aconteceu no mar.

— Quem são? — sussurrou Hector quase para si mesmo.

Bergan olhou de relance para o jovem Boarlord. Ele mudara muito nas últimas semanas. Desde que assumira o título de barão, há menos de uma semana, estava mais determinado e resoluto, colocando-se à disposição do Conselho Lupino e consertando as más resoluções de Vincent em Redmire.

Andava tão ocupado que Bergan nem tivera tempo de questioná-lo quanto ao paradeiro do irmão. Talvez esse novo e

amadurecido Hector fosse sua maneira de reconquistar a confiança dos colegas Werelords.

— Não tenho ideia de quem sejam — respondeu Bergan. — Mas não são aliados do Lobo. — Olhou por cima do ombro para o capitão Fry, que aguardava ordens. — Capitão, estou entregando o Ninho dos Corvos a você. Responda às saraivadas de Leopold com flechas suas, sempre. Não se intimide: devolva todas elas. Ainda não sabemos como isto vai terminar. O duque Manfred, o barão Hector e eu vamos para os muros. Se o conde Vega chegar, avise-o de nossa localização. Vamos ver quem ousa afugentar o bom povo da Westland de suas casas e de seus vilarejos.

Hector seguiu Bergan e Manfred pela escada de Kingsgate, o portão principal de Highcliff. Soldados passavam correndo por eles, as armaduras tinindo ao dar passagem aos Werelords. Bergan ocupava quase toda a largura da escadaria. Vestindo o peitoral, tornava-se ainda mais imponente.

Hector passou a mão pela própria armadura, um modesto peitoral de couro com uma cabeça de javali incrustada, as presas enormes marcando o peito.

“Não se preocupe, meu irmão. Parece um perfeito guerreirozinho.”

Hector ignorou o vil, sacudindo a cabeça ao se aproximar do parapeito que ficava acima da guarita. Era pôr do sol, e havia faíscas no ar, como se a tempestade fosse soltar trovões a qualquer momento. Os últimos fugitivos das fazendas mais distantes entravam pelos portões. No horizonte, Hector distinguia massas que se aproximavam em grande velocidade.

— Cavaleiros — disse Manfred. — Das Longridings? Não tivemos resposta de Lorimer, não é?

— Podem ser os próprios Horselords — concordou Bergan. — Mas eu ficaria surpreso. Lorimer, afinal, é um velho amigo. Ficaria mesmo do lado de Leopold? Que aliados tem Leopold na Lyssia, fora os Ratos de Vermire?

Nem Hector nem Manfred tinham resposta.

“Não vai querer ficar aqui, Porquinho. A morte está chegando à Highcliff por terra e mar.”

— E seriam nossos aliados? — perguntou Hector, tentando silenciar a voz do vil.

— É improvável — respondeu o Staglord. — Fomos comunicados de que eles devastaram várias fazendas a caminho daqui. E veja a coincidência: chegaram assim que nossa frota foi dizimada. Não, isso me cheira a traição.

Bergan coçou a barba, os dedos se enrolando nos grossos fios ruivos.

— Se vieram pela Grande Estrada Ocidental, há uma chance de Mikkel tê-los visto. Com sorte, ele já avisou Brackenholme, as Barebones e as Dalelands. Nem tudo está perdido.

Hector concordou, esperançoso. O imenso exército aproximou-se ainda mais. Os soldados trocavam de lugar para conseguir ver melhor, bloqueando sua visão. Ouviu os homens perder o fôlego com o baixar da nuvem de poeira, o inimigo revelando-se em toda a sua glória. Hector empurrou um soldado para o lado, algo que o antigo Boarlord jamais ousaria fazer. O homem virou-se, irritado, mas então viu quem era e fez uma mesura de perdão. Hector foi para a beirada do muro e olhou para o leste. Seu coração parou de bater por um instante.

O exército que se aproximava tinha mais de mil homens, excedendo em muito a força militar de Highcliff. Com trezentos soldados de Brackenholme e quinhentos da inexperiente Guarda Lupina, não havia nem mil para proteger a cidade, embora eles tivessem os muros a seu favor. Os guerreiros pareciam nervosos. Hector os via orar a Brenn e beijar símbolos sagrados pendurados no pescoço.

“Vê como fazem promessas a Brenn agora, no final? Meu irmão e eu haveremos de nos banquetear esta noite com o que essas palavras falsas lhes provocarão! O campo de batalha será a refeição de meu povo!”

— Cale-se! — grunhiu Hector, o que chamou a atenção de Manfred.

— Eles não estão errados, Hector. Se um homem não pode orar a Brenn diante da batalha, o que mais fará?

Hector sorriu, constrangido, e voltou-se mais uma vez para o muro.

Havia mais de mil soldados avançando pelos campos, com cavaleiros logo atrás. Depois da cavalaria, ele ainda avistava grandes catapultas sobre rodas sendo puxadas por pares de cavalos. Olhou para baixo, para as torres intermitentes, aliviado ao perceber que Highcliff também tinha aparatos contra cercos, carregados e prontos para lançar pedregulhos contra o inimigo.

Um rugido vindo da masmorra atraiu a atenção dos homens que estavam nos muros. Leopold encontrava-se na ameia do castelo ancestral, montado nas guarnições, transformando-se monstruosamente diante de todos os aliados do Lobo. Flechas dos melhores arqueiros de Fry voavam, algumas atingindo o alvo, mas sem causar nenhum dano. Seu rugido ganhou força, ensurdecendo e desafiando o espírito de todos em Highcliff.

— Nós deveríamos ter usado a flecha de prata — disse Hector, amaldiçoando a oportunidade perdida.

Bergan encarou-o com firmeza.

— Não agimos dessa maneira, Hector. Não toque mais nesse assunto.

Hector curvou-se em um pedido de desculpas, mas sem pretendê-las.

Haviam perdido uma oportunidade, e tudo por conta da moral ultrapassada de Bergan. Não era a moral de Brenn que proibia o uso da prata; era a moral dos Werelords. Mas por que permitir que o inimigo usasse o metal letal e não se permitir usá-lo também?

“Ele tem medo da mudança, Hector. Mas é tarde demais. Diga ao velho tolo que a época dele acabou. Ele deveria pegar a flecha e enfiá-la no próprio peito, para ter um fim rápido. Melhor ainda: faça isso você! Está ficando melhor nesse tipo de coisa, não está?”

— Jamais! — gritou Hector, irritado, recebendo um olhar alarmado de Bergan. Ele deu as costas ao exército que avançava. Um cavaleiro inimigo destacou-se das fileiras. Eles ouviram agitação na escadaria.

— Saiam do caminho! — gritou Vega ao chegar à ameia da torre.

Estava desgrenhado, as roupas, usualmente elegantes, estavam rasgadas e manchadas. A capa grudara na pele, encharcado que ele estava da água da chuva e do mar. O capitão dos mares veio ter com os colegas Werelords, abraçando-os rapidamente. Hector ficou surpreso com a rara demonstração de afeto; Vega em geral era desinteressado, sempre preocupado consigo mesmo. O príncipe pirata abraçou Hector também, apertando-lhe os ombros e fitando-o profundamente. O olhar que trocaram lhe disse muito.

— Tudo bem com você, Hector?

O Boarlord assentiu. Era a primeira vez que ele via o capitão do Turbilhão desde que o Tubarão e seu imediato haviam levado embora o corpo de Vincent. Hector sentiu um calafrio percorrer-lhe a espinha, fazendo-o estremecer.

“Por que está tremendo? Foi sobre o meu túmulo que ele pisou!”

— E então, o que aconteceu? — perguntou Bergan ao agitado capitão dos mares. Hector viu que os dentes do Wereshark ainda estavam afiados, como se ele houvesse se transformado parcialmente e ainda não tivesse voltado à forma humana. Vega passou a mão pelos cabelos molhados, afastando as madeixas cacheadas do rosto.

— Uma armada, a maior que eu já vi. Veio da Costa Gélida, com naus de patrulha à frente. Nós as perseguimos e, quando vimos, estávamos em combate. Nossa frota não teve chance.

Balançou a cabeça, tentando conter a raiva. O cavaleiro estava mais próximo agora, um único emissário enviado aos portões de Highcliff.

— Pode enviar um aviso às Ilhas Cluster? — Manfred perguntou.
— É seu povo, com certeza nos ajudaria.

— Não há tempo para preparar uma frota, mesmo que eles me escutassem. Você esqueceu que as Ilhas Cluster ainda estão sob jurisdição de Leopold? O Kraken ainda está no trono por lá.

— De onde vem essa armada? — inquiriu Hector ao Sharklord.

“Isso mesmo, irmão. Direto ao assunto. É agora que as coisas ficam interessantes.”

O rosto de Vega empalideceu, a derrota substituída pelo medo.

— Bast.

Bergan e Manfred se olharam, o rosto espelhando a expressão de Vega.

— Os Catlords? — perguntou Hector.

“Veja só como estão assustados agora!”

Hector já lera sobre Bast. Era de onde vinha Leopold, um continente de selva que ficava logo após o Estreito da Lyssia. Werelords de todos os tipos governavam as florestas e montanhas tropicais de Bast, mas nenhum deles era mais temido ou lendário que os Catlords. Leopold era aquele que a Lyssia conhecia, mas seus primos eram vários. Se eles vinham em seu auxílio, então as notícias eram gravíssimas para todos os Sete Reinos.

— Era a bandeira negra de Onyx, Bergan.

— Quem é Onyx? — Hector indagou, esforçando-se para ser ouvido.

Manfred não lhe deu ouvidos e continuou a conversar com Vega: — Mas o Pantera certamente não veio, não é? Ele não deixaria Bast, deixaria?

— Nós desafiamos um membro do povo deles. O que você... — Vega perdeu a voz, olhando para trás de Manfred, Bergan e Hector, na direção do cavaleiro que se aproximava. — O que ele está fazendo?

Os Werelords se reuniram na guarita enquanto o cavaleiro se dirigia ao lado norte do muro, ficando no limite do alcance de uma flecha. Virou-se e saiu a galope ao longo da extensão da muralha, passando por Mucklegate em direção a Kingsgate. Um coro de suspiros e gritos ofegantes brotou, crescendo como uma onda à medida que ele passava.

— Está arrastando alguma coisa — disse Hector, o dedo em riste.

O cavaleiro levava uma corda amarrada às costas da sela, a qual trilhava o caminho do cavalo. A outra ponta estava amarrada no que pareciam ser as raízes de uma árvore, que giravam e ricocheteavam no chão duro conforme o cavalo de batalha trovejava.

— Mais bastians? — perguntou Vega, o cavaleiro ainda se aproximando, os gritos vindos do muro agora mais altos.

“Oh, não”, sussurrou o vil na orelha de Hector. O jovem Boarlord sentia as mãos fantasmas envolver-lhe o pescoço, fazer cócegas em seu queixo e passar as garras por seus lábios. “Você vai amar isso...”

— O que ele está arrastando? — resmungou Bergan, a voz demonstrando irritação e uma nota de temor.

Quando o cavaleiro enfim ficou visível aos quatro Werelords, Bergan instantaneamente estendeu a mão para segurar Manfred. O cavaleiro era distinto: mais de dois metros de altura e usava uma armadura feita de pele animal. Um manto de pele de lobo fazia ondas atrás dele. O homem segurava as rédeas em uma das mãos e, na outra, erguida acima da cabeça canina, levava uma cimitarra de contorno sinistro. Um Doglord de Omir.

Os gritos dos defensores vinham de todos os lados, agora que eles sabiam o que o Werelord omiri arrastava. Não eram raízes nem nada que houvesse saído de uma árvore. Não eram galhos do chão que o cavalo acumulara ao trotar. Eram chifres.

A corda estava amarrada à cabeça decapitada do conde Mikkel, Lord de Highwater.

Manfred transformou-se no mesmo instante, assim como Bergan, que teve de se esforçar para deter o Cervo. Vega auxiliou o Bearlord, segurando o outro braço do duque, frustrando a tentativa deste de se jogar parapeito abaixo. O grito do Werestag afogou o lamento dos que estavam próximos do muro, e o -Doglord abaixou a cimitarra, cortando a corda e deixando a cabeça girar até que parasse sozinha, para então partir com seu cavalo, retornando para junto de sua tropa.

Hector observava a cena emudecido e imóvel. Uma voz lhe lambeu os ouvidos: “Quem foi que disse que Gatos e Cachorros não podem brincar juntos?”.



Fuga

As portas se fecharam, silenciando os gemidos que vinham da tribuna do Alto Estábulo. O Lobo fora capturado. Quem diria? E traído pelo velho Carneiro. A passos rápidos, Sorin desceu a escada. Encolheu-se ao olhar para trás; os dois membros da Guarda Leonina postados à porta pareciam enjoados e perturbados. “Antes eles que eu”, pensou. “O último lugar em que quero estar é debaixo dos pés de Vankaskan quando ele tiver em mãos brinquedinhos novos com os quais se divertir.” As pessoas logo perceberam que o Ratlord era insano. Na verdade, ele estava longe de ser louco.

Vankaskan era motivado, totalmente dedicado à arte de magíster, em particular à magia negra. Agora, estava livre para se entregar à sua paixão e desfrutava disso.

Sorin subiu o fecho do manto sujo, ajeitando o uniforme ao deixar a cidadela. A farda já vira dias melhores, e Sorin achava vergonhoso um sargento da Guarda Leonina ser forçado a usar um manto em tal estado.

Pela manhã, a primeira coisa que faria seria um pedido de novos uniformes para seus homens. Vankaskan permitira que o capitão Colbard recrutasse novos combatentes, e eles reuniram um bom número de ex-mercenários mais que dispostos a tomar a coroa do rei. Agora, tinham trinta homens à disposição na cidadela e outros vinte posicionados junto aos Sentinelas da Cidade, nos portões de

entrada do Cabo Gala. Além desses, havia os guerreiros bastians. O Alto Estábulo começava a se assemelhar a uma base de operações dos inimigos do Lobo. Sorin riu consigo mesmo. “O Lobo...

Que reinado breve teve esse garoto depois de tanta confusão!”

Ao deixar a torre, notou que a caravana romari ainda estava lá.

Estranho... Já deveria ter ido embora, o templo tendo adormecido havia mais de duas horas. Seus homens continuavam reunidos no pátio, então Sorin dirigiu-se para o local. Não havia sinal dos romaris; ao se aproximar dos soldados, percebeu que muitos deles dormiam, jogados uns sobre os outros. Alguns arrastavam-se pelo chão, inebriados.

— O que está havendo aqui? — berrou ele, provocando certa movimentação. Correu para trás das carroças: ninguém, nem mesmo as dançarinas. Um Manto-Rubro jazia no chão, um buraco letal causado por um golpe de florete no centro do peito. Sorin voltou correndo até os demais soldados, os olhos arregalados de pânico.

— Levantem-se, todos vocês! — gritou, abrindo caminho a pontapés até a figura sonolenta de Colbard, o nortista de nariz quebrado. Deu um tapa no capitão, e o guerreiro grisalho fez grande esforço para abrir os olhos.

Dentro da cidadela, já se ouvia o som do aço.

— Estamos sendo atacados!

A batalha começara no térreo. Um dos Mantos-Rubros estava na latrina; ao abrir a porta, deparou-se com um romari gigante cortando a garganta do Sentinela que guardava a porta dos fundos da torre. O romari agiu rápido, arremessando o punhal ao longo do corredor e acertando em cheio o estômago do Manto-Rubro, que conseguiu soltar um grito.

O gigante Rolff deitou o Manto-Rubro morto no chão. Whitley sentiu uma mão em seu ombro empurrá-la. Era Quist, que chegara pela porta logo atrás dela. Whitley carregava um punhal — não era a arma de sua preferência. Os patrulheiros dos Sentinelas da Floresta eram treinados para combater com arcos e cajados, mas nenhum dos dois era apropriado para espaços limitados como aquele.

— A escada, Whitley — disse a mulher. — Terceiro andar: é onde o Horselord disse que ficam as celas.

— É lá que eles estão — concordou Whitley, desviando-se do Sentinela caído e encaminhando-se para a escada. Rolff a seguia, acompanhado de dois romaris e de Stirga, o velho engolidor de espadas, seu florete manchado de vermelho após o encontro com o guarda atrás das carroças. O restante do grupo, liderado por Tristam e pelo comedor de fogo, Yuzhnik, permaneceu no corredor do térreo para proteger entradas e saídas da torre de granito. Quatro membros da Guarda Equina de Lord Conrad deveriam se encontrar com Tristam na escadaria da frente. Whitley rezava para que eles cumprissem sua parte do acordo.

À direita, Whitley avistou o patamar do primeiro andar. Um dos oponentes viu o grupo da outra ponta do corredor; ele já vinha na direção deles, pois ouvira os gritos vindos do andar de baixo. Atrás dele, dois Mantos-Rubros, espadas em punho. Quist deteve-se na escada, empurrando Whitley na direção de Rolff.

— Vá com os romaris! Encontre-os!

Com isso, Quist partiu. Whitley esforçava-se para acompanhar Rolff, o coração batendo em ritmo alucinado.

No segundo andar, Rolff embrenhou-se corredor adentro, o qual se ramificava, a lâmina em riste. Seu cinto estava forrado delas, três ainda enfiadas no couro. Assim que Whitley chegou ao patamar, viu Rolff erguendo-se do chão, o corpo de um bastian morto a seus pés. O gigante romari voltou a liderar o caminho, aumentando o ritmo à medida que se aproximavam do terceiro andar.

Chegaram ao terceiro andar no meio da batalha. Havia cerca de trinta guerreiros bastians bem armados, portando escudos, lanças curtas e espadas.

Cinco Mantos-Rubros lutavam: eles haviam cercado uma dúzia de membros da Guarda Equina na outra extremidade da grande sala da guarda. Os homens das Longridings esforçavam-se para manter a posição na boca da escadaria principal. Espadas e lanças colidiram, e os soldados da Guarda Equina foram empurrados para trás. Esse andar era evidentemente o centro militar da cidadela,

com beliches encostados em todas as paredes, antessalas para capitães e uma porta gradeada que dava para um bloco de celas. Dois Mantos-Rubros guardavam a porta de ferro, prontos para entrar em batalha se necessário. Um deles deu um grito de alarme quando Whitley e os companheiros surgiram na escadaria.

Rolff tinha uma lâmina em cada mão. Oito bastians se separaram do grupo principal, lançando-se contra os invasores. Os romaris chutaram uma grande mesa na direção deles, fazendo com que desfizessem a formação.

Rolff saiu pela esquerda, apunhalando dois oponentes, enquanto os outros romaris e Stirga se colocaram entre Whitley e os inimigos, punhais e florete à mostra. Um dos guerreiros que ousaram escalar a mesa ganhou a espada do músico no pescoço. Whitley ficou imóvel, sem saber direito o que fazer.

Um romari caiu ao chão com um bastian sobre ele, a espada descrevendo movimentos selvagens. Outros bastians continuavam sua investida. Stirga saltou para ajudar os companheiros, e, de repente, Whitley se viu sozinha.

O instinto lhe dizia para sair dali, e um momento depois uma espada bastian cortou o ar onde antes se encontrava sua cabeça. Ela ergueu sua lâmina, mas o oponente, num ataque seguido, acertou seu punhal, fazendo-o voar. Whitley contornou a mesa, agachando-se atrás das cadeiras; o guerreiro vinha em sua direção, separando-a dos romaris. O inimigo em camisa de cota de malha a conduzia aos Mantos-Rubros que estavam na porta. Eles observavam, esperando o bastian partir para o ataque mortal.

Os olhos de Whitley procuraram uma arma. Havia duas espadas penduradas em suportes, ambas fora de seu alcance. Bateu contra uma pilha de escudos, que caíram ao seu redor, o guerreiro afastando-os com o pé.

Whitley recuava, chutando bancos e cadeiras, mas o oponente fechava o cerco. Ela chegou ao canto da sala onde ficavam guardadas as lanças. O bastian subiu numa cadeira, saltando no ar com a espada erguida, preparado para dar o golpe letal. Foi nesse exato momento que as costas da patrulheira colidiram com a parede de lanças, fazendo-as tombar para a frente.

A espada do guerreiro jamais atingiu o alvo, pois um conjunto de lanças perfurou o homem em vários pontos do corpo, deixando-o suspenso acima de Whitley num ângulo estranho. Além, ela viu os dois guardas que protegiam a porta de ferro se aproximando, os companheiros destes todos em luta com os romaris e com a Guarda Equina.

— Rolff! — gritou, mas o lamento alcançou orelhas surdas. O gigante romari tinha os próprios problemas, assolado e cercado pela multidão. Os Mantos-Rubros ficaram mais alertas após verem o bastian estripado.

Whitley não conseguia sair debaixo do guerreiro morto.

— Por favor! — gritou, a voz atingido um tom extremamente agudo.

Os dedos tatearam o chão à procura da arma do bastian. Era uma espada curta com uma copa de aço em volta da empunhadura, perfeita para a luta corpo a corpo. Ela achou o cabo e fechou os dedos.

O primeiro Manto-Rubro estava prestes a afastar o guerreiro morto para o lado. Mas Whitley foi mais rápida. No instante em que viu o guarda empurrar o corpo, ela levantou o braço e atingiu a perna dele com a espada.

Ouviu um ssssnikt quando a lâmina cortou o tendão, fazendo-o cair no chão em agonia.

O segundo soldado foi menos tolo, deslocando o bastian morto com um chute e tomando-lhe a espada. O instinto tomou conta de Whitley, o Urso interior vindo em seu auxílio. Pegou impulso com as pernas para desferir um chute no corpo do homem atravessado pelas lanças. Com força sobrenatural, lançou os pés contra o cadáver, rugindo ao chutá-lo, fazendo o corpo e as lanças voar na direção do Manto-Rubro. Quando este conseguiu ficar em pé novamente, estava diante de uma Whitley armada, uma lança com a ponta quebrada nas mãos.

O Manto-Rubro riu ao considerar as probabilidades: sua espada contra uma maltrapilha que empunhava uma lança quebrada. Não lhe ocorreu nem por um instante que estava diante de uma patrulheira treinada pelos Sentinelas da Floresta. Whitley sorriu em

resposta, balançando o cajado improvisado. O homem ergueu a espada e abaixou-a com velocidade. Se esperava que a garota fizesse algum movimento de defesa, ele se enganou.

Em vez disso, Whitley pulou contra o soldado, rápida como um raio, -atingindo-o forte com o cajado. Toda a violência do golpe concentrou-se na cabeça dele, transformando-lhe as feições. Quando ele soltou a espada e levou as mãos ao rosto ferido, Whitley, treinada, girou o cajado em torno de sua cabeça, desenhando um arco com a estaca e acertando o homem na têmpora. Ele foi ao chão no mesmo instante.

Antes que ela pudesse recobrar o fôlego, Stirga estava a seu lado; o velho romari revirou os bolsos dos guardas em busca das chaves, mas não encontrou nenhuma. Estendeu a mão para Whitley.

— Vamos, rápido! Temos de libertar seus amigos!

A batalha prosseguia no outro extremo da câmara. Nenhum dos combatentes notara os dois: o combate intenso os distraiu o suficiente para que Whitley e Stirga dessem continuidade à sua missão. Dois romaris jaziam no chão, a batalha árdua demais para eles. Whitley viu Rolff, que se erguia no fundo da sala dentre uma pilha de corpos. Seu peito e seus braços empapados de sangue apresentavam vários ferimentos de espada, mas ele ainda estava de pé. Caminhou a passos pesados na direção deles.

Whitley tentou empurrar a porta.

— Trancada. Será que você consegue arrancar as dobradiças, Rolff?

Rolff olhou para a porta, o semblante denotando descrença. Estavam soldadas: não havia mortal capaz de arrancá-las.

— Deixe comigo — disse Stirga, metendo-se entre os dois para examinar o mecanismo. Enfiou as mãos numa algibeira presa à perna, retirando de lá ferramentas e lâminas leves. Aproximou-as da fechadura e começou seu trabalho. Whitley observava incrédula.

Rolff deu um tapa no ombro de Whitley, apontando para a luta que acontecia no patamar. A Guarda Equina fora -dizimada, restando apenas quatro soldados em pé, todos já bastante ensanguentados. Ainda havia em torno de vinte bastians; metade

investia contra a Guarda Equina, enquanto a outra metade se voltava para Whitley e os dois romaris. Rolff avançou, a fim de ganhar tempo para seus companheiros.

Antes que pudesse entrar na batalha, no entanto, um ruído trovejante veio da escadaria principal, um crescendo de tropel e estrondos. A Guarda Equina recuou, as armas erguidas para encarar o inimigo com a autoconfiança renovada. Os bastians recuaram ao ver quem subia a escadaria.

Quatro Werestallions, transformados em toda a sua glória, saltaram os últimos degraus. Eram liderados por um Horselord de crina loira, resfolegante de fúria e espumante de raiva. Ele desferiu um golpe tão forte com sua grande espada que arrancou a cabeça de dois bastians. Um chute destroçou a caixa torácica de outro guerreiro. Soltando um grito de guerra, jogou-se contra os bastians, os irmãos garanhões unindo-se a ele.

— Isso vai lhe dar algum tempo, Stirga — sussurrou Whitley.

O velho romari terminou seu serviço, e a porta se abriu. Descortinava-se à frente um corredor ao longo do qual havia dez celas, todas com portas de madeira trancadas. Apressadamente, os três avançaram, abrindo trancas e portas. Em cada cela, encontravam inimigos de Vankaskan. Horselords abatidos, seus filhos e suas esposas dividindo celas com os membros da Guarda Equina que haviam sobrevivido à ira do Ratlord.

Rolff seguiu rumo à última cela do corredor. Conseguiu abri-la com um chute e entrou. Whitley vinha logo atrás do gigante mudo. Seus olhos se iluminaram ao ver Gretchen; ela atravessou correndo o aposento na direção da amiga, que estava acorrentada à parede.

— Oh, Gretchen, pobrezinha! — Olhou para Rolff e Stirga. — Tirem essas correntes dela, por favor!

Com agilidade, Stirga sacou o punhal e forçou o elo das algemas até que elas se soltassem. Outra figura, um homem, pendia na parede oposta.

Whitley abraçou Gretchen, que se deixou cair em seus braços. Rolff foi em direção ao outro prisioneiro, e Lord Conrad surgiu à porta, agora parcialmente refeito da transformação, a aparência

mais humana, embora o rosto ainda fosse equino. Fez uma mesura para Whitley.

Rolff pegou o prisioneiro pelos cabelos, erguendo sua cabeça com cautela, o punhal ainda em mãos.

Não era o Lobo. Era o capitão Harker, amigo de Drew. O homem balbuciou algo, estreitando os olhos inchados e quase sem vida. Rolff virou-se para os demais, como se aguardasse uma explicação.

— Se estão procurando o Lobo, ele não está aqui — bufou Conrad. — Vankaskan aprisionou-o na tribuna. Ele fez isso com outros também. Sabe lá Brenn se teremos tempo de salvá-los! Ele é demoníaco, milady. Você não pode imaginar!

Whitley ainda amparava Gretchen; Stirga se dirigiu imediatamente a Harker para libertá-lo de suas algemas.

— Você é que pensa — respondeu Whitley, atraindo a amiga para mais perto de si, enquanto Gretchen lutava para manter os olhos abertos. — Leve-nos até Drew.



Cidade em chamas

— Cuidado!

Diante do grito de aviso do Bearlord, os soldados do muro se atiraram ao chão para se proteger. Dois membros dos Sentinelas da Cidade se esconderam atrás de um parapeito de pedra, uma escolha de abrigo infeliz.

Uma pedra lançada pela catapulta omiriana atingiu os parapeitos, destruindo as defesas e fazendo rocha e soldados se espatifar na Cidade Alta. O caminho se reduziu a escombros: soldados se esforçavam para manter o equilíbrio enquanto o antigo muro se desfazia sob seus pés. Um camarada infeliz tropeçou e caiu no meio de uma multidão de omirianos selvagens, as cimitarras atacando-o a toda a velocidade.

O duque Bergan corria de um lado a outro do muro, rugindo e manejando seu machado de batalha, lançando inimigos dos parapeitos a cada golpe. Os homens do Doglord encontravam cada vez mais pontos de apoio ao longo do muro com o sucesso da investida das catapultas. Bergan examinou a amurada, consternado ao ver que lutas irrompiam nos trechos que os omirianos haviam conseguido escalar. Com escadas e arpéus voando por todos os lados, ele sentiu como se seu exército estivesse tentando apagar um incêndio na floresta com um balde furado.

A Cidade Alta estava literalmente em chamas, os civis tentando apagar o fogo nas ruas. Dessa vez, Bergan agradecia pela presença

da chuva, único elemento a seu favor naquela noite terrível. Seus olhos encontraram a masmorra. O capitão Fry não estava preparado para a ferocidade do ataque da Guarda Leonina; setas, flechas e bolas de piche eram lançadas em suas formações. Era a última cartada do Leão; ele apostara tudo naquilo.

— Manfred, fique aí!

Percebeu que o Staglord havia se separado de sua guarda pessoal, quatro soldados trajados com aço reluzente, o desenho em relevo de um par de chifres no peitoral, os últimos homens das Barebones em Highcliff. Uma pedra catapultada e bem direcionada separara-os de seu soberano. Uma tropa de omirianos em armaduras leves escalara os escombros, posicionando-se entre o Staglord e seus protetores. Os quatro cavaleiros atacaram, as espadas voando contra o inimigo, despedaçando membros a cada golpe, mas não conseguiam chegar a Manfred.

Ele desafiava quatro outros guerreiros no parapeito que restava de Kingsgate. Logo abaixo, soldados aliados esforçavam-se para conter a onda de omirianos que se afunilava nos portões semidestruídos. Bergan percebeu que não havia como dar conta da escaramuça no muro e então saltou para a Cidade Alta. Três soldados de Brackenholme seguiram-no; não eram guarda-costas oficiais como os de Manfred, mas homens que abririam mão da própria vida em defesa de Bergan.

O Werebear posicionou-se na retaguarda de seus homens, que eram forçados para trás, o inimigo fazendo pressão para adentrar o Kingsgate em ruínas. Os olhos de Bergan recaíram em uma carroça de feno que se desviara da estrada. Jogou seu machado para um dos homens, o pobre soldado quase caindo com o peso da arma. O Bearlord pegou a carroça, ergueu-a na altura do peito, depois mais um pouco, levantando-a sobre a cabeça. Rugiu estrondosamente antes de lançá-la contra as fileiras de inimigos.

Eles despencaram como pinos, nocauteados, esmagados, dilacerados pelo veículo. Bergan tomou o machado de volta e, saltando sobre seus homens, caiu sobre os estilhaços da carroça. Machado, garras e dentes se lançaram, fazendo em pedaços os omirianos mais próximos, transformando-os em uma névoa

vermelha. Os homens de Bergan avançaram, reconquistando espaço e improvisando uma barricada com a carroça destruída. Outros obstáculos foram trazidos: portões quebrados, barris, caixas, até mesmo portas de casa.

— Venham! — Bergan rugia, e os soldados recobravam a esperança. O moral dos oponentes oscilava, e os homens de Highcliff aproveitaram a vantagem, derrubando um inimigo após outro. Bergan olhava agora para além do campo de batalha, mirando a guarita em escombros. Viu dois chifres rasgar um dos oponentes, Manfred estava lutando. O corpo do homem foi arremessado como uma boneca de pano, mas logo outro o substituiu na peleja.

Bergan saltou a barricada, pisoteando diversos omirianos ao correr para o portão da guarita. Ignorou cimitarras e flechas, ávido por chegar ao amigo ferido. A escada quase não suportava o porte do musculoso Werebear, o machado soltando faíscas ao colidir contra os tijolos. Ele chegou ao topo e descobriu Manfred quase indefeso.

Sua armadura estava em frangalhos; os ataques de cimitarra deixaram as tiras em pedaços. O corpo estava coberto de ferimentos, novos e antigos.

Um dos chifres estava quebrado, decepado no chão, e o braço esquerdo pendia para o lado. As armas podiam não ser de prata, mas eram muitas. Os omirianos detiveram a carnificina por um instante para observar o Urso, enquanto o Cervo cambaleava.

Bergan deu um salto, arrastando seu irmão Werelord para trás e encarando os oponentes. Segurava o enorme machado pela longa empunhadura esculpida, apontando a lâmina de dois gumes aos omirianos reunidos. Como se fossem um, todos recuaram, recusando-se a enfrentá-lo.

— Venham lutar!

Os homens relancearam a beirada do muro, abrindo espaço no topo da guarita. Algo se aproximava. Algo grande. Bergan trocou o machado de mão, preparando-se para a luta que estava por vir. Uma forma imensa surgiu no parapeito destruído. Numa das mãos bronzeadas e gigantes, portava uma pesada cimitarra. No outro

braço trazia uma chapa de metal de um metro e meio de altura, martelada até se tornar um escudo bruto. A extremidade de baixo parecia afiada e tinha manchas vermelhas. A cabeça rosnante do Cachorro tinha uma boca repleta de dentes infernais, caninos à mostra, a fera pronta para a batalha.

— Bergan de Brackenholme! — esbravejou o Doglord. — Urso velho e gordo, você não devia ter saído de sua casinha na árvore.

— Quem é você? — perguntou Bergan, ignorando a provocação. Os dois andavam em círculos, estudando-se, as armas erguidas.

— Devo lhe dizer meu nome ao final? Antes de matá-lo?

— Pare de drama, Cachorro! Fale agora ou cale-se e lute! — disse o ofegante Manfred, agachado nos destroços da escadaria. O Cachorro o fitou com ódio antes de voltar o mesmo olhar intenso para Bergan.

— Eu sou Canis, filho de Canan, príncipe de Omir.

— Nunca ouvi falar — provocou Bergan, virando-se para Manfred. — E você?

Manfred fez que não.

— Meu pai é o legítimo rei de Omir, escória pastoril!

— Ah, temos reis legítimos de sobra ultimamente, Canis. Você deveria manter-se informado!

— Cale-se, Urso! Sua árvore será minha primeira parada, assim que esta batalha terminar. Vamos ver se seu povo gosta do aço omiriano!

Aquilo foi demais para Bergan. As palavras do Werehound mal haviam deixado seus lábios quando o Bearlord arremessou seu machado à frente, rasgando o tronco do Doglord. Canis caiu; Bergan avançou, as garras dilacerando o Cachorro do peito ao queixo. O Werelord omiriano cambaleou para trás, erguendo o escudo para bloquear outros ataques.

Bergan se deteve por um momento para ver o tamanho do estrago que fizera, suspeitando que havia aberto as estranhas da fera. A lua cheia que surgia atrás do escudo de metal iluminou a cabeça sorridente do Cachorro, o queixo destroçado. Bergan estalou os lábios, bufando de ansiedade e preparando-se para a carnificina.

Ele era um dos Werelords mais poderosos que já pisara os campos de batalha da Lyssia, mas era velho. Canis era mais rápido, a cimitarra voando uma, duas, três vezes até acertar e rasgar o peito do Bearlord. Este cambaleou, quase colidindo com Manfred antes de atingir o Doglord no queixo com a parte chata do machado. O Urso abriu a boca e mordeu violentamente o pescoço do Cachorro, o gosto de sangue tomando seu paladar. Canis largou a cimitarra e revidou, enfiando as mãos no rosto do Bearlord, apertando as garras contra os olhos dele. Bergan agarrou as mãos do oponente com firmeza, gritando ao conseguir se desvencilhar delas, momentaneamente cego pelo ataque do Werehound.

O Werebear arrastou-se sem direção pelas ameias, e os omirianos aproveitaram para atacá-lo. Canis pegou a cimitarra de novo, latindo alto para todos verem e ouvirem. Houve uma pausa na batalha que transcorria abaixo, e os combatentes recuaram para ver o golpe derradeiro. Bergan praguejou; não via nada, tampouco adivinhava o ataque final. Canis ergueu a cimitarra acima da cabeça.

— Por você, pai! Por Canan e pela glória de Omir!

De repente, Canis arquejou; uma dor no peito impedindo-o de respirar.

O sangue borbulhava de seus lábios. Quatro lâminas negras e afiadas projetavam-se de seu torso, o chifre decepado atravessando-o. O duque Manfred estava atrás dele. Relâmpagos reluziram no céu, seguidos de trovões.

— Você fala demais — falou o Lord de Stormdale ao empurrar o corpo da ameia.

Bergan recobrava a visão; o ímpeto dos omirianos próximos se perdera.

O Bearlord rugiu, saltando na direção dos oponentes. Mas os homens preferiram se jogar do muro a enfrentar o Werebear.

Bergan estreitou os olhos para observar o ferido Manfred.

— Obrigado, velho amigo.

— Agradeça-me depois — respondeu o Cervo, ofegante e evidentemente machucado. Ergueu a espada. — Vamos, temos de defender os muros. Não podemos deixar esses monstros passar.

Os dois Werelords se posicionaram em uma das extremidades do muro em ruínas, preparando as armas para enfrentar uma nova investida dos omirianos.

Conde Vega abria caminho entre os soldados, os companheiros logo atrás. À frente estava o Kingsgate, local em que a luta mais feroz acontecia.

A guarita fora bombardeada pelas catapultas omirianas, a torre sul era agora um amontoado de destroços, mas a torre norte ainda estava de pé. Ele avistou o Urso e o Cervo no telhado, os dois cercados por guerreiros selvagens armados com lanças e cimitarras. Agarrou o oficial mais próximo; o soldado empalideceu ao ver o rosto semitransformado do Sharklord, os olhos negros e mortais e os dentes afiados a centímetros de seu rosto.

— Pelo Oceano de Sosha, o que aqueles dois estão fazendo lá?

— Protegendo o muro, senhor!

— Olhe ao redor, homem, o muro está destruído! A batalha está perdida! Por que ninguém os informou?

— Já os informei repetidas vezes! — berrou o soldado. — Milorde, devo retornar ao front, perdão! — E, com isso, o soldado juntou-se novamente a seus homens na batalha sangrenta.

— Urso teimoso — resmungou Vega, voltando-se para os homens que o seguiam. — Vamos!

Vega correu na frente, o florete encontrando diversos alvos no caminho. A capa se fora, perdida em batalha, e a camisa branca estava rasgada. Ao chegar à escadaria que ficava após a barricada, subiu quatro degraus por vez, escalando com rapidez os muros devastados.

Lá estavam Bergan e Manfred, as armas em movimento frenético, rasgando omirianos com os dentes, as garras e as lâminas. Quase não davam mais conta do ataque. Vega espetou dois guerreiros com um único golpe, varrendo-os da espada como se fossem insetos mortos. Com uma mordida, arrancou o braço e a perna de outro, arremessando o que sobrou de seu corpo contra outros combatentes. A luta se revertera dramaticamente.

Em instantes, a torre estava livre dos omirianos, os dois membros mais velhos do Conselho Lupino tentando recuperar o

fôlego. Bergan conseguiu fazer um gesto de agradecimento a Vega, o rosto manchado de sangue.

— Está aqui para lutar do nosso lado?

— Não, vim para tirá-los daqui!

— Nunca! — berrou Manfred, arrastando-se enquanto uma flecha atingia seu flanco e se somava a outras cinco.

Vega pôs a mão sobre o ombro de Manfred, encarando-o. A batalha ganhava mais intensidade ao redor e abaixo deles.

— Manfred, acabou. Irmãos, não conseguem ver? A cidade foi tomada.

O Cervo e o Urso piscaram, olhando ao redor. Os muros estavam aniquilados em toda a sua extensão, focos de combate irrompendo dentro da própria cidade. O fogo às suas costas estava fora de controle, as forças de Omir entrando pelos portões destruídos. Havia sido sobrepujados.

— Mas, Mikkel... — começou o Staglord, sendo detido pelo Tubarão.

— Será vingado outro dia. Venha, precisamos nos mexer.

Bergan notou os três homens na entrada da escadaria. Dois eram membros da Guarda Lupina, mas o terceiro era um prisioneiro, mãos e pescoço presos por algemas e correntes. O desenho de uma serpente-do-mar ocupava todo o lado direito de seu rosto.

— Carver — murmurou Bergan.

— Tive de trazê-lo. Ele pode tirar as pessoas daqui. — O Sharklord apontou para a baía. — A frota se aproxima; estará aqui em menos de uma hora.

Bergan aproximou-se do Lord da Guilda dos Ladrões, que ergueu o queixo em um gesto desafiador.

— Tenho sua palavra de que servirá ao povo de Highcliff?

— Tem minha palavra de que lhe servirei até alcançarmos a outra extremidade desses túneis, Lord Protetor. Depois, é cada um por si. — Ergueu as algemas, esticando as correntes ao máximo.

— Não tenho as chaves — falou Vega de repente, dando-se conta do equívoco. Antes que alguém pudesse dizer alguma coisa, as correntes foram destroçadas, pedacinhos de metal retorcido

espalhando-se pela torre; o machado de Bergan soltou faíscas ao arranhar o telhado de pedra.

— Tem nosso perdão, Carver. Mas não me faça me arrepender. Carver sorriu, tomando a cimitarra de um omiriano morto.

— Venham, temos de agir rápido. Há três entradas para as catacumbas: sob o Templo de Brenn, na Cidade Alta, no antigo mercado de peixe, na Cidade Baixa, e no Jardim dos Mortos, ao fim da Lofty Lane.

— O cemitério? — perguntou Manfred. Carver fez que sim com a cabeça, em posição de ataque.

— Preciso avisar a todos. Não sei quanto de meu povo restou na cidade, mas, se formos rápidos, poderemos coordenar uma evacuação.

Milorde, talvez eu precise pegar alguns de seus homens emprestado.

— Não temos ninguém sobrando — disse Bergan. — Não notou que eles estão ocupados?

Carver sorriu ao chegar à base da guarita, entrando na escaramuça mais uma vez. Os omirianos se afastaram ao ver os Werelords transformados, mas apenas por um breve momento; Vega constatou pela profusão de cabeças que eram milhares de inimigos, os feridos sendo substituídos por novos guerreiros. Olhou para os soldados de Highcliff, um exército alquebrado de homens trôpegos. Onde estavam os reforços?

Enquanto os membros do Conselho Lupino se retiravam, Vega viu de relance um veículo vindo em alta velocidade na direção deles. Era uma antiga carruagem de madeira, cujo vermelho já havia visto dias melhores.

Dois homens estavam na condução, um baixo, outro alto, estalando o chicote para impelir os cavalos. A carruagem parou bruscamente, e Hector, barão de Redmire, abriu a porta.

— Entrem! Rápido, milordess! — disse o magíster. — Leopold baixou a ponte levadiça. Temo que ele e a Guarda Leonina desejem se juntar à batalha.

— Estarei à espera dele então — rosnou Bergan, o corpo voltando às proporções humanas ao embarcar no carro. Manfred

instruiu os cavaleiros presentes a voltar à Mansão dos Senhores.

— Cuidem da rainha Amelie, preparem-na para partir imediatamente!

— Você vai entrar? — Hector perguntou a Vega.

O Sharklord fez um gesto com a cabeça, negando.

— Não, acho que Carver precisa de ajuda, mas obrigado assim mesmo.

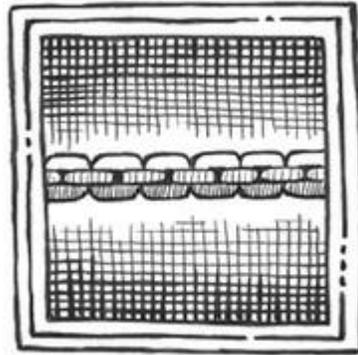
Hector concordou e desapareceu na carruagem, batendo no teto para sinalizar aos condutores que seguissem em frente. Vega e o Lord ladrão recuaram enquanto o veículo era manobrado na estrada, a batalha de Kingsgate a pleno vapor às suas costas. O Sharklord ficou estupefato ao perceber que os dois homens que conduziam a carruagem eram os antigos capangas de Vincent: Ringlin e Ibal.

— Qual é o problema? — perguntou Carver.

— Estou surpreso com as novas amizades dos Werelords.

— Olha quem fala. Vamos, temos negócios a tratar, e rápido.

Vega observou o veículo partir velozmente em direção ao Ninho de Corvos, os condutores olhando para trás após passarem por ele. O mais alto fez uma saudação para o capitão do Turbilhão, e o mais roliço soltou risadinhas irônicas. A carruagem se foi.



A ninhada do Ratlord

O odor familiar do óleo de Spyr queimando despertou Drew de seu sono. O rosto estava coberto de sangue: do próprio sangue. Levou a mão à boca, procurando alguma ferida, mas não encontrou nada. Os dedos passaram pelo queixo, pela orelha e enfim encontraram a massa de cabelo emaranhado na nuca. A pele já havia se recuperado, mas a dor de cabeça persistia. A última coisa de que se lembrava era estar conversando com o barão Ewan e depois... mais nada. Estremeceu ao erguer-se do chão.

Outro odor, sobrepujado pelo aroma do óleo de Spyr, era o doce cheiro da podridão. Sentiu o toque gelado do aço na mão esquerda, uma algema que o mantinha preso à parede. As correntes eram generosas, permitindo que se deitasse no chão, mas ainda assim ele era um prisioneiro. Apertou o punho fechado, o anel de Wergar comprimindo as juntas; os olhos e os ouvidos aos poucos se adaptaram ao ambiente. Estava na tribuna do Alto Estábulo.

Podia ouvir os sons de batalha, o ressoar do aço e o estrépito de espadas ecoando por todos os lados. A parede na qual estava preso ficava no topo de um lance de degraus que circundava a câmara, fumaça e escuridão ocultando o lado oposto. Tentou permanecer consciente. Na tribuna havia uma sacada de onde se podia ver toda a cidade. Olhou para trás e viu uma parede de cortinas sujas de sangue, repleta de moscas e larvas. Havia sangue no chão, espalhando-se pelos degraus de granito. "Quantos morreram aqui?"

Os gemidos de repente atraíram sua atenção. Era um murmúrio baixo, que aos poucos ficou mais insistente.

— Quem está aí? — indagou Drew, tentando olhar para além dos degraus envoltos em escuridão. Mais gemidos lhe responderam em coro.

“Mais de um?” — Quem é? — insistiu e puxou a corrente, testando sua resistência. Só havia duas maneiras de se livrar da algema: com a chave, ou cortando a mão.

— Você está acordado.

Drew reconheceu imediatamente a voz áspera, sua mente retornando a uma viagem através da Dyrewood na caravana de torturas do Ratlord.

— Vankaskan. Lucas o soltou da coleira?

O Wererat não respondeu, o que deixou Drew ainda mais nervoso.

Testou de novo as correntes.

— Se ia me matar, era melhor tê-lo feito enquanto eu dormia!

— Não seria divertido. Eu estaria negando à prole de Wergar a morte que ela merece.

— Você tem algum motivo para me manter vivo. São ordens de Lucas, não é mesmo?

A voz de Drew carecia de convicção. Uma nova onda de gemidos veio do escuro. Agora, ele percebia formas negras que se moviam em meio à fumaça de Splyr. Tossiu e gaguejou, os odores de podridão dominando-o.

— Você se acha mais importante do que é, garoto. Quanto a estar seguindo ordens, eu nunca lidei muito bem com elas. Você já devia saber que é meu, Lobo. Meu, para eu fazer o que quiser.

Drew quase pôde ver o sorriso na cara de Vankaskan, mesmo no escuro.

— Então revele-se! — vociferou Drew, tentando manter o controle. Se o Lobo surgisse, ele perderia a mão que estava algemada, algo que nem queria imaginar.

— Tudo no devido tempo. Como está Hector?

— Seguro, distante de você e de seus ensinamentos brutais, com certeza.

— A semente foi plantada, Lobo. Não há como deter o que é natural.

Os pés de Drew escorregaram no chão ensanguentado. A corrente fazia um barulho estridente toda vez que ele tentava ficar de pé. Novamente, viu vultos abaixo. “Estão se aproximando?”

— Quem está aí com você?

— Aqui embaixo? Ah, alguns amigos seus, Drew. Quer vê-los?

Drew estava ofegante, o cheiro de morte tornando-se mais forte. Uma mosca-varejeira robusta lhe pousou nos lábios, ameaçando desaparecer dentro de sua boca. Ele a cuspiu para longe. Ouviu o Rato sussurrar algo. O ritmo da voz era rápido, e ele entoava palavras ancestrais de magia.

— O que está acontecendo? — perguntou Drew, puxando a corrente mais uma vez, já bastante inquieto. Ouvia ruídos de luta vindos do lado de fora; o que ele não daria para ter a Wolfshead em mãos! Sua atenção repentinamente voltou-se para a fumaça à sua frente.

Uma figura rastejava pelos degraus em sua direção, bem lentamente.

Ela vinha direto das trevas para encontrá-lo. Dois olhos com brilho vagamente azul fixos nele. Drew rezou para que não fosse algum conhecido.

O ferimento de Whitley provocado pelo guarda ressuscitado vinha-lhe à mente, o odor de morte muito familiar. Soubera desde sempre que aquela alma amaldiçoada tinha a mão de Vankaskan. “E agora ele fez o mesmo no Alto Estábulo?”

— Chame-o de volta, Vankaskan!

Ouviu as risadas do Wererat.

— Vá, criança. Vá ver seu amigo. Pode abraçá-lo...

A figura estava a dois metros e meio de Drew quando este a reconheceu. “Fazia tão poucos dias que haviam se visto!” A pele dela estava amarelada, o queixo escurecido pelo asqueroso pelo líquido negro que transbordava da garganta. Ainda tinha a compleição de um Werelord, mas era agora um espectro do homem que fora em vida, um brinquedo para o Rato, uma abominação.

O corpo de Broghan ergueu uma das mãos, esforçando-se para alcançar Drew. Quanto mais se aproximava, mais ficava visível para Drew a ferida aberta em seu peito.

— Oh, Brenn! — suspirou Drew, encostando-se à parede. O Bearlord morto estava a poucos passos dele. Drew chutava as mãos que tentavam agarrá-lo.

— Broghan, por favor, não!

— Vai ter de falar mais alto! — riu Vankaskan. — Os ouvidos dele já não são os mesmos!

O Bearlord ressuscitado abriu a boca, os olhos azuis se arregalando e os dentes rangendo de expectativa. Drew encolheu a perna.

— Perdoe-me, Broghan — sussurrou antes de chutá-lo. A cabeça do Bearlord morto fez um estalo, e o corpo deslizou pelos degraus, fazendo um barulho horripilante em seu trajeto. Drew começou a chorar, os ombros tremendo ao se dar conta do absurdo da situação. O tempo todo Vankaskan dava gargalhadas, entrecortadas por pausas arfantes nas quais recobrava o fôlego.

— Você é doente! — gritou Drew. — Isso é um absurdo!

— Isso é o progresso! — berrou o necromante. — A morte não será mais o fim. Os mortos andarão sobre a Terra, é o que diz a profecia. E todos teremos nossos papéis. Eu, no comando; e você, Werewolf, junto a eles.

Consegue imaginar? Um exército de mortos, os Werelords ressuscitados liderando-os em batalha?

— Blasfêmia!

Drew viu outro vulto subindo a escada, derrubando o próprio manto no caminho, invocando a fera. Ao chegar ao topo dos degraus, Vankaskan estava totalmente transformado, a mão em garra apressadamente envolvendo o pescoço de Drew. O Wererat era monstruoso, o longo rabo rosado ondulando como um chicote. Ele guinchava. O jovem sentiu a saliva quente espirrar em seu rosto. Queria olhar para o outro lado, mas o monstro segurava seu rosto a centímetros das mandíbulas espumantes.

— E eu achando que os mortos é que fediam! — Drew conseguiu dizer.

O Rato apertou-o ainda mais, cortando o ar de Drew.

— Sempre com a língua afiada. Seu pai também era assim, Lobo. E no que isso o ajudou?

A porta da tribuna se abriu repentinamente, a luz entrando na grande câmara junto com duas figuras. A interrupção imprevista fez Vankaskan afrouxar as mãos e se virar com rapidez para ver o que estava acontecendo.

A fumaça de Spyr saía em vórtices pela porta aberta. As cortinas da sacada agora voavam para fora da porta, revelando o céu noturno. Lua cheia. Drew desviou o rosto, esforçando-se para recuperar o fôlego.

— O que foi? — berrou Vankaskan, furioso por ser interrompido. Drew reconheceu Sorin e o grande nortista cujo braço ele mesmo havia quebrado.

Ambos estavam com as armas a postos e olhavam ao redor da tribuna escura, procurando seu mestre.

— Estamos sendo atacados, milorde! — gritou o nortista barbudo, um machado na mão boa.

— Onde está você, Vankaskan? — gritou Sorin. Avançou um passo e recuou de imediato, pois uma mão o agarrou na escuridão.

— Tenham cuidado! — cuspiu o Wererat, a voz em pânico. — Minhas crianças! Estão aí embaixo!

Drew foi rápido, aquele momento de distração era tudo de que precisava. Passou a grande corrente em volta do pescoço de Vankaskan, como se estivesse laçando um novilho. Então jogou-se para o lado, fazendo pressão no grilhão com o peso do próprio corpo. Instantaneamente, Vankaskan passou a se debater, os imensos braços tentando tocar a garganta e os elos, mas o pelo oleoso o impedia. Então ele começou a arrancar o pelo, sangue e carne saindo em pedaços.

Sorin e Colbard avistaram os dois. Eles foram rápidos, passando pelos mortos-vivos e subindo a escada. As pernas do Rato se agitavam e arranhavam o chão ensanguentado, o rabo chicoteando. Sorin viu o movimento do rabo no último instante, desviando-se, mas Colbard não teve tanta sorte, e suas pernas foram varridas pelo golpe. Ele caiu de cabeça no segundo lance de degraus.

Ouviram-se um estrondo e um grito de agonia enquanto o guarda rolava, seu outro cotovelo também quebrado.

Drew viu a espada na mão de Sorin. "A Wolfshead!" Sorin mantinha distância, temeroso de avançar após ver o que acontecera com o amigo.

Drew notou que alguns cadáveres atravessavam a porta aberta. O triturar do Wererat chamou sua atenção para ele novamente. Incapaz de alcançar Drew, o Rato começou a voltar à forma humana — a única chance que tinha de se livrar do ataque. Mas era tarde demais.

A garganta de Vankaskan fora rasgada pelas próprias garras, o sangue borbulhante manchando todo o tronco áspero, acumulando-se em sua virilha. Drew subiu no degrau mais alto, sentindo a corrente se retesar, a algema rangendo no pulso. Ouviu algo cair pelos degraus: era o corpo decapitado de Vankaskan.

Sorin foi veloz e não deu a Drew a chance de recuperar o fôlego. As cortinas agora esvoaçavam livremente, o vento soprando dentro da tribuna.

Alguns dos mortos já tinham desaparecido no corredor de galerias, provocando gritos de terror em quem cruzava o caminho. Mas outros subiam a escada em direção aos combatentes.

Sorin atacou com a espada, forçando Drew a descer um degrau. A corrente se retesou ainda mais. Drew tentava manter distância do homem e atraí-lo para cima. Olhou para a câmara, vislumbrando os monstros que se aproximavam, chamas azuis tremulando nos olhos. O duque Lorimer era o mais próximo, a expressão vazia e fantasmagórica do Horselord morto contrastando com as trevas. Drew conseguia distinguir mais Werelords em mantos manchados de sangue. Havia pelo menos uma dezena deles. E também havia o cadáver do pobre Broghan, o pescoço quebrado num ângulo bizarro.

"A Wolfshead." Se Drew conseguisse desarmar Sorin e pegar a espada, talvez pudesse quebrar as correntes. Tinha de fazê-lo se aproximar, tinha de fingir estar fraco. Mais um salto, e ele estaria além do alcance do homem, em cima dele. Esperar, atrair, saltar.

Drew sentiu algo que não sentia havia muito tempo: esperança.

Observou Sorin avançar. E então parar. O astuto vilão olhou para Drew como se lesse seus pensamentos, e depois para a horda de mortos que vinha em sua direção. Colbard estava de joelhos e se movia como podia com o cotovelo quebrado, tentando evitar os cadáveres famintos. Os mortos cercaram o nortista, mordendo-o e cravando as garras nele, derrubando-o com o ataque. O grito agudo de Colbard ecoou pela tribuna antes de cessar repentinamente. Sorin assumiu uma expressão carrancuda diante da morte do amigo. Passou a recuar.

Drew viu sua oportunidade se evaporar. Precisava da espada! Deu um salto, alcançando o degrau mais alto, a corrente esticada. Tentou atacar o homem, mas era tarde demais. Sorin estava fora de seu alcance.

— A espada, Sorin! Pelo amor de Brenn! Jogue-me a espada!

Sorin olhou por um instante para a Wolfshead, depois para os mortos.

Então virou-se para Drew. Colocou a espada de volta na bainha.

— Diga a seu pai que mandei um olá! — gritou, fugindo da câmara. Os mortos viram-no partir e então voltaram a atenção para Drew. E avançaram em direção ao rapaz.

Drew puxava a corrente inutilmente, a mente atordoada pelo pânico.

Alguns dos monstros já haviam começado a se alimentar do mestre morto, rasgando o corpo de Vankaskan em pedaços. Era o destino de Drew. Iria morrer como o Rato, devorado pelos mortos. Balançou a corrente de novo, amaldiçoando a algema. Não tinha viajado por toda a Lyssia para morrer como um pobre animal encurralado em uma armadilha. “Perder a vida...”

“Ou perder a mão?”

Drew olhou para a Lua e deixou o Lobo tomá-lo por completo. A transformação foi veloz e lhe deu nova vida e mais energia. A dor repentina no pulso chamou sua atenção. Os olhos lupinos focados, a transfiguração percorria seu braço, a mão dilatada na algema. Sentia os ossos se quebrando dentro do bracelete de ferro e tentava ignorar a dor. Quando a transformação se completou,

conferiu o pulso mais uma vez, esperando que a mão houvesse se separado do corpo.

Ela ainda estava lá. Inchada, pulsante, coberta de sangue, mas continuava presa a seu braço.

Os mortos chegaram ao último degrau, reunindo-se em torno de Drew e reconhecendo a ameaça do Werewolf. Drew rugiu, chutando-os e atacando-os com o braço livre. Alguns foram jogados para trás, mas outros permaneceram de pé, gemendo de fome, procurando uma chance de se aproximar do Lobo ferido.

A mente de Drew era um turbilhão. "Por que nunca pode ser fácil?"

Estalava as presas para afugentar os mortos.

Suas presas.

O Werewolf passou a língua pelos dentes mortais. Rapidamente a boca se fechou sobre a mão, mordendo-a com força e fazendo-a pender. A dor era torturante, mas isso não o deteria. Drew dilacerou a carne até cortar o osso, puxando a mão e cuspidando-a. Ouviu a corrente e a aljava cair no chão, finalmente sentindo-se livre.

A tontura o atingiu como uma onda, o braço sangrando sem parar.

Despencou no chão, tentando canalizar o poder de cura transmorfa e deter a perda de sangue. Sentiu que alguns dedos o puxavam. Olhou para cima e viu um rosto familiar. "Broghan? O que está fazendo aqui?" Broghan tentava abraçá-lo, o pescoço retorcido e quebrado. A boca estava aberta, o líquido negro vertendo...

Drew lutava para permanecer consciente. Rolou, fazendo o Broghan morto cair de cara no granito sujo enquanto outros mortos se aproximavam.

Com uma prece silenciosa a Brenn, bateu a cabeça do Werelord morto contra a pedra. Ele parou de se mexer no mesmo instante. Drew recuou, as cortinas esvoaçantes roçando seu corpo. Estava se transformando mais uma vez; era novamente um homem, e não mais um Lobo. O ar frio da noite o recebeu quando, com muito esforço, chegou à sacada, os mortos erguendo-se a seus pés. Olhou para o pátio, cinco andares abaixo.

Um grupo entrou correndo na tribuna, Gretchen à frente, Whitley a seu lado. As duas garotas gritaram o nome de Drew. Ele não conseguiu dizer nada ao cambalear pela sacada. Um dos companheiros de Whitley, um camarada alto e de pele enrugada, apontou na sua direção. Eles correram, atacando e dilacerando os mortos que se aproximavam. Lá estava Harker, a espada na mão, lutando ao lado de um senhor que portava um florete. E havia outros, transformados, transmorfos como ele e Whitley. Seriam Horselords? Apressaram-se rumo à câmara, tentando chegar a Drew antes dos cadáveres.

Drew se arrastou, desesperado para abraçar os amigos, tão próximos, mas tão distantes. Os mortos juntavam-se ao seu redor, empurrando-o.

Enfim, quando achou que sucumbiria, sentiu garras fortes agarrá-lo, perfurando-lhe as omoplatas como lâminas e erguendo-o do chão. “Estou morto? É um dos anjos de Brenn levando-me para encontrar com o Criador?”

Em instantes, estava voando, os mortos tentando agarrar o nada enquanto ele era carregado pelo céu de estrelas do Cabo Gala. O Alto Estábulo desapareceu com rapidez atrás de si. Esforçava-se para manter-se acordado. A cabeça tombava, sem controle, e as pálpebras pesavam; Drew tentava entender o que estava acontecendo. Viu grandes asas batendo, o mar passando abaixo, a Lua refletida na superfície ondulante. E ouviu a voz de uma mulher antes de ser tragado pela noite: — Durma, Lobo. Está a salvo... por ora.



O Leão liberto

A carruagem sacudiu, quase tombando com os murros que levava da multidão. A Lofty Lane estava lotada, as pessoas fazendo de tudo para chegar ao Jardim dos Mortos, o antigo cemitério de - Highcliff. Hector colocou a cabeça para fora da janela a fim de avaliar a situação, percebendo logo que era um gesto arriscado. Rumo aos morros, a estrada encontrava-se repleta de populares em pânico, que lutavam para atravessar os portões do cemitério. Homens da Guilda dos Ladrões gritavam, apressando-os em direção ao jardim e aos túneis. Ringlin olhou para Hector, fazendo sinal negativo com a cabeça, e Ibal estalou o chicote contra a multidão, sem sucesso. Não saíam dali. Hector desabou no banco ao lado do duque Manfred e à frente da rainha Amelie e de Bethwyn, sua dama de companhia.

— Não há condições, Alteza. As ruas estão impedidas. Não conseguiremos passar.

— Então temos de continuar a pé — disse Amelie. Os sons da batalha pairavam sobre a Lofty Lane, a Cidade Alta tendo caído após a retirada do exército. Manfred chutou a porta. Ainda estava ferido, o manto marrom manchado devido aos ferimentos, mas ainda se movimentava. O Staglord saiu da carruagem para a rua. Ao ver um Werelord em forma humana, o povo recuava apavorado. Ele podia ser um espectro de seu antigo eu, mas não havia como

esconder a nobreza. Com a espada presa às costas, ergueu o braço e ofereceu-o a Amelie.

— Milady.

Amelie desceu da carruagem e ficou ao lado do amigo. Foi seguida por Bethwyn, que carregava a mala da rainha, e enfim por Hector. A garota parecia aterrorizada, os olhos maiores e mais negros do que nunca. Hector esticou-se e pegou a mala, dando-lhe uma aceno reconfortante. Não permitiria que ela fosse ferida. O Boarlord fez uma pausa para falar com os condutores: — Peguem meus pertences, não deixem nada, e sigam-nos.

Ringlin e Ibal concordaram, soltando as rédeas e o chicote imediatamente para cumprir as ordens do mestre.

“Você viu como atrasou tudo, irmão? Buscar a velha, que feito nobre!

Agora veja só você — encurralado na cidade, um Porquinho preso, pronto para o abate! Veja, Hector... estão vindo...”

Hector olhou para a Lofty Lane por cima da multidão. Cem metros à frente, talvez, via a batalha intensa, espadas, lanças e cimitarras digladiando-se na rua. As pessoas gritavam quando a violência se aproximava; uma fileira de soldados era a única coisa que mantinha os civis a salvo. O duque Bergan estava em algum lugar lá em cima, liderando a retaguarda. A multidão era como uma onda de pânico, gente demais para passar por um gargalo.

“Logo eles estarão aqui, Hector. Está com aquele seu punhal cheio de enfeites? Talvez você tenha de usá-lo antes do fim da noite...”

Hector conferiu se ainda estava com o punhal, amaldiçoando-se por escutar o vil. Notou que o céu se tornava mais claro; era a alvorada. O grito de uma mulher atraiu a atenção de todos para o porto.

A armada havia surgido, preenchendo a extremidade sul da baía, milhares de lanternas iluminando os navios no horizonte. Só o número de guerreiros já deixara Hector aturdido.

— Quantos navios? Quantos soldados?

Manfred fez sinal negativo, apontando para a batalha que acontecia na rua.

— Eles não precisam dos navios; os Cachorros já estão fazendo todo o serviço!

— Isso não é bom. Tem de haver outra maneira!

— Não há — disse o Staglord ao ver uma dupla de guerreiros omirianos entrar em um beco. Perseguiam um vigilante, atacando-o pelas costas.

Manfred puxou a espada para proteger Amelie e Bethwyn.

— Aqui os desafiaremos!

“Aqui você morre.”

— Não! — gritou Hector. — Há outra maneira!

As pernas de Bergan corriam entre as lápides, seus músculos queimando. Ele e o que restava da Guarda Lupina haviam constituído a última linha de defesa. Os civis tinham desaparecido no Jardim dos Mortos, com sorte tendo encontrado os túneis. Esperava que Carver houvesse cumprido sua parte do acordo. À frente, os Mantos-Cinzas mantinham o passo, parando vez por outra para lançar flechas contra os oponentes.

Restavam talvez trinta homens da Guarda Lupina, os melhores dos melhores, aqueles que deram tudo pela defesa de Highcliff. A única coisa que lhes sobrara agora era a própria vida. Dois dos cavaleiros de Manfred acompanhavam Bergan, um de cada lado, ambos despídos de sua armadura desde que a batalha deixara os muros.

Um rugido veio de trás, cada vez mais próximo. Bergan arriscou um olhar e viu sombras correndo entre as tumbas e criptas, algumas ameaçando alcançá-los.

— Continuem! — gritou ele, desviando-se repentinamente com um salto poderoso.

O soldado do Leão se deteve instantaneamente ao ver o machado do Werebear, e seu companheiro ergueu a espada - soltando um guincho.

Ambos eram mirrados; o cerco à masmorra os deixara sem músculos e sem sanidade, mas eles lutavam com o fervor de extremistas. Eram os guerreiros mais fiéis a Leopold. O segundo investiu contra o Urso, acertando-o com sua Lionhead nas costelas. A espada entrou como uma faca quente na manteiga, a prata

queimando-lhe as entranhas. Bergan desferiu um soco que lançou o homem pelos ares, o corpo quebrado atingindo uma lápide.

Esforçou-se para respirar, pegando a espada e arrancando-a do torso.

Jogou-a longe, com muita dor. Todo membro da Guarda Leonina carregava armas de prata, bem mais mortais que as dos omirianos. Viu silhuetas movimentando-se por entre a névoa matinal do cemitério.

— Com a corda no pescoço... — murmurou, virando-se para correr.

Bergan agora já avistava os morros, assim como os túmulos dos antigos Werelords. O último dos Mantos-Cinzas estava ao lado da cripta aberta dos Dragonlords, esperando por ele. O túmulo dos Dragonlords há muito era um local sagrado para os poucos que reverenciavam deuses ancestrais, anteriores a Brenn. Flores acumulavam-se nos degraus de pedra, ramalhetes pisoteados pelos milhares em fuga. Carver estava na entrada, com o capitão Fry e os cavaleiros do Cervo.

— Milorde — disse Fry —, temos um problema.

— O que é? — gritou Bergan, a respiração pesada.

— As portas — disse Carver. — Não há como impedi-los de nos seguir.

— Ficarei aqui com os homens, senhor, enquanto você parte — disse Fry. Os cavaleiros de Manfred fizeram sinal de aprovação, decidindo também ficar para lutar.

— E quando vocês morrerem? — perguntou Carver. — Quem vai detê-los?



A cabeça de Bergan doía como se tivesse sido acertada por um martelo.

O ferimento no tronco não parava de sangrar. Ficaria para lutar, se necessário.

— A rainha conseguiu fugir?

— Por aqui? Não a vi passar — disse Carver.

Bergan sentiu-se enjoado. Amelie, Manfred, até o jovem -Hector. Ele os havia mandado por esse caminho para fugirem da cidade. “Onde estariam?”

O rugido do Leão alertou a todos de sua presença no Jardim dos Mortos. Os homens cercaram Bergan. Ele os desapontara, a todos eles. A cidade estava perdida, o futuro rei se fora, os amigos mais próximos provavelmente estavam mortos. Perdera tudo. Olhou para os homens corajosos ao redor, lágrimas escorrendo por seu rosto. Atrás, Carver recuava diante da aproximação dos rugidos.

— Tenho de ir. Seria bom você fazer o mesmo, Bergan! — sugeriu ele.

Bergan olhou para o portal, as imensas pilastras sustentando o túnel rochoso. Sabia o que precisava ser feito.

Erguendo os braços imensos, encostou-se nos homens da direita e os empurrou, varrendo-os para dentro do túnel com a força da pata. Então fez o mesmo com os homens da esquerda, obrigando-os a bater em retirada.

— O que você está fazendo? — gritou Fry. Carver colocou a mão no ombro do homem, mas ele a tirou. — O Leão e os omirianos! Eles estão vindo!

— Que venham, capitão — grunhiu o Urso. — Vão!

Os homens recuaram; Bergan levantou o machado assim que Leopold surgiu nos degraus externos. O Leão estava esfarrapado, enfraquecido, a juba emaranhada. Suas feições eram magras e angulosas, as costelas visíveis de ambos os lados do tronco. O manto vermelho arrastou-se na lama quando ele se ergueu em toda a sua arrogância, a espada ao alto. As runas de prata cintilavam à meia-luz do amanhecer.

— Bergan! — rugiu o Werelion, o grito ecoando pelo túnel atrás do Bearlord, cada homem, mulher e criança em fuga escutando a fúria de Leopold. — Ladrão! Queria tomar minha cidade? Se não conseguir matar o Lobo, seu protetor já será o bastante!

O Werebear remexia o machado em suas grandes patas, enquanto a Guarda Leonina e os omirianos se reuniam ao redor do rei.

— Você não terá chance — disse duque Bergan, rasgando o ar com o machado.

A imensa lâmina entrou fundo no pilar de apoio do lado direito da cripta para ser arrancada rapidamente. Bergan usava toda a força que tinha.

Ele lançou o machado contra a outra parede, esmagando-o contra o pilar oposto, derrubando a alvenaria. Realizou outra investida, até que o teto começou a desabar. Leopold rugiu, a boca espumando de raiva, as rochas começando a cair ao redor de Bergan. Ainda assim, ele prosseguiu com os ataques, tomando impulso e lançando-se contra mais pilares e porções do teto. Blocos de pedra despencaram, acertando-o e derrubando-o no chão, seus pulmões enchendo-se de pó.

A última coisa que o Lord de Brackenholme ouviu foi o ruído de rochas, o morro que dava nome à cidade desmoronando sobre ele.

Os pés de Vega dançavam sobre as pedras lustrosas da chuva; seu equilíbrio era a melhor arma contra os oito omirianos montados que o perseguiram. Ao seu redor, a cidade era saqueada, chamas visíveis na Cidade Alta, enquanto o porto começava a encher-se de navios de guerra de Bast.

A baía fora tomada por naus menores que cortavam o mar em direção ao porto, vindas da armada ancorada, cada barco lotado de soldados.

Duas lanças quicaram no chão ao lado de seus pés, lembrando o Sharklord de mudar de direção de vez em quando. Ele permanecera em sua forma humana para não chamar atenção; um Werelord transformado atrairia uma multidão pelos motivos errados. Ainda assim, os cavaleiros o identificaram e não desistiam de persegui-lo. Deixara para trás um mercado de peixes em chamas na Cidade Baixa. À frente, via o píer e, mais à frente, o Turbilhão ancorado, as velas desfraldando-se, pronto para partir. “Mais rápido, seu peixe velho, mais rápido!”

Vinte soldados da infantaria omiriana surgiram no fim da Lofty Lane, a rua que levava diretamente aos longos molhes que se estendiam ao mar. Era a rota que ele planejara usar, a mais rápida até o navio. Uma pequena lança atingiu-o no ombro, fazendo-o

tropeçar e cair. Deslizou pelas pedras da rua enquanto os cavaleiros o cercavam. Estava tão perto das docas — tão perto e ao mesmo tempo tão longe. Em um instante, estavam em cima dele.

As lanças vieram do alto, açoitando-o e apunhalando-o, atormentando o Sharklord de todos os ângulos. Quando não havia mais lanças, todas já no corpo do Werelord, os soldados empunhavam suas cimitarras. As espadas provaram-se igualmente mortais, fatiando Vega, que tentava se erguer.

Levantou as mãos em atitude de defesa e sentiu o aço esfolar seus ossos, cortando-lhe os pulsos e o braço. Seria o último homem de pé em Highcliff?

Todos os outros já haviam fugido? Uma cimitarra atingiu-o nas costas e deslizou até seu couro cabeludo, fazendo um tufo de cachos negros voar pelo ar. Aquilo fora demais para o príncipe pirata.

Invocando o Tubarão, preparou-se para a luta, revidando com dentes e mãos. Em vez de se transformarem em barbatanas, os braços ganhavam pedaços de pele que ligavam os cotovelos ao tronco, como asas de morcego, as mãos em forma de garra. Perdera seu florete há muito tempo. A barriga dos cavalos foi seu alvo, derrubando os cavaleiros. Quando um deles caía, ele o atacava, pegando-o e lançando no ar. Os corpos tombavam ao redor, destroçados.

Vega então voltou a correr, assumindo sua forma humana. Quatro dos omirianos ainda estavam de pé e gritavam, informando seus companheiros que haviam encontrado um Werelord. Os vinte que se encontravam na ponta do molhe juntaram-se a eles para perseguir Vega até as docas.

Os pés do Sharklord sulcavam o chão ao correr. As pedras deram lugar às tábuas de madeira quando ele chegou ao curto quebramar, movendo-se entre barcos de pesca e armadilhas de lagosta. Os bastians o avistaram, atirando flechas que salpicavam o molhe e o corpo de Vega. Ele tropeçou, esforçando-se para chegar ao fim da travessia. Lanças choveram sobre ele na extremidade do quebramar; o Sharklord espalhou água vermelha ao cair no mar.

Quando os omirianos e os barcos de Bast chegaram à ponta do molhe, o conde Vega já havia sumido.



Convidados de honra

Leopold estava no trono de Highcliff, acariciando as serpentes esculpidas nos braços do assento. Era bom ter a cidade de volta, poder caminhar livremente por ela e atravessar a ponte levadiça. Pegou o frango assado que estava no colo, arrancando o peito e devorando-o em uma só bocada.

Arrancou uma coxa, saboreando-a. Nunca tivera uma refeição como essa.

Ele e seus homens haviam sido prisioneiros na própria masmorra por dois meses. Sua raiva voltou enquanto se entupia de galinha, pensando na humilhação que o lobo o fizera passar. Ah, eles pagariam. Eles sentiriam o peso de sua fúria.

A família do rei-rato na mesa à frente, todos brigando entre si enquanto se refastelavam. Vex, o mais jovem, puxara um naco de carne malpassada, os dentes rasgando a comida sangrenta. Vorhaas e Vorjavik estavam ocupados dando com as garras um no outro, uma briguinha de irmãos sem limites, que disputavam até um prato de costela. O prato saiu voando, as costelas deslizando pelo chão, os Wererats pulavam sobre elas, sibilando ao se ameaçarem. O prato girou para um lado e para o outro, um som agudo irritante. Uma bota desceu sobre ele, acabando com o tinido no mesmo instante.

— Tenham mais classe, seus vermes! — cuspiu Vanmorten, o mais alto e mais formidável dos irmãos, impondo-se aos demais. Até Leopold estremeceu, a língua perversa de seu chanceler nunca deixava de impressioná-lo. Seus irmãos tentaram desviar o olhar, pegando os últimos pedaços de costela e sentando-se à mesa. As brigas cessaram, por enquanto.

Vanmorten subiu os degraus do estrado em direção ao rei, fazendo uma pausa no último. Leopold ainda achava difícil olhar para o chanceler, mesmo quando o Wererat usava capuz, como agora. Já era repugnante antes de perder metade do rosto, mas, agora que o óleo de Spyr incandescente removera grande parte da pele do corpo, estava absolutamente hediondo. O poder de cura transmorfa do chanceler era inútil contra fogo, e Vanmorten ficaria preso nesse corpo desfigurado até que Brenn o levasse. O cuidado que recebera dos irmãos fora o que o mantivera vivo nas últimas semanas, aos poucos recuperando sua saúde. O cheiro era outra coisa. Leopold sentia um calafrio quando Vanmorten se aproximava, torcendo o nariz diante do odor de podridão.

— Majestade, nossos convidados chegaram.

Leopold bateu palmas e ergueu-se do trono. As grandes portas do salão de Highcliff se abriram, e uma procissão de soldados marchou para dentro.

A Guarda Leonina de Leopold, cansada, estava em posição de sentido ao redor da câmara, observando as fileiras de novos chegados. Os omirianos entraram primeiro, sete no total, vestindo trajes de líderes tribais. O homem que os liderava era alto demais para alguém do leste. Tinha o rosto amplo e o nariz pequeno. Um bigode negro ornamentava-lhe a face, as pontas trançando-se abaixo do queixo quadrado.

O nobre omiriano não fez mesuras; em vez disso, deteve-se na metade do caminho do salão. Parou pouco antes de subir ao trono, um ato que Leopold achou estranho e desrespeitoso. Os companheiros do homem se reuniam a seu lado, olhando para o grande aposento como se pensassem em comprá-lo. O mais alto simplesmente fitava Leopold, sem desviar o olhar.

Depois dos Cães, era a vez de os Gatos tomarem seus lugares. O rosto de Leopold iluminou-se ao ver os primos passar pelas grandes portas da ancestral sala do trono, acompanhados por vinte guerreiros armados de Bast. Os soldados usavam uma combinação de peitoral de couro e camisa de cota de malha e tinham espadas, lanças e escudos presos às pernas e às costas. Ao observá-los, Leopold foi transportado à infância, recordando-se dos guerreiros que haviam lutado por seu pai. Bast era uma terra realmente maravilhosa, selvas ligando-se às grandes cidades dos Catlords, com suas torres e palácios que se projetavam ao sol. Seus homens eram bravos, destemidos e devotos aos mestres transmorfo. Era isso que faltava à Guarda Leonina: guerreiros de Bast.

Um jovem felino transmorfo deu um passo à frente, alguém desconhecido de Leopold. O rei fez um aceno diante da aproximação do Werelord. Era um camarada de pele clara e cabelos brancos e trazia um grande cajado nas mãos. O Gato ignorou o rei. Os olhos rosados piscavam ao observar os três Wererats à mesa. Repentinamente, soltou um assobio, causando um momento de tensão entre os Ratos mais velhos. Leopold ergueu a mão em sinal de alarme, contendo a reação deles. O Catlord albino recuou num movimento ágil, batendo seu cajado no chão de pedra.

A próxima a adentrar a câmara foi a encantadora Opal. Estava ocupada conversando com o marechal de campo Tiaz, o Tigre, alto-comandante do exército dos Gatos. A conversa não cessou, e eles não deram sinais de que haviam percebido a presença de Leopold. Continuaram o colóquio enquanto abriam caminho pela lateral oposta do salão àquela em que estavam os Doglords.

Leopold percebia os rostos alarmados da Guarda Leonina. Ninguém se comportava daquela maneira na corte do rei.

O último a entrar na câmara foi o Werepanther, seguido por duas comitivas de cortesãos. Dois extraordinários jaguares negros, grandes como cavalos, o acompanhavam. O Pantherlord tinha mais de dois metros de altura, um gigante entre seus irmãos. Parecia ter a mesma envergadura, a pele negro-púrpura reluzente sob a luz do sol da manhã. Leopold estreitou os olhos para observar melhor a chegada do primo.

Os braços, as pernas e os pés do Pantherlord estavam à mostra. A parte de cima da cabeça calva tinha cicatrizes, a pele suave marcada pelos ferimentos de garras adquiridos no combate com outros Lords transmorfos.

A única roupa que ornamentava a pele negra era a tanga em torno da virilha e o peitoral dourado. Não portava armas. Nunca precisara. Era o transmorfo mais temível de todos os mundos conhecidos: Onyx, a Fera de Bast.

— Bem-vindo à minha cidade, primo — disselhe Leopold, dando um passo à frente para recebê-lo de braços abertos. Onyx desviou dele e apontou para o trono. O Catlord de cabelos brancos estava sentado nele, espreguiçando-se e olhando para o teto.

— Tenha mais respeito! — Sua voz era como um terremoto. O estômago de Leopold se contraiu. No mesmo instante, o albino desceu os degraus, postando-se ao lado de Opal e Tiaz.

— Não há problema, Lord Onyx — vociferou Leopold, ajustando a coroa na cabeça. — Sintam-se em casa.

O Pantera apenas o espreitava; ainda não havia falado diretamente com o rei. Leopold olhou para os Ratos, os cinco irmãos observando-o com grande interesse. Antes que pudesse perceber, a coroa já tinha deixado sua cabeça. Leopold virou-se e viu Onyx segurando-a, examinando a peça de ferro sem adornos.

— Não é muito seu estilo, não acha?

— A coroa? — O rosto de Leopold estava vermelho. Aquilo era um ultraje. — É a antiga coroa da Westland. Quem a usa tem o comando de toda a Lyssia.

Onyx arqueou uma das sobrancelhas.

— Interessante. — Colocou-a sobre a própria cabeça; a coroa ficou frouxa e larga. — Como fica em mim?

Opal riu. O albino bateu palmas. Leopold tentou tomar a coroa de volta, e Onyx se desviou, tirando-a ele mesmo. Esperou um instante antes de devolvê-la ao Leão.

— Você foi desleixado, Leopold — ponderou Onyx, dando uma volta ao redor dele. — Veja o que fez com este continente.

— O que eu fiz? — perguntou Leopold, ofegante. — Fui vítima de uma revolução. Aquele cão que se chamava Wergar teve um

rebento, um garoto que diz ser dele o meu trono! Todos estão de conluio com ele: o Urso, os Cervos, o Tubarão!

— Você os levou a isso, por ser um governante fraco.

— Jamais me aceitaram!

Onyx virou-se repentinamente, parecendo ganhar mais altura, ao passo que Leopold parecia diminuir.

— Você veio para cá quinze anos atrás, e nós o apoiamos.

Demos a você guerreiros, navios e armas. Demos ouro para seu fundo de guerra. E esperamos. Esperamos quinze anos para ter esse ouro de volta, agora basta.

Recompensas, foi o que você disse. Você falou que a Lyssia aguardava para ser conquistada. Que voltaria com riquezas além da nossa imaginação. E o que ganhamos no final?

Onyx apontou para o outro lado da sala, em direção à sua comitiva.

— Um batedor. Você nos envia um mortal para implorar por nossa ajuda. Nada de ouro, nem uma única moeda. Então viemos. Estamos aqui.

Os Catlords minaram Leopold. O Leão, constrangido, não sabia para onde olhar.

— Ainda podemos ter essa recompensa, primo! Deixe que nós, Catlords de Bast, destruamos nossos inimigos juntos!

Onyx deu um tapa no rosto de Leopold, o estalo de sua mandíbula ecoando pela corte. Leopold se voltou com um movimento abrupto, os olhos arregalados, em choque.

— Não ouse dizer-se Catlord, Leão. Veja só você, um -espectro fedorento e alquebrado, sem um amigo sequer neste mundo. Você é uma desgraça!

— Eu tenho amigos! — gritou Leopold, os punhos cerrando e o peito arfando. Não iria tolerar aquilo, não na sua corte. “Este príncipe metido de Bast acha que pode atingir o rei da Lyssia?” — Eu tenho os Ratos de Vermire!

O Leão apontou para o chanceler, surpreso ao ver que Vanmorten não estava mais a seu lado, tendo se juntado a seus irmãos. Todos desviaram o olhar, exceto Vanmorten, que o encarou.

— Vanmorten? — chamou Leopold, a voz falhando, o corpo começando a se transformar.

Sentiu uma garra rasgar-lhe as costas, arrancando o nobre manto vermelho de seus ombros. Girou, rugindo e atacando Onyx, mas o Pantera tinha passos rápidos e já se encontrava fora de seu alcance. Ao se virar para tentar atacar a Fera de Bast, ficou com as costas e os flancos desprotegidos.

Opal o atingiu por trás, cruzando suas garras na marca deixada pelo irmão.

Tiaz também lançou as garras contra o flanco direito de Leopold, enquanto o albino investiu contra ele pela esquerda. Afastaram-se tão rápido quanto atacaram, deixando Leopold de pernas trêmulas.

A esquelética Guarda Leonina, os homens mais fiéis a Leopold, empunhou as armas, mas eles estavam lentos e cansados demais depois das últimas provações. Os guerreiros bastians se lançaram sobre eles, o ar sujando-se com o sangue dos Mantos-Rubros caídos. Leopold assistia a tudo horrorizado.

— Por que fazer isto? Somos uma família!

— Não se preocupe, Leopold — disse Onyx, voltando à comitiva.
— Para mim, não há nada mais importante que a família.

Quando se virou, revelou o príncipe Lucas. Cicatrizes marcavam-lhe o rosto, três linhas arroxeadas quebrando-lhe a harmonia. Onyx pôs a mão no ombro do jovem Leão e o empurrou à frente.

— Meu menino — soluçou Leopold, abrindo os braços cansados para abraçá-lo. — Meu lindo menino...

Lucas aproximou-se do pai, o rosto contorcido e os olhos cheios de emoção: ódio, raiva, avidez. Leopold encarou o príncipe, mas não o reconheceu. Estava transformado, as garras crescendo, os dentes se projetando das mandíbulas. Onde estaria o garoto de quem cuidara com tanto carinho, a criança cujas vontades, todas elas, havia satisfeito? Para onde fora seu filho?

— Lucas? — sussurrou ele, e o filho investiu contra o pai. A coroa de ferro voou da cabeça do rei com o solavanco, rolando pelo chão enquanto o jovem Leão aniquilava o mais velho. Ela ricocheteou, descrevendo um giro ruidoso em torno de si mesma. Uma bota negra pisou nela, a coroa tinindo contra as pedras,

repentinamente se detendo. Vanmorten a recolheu, a mão queimada e enegrecida; o rei gritava diante do ataque assassino.

Onyx olhou para Vanmorten, e o Wererat retribuiu o olhar. E então se curvou.



Epílogo: família dividida

Apertando e abrindo a palma, Hector fazia a vida voltar à mão. A sensação de formigamento, similar à que o braço sente quando o sangue é interrompido, desapareceu aos poucos. Puxando a luva preta, esticou os dedos para examinar a marca negra. Preenchia toda a palma da mão como uma grande mancha de tinta, a pele sem nenhum sinal de que voltaria ao normal. Olhou por cima do ombro ao ouvir passos se aproximando, apressando-se em colocar a luva de novo.

“Está com vergonha, irmão? Você devia usar o negro como um símbolo de honra!”

O duque Manfred apareceu, dando-lhe tapas nas costas e fazendo o vil sumir no mesmo instante.

— O que está fazendo escondido aqui no escuro, Hector?

Apreciaríamos ter mais uma cabeça à mesa. Precisamos achar uma saída.

— É claro, Majestade — disse o magíster, sorrindo por educação.

— Esqueça esse título, Hector. Pelo amor de Brenn, você é barão de Redmire. Somos iguais.

Manfred partiu para a escada, Hector atrás dele. Os dois Werelords percorreram o navio e voltaram ao convés, o Turbilhão traçando uma linha elegante no Mar Branco. Hector olhou para trás, fitando o crepúsculo que se aproximava, e enxergou as naus menores que os acompanhavam: cinco barcas repletas de

refugiados que não haviam conseguido chegar aos túneis subterrâneos de Highcliff. O deque do Turbilhão permanecia relativamente vazio; o Conselho Lupino decidira que, por ser o único navio de guerra, ele não deveria transportar civis.

O camaroteiro, Casper, olhou para Hector enquanto o Boarlord passava, o manto arrastando-se pelo convés seco. A chuva cessara depois que eles partiram de Highcliff, dias antes, deixando a cidade em chamas. Os ventos frios do norte tomaram o lugar dela, o outono estendendo sua mão sobre a Lyssia. Com céus límpidos à frente, o moral dos tripulantes melhorara, parte deles começando a rir e até a cantar. Hector compreendeu que marinheiros precisavam estar ao mar. Casper insistiu em acompanhar Hector com o olhar. Hector o encarou, levemente incomodado com a atitude do garoto.

Chegando à popa do Turbilhão, Manfred e Hector descobriram Figgis ao leme. O imediato cumprimentou-os. Sentada numa cadeira afixada no convés estava a rainha Amelie, envolvida no velho manto cinza de inverno do duque Manfred. O sorriso carinhoso e agradecido que ela ofertou ao Staglord não passou despercebido a Hector. Bethwyn, sua tímida dama de companhia, ficava a seu lado, os olhos de corça observando os Werelords.

Hector lançou-lhe um sorriso, desejando ter algo elegante para dizer.

— Cavalheiros — disse o conde Vega, batendo palmas. O capitão dos mares correu até o convés, um longo pergaminho enrolado sob o braço. — Fico feliz que tenham vindo. Gostaria de ouvir a opinião de vocês.

Hector observou o Sharklord, que se juntou aos transmorfos reunidos e percebeu a autoconfiança dele. O conde sorriu para todos, fazendo mesuras extravagantes, como era de seu feitio.

“Resistente, ele, não acha?”, sibilou a voz no ouvido de Hector. “Parece bastante feliz, considerando todos os nossos problemas.”

— Ele tem tanto medo quanto nós — sussurrou Hector, o vento levando sua voz para longe dos ouvidos dos amigos.

“Então ele é um bom ator, irmão. É um Tubarão, um monstro, um assassino. Não confio nele, e você também não deveria.”

Vega desenrolou o pergaminho, mostrando uma carta dos mares aos colegas Werelords. Estendeu-a sobre um alçapão elevado, aguardando os demais se juntarem.

— Podemos estar sem teto, mas ainda somos o Conselho Lupino — afirmou Vega.

— Com certeza — concordou Manfred. — E precisamos decidir para onde vamos.

Olharam para o mapa, que mostrava a costa mais ao norte da Lyssia. O dedo de Manfred espetou o mapa, indicando o porto sturmiano de Roff.

— Talvez o duque Henrik de Icegarden possa nos dar auxílio — sugeriu o Staglord.

— Henrik? — Vega deu de ombros. — Ele não teve pressa em jurar lealdade a Drew, teve? Vai saber o que o Urso Branco está planejando...

Está muito difícil saber onde vamos achar aliados.

Amelie levou a ponta do dedo até Shadowhaven, a leste, sua terra natal.

— Temos aliados aqui, Vega. Mas talvez seja um pouco difícil achá-los.

— Inimigos, por outro lado, nos cercam — Sharklord retrucou, dando um soco no mapa. — Estamos perto da terra de Slotha, e é de esperar que seus corsários estejam patrulhando o mar. Vermire, a cidade dos Ratlords, também não fica muito distante, mas está longe de ser uma escala segura. E o Kraken, Ghul, está sempre nos perseguindo, fazendo meus próprios piratas das Ilhas Cluster voltar-se contra mim!

Vega coçou a garganta e olhou para o mar, examinando o horizonte distante.

— Sim, inimigos nos cercam.

Hector se afastou enquanto os demais revisavam o mapa. Mirou o convés e avistou Ringlin e Ibal, o mais gordo acenando-lhe com a mão enquanto talhava uma peça de madeira com seu punhal curvo. Hector voltou o olhar para Vega, o capitão do Turbilhão ainda em sessão.

“Fique de olho nele, Hector. O Tubarão não merece confiança.”

— É... — resmungou o magíster consigo mesmo, apertando a mão enluvada. — Não sei mesmo se merece.

O acampamento estava em silêncio, exceto pelo leve dedilhar de harpas e alaúdes romaris. O clima ainda era ameno, mas estava para mudar, sendo o outono agora o mestre das Longridings. Os pastos estavam descoloridos, o verde se tornava amarelo, e a vida aos poucos era sugada da planície. Trezentas tendas pontilhavam os declives, lar dos refugiados do Cabo Gala. Errantes chegavam ao acampamento a todo momento após a disseminação da notícia de sua existência entre todos que haviam escapado da cidade dos Horselords. O povo que fugira uniu forças com as pessoas das favelas e os romaris, compartilhando com eles tudo que lhe restara após deixar a cidade portuária em busca de um novo lar. Um lar seguro.

Os Lords das Longridings sobreviventes armaram suas tendas no meio do acampamento. Lorimer e vários outros Horselords mais velhos morreram no Alto Estábulo, e, como o visconde Colt se aliara aos Catlords, todos os olhos se voltavam para o jovem Lord Conrad. Ele se sentia grato pela presença do barão Ewan, o velho Ramlord a lhe oferecer orientação naquele momento difícil. A expectativa pesava sobre os ombros do Horselord loiro.

— Não faz sentido — disse Conrad. — Ele não pode ter simplesmente sumido. Só havia uma saída naquela sacada, e seria uma queda fatal até o pátio.

— Nenhum corpo foi encontrado no pátio — falou Ewan, e não foi a primeira vez. — Ele não caiu.

— Então, o que isso significa? — perguntou Gretchen. — Drew ganhou asas e saiu voando?

Conrad e Ewan se entreolharam, este último dando de ombros, puxando a barba pouco espessa. Whitley pôs a mão sobre o ombro de Gretchen para acalmá-la.

— Não há sentido em discutirmos isso — disse a filha do Bearlord. — O que está feito está feito. Drew se foi, e não sabemos para onde. Tudo que podemos fazer é rezar para o encontrarmos antes dos Catlords.

Gretchen pôs a mão sobre a de Whitley e apertou-a com força. As duas jovens donzelas Were haviam ficado mais próximas, a Raposa de Hedgemoor tendo auxiliado Whitley no luto por Broghan. Já eram amigas antes, mas a morte de um ente querido as unira ainda mais. E ambas temiam por Drew.

— Então, para onde iremos? — perguntou Gretchen, esforçando-se para manter-se calma a despeito do desaparecimento do jovem que a buscara por toda a Lyssia.

— Os Horselords vão para Calico — falou Conrad em nome de seus irmãos. — O duque Brand, o Bull-lord, vai nos fornecer abrigo e armas, disso não tenho dúvida. Vamos nos reagrupar e nos preparar para a próxima investida dos bastians.

Todos concordaram. O olhar de Gretchen cruzou com o do rapaz, e ela abriu um leve sorriso. Era reconfortante ouvir as palavras decididas de Conrad após a falta de ação dos Horselords no Cabo Gala. Ele sabia que estava em uma batalha e queria se impor. Ewan lhe deu um tapa amigável nas costas.

— Ficarei com este jovem Garanhão pelo tempo que minha ajuda for necessária, e então voltarei a Haggard. Minha cidade é insignificante para os Catlords, mas prefiro ir para casa e me preparar para o que estiver por vir.

A guerra está próxima, e eu quero que meu povo esteja pronto.

Whitley falou por ela e por Gretchen. As duas haviam discutido seus próximos passos e chegaram a um acordo: — Lady Gretchen e eu nos dirigiremos a Brackenholme. Os riscos da estrada Dymling e o perigo dos Wyldermen vão dissuadir qualquer um de atacar a cidade. O reino da floresta é meu lar, uma fortaleza contra a qual ninguém ousará guerrear. É o local mais seguro para nós. Com sorte, meu pai estará lá ao retornarmos. Ele saberá o que fazer.

— E eu vou escoltar vocês até lá — disse Stirga.

O grupo se virou para o engolidor de espadas romari, que saíra da sombra das tendas. O velho havia assumido o papel de porta-voz de seu povo, um ato muito bem-vindo após seu heroísmo no Cabo Gala. Gretchen e Whitley o receberam com um sorriso.

— É muito gentil de sua parte, Stirga, mas ficaremos bem — respondeu Whitley.

— Não me interessa — falou o romari, acomodando-se ao lado delas, cruzando as pernas em frente à fogueira. — Há predadores por lá. Estamos nos pastos há apenas quatro noites e já perdemos três jovens.

— Outra criança sumiu? — perguntou Gretchen. Três crianças sumidas em quatro noites, levadas da cama enquanto dormiam; sentiu um calafrio só de pensar.

Conrad soltou um suspiro.

— Há feras que rondam as Longridings, que podem ter feito isso. Sem querer ofender, há lobos, ursos e até gatos selvagens. Pode ter sido qualquer uma dessas criaturas. Stirga, vou garantir que tenhamos mais Sentinelas em guarda esta noite. Temos de deter esses ataques.

O romari fez sinal de aprovação.

— Então acompanharei vocês a Brackenholme, miladies. Não se esqueçam: ninguém conhece as estradas como os romaris.

Antes que Gretchen e Whitley pudessem protestar, um tumulto no acampamento fez todos se levantar: o capitão Harker e Quist se dirigiram à fogueira. Um grupo os seguia, falando com animação. Os dois Mantos-Verdes escoltavam um jovem. Quando eles se aproximaram dos Werelords, o garoto os fitou, os olhos arregalados e temerosos.

— Quem é este? — perguntou Conrad, tentando não intimidar ainda mais o rapaz.

— Acaba de chegar do Cabo Gala; é filho de um comerciante — disse Harker, a mão sobre o ombro do garoto. — Ele vivia numa das casas nos arredores do Alto Estábulo. Diga à Sua Alteza o que me contou, garoto.

Não tenha medo.

O garoto emudecera, incapaz de encontrar palavras.

Whitley aproximou-se e ajoelhou-se diante dele, tomando as mãos do menino nas suas. Sorriu, incentivando-o a falar. O garoto pigarreou para limpar a garganta.

— O Lobo — disse. — Aquele que prenderam na cidadela. Eu o vi partir voando.

— Voando? — perguntou Whitley, os olhos castanhos arregalados de surpresa. Atrás do garoto, Harker fez um meneio antes de se curvar.

— Não vai acreditar nisso, não é, milady?

Um balde de água gelada na cara acordou Drew repentinamente de seu descanso, o jovem Lobo gritando com o choque. Estava em um barco, uma lanterna oscilando sobre sua cabeça e criando sombras fantasmagóricas no recinto. As paredes eram despidas de qualquer tipo de ornamento; não havia nenhuma portinhola, nenhuma mobília, só um balde para que ele usasse quando necessário. Trajava ainda os culotes rasgados e sujos de poeira, suor e sangue. As costelas se delineavam sob a pele, a fome roendo-o por dentro. “Quanto tempo faz que não como?”

Enquanto a lanterna seguia seu movimento, ele notou uma mulher encostada à parede. Ela usava um casaco de couro amarrado na cintura com um grande faixa vermelha. Os longos cabelos negros estavam trançados e presos no topo da cabeça. Ela ergueu o rosto enquanto Drew a encarava, avaliando-o com olhos frios e cinzentos, sem piscar. Ele estava prestes a lhe fazer uma pergunta quando um punho vindo de trás lhe acertou a têmpora.

Caiu no chão, sobre a água gelada, a cabeça girando.

— Há mesmo necessidade disso? — perguntou a mulher.

— Sempre — respondeu uma voz familiar. — Ele é um bicho.

Drew piscou, os olhos focados na mulher que encarava seu atacante com desprezo.

— Onde estou? O que aconteceu?

— Não se atreva! — disse a mulher, afastando-se da parede e levantando a mão assim que passou por Drew. Pelo tom da voz, era capaz de sustentar sua ameaça. — Ele ainda é um Werelord, Djogo, mesmo sendo um prisioneiro.

Djogo, o capitão de Kessler. Drew voltou os olhos para o gigante, agora iluminado pela lanterna. Djogo preenchia todo o vão da porta aberta atrás de si, fitando Drew com seu olho bom. O Lobo havia dilacerado o outro.

Atrás dele, Drew distinguiu uma escada de madeira que conduzia à parte externa do barco. Voltou-se para a mulher: — Era

— você no sonho, me carregando.

— Não foi um sonho, Lobo. Eu o trouxe aqui, a este navio.

Drew lembrava-se de ter sido levado pelo ar, garras em seus ombros e asas batendo. Que tipo de transmorfa seria ela?

— Como me tirou de lá? Por que me trouxe aqui? — perguntou Drew, a voz tomada pela raiva.

— Excelente! Nosso convidado enfim acordou. — A voz era de Kessler, o Goatlord descendo a escada até o recinto. — Temi que estivesse morto, rapaz — disse o Bode. — Cinco dias dormindo! Consegue imaginar?

Deve estar se sentindo um rei depois de descansar tanto.

Drew não respondeu, os olhos cravados na mulher.

— Por que trabalha para ele?

— Todo mundo tem seus motivos.

— Todo mundo trabalha para alguém, Drew — esclareceu Kessler, agachando-se à frente dele e examinando-o de cima a baixo. Estendeu a mão e pegou uma das orelhas do garoto, virando seu rosto para um lado e para outro, como se inspecionasse um touro no mercado.

— Ele vai ficar bem o bastante para apresentar um bom desempenho?

— Acho que sim — disse Djogo. — Assim que for alimentado.

— Excelente.

— Você assassinou aquelas pessoas — acusou Drew. — Em Haggard.

Você matou o Lord Dorn, o jovem Touro!

— Ele tinha de servir de exemplo. Não posso tolerar desobediência no meu rebanho. Você, contudo, não tem nada a temer; tem valor infinitamente maior que qualquer Tourinho.

Drew refez seus passos mentalmente. O que acontecera na cidade dos Horselords? Lembrava-se de ter sido preso por Vankaskan, dos mortos-vivos, da luta... Olhou para as mãos. A esquerda não existia mais, um toco enfaixado em seu lugar. Mexeu levemente a cabeça.

— É agora que você perde a sanidade, garoto? — riu o Bode, apontando para o coto que Drew segurava com a mão direita. —

Foi você mesmo que fez isso. Incrível o que somos capazes de fazer quando nossa vida está em jogo, não é?

— Agradeça a mim por ter cuidado do ferimento — sussurrou a mulher, dirigindo-se à porta. Drew sentiu-se intrigado instantaneamente; embora austera, a mulher lhe dera uma demonstração de carinho. Também seria prisioneira do Goatlord?

— Nenhum grito? Nenhum lamento? Assim eu fico desapontado, Drew — falou Kessler.

Drew levantou o rosto e encarou o Goatlord, sorrindo-lhe com tranquilidade, os olhos duros e frios como aço. Kessler arqueou uma das sobrancelhas, nervoso: um sorriso era a última coisa que esperava do jovem Lobo.

Pela primeira vez desde o assassinato de Tilly Ferran, a mulher que o criara como seu, Drew via tudo com clareza. Sentiu como se sua vida inteira o tivesse conduzido àquele momento, trancado no ventre de um navio imundo repleto de escravos. Arrancara a própria mão porque era um sobrevivente. Não seria detido pelo Rato. Não seria detido pelo Leão. E, se podia encarar adversários perversos como esses, com certeza poderia lidar com qualquer coisa que o Goatlord lançasse contra ele. Uma determinação interior lhe dizia que era capaz de enfrentar e vencer.

Ele era Drew da Dyrewood, filho de Wergar, o Lobo, Lord da Lyssia e legítimo rei da Westland e não estava mais fugindo de si mesmo. Seu povo precisava dele, e ele lhe corresponderia. Não temia mais seu destino. Agora o abraçava, sentindo-se mais forte, mais poderoso e mais decidido do que nunca.

Kessler estendeu a mão um tanto trêmula acima de Drew para pegar algo com Djogo, e o jovem o seguiu com o olhar, confiante. O Goatlord jogou um grande pedaço de carne crua na frente dele, o sangue fazendo uma poça no mesmo instante. Kessler então se dirigiu para a escada, e Djogo trancou a porta assim que seu mestre partiu.

— Pode comer, garoto. Vai precisar de bastante energia. Precisa estar preparado para lutar na Fornalha.

“A Fornalha: Dorn, o falecido Touro, mencionou essa arena.”
Então Kessler queria que o Lobo fosse seu gladiador? Drew

balançou a cabeça para os lados. O Goatlord ia ter bem mais do que desejava. Nada impediria o retorno de Drew à família e aos amigos.

Seu retorno à Lyssia.



A boca de Sorin estava seca. Arriscou um olhar aos homens atrás de si, todos com a mesma expressão de medo. Virou-se para encarar a vasta silhueta de Onyx, enquanto o Pantherlord examinava a saqueada sala da corte do Alto Estábulo. O Catlord de cabelos brancos perambulava pelo local, desviando-se graciosamente dos cadáveres. Eles caminhavam de maneira diferente se comparados a todos os outros Werelords da Lyssia.

Eram mais bestiais. Duas dúzias de soldados de Sorin estavam postados ao lado da porta aberta, sem coragem de entrar. Todos assistiam aos movimentos da Fera de Bast, esperando alguma reação.

O recinto estava tomado por corpos decapitados e mutilados, o ar denso e inquietante com o zumbido das moscas. Corvos se juntavam nos degraus após se banquetearem dos mortos. Saíram do caminho quando Onyx moveu-se em direção à sacada, o albino resmungando de aborrecimento.

Enfim Onyx se virou. Na mão tinha o crânio dilacerado de Lord Vankaskan, as feições do Rato não totalmente desfeitas pela morte. Jogou-o para o albino e encarou Sorin. Sua voz fez a cabeça do sargento tilintar: — Foi o Lobo que fez isto?

— Ele... e os amigos — respondeu Sorin em um fio de voz. — Os Horselords, Alteza. O Carneiro também estava com eles, bem como os romaris. Foi uma conspiração.

— E Vankaskan? Minha irmã o deixou no comando. Como ele permitiu que as coisas chegassem a este ponto?

— Eu o servi por muitos anos junto ao príncipe Lucas. Temo que seu fascínio pela necromancia tenha sido o motivo de sua derrocada, Alteza. Ele foi dominado pela magia negra.

— Há coisas piores pelas quais se pode ser dominado — constatou o Catlord albino, balançando o crânio ao lado do ouvido como se desejasse ouvi-lo. Sorin sentiu um calafrio.

Onyx agachou-se e empurrou um dos cadáveres para o lado, tendo encontrado algo em meio à carnificina. Puxou seu achado, afastando as moscas antes de mostrá-lo aos outros. Era a garra decepada e transformada de um licantropo, com um anel de metal no dedo indicador. Puxou o anel e deixou-o rolar na palma da mão.

— O símbolo de Wergar — sorriu, revelando a insígnia da Wolfshead a seus homens.

— Se esta é a pata do Lobo, eu fico com ela — disse o albino, recebendo-a agradecido do Pantherlord.

— Preciso encontrar esse Lobo — grunhiu Onyx, o olhar fixo no anel.

— Leopold era fraco e mereceu o que lhe aconteceu, mas não haverá mais fraquezas. Não pode haver oposição ao rei Lucas. Não pode haver alternativa a um Catlord no trono. Wergar era um monstro, e a era dos Lobos acabou. Enquanto este aqui viver, representará uma afronta aos Lords de Bast.

Houve um burburinho entre os soldados na entrada, que desfizeram a formação para dar passagem a um deles. Não era um guerreiro de Bast; ele usava o manto vermelho da Guarda Leonina. Caminhou até a Fera e fez uma longa medida. Sorin o reconheceu de imediato.

— Levante-se — disse Onyx, olhando para os outros em busca de uma resposta. — Quem é este?

— O batedor, milorde — disse Sorin, querendo agradar o Catlord. Ele não via o jovem patrulheiro desde que haviam tomado caminhos opostos em Highcliff, muitas luas atrás. O batedor parecia mais velho, mais forte, mais resistente. — O príncipe Lucas o enviou à Vossa Alteza em nome de Leopold.

— Ah! — constatou o Werepanther, sorrindo para o jovem. — Lembro bem: o mensageiro. Você desbravou linhas inimigas, selvas e oceanos a fim de buscar ajuda para nosso rei, não foi? Você tem um coração de Pantera. O que deseja?

— Posso ajudá-lo a encontrar o Lobo. Posso matá-lo, se você quiser.

O albino riu, e até Sorin soltou um risinho nervoso. Por que aquele idiota ostentava tanta coragem? Por acaso era louco? Então, o jovem soldado esticou a mão e puxou a espada Wolfshead da bainha presa à coxa de Sorin.

— Ei, espere aí! — retrucou o capitão, perdendo a compostura. — Isto é meu!

— Acho que não — respondeu o batedor, encarando-o com extrema frieza.

— Silêncio! — esbravejou Onyx para Sorin, e o capitão emudeceu em um segundo. — Como espera encontrá-lo? Por que ele o deixaria se aproximar?

— Eu o conheço, Alteza — disse o batedor, pegando a própria espada e jogando-a aos pés de Sorin. — Ele vai confiar em mim.

— De onde o conhece? — zombou Onyx, os olhos se estreitando diante do jovem mortal.

— Meu nome é Trent Ferran — respondeu o batedor, enfiando a Wolfshead na bainha. — Ele é meu irmão.

Fim

C